

Mulheres Coralinas:

SABERES DAS MÃOS, LITERATURA
E DIREITOS HUMANOS

ADRIANA ANDRADE MIRANDA





UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E
CIDADANIA

ADRIANA ANDRADE MIRANDA

ASSOCIAÇÃO MULHERES CORALINAS:
SABERES DAS MÃOS, LITERATURA E DIREITOS HUMANOS

Brasília

2025



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E
CIDADANIA

ADRIANA ANDRADE MIRANDA

ASSOCIAÇÃO MULHERES CORALINAS:
SABERES DAS MÃOS, LITERATURA E DIREITOS HUMANOS

Tese submetida à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de doutora em Direitos Humanos e Cidadania. Linha de pesquisa 1 – Educação em e para Direitos Humanos e Cidadania.

Orientadora: Profa. Nair Heloisa Bicalho de Sousa

Coorientadora: Profa. Livia Gimenes da Fonseca

Brasília

2025

A reprodução e divulgação deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, está autorizada para fins acadêmicos, desde que citada a fonte.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Direitos Humanos e Cidadania, linha de pesquisa: Educação em e para Direitos Humanos e Cidadania.

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Nair Heloisa Bicalho de Sousa – PPGDH/UnB (Orientadora)

Prof.^a. Dr.^a. Livia Gimenes da Fonseca – PPGD/UnB (Coorientadora)

Prof.^a. Dr.^a. Diane Valdez – PPGE/UFG (Examinadora externa)

Prof.^a. Dr.^a. Adriana Nogueira Vieira Lima - UEFS (Examinadora externa)

Prof.^a. Dr.^a. Sinara Pollon Zardo – PPGDH/UnB (Examinadora interna UnB)

Prof. Dr. José Geraldo de Sousa Jr. – PPGDH/UnB (Examinador interno - UnB)

Brasília, 28 de março de 2025

Para Jorge (in memorian), que sonhou comigo este projeto (e tantos outros!), mas não pode vê-lo concluído; para Luiza e Lucas, faróis que guiaram (e guiam!) meus passos.

AGRADECIMENTOS

A Jorge Medeiros (*in memoriam*), pela vida compartilhada!

A Luiza Miranda e Lucas Miranda, por não me deixarem desanimar.

Às amigas Fabiana Gorenstein, Ana Amélia Silva e Letícia Bartholo, por serem o apoio essencial para seguir existindo. Às amigas Claudia Ramos Magalhães, Laila Schmitman, Renata Prado e Roberta Damasceno, pelo amor que nutre.

Às amigas Patrícia Simplicio e Patrícia Freitas, pela leitura, revisão e arte. A Marta Gama, Eneida Dutra, Myllena Calazans e Marcelle Figueira, pelas ideias e contribuições para pesquisa.

Às colegas de doutoramento, Maíra, Rayane, Érika, Andreia, Diego, Leo, Mauro e Dom Fernando, pelas partilhas, trocas, reflexões e aprendizados, sem os quais esta tese não existiria.

A Euzilene Moraes, pela disponibilidade e auxílios na parte administrativa em momentos cruciais. Também, à Secretaria do PPGDH/UnB, pelo apoio.

Às professoras e professores do PPGDH/UnB, por guiarem os aprendizados necessários para o doutoramento.

A Atenea Gomez, por auxiliar a pesquisa de campo.

A Ebe de Lima e Goiandia Ortiz, por compartilharem comigo os princípios fundantes do projeto de formação das Mulheres Coralinas e inspirarem esta tese.

Às professoras Diane Valdez, Adriana Lima, Sinara Zardo e Livia Gimenes que gentilmente aceitaram o convite para avaliar a tese.

Um agradecimento especial às Coralinas-Flor, que aceitaram o convite para compartilhar suas vidas, histórias e ideias. Sem elas este projeto não seria possível. À Associação Mulheres Coralinas, pelo generoso acolhimento à pesquisa.

À Universidade Federal de Goiás e, especialmente, aos colegas da Faculdade de Direito (*Campus Goiás e Campus Goiânia*) pelo incentivo.

Por fim, agradeço a generosidade da minha orientadora Nair Heloisa Bicalho de Sousa e do prof. José Geraldo de Sousa Jr., que guiaram carinhosamente a realização deste trabalho, com muito afeto e compreensão.

*A lua na rua,
a água na pedra,
A menina rodopia.
Brinca, pula, dança.
Diz que a Lua,
bamboleia no Céu.*

Luiza Miranda
Cidade de Goiás, 2016.

MIRANDA, Adriana Andrade. **Associação Mulheres Coralinas**: saberes das mãos, literatura e direitos humanos. 222 folhas. 2025. Tese (doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília (UNB). Brasília, 2025.

RESUMO

Este estudo propõe investigar as interfaces entre direitos humanos e literatura na história da Associação Mulheres Coralinas (ASCORALINAS). A investigação recortou o período de 2014 a 2023 e, lastreada na metodologia da pesquisa social qualitativa, proporcionou um olhar sobre a Associação, tomando como referência seu acervo documental e as narrativas das associadas. A pesquisa documental e a de campo, com entrevistas e uso de formulários, foram recursos metodológicos utilizados. A concepção teórica e prática do projeto *O Direito Achado na Rua*, é fundamento e fundação do texto. As teorias que embasam as reflexões emergiram das autoras bell hooks, Patricia Hills Collins, Marilena Chaui, Michelè Petit, Marisa Lajolo, Cyana Leahy-Dios e dos autores Paulo Freire, José Geraldo de Sousa Jr. e Antônio Candido. As categorias de análise irromperam das narrativas compartilhadas e da ação em si. A tese está organizada em três capítulos, que apresentam, respectivamente, o trajeto metodológico percorrido, a história da Associação e os achados empíricos. Ao fim, foi possível concluir que a literatura, ao gerar identificação entre leitora e a narrativa literária, permite a quem lê revisitar sua própria história, e compreender, de forma alargada, os conceitos fundamentais de direitos humanos. A literatura promove a humanização necessária para a autopercepção enquanto sujeitas de direito e convoca para a ação política em prol dos direitos humanos.

Palavras-Chave: Mulheres Coralinas; literatura; direitos humanos; educação em direitos humanos; cidadania.

MIRANDA, Adriana Andrade. **Asociación de Mujeres Coralinas**: conocimiento práctico, literatura y derechos humanos. 222 hojas. 2025. Tesis (doctorado) presentada en el Programa de Postgrado en Derechos Humanos y Ciudadanía de la Universidad de Brasilia (UNB). Brasilia, 2025.

RESUMEN

La investigación se propuso explorar las intersecciones entre los derechos humanos y la literatura en la historia de la Asociación Mujeres Coralinas (ASCORALINAS). La investigación abarcó el período de 2014 a 2023 y, apoyada en la metodología de la investigación social cualitativa, ofreció una perspectiva sobre la Asociación, tomando como referencia su acervo documental y las narrativas de sus asociadas. Se utilizaron recursos metodológicos como la investigación documental y de campo, incluyendo entrevistas y cuestionarios. La concepción teórica y práctica del proyecto *O Direito Achado na Rua* fundamenta y sustenta este texto. Las teorías que respaldan las reflexiones emergen de las autoras bell hooks, Patricia Hills Collins, Marilena Chaui, Michelè Petit, Marisa Lajolo, Cyana Leahy-Dios, así como de los autores Paulo Freire, José Geraldo de Sousa Jr. y Antônio Candido. Las categorías de análisis surgieron de las narrativas compartidas y de la acción misma. La tesis está organizada en tres capítulos que presentan, respectivamente, el trayecto metodológico recorrido, la historia de la Asociación y los hallazgos empíricos. Al final, se logró concluir que la literatura, al generar identificación entre la lectora y la narrativa literaria, permite al lector revisitar su propia historia y comprender de manera ampliada los conceptos fundamentales de derechos humanos. La literatura promueve la humanización necesaria para la autopercepción como sujetos de derecho y convoca a la acción política en pro de los derechos humanos.

Palabras clave: Mujeres Coralinas; literatura; derechos humanos; educación en derechos humanos; ciudadanía.

MIRANDA, Adriana Andrade. **Coralinas Women Association**: knowledge of hands, literature and human rights. 222 pages. 2025. Thesis (doctorate) presented to the Postgraduate Program in Human Rights and Citizenship at the University of Brasília (UNB). Brasília, 2025.

ABSTRACT

The research aims to explore the intersections between human rights and literature throughout the history of the Coralinas Women Association (ASCORALINAS). The investigation focused on the period from 2014 to 2023 and, grounded in qualitative social research methodology, offered an insightful perspective on the Association by referencing its documentary collection and the narratives of its members. Document analysis and field research, including interviews and questionnaires, were the methodological tools employed. The theoretical and practical framework of the project *The Right Found in the Street* serves as both foundation and basis for this text. The theories that underpin the reflections arise from the works of authors such as bell hooks, Patricia Hills Collins, Marilena Chaui, Michelè Petit, Marisa Lajolo, Cyana Leahy-Dios, as well as Paulo Freire, José Geraldo de Sousa Jr., and Antônio Candido. The analytical categories emerged from the shared narratives and the actions themselves. The thesis is structured into three chapters, which respectively present the methodological journey undertaken, the history of the Association, and the empirical findings. Ultimately, it was possible to conclude that literature, by fostering identification between the reader and the literary narrative, allows individuals to revisit their own histories and to grasp, in a broader sense, the fundamental concepts of human rights. Literature facilitates the necessary humanization for self-perception as subjects of rights and calls for political action in favor of human rights.

Keywords: Coralinas Women; literature; human rights; human rights education; citizenship.

MIRANDA, Adriana Andrade. Association Femmes Coralinas: savoirs des mains, littérature et droits humains. 222 feuilles. 2025. Thèse (doctorat) présentée au Programme de Post-Grade en Droits Humains et Citoyenneté de l'Université de Brasília (UNB). Brasília, 2025.

RÉSUMÉ

Cette étude propose d'explorer les interfaces entre les droits humains et la littérature dans l'histoire de l'Association Femmes Coralinas (ASCORALINAS). L'enquête a couvert la période de 2014 à 2023 et, s'appuyant sur la méthodologie de la recherche sociale qualitative, a permis d'examiner l'Association, en se référant à son fonds documentaire et aux récits des associées. La recherche documentaire et sur le terrain, avec des interviews et l'utilisation de questionnaires, ont été des ressources méthodologiques employées. La conception théorique et pratique du projet *Le Droit Trouvé dans la Rue* constitue le fondement et la base du texte. Les théories qui sous-tendent les réflexions émergent des auteures bell hooks, Patricia Hills Collins, Marilena Chaui, Michelè Petit, Marisa Lajolo, Cyana Leahy-Dios et des auteurs Paulo Freire, José Geraldo de Sousa Jr. et Antônio Candido. Les catégories d'analyse ont surgi des récits partagés et de l'action elle-même. La thèse est organisée en trois chapitres, qui présentent respectivement le parcours méthodologique suivi, l'histoire de l'Association et les résultats empiriques. En conclusion, il a été possible de constater que la littérature, en générant une identification entre la lectrice et le récit littéraire, permet à celle qui lit de revisiter sa propre histoire et de comprendre, de manière élargie, les concepts fondamentaux des droits humains. La littérature favorise l'humanisation nécessaire à l'autoperception en tant que sujet de droit et appelle à l'action politique en faveur des droits humains.

Mots-Clés: Femmes Coralinas; littérature; droits humains; éducation aux droits humains; citoyenneté.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASCOM – Assessoria de Comunicação

ASCORALINAS – Associação Mulheres Coralinas

CEAM/UnB – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

CEAM – Centro Especializado de Atendimento à Mulher

CNM – Confederação Nacional de Municípios

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA – Educação para Jovens e Adultos

FAVENI – Faculdade Venda Nova do Imigrante

FICA – Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

IES – Instituição de Ensino Superior

IESA/UFG – Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás

IFG – Instituto Federal de Goiás

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MP – Ministério Público

MPT/GO – Ministério Público do Trabalho

NEP – Núcleo de Estudos para Paz e os Direitos Humanos

PPGEO – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia

PUC/GO – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

ODS – Objetivo do Desenvolvimento Sustentável

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

UEG – Universidade Estadual de Goiás

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFT - Universidade Federal do Tocantins

UnB – Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Mulheres Coralinas segundo a faixa etária em 2014	70
Tabela 2 Mulheres Coralinas segundo a raça em 2014	70
Tabela 3 Mulheres Coralinas segundo o estado civil em 2014	71
Tabela 4 Mulheres Coralinas segundo a escolaridade em 2014	71
Tabela 5 Mulheres Coralinas segundo a renda em 2014	72
Tabela 6 Mulheres Coralinas segundo a raça em 2020	82
Tabela 7 Mulheres Coralinas segundo a escolaridade em 2020	82
Tabela 8 Mulheres Coralinas segundo a empregabilidade em 2020	83
Tabela 9 Mulheres Coralinas a condição de pessoa com deficiência em 2020	84
Tabela 10 Mulheres Coralinas segundo a faixa etária: Ano 2023	125
Tabela 11 Número de filhos e filhas da Mulher Coralina: Ano 2023	126
Tabela 12 Mulheres Coralinas e filhos que residem consigo: Ano 2023	126
Tabela 13 Local de nascimento das Mulheres Coralinas: Ano 2023	127
Tabela 14 Idade com que a mulher coralina se mudou para Cidade de Goiás: Ano 2023	128
Tabela 15 Mulheres Coralinas segundo a raça: Ano 2023	129
Tabela 16 Mulheres Coralinas segundo o estado civil: Ano 2023	129
Tabela 17 Mulheres Coralinas segundo a escolaridade: Ano 2023	130
Tabela 18 Mulheres Coralinas e as IES de graduação: Ano de 2023	131
Tabela 19 Mulheres Coralinas segundo a fonte de renda: Ano 2023	132
Tabela 20 Mulheres Coralinas segundo a renda: Ano 2023	133
Tabela 21 Mulheres Coralinas e os eixos de atuação na Associação: Ano 2023	134
Tabela 22 Mulheres Coralinas e atuação em múltiplos eixos: Ano 2023	134
Tabela 23 Coralinas e atuação exclusiva em um eixo dos saberes das mãos: Ano 2023	136
Tabela 24 Coralinas e atuação em eixos combinados dos saberes das mãos: Ano 2023	137
Tabela 25 Coralinas de acordo com a participação em projetos: Ano 2023	137
Tabela 26 Coralinas de acordo com a participação em múltiplos projetos em 2023	137
Tabela 27 Categorias que emergem do discurso das Mulheres Coralinas: Ano 2023	142
Tabela 28 Local de nascimento da mulher coralina entrevistada 2025	143

Tabela 29 Estado civil da mulher coralina entrevistada 2025	143
Tabela 30 Raça da mulher coralina entrevistada 2025	143
Tabela 31 Escolaridade da mulher coralina entrevistada (2025)	144
Tabela 32 Faixa etária da mulher coralina entrevistada 2025	144
Tabela 33 Atuação da mulher coralina entrevistada 2025	144
Tabela 34 Eixos de atuação da mulher coralina entrevistada	145
Tabela 35 Renda da mulher coralina entrevistada 2025	145
Tabela 36 Fonte de renda da mulher coralina entrevistada 2025	146
Tabela 37 Local de realização da entrevista com a mulher coralina 2025	146

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 Documentos da ASCORALINAS de 2014 a 2023	35
Quadro 2 Documentos jornalísticos da ASCORALINAS de 2016 a 2023	36
Quadro 3 Produção acadêmica sobre ASCORALINAS de 2018 e 2023	47
Quadro 4 Publicações acadêmicas sobre ASCORALINAS de 2016 a 2024	51
Quadro 5 Documentos internos da ASCORALINAS de 2014 a 2023	54
Quadro 6 Categorias que emergem do estatuto da ASCORALINAS	57
Quadro 7 Cronograma do 1º Curso de Formação de Mulheres Coralinas ano 2014	73
Quadro 8 Linha temporal das ações da ASCORALINAS	74
Quadro 9 Rodas de conversas realizadas pela ASCORALINAS entre 2016 e 2023	86
Quadro 10 Autoras e obras de referência da ASCORALINAS 2014 a 2023	95
Quadro 11 Resposta aberta formulário: Ano 2023	138
Quadro 12 Conceitos formulados pelas Coralinas-Flor: Ano 2024	180

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Bonecas de pano	59
Figura 2 Fotos com referências a flores	60
Figura 3 Doce Flor de Coco	77
Figura 4 Fotos da Coleção Saberes das Mãos, Vol. I e II	78
Figura 5 Máscaras de proteção confeccionadas durante a pandemia	84

Figura 6 Biojoias e itens de cozinha de cerâmica	85
Figura 7 Foto do empadão e do pastelinho	86
Figura 8 Fotos da construção da sede da Associação	89
Figura 9 Novas edições dos livros de Leodegária de Jesus	93
Figura 10 Estátuas de barro de Cora Coralina e Leodegária de Jesus (2016)	95

SUMÁRIO

NOTAS INICIAIS	18
1 INTRODUÇÃO	25
2 A GASTRONOMIA DA PESQUISA: METODOLOGIA E ACHADOS EMPÍRICOS	29
Introdução	29
2.1 Os procedimentos de pesquisa	32
2.2 A pesquisa documental	34
2.2.1 A Associação na imprensa escrita e falada	36
2.2.2 A Associação na academia	47
2.2.3 ASCORALINAS em outras publicações	51
2.2.4 O acervo documental da Associação	53
2.3 A pesquisa de campo	58
3 MODELANDO O BARRO: ASSOCIAÇÃO ASCORALINAS	64
Introdução	64
3.1 Territorialidade: notas sobre a Cidade de Goiás	65
3.2 História: formação de Mulheres Coralinas de 2014 a 2023	68
3.3 Inspiração: as escritoras e suas obras literárias	91
3.3.1 Cora Coralina	96
3.3.2 Leodegária Brasilina de Jesus	102
3.3.3 Conceição Evaristo	106
3.3.4 Carolina Maria de Jesus	110
3.4. A leitura literária e os direitos humanos	114
3.4.1 A leitura literária mediada	121
4 BORDANDO CONHECIMENTO: NARRATIVAS E APRENDIZADOS	124
Introdução	124
4.1 Perfil das Mulheres Coralinas no Ano 2023	125
4.2 Reflexões sobre as entrevistas semiestruturadas	142
4.3 Mulheres Coralinas: subjetividades atravessadas por violências	147
4.4 As Coralinas e a leitura literária	150
4.4.1 As filhas da Vilaboa de Goiás: Cora e Leodegária	159
4.4.2 A convivência com Cora Coralina	161
4.4.3 A inspiração e os ensinamento em Leodegária de Jesus	163
4.5. Ser mulher na sociedade contemporânea	164

4.5.1 Mulheres nas obras de Cora Coralina e Leodegária de Jesus	166
4.6 Leodegária de Jesus, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e as negritudes expostas	168
4.7 As Coralinas e as percepções sobre o trabalho da mulher	171
4.8 O Direito das mulheres: reconhecimento e reivindicação	174
4.9 Mulheres Coralinas e a Cidade de Goiás: exclusão ou pertencimento?	176
4.10 Ser Coralina: significados de integrar um coletivo de mulheres	180
4.11 As palavras bordadas, as palavras vividas: construindo significados	182
4.11.1 Empoderamento	183
4.11.2 Cidadania	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
REFERÊNCIAS	196
APÊNDICE	209
ANEXOS	219

NOTAS INICIAIS

O presente trabalho representa o encerramento de um ciclo iniciado em agosto de 2019, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília. Faço parte da primeira turma de doutoramento e com colegas e professoras/es enfrentei os desafios impostos à sociedade e, especialmente às universidades, durante a pandemia do coronavírus.

As reflexões compartilhadas são fruto dos últimos dez anos da minha vida, quando retornei ao estado de Goiás e iniciei a convivência com as fundadoras da Associação Mulheres Coralinas (ASCORALINAS). Com elas, minha família e eu compartilhamos momentos de aprendizagem e afetos. Trago, nesta tese, registros, frutos dessa convivência: na capa uma foto com o livreto feito carinhosamente pelas Coralinas em homenagem (*in memoriam*) ao meu marido Jorge Medeiros; na página 7, um *hai kai* feito por minha filha Luiza Miranda, no ano de 2016, após um intenso curso de formação em bordado; na última página, o desenho feito por meu filho Lucas Miranda, no ano de 2021, e que integra o livreto acima referido.

Descrição da imagem da capa: fundo vermelho, com quatro novelos de lã sendo dois na cor amarela, um verde e um rosa espalhados pelas laterais, e, ao centro, dois livretos na cor marrom, cada com desenho de uma árvore bordada. No topo da composição, o título da tese e o nome da autora.

Descrição do desenho da última folha: fundo amarelo; no canto inferior direito, um desenho em preto de um homem sentado em uma cadeira tocando violão e, ao seu lado esquerdo, um menino deitado no sofá, coberto por um lençol. Em cima do sofá, um quadro com uma flor. Desenho assinado por Lucas Miranda.

A Associação tem como nome de registro Associação Mulheres Coralinas (ASCORALINAS) a que me refiro das seguintes formas: *Mulheres Coralinas*, *Coralinas*, *ASCORALINAS*, *Associação Mulheres Coralinas*, *Associação ASCORALINAS* ou *Associação*. Essas enunciações referem-se ao coletivo, a Associação em si. Grafiei a palavra *Associação* com a primeira letra em maiúscula para diferenciar ASCORALINAS de outras associações.

Já as locuções *Coralina/coralina*, no singular, são usadas para identificar uma mulher que integra o coletivo de Mulheres Coralinas, é adjetivo que acompanha o nome

da pessoa e a diferencia de outras mulheres não associadas. E, para identificar o grupo de Coralinas entrevistadas, usei a expressão *Coralinas-Flor*.

Este texto guarda vivências do ensino, pesquisa e extensão praticadas na Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal da Bahia (UFBA). A primeira instituição, local do exercício da docência, a segunda onde realizei o mestrado em Direito e doutorado em Direitos Humanos e Cidadania, a última, instituição onde me graduei em Direito.

Com o impulso teórico-conceitual e político ofertado pelo projeto *O Direito Achado na Rua*, meu engajamento profissional e político se faz atrelado aos compromissos de construção de uma sociedade igualitária. Esclareço que, ao longo do texto, a expressão “O Direito Achado na Rua” está destacada em itálico para demarcar o movimento enquanto projeto político e intelectual.

Lançado em 1987, em primeira edição como curso a distância, na Universidade de Brasília (UnB), *O Direito Achado na Rua* foi constituído por uma coleção de escritos que tinham como referência diálogos desenvolvidos com movimentos sociais, assessorias jurídicas, agentes de cidadania e profissionais do Direito (Sousa Jr., 2015).

A série, formada atualmente por dez volumes, aborda, em perspectiva crítica e histórica, temas variados e interconectados com as pautas políticas e jurídicas das diversas organizações da sociedade civil em atuação no Brasil: teoria do direito; direito ao trabalho; direito agrário; direito à saúde; direito das mulheres; direito e justiça de transição; direito à comunicação; direito urbanístico e direito como liberdade.

A construção teórica que acompanha as reflexões apresentadas em cada volume vincula-se a uma prática advinda, sobretudo, das assessorias jurídicas populares, comprometida com o enfrentamento das principais formas de opressão da contemporaneidade, como o sexismo, o racismo e o colonialismo.

A teoria e a prática de *O Direito Achado na Rua*, em seus mais de trinta anos de existência, atravessaram a formação de dezenas de gerações de profissionais do campo jurídico que, inspiradas e motivadas por seus pressupostos epistêmicos, afetivos e principiológicos se comprometem com a construção permanente de uma plataforma emancipatória para o direito.

Permanente porque, à luz dos enunciados de Roberto Lyra Filho (1982), o direito é um sendo, em eterno movimento; neste sentido, a proposta de *O Direito Achado na Rua*

se faz e se refaz, se repensa e se refunda a cada nova geração de pesquisadoras que nele se engaja. Em perspectiva crítica e autocrítica, porque as categorias fundantes são revistas e novas categorias incorporadas, no eterno refazer e refundar de suas bases.

A indissociável conexão entre a proposta de *O Direito Achado na Rua* e a teoria desenvolvida pelo professor Roberto Lyra Filho, que idealizou e firmou os pressupostos teóricos do coletivo em seus diferentes escritos, é categórica. O humanismo dialético defendido por Lyra Filho lastreia o que se convencionou chamar de humanismo emancipatório de *O Direito Achado na Rua*:

Concepção de direito que emerge transformadora dos espaços públicos – a rua – onde se dá a formação de sociabilidades reinventadas que permitem abrir a consciência de novos sujeitos para uma cultura de cidadania e de participação democrática. (Sousa Jr., 2015, p. 13)

Escrevo esta tese de doutoramento honrando os pressupostos de *inter* e multidisciplinaridade, que sustentam a concepção do Núcleo de Estudos para Paz e os Direitos Humanos (NEP) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (CEAM/UnB), sob liderança da profa. Nair Heloisa Bicalho de Sousa, que orienta este trabalho, ao qual estou vinculada desde 2005. A tese que aqui se constrói é síntese das reflexões apoiadas em práticas emancipatórias, marcadas pela influência do humanismo emancipatório de Roberto Lyra Filho, bell hooks, Paulo Freire e do projeto *O Direito Achado na Rua*.

A reflexão norteadora do estudo reside na limitação do acesso ao conhecimento a grupos social e racialmente privilegiados. Ou seja, o conhecimento jurídico, uma vez colocado a serviço de pessoas em situação de vulnerabilidade, poderia contribuir para construção de uma sociedade idealizada, e desejada, pelas gerações que me antecederam. Afinal, como afirma Marilena Chaui (2011, p. 85) “numa perspectiva democrática as prioridades são claras: trata-se de garantir direitos existentes, criar novos direitos e desmontar privilégios”.

Uma pesquisadora não se forma apenas com a teoria. A partir de uma construção coletiva, no âmbito de movimentos sociais, estabeleci uma rede de pessoas comprometidas política, jurídica, e afetivamente com os mesmos ideais que os meus, que tornou possível a escrita desta tese. Trata-se de um trabalho conjunto a partir de discussões com amigas e amigos da graduação e do mestrado, e de novos laços afetivos

e políticos construídos ao longo do doutoramento; de conversas com colegas, professoras, professores e estudantes de graduação, com quem tive a honra de conviver e que se juntam, de forma resistente, no compromisso inabalável de enfrentamento às opressões e desigualdades e na realização plena do princípio máximo do que acreditamos serem os direitos humanos.

O presente trabalho tem como foco o poder transformador da leitura literária praticada na ASCORALINAS. E a inspiração para a realização da pesquisa reside na convivência com as Mulheres Coralinas que integram a Associação que vi nascer e crescer ao longo dos últimos anos, tornando-se uma genuína comunidade de mulheres que se apoiam e se fortalecem dia a dia. A Associação hoje é referência no estado de Goiás para a capacitação profissionalizante nos saberes das mãos, atrelada à formação em direitos humanos, especialmente nos eixos de gênero e raça, e à formação de leitoras literárias.

Djamila Ribeiro (2019) afirma a importância de se compreender o lugar social de onde partem as reflexões que nos permitem, de um lado, reconhecer os privilégios e, de outro, afirmar o compromisso contra as desigualdades. Nesse sentido, como mulher branca, de classe média, consciente dos meus privilégios, solidarizo-me, na escrita, com tantas outras mulheres, que convivem, em diferentes dimensões, com os desafios de ser mulher em nosso país.

Situando no tempo minha observação e estudo, acompanho as ações da Associação desde o primeiro curso de capacitação, realizado no ano de 2014. Vi a ASCORALINAS nascer e participei, como mediadora e ouvinte, das primeiras rodas de conversa, realizadas a partir do ano de 2015.

Despertaram meu interesse, em especial, os afetos alimentados por meio do trabalho manual, da escrita, da proclamação da poesia e a percepção do *ser e estar* que emergia enquanto as mãos bordavam ou modelavam o barro. Consciência não só das Mulheres Coralinas, mas de todas as pessoas que acompanhavam as capacitações. Desse potencial que a leitura tem para aguçar a visão crítica das pessoas sobre si e sobre o mundo em que estão inseridas, que surge meu interesse no tema e o pressuposto basilar da tese: ler possibilita que as pessoas falem por si e umas com as outras (Petit, 2009) e permite que se possa entender o mundo e nele viver melhor (Lajolo, 2006). De acordo com Morin, a literatura “[...] alimenta a inteligência geral, enfrenta as grandes interrogações humanas,

estimula a reflexão sobre o saber e favorece a integração pessoal dos conhecimentos” (2010, p. 17).

Para Ebe Maria de Lima Siqueira (2013), a literatura, entre as expressões artísticas, está entre as que mais interferem na formação do ser humano, sendo uma estratégia eficaz de humanização. Isso se deve à natureza interativa e catártica do discurso literário, bem como à sua forma – originária da imaginação. De acordo com ela, os textos literários possuem força de intervenção e sedimentação de valores.

Ao refletir sobre a função da literatura na formação do ser humano, a autora traz algumas reflexões necessárias e que muito interessam a esta tese, ao acreditar na literatura como meio eficaz de humanização (Siqueira, 2013, p. 84). Buscando compreender os valores que a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual, o seu lugar no espaço público e a utilidade para a vida, afirma:

Defender a importância da literatura como estratégia eficaz para a humanização de homens e mulheres é o que nos move como um imperativo, e acreditamos, como lembra Ortega y Gasset, que esta seja uma grande missão. Missão que é compartilhada por muitos profissionais da área do livro, da leitura e da literatura. Para muitos, do passado e de agora, essa missão não significa mais que um sonho utópico, mas, para tantos outros, torná-la realidade demanda esforço concentrado de políticas públicas e de iniciativas privadas, individuais e coletivas. (Siqueira, 2013, p. 84)

Ao refletir especificamente sobre o que a literatura poderia oferecer à formação do ser humano, a autora explica:

Acreditar na existência de coisas que só a literatura pode nos proporcionar é uma ideia anacrônica, uma vez que possui a capacidade de fazer com que escritores, teóricos e críticos, além de leitores comuns, mesmo que deslocados historicamente, sejam contemporâneos. Essa contemporaneidade lhes é dada exatamente pelo caráter de intempestividade natural presente no texto literário, como nos lembra Roland Barthes, para quem o contemporâneo é o intempestivo. (Siqueira, 2013, p. 37)

Importante frisar que a leitura que se destaca na experiência da Associação ASCORALINAS é aquela feita de forma coletiva e de obras que abordam simbolicamente a raiz dos fatores que geram desigualdades e violência contra as mulheres em diferentes tempos históricos e distintos espaços geográficos. Trata-se da leitura mediada (Siqueira, 2013; Petit, 2009), capaz de contribuir para uma formação humanizadora. Isso não significa menosprezar o potencial da leitura individual ou de outras obras. O destaque

aqui se deve à forma como a leitura é experimentada e incentivada nas formações protagonizadas pela Associação Mulheres Coralinas.

Para Ebe Maria de Lima Siqueira (2013), a formação humanizadora por meio da leitura, ou seja, da leitura mediada, pressupõe três elementos: a leitora em si, considerada em sua individualidade, a obra literária, escolhida com base em critérios definidos coletivamente, e a mediadora – a pessoa responsável pela escolha do livro e por guiar o debate sobre o texto lido.

A presença da mediadora é essencial para a escolha das obras literárias, auxílio da tomada de consciência via texto e valorização do repertório individual da leitora. Em outras palavras, é peça-chave quando pensamos na formação humanizadora via leitura literária. No mesmo sentido, Michele Petit, ao tratar do tema leitura em tempos críticos, reflete sobre o potencial da leitura mediada:

Tudo começa, como veremos, com situações gratificantes de intersubjetividade, encontros personalizados, uma recepção, uma hostilidade. A partir daí, as leituras abrem para um novo horizonte e tempos devaneios que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito. Mas o que a leitura também torna possível é uma narrativa: ler permite iniciar uma atividade de narração e que se estabeleçam vínculos entre os fragmentos de uma história, entre os que participam de um grupo e, às vezes, entre universos culturais. Ainda mais quando essa leitura não provoca um decalque da experiência, mas uma metáfora. (Petit, 2009, p. 32)

Minha inspiração também reside na compreensão de que o entrelaçamento da oferta e aquisição de conhecimentos profissionalizantes aos conteúdos de direitos humanos, em perspectiva crítica e mediada pela leitura literária, pode contribuir para o fortalecimento da cidadania de mulheres em situação de vulnerabilidade. Conforme Paulo Freire (2022a), educação e ação política devem estar juntas, e a ação pedagógica, comprometida com a libertação, precisa apresentar a realidade a partir das contradições, desafiando e exigindo respostas teóricas e práticas.

Portanto, a leitura literária permite essa propositura da realidade, como apregoado por Freire, pois aborda dilemas humanos e conjunturas históricas e políticas, proporcionando aprendizagem, reflexão e fruição. Ler possibilita conhecer a realidade por lentes próprias, favorecendo a conquista da autonomia, pois deixa-se de perceber o mundo pelos olhos de outra pessoa (Martins, 2012).

A importância de se debruçar sobre esse modelo de formação reside no seu potencial para estimular e inspirar ações no campo da educação não formal em direitos humanos. A experiência singular de capacitação da Associação ASCORALINAS possui capacidade de replicação em diversas regiões do Brasil e de outros países da América Latina, considerando a expressão cultural brasileira e latino-americana. Nessa perspectiva, para a Associação, esta pesquisa possibilita um olhar reflexivo e crítico sobre sua atuação, oportunizando o aperfeiçoamento de suas ações; para as associadas, representa uma oportunidade de refletir e compreender seu engajamento; para o município Cidade de Goiás, oportunidade de conhecer e aprimorar as políticas públicas para mulheres.

Estudar a ação desenvolvida por mulheres é prática pedagógica de valorização do esforço coletivo e de reconhecimento da presença de todas e de cada mulher individualmente (hooks, 2017). É, também, prática pedagógica que fortalece o conhecimento feminista e antirracista e inspira a ação política.

1 INTRODUÇÃO

A Associação é meu mundo. Porque é o mundo que eu vivo hoje, o mundo que eu construí para mim, que eu queria e que eu construí pra mim.

Coralina-Flor Barriguda

A Associação Mulheres Coralinas, fundada em 2016, foi fruto de um projeto de formação profissionalizante para mulheres em situação de vulnerabilidade realizado pela prefeitura municipal da Cidade de Goiás-GO, em uma ação conjunta do Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM) Brasilete Ramos Caiado e da Secretaria de Cultura da Cidade de Goiás com apoio do governo federal. Seu objetivo consistiu na geração de renda e fortalecimento da cidadania de mulheres, entrelaçando cultura e cidadania e foi desenvolvido entre os anos de 2014 e 2016 (Siqueira; Camargo, 2016, p.13).

O envolvimento da Secretaria de Cultura na oferta dos cursos profissionalizantes possibilitou a ampliação do seu escopo para incluir o fortalecimento da cidadania cultural, que, para Marilena Chaui (2011), significa superar o conceito de cultura associada à área de belas artes, e seguir para efetivação da política cultural e da cultura política. Ainda segundo a autora, política cultural relaciona-se às políticas públicas, ao conjunto de ações no âmbito da cultura executadas pelo Estado. Cultura política, por sua vez, refere-se à cidadania, à participação social, à ocupação do espaço público para construção de políticas públicas.

O modelo inicial de capacitação das Mulheres Coralinas, e que inspirou os projetos realizados posteriormente, foi estruturado em dois eixos: o eixo de formação profissionalizante – artesanato e gastronomia; e o eixo transversal, subdividido em dois subeixos – formação política e formação de leitoras literárias.

As áreas de saber e as práticas básicas, definidas ao modo de uma matriz curricular, foram perpassadas por um eixo transversal que contemplava leitura específica da obra poética de Cora Coralina, Cultura Popular e Educação Patrimonial para todas as participantes, ainda conteúdo como cooperativismo, associativismo, empreendedorismo, direitos assegurados à mulher, segurança e saúde no trabalho. (Siqueira; Camargo, 2016, p. 25).

Saulo Nunes Santos (2019a), afirma que o primeiro projeto de formação de Mulheres Coralinas foi estruturado em três áreas norteadoras: 1) gastronomia, 2) artesanato, e 3) leitura e outras iniciativas. As outras iniciativas a que se refere o autor são, em verdade, as ações de formação em direitos humanos e para cidadania: palestras, seminários e especialmente as rodas de conversas.

Em contribuição à proposta de Saulo Nunes Santos (2019a) e ao estudar os projetos desenvolvidos posteriormente pela Associação, proponho, no presente trabalho, a junção da gastronomia com o artesanato em um eixo intitulado saberes das mãos, expressão que nomeou as duas formações seguintes, realizadas nos anos de 2019 e 2020. Pode-se afirmar que os projetos de formação das Mulheres Coralinas são estruturados em três eixos fundamentais: 1) formação em saberes das mãos (gastronomia e artesanato), 2) formação em leitura literária e escrita criativa, e 3) formação em direitos humanos e para cidadania. Serão essas as nomenclaturas usadas nas páginas seguintes.

Desde a sua fundação, a Associação desenvolveu ações em parceria com o poder público municipal, com a Universidade Estadual de Goiás (UEG), com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e com o Ministério Público do Trabalho (MPT/GO), sempre com o foco na emancipação intelectual e financeira das mulheres em situação de vulnerabilidade.

A pesquisa visou investigar a contribuição da leitura literária mediada pelos marcadores de raça, gênero e classe, juntamente com a apropriação do patrimônio histórico-cultural da Cidade de Goiás, capacitações nos saberes das mãos e formações em direitos humanos, tendo como referência as ações realizadas pela Associação Mulheres Coralinas. De forma pormenorizada, buscou-se:

1) investigar como o processo de leitura literária mediada, associado aos saberes das mãos, ressoou na vida e na atuação das Mulheres Coralinas, tendo como referência a percepção das próprias associadas nas experiências de formação nos três eixos e no engajamento delas na Associação;

2) pesquisar como a apropriação simbólica do patrimônio histórico-cultural da Cidade de Goiás contribuiu para a emancipação cidadã das mulheres em situação de vulnerabilidade social;

3) identificar os pressupostos teórico-metodológicos que sustentaram as formações de educação popular em direitos humanos realizadas pela ASCORALINAS;

4) problematizar o potencial das ações realizadas pela Associação para o fortalecimento da cidadania das participantes e para o autoreconhecimento delas como sujeitas de direitos.

A hipótese desenvolvida parte da experiência e convivência com as Mulheres Coralinas. A participação em diferentes ações da Associação me possibilitou pensar que estamos diante de uma singular metodologia de educação em direitos humanos, cuja marca é a valorização da interconexão entre a cultura, a geração de renda e o empoderamento político de mulheres.

Desde as linhas iniciais já ficou explícito que o “Projeto Mulheres Coralinas” teve como meta emancipar e empoderar as mulheres participantes, de forma que o ponto de partida fossem as próprias vivências e experiências delas. A metodologia de formação das Mulheres Coralinas saiu do caráter conteudista e tecnicista e deu ênfase a uma formação transversal, que trabalhou com a abordagem do conteúdo específico e com temáticas gerais. (Santos, 2019b, p. 22)

A pesquisa é qualitativa, com realização de dezenove entrevistas semiestruturadas, uso de quarenta e três formulários socioeconômicos e pesquisa documental: leitura e análise de 60 documentos do acervo de registros da Associação. O conjunto de documentos é composto por: publicações da imprensa – matérias, artigos, entrevistas etc. –, reportagens jornalísticas, relatórios, termos de referências celebrados, estatutos e atas de assembleias registradas em cartório, e publicações diversas – trabalhos acadêmicos, artigos jornalísticos e livros organizados pela Associação e apoiadoras e parceiras.

A tese está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo foi dedicado à apresentação dos procedimentos de pesquisa porque foram a base para todas as informações e reflexões. Da pesquisa documental e de campo que emergiu a tese! No segundo capítulo, elaborado com base na pesquisa documental, apresentei a Associação: 1. história, 2. localização geografia e 3. inspiração literária. Essa escolha se justifica pela importância de contextualizar no tempo e no espaço ASCORALINAS. No terceiro capítulo, expus as principais reflexões e aprendizados que emergem do estudo documental e de campo. As histórias de vida das entrevistadas, os aprendizados e o ressoar da Associação em suas vidas foram os temas desse último capítulo.

Paulo Freire, bell hooks, Patricia Phill Collins, José Geraldo de Sousa Jr., Marilena Chaui, Djamila Ribeiro, Vera Candau, Pedro Demo, Marisa Lajolo, Michèle

Petit, Eliana Yunes, Ebe Siqueira, Goiandira Ortiz, Nazaré Zenaide, Paulo Carbonari, Antônio Candido são algumas das pensadoras/es que apontaram caminhos reflexivos ao longo da construção desta tese.

Espero que o trabalho seu chegue pra gente, deixa nossas marcas, chegue aos seus alunos, que seus alunos também façam, que ele chegue ao local em ambiente de trabalho dele, seja qual for, seja em qual área for. Porque eu acho que a gente tem nosso dever de levar informação em todos os ambientes que nós tivermos. (Flor Flamboyant)

Para que os resultados fiquem acessíveis para diferentes públicos, como deseja Flor Flamboyant, busquei ser objetiva na escrita. Para permitir a leitura por programas de conversão de textos em voz, tecnologias assistivas usadas por pessoas com deficiência visual: 1. não utilizei gráficos; 2. Quadros e Tabelas não foram convertidos em imagens; 3. não fiz uso de notas de rodapé; 4. fotografias estão acompanhadas de descrição da imagem. A acessibilidade é um compromisso que deve ser observado por todas as defensoras e defensores dos direitos humanos!

Além disso, por se tratar de uma tese sobre mulheres, fiz uso do feminino para indicar coletivos compostos por homens e mulheres. Sempre que possível, apresentei o nome completo das autoras e autores referenciadas, especialmente na primeira citação, como forma de explicitar o gênero daquelas que integram as referências bibliográficas.

2 A GASTRONOMIA DA PESQUISA: METODOLOGIA E ACHADOS EMPÍRICOS

Cântico primeiro de Aninha (trecho)

A estrada está deserta,
 Vou caminhando sozinha.
 Ninguém me espera no caminho.
 Ninguém acende a luz.
 A velha candeia de azeite
 De há muito se apagou.

A longa noite escura...
 A caminhada...
 Carreando pedras,
 Construindo com as mãos sangrando
 Minha vida.

Cora Coralina

Introdução

*Eu sou doceira, gosto muito de fazer doce... eu faço o pé de
 moleque da moda antiga, como eu vi aqui em Goiás, na minha
 terra.*

Coralina-Flor de Pequi

Na frase em epígrafe, Flor de Pequi, uma Coralina que generosamente compartilhou sua história, experiências e aprendizados na entrevista fornecida para esta tese, mostra que existem maneiras diferentes de produzir um doce: *à moda antiga* ou seguindo uma receita atualizada. No campo dos saberes das mãos, a gastronomia é o ofício que nutre, que produz o alimento, buscando novas combinações de técnicas e ingredientes para proporcionar experiências ao paladar.

Na ciência acadêmica, o método, a metodologia e os instrumentos de coleta de dados são as técnicas e os ingredientes que combinados conduzem a novas experiências da teoria. Na gastronomia e na pesquisa acadêmica, o exercício da aprendizagem, da difusão e do compartilhamento de saberes são constantes.

Pedro Demo diferencia conhecimento de aprendizagem, sendo o primeiro o processo analítico *dedicado a decompor a realidade para poder explicá-la* e o segundo o processo desconstrutivo/reconstrutivo *marcado por autoria e autonomia* (2011). O

incentivo à autoria e à autonomia no processo de aprendizagem é o que Pedro Demo denomina de *educar pela pesquisa*. Para o autor, produzir conhecimento pode ser uma iniciativa intensamente pedagógica, educativa e formativa, quando, por exemplo, abandona-se o argumento da autoridade e cultiva-se a autoridade do argumento, incentivando, assim, a cidadania que sabe pensar.

Pedro Demo (2011) explica que metodologia e epistemologia não possuem sentidos semelhantes, mas estabelecem uma relação estreita. A metodologia refere-se ao método científico e a epistemologia relaciona-se com a teoria e a crítica ao conhecimento em si, “[...] procurando delimitar alcance, validade, possibilidade e pretensões” (2011 p. 10). Aqui reside a importância de situar não apenas metodologicamente como também epistemologicamente a pesquisa.

A escolha da metodologia e a delimitação do marco epistemológico permitem que a pesquisa se confirme como ato pedagógico, em que todas as sujeitas envolvidas se transformam, mas, sobretudo, a pesquisadora. As escolhas aqui apresentadas pretenderam alcançar, para além dos objetivos da pesquisa, essa função pedagógica da investigação, em que a autoridade do argumento abre espaço para pensar e exercer a cidadania.

A pesquisa social tem um significado importante nos tempos atuais, pois seus resultados auxiliam as escolhas políticas e sociais necessárias para o desenvolvimento da sociedade e para a criação, implantação, aperfeiçoamento e monitoramento das políticas públicas e sociais (Flick, 2012). As ciências humanas compõem o campo científico mais propício para o desenvolvimento de pesquisas dessa natureza.

Nas pesquisas sociais, é possível encontrar estudos que valorizam a estabilidade e a constância dos fenômenos sociais, como aqueles que exaltam a complexidade, as contradições, a originalidade e imprevisibilidade dos fenômenos humanos. A segunda hipótese refere-se a estudos de caráter qualitativo. Ao investigar os aspectos qualitativos dos fenômenos sociais, essas pesquisas evidenciam a complexidade da vida humana e abarcam significados, comumente ignorados, das interações sociais (Chizzotti, 2018).

Para Christian Laville e Jean Dionne (1999), a pesquisa qualitativa é uma espécie de *pesquisa fundamento*, pois busca compreender a intersecção entre teoria e realidade, com vistas à construção de novos saberes. Para os autores, os procedimentos de pesquisa devem estar a serviço do objeto de pesquisa, de forma a proporcionar um melhor alcance dos saberes almejados.

Para Maria Cecília de Souza Minayo (2008), uma pesquisa qualitativa visa alcançar, em uma dada realidade e em seu universo simbólico, aquilo que não pode ser quantificado, como as aspirações, atitudes, crenças, desejos e impressões de integrantes de determinadas comunidades ou grupos sociais.

Para Robert K. Yin (2016), uma pesquisa qualitativa tem como objeto os acontecimentos da vida real, e são cinco as características que definirão o caráter qualitativo de um estudo: 1. investigar o significado da vida das pessoas, nas condições de vida real; 2. representar as opiniões e perspectivas das pessoas participantes da pesquisa; 3. abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem; 4. contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social e humano; 5. esforçar-se para usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em apenas uma única fonte.

Laville e Dionne (1999) registraram, ao tratar de métodos qualitativos e quantitativos, ser essencial que “[...] a escolha da abordagem esteja a serviço do objeto da pesquisa, e não o contrário, com o objetivo de tirar, o melhor possível, os saberes desejados” (1999, p. 43). Michel Thiollent (2021) define o método como o caminho prático de investigação, e ressalta a sua importância para a confiabilidade das informações coletadas. Chizzotti (2018) destaca:

A pesquisa sobre um problema determinado depende das fontes de informação sobre ele. As informações podem provir de observações, de reflexões pessoais, de pessoas que adquiriram experiências pelo estudo ou pela participação em eventos, ou ainda do acervo de conhecimentos reunidos em bibliotecas, centros de documentação bibliográfica ou de qualquer registro que contenha dados. (Chizzotti, 2018, p. 24)

A presente tese é um estudo sobre a percepção de mulheres que participaram de processos de educação não formal em direitos humanos, e têm como fim último produzir novos saberes acerca da educação em direitos humanos, com a valorização da interação entre pesquisadora e participantes da pesquisa, sendo possível identificar nela as cinco características apontadas por Robert K. Yin (2016) para a definição da pesquisa qualitativa.

Situo, portanto, a investigação como de caráter qualitativo com utilização das seguintes estratégias de coleta de dados: pesquisa documental, uso de formulário socioeconômico e entrevistas semiestruturadas (Laville; Dione, 1999; Minayo, 2008; Yin,

2016; Becker, 1999; Thiollent, 2021; Chizzotti, 2018; Flick, 2009; Demo, 2011; Flick, 2009).

Para Maria Cecília de Souza Minayo (2008), a análise de conteúdo também é de natureza qualitativa, pois não se trata apenas da classificação das percepções das entrevistadas, e sim da descoberta de seus códigos sociais a partir das falas e o confronto com a teoria. Para a autora, a pesquisadora, na análise qualitativa, tem a oportunidade de oferecer uma compreensão e interpretação à luz da teoria de modo singular e contextualizada.

2.1 Os procedimentos de pesquisa

Para a realização dos objetivos, realizei uma pesquisa documental e uma pesquisa de campo, com uso de formulário socioeconômico e realização de entrevistas semiestruturadas. A pesquisa documental permitiu-me compreender o campo investigado e auxiliou na elaboração dos instrumentos utilizados na pesquisa de campo: roteiro de entrevistas e formulário socioeconômico. A partir dela, foi possível: 1. reconstruir a história cronológica da Associação e de suas ações; 2. conhecer as parcerias firmadas; e 3. conhecer a repercussão da Associação na vida das associadas.

A pesquisa documental, de acordo com Laville e Dione (1999), tem como fonte as informações já existentes, não se restringindo ao que está escrito, ou seja, inclui registros audiovisuais. Entre as fontes impressas, os autores destacam as publicações institucionais – documentos do grupo ou organização que se pretende estudar –, documentos pessoais – diários íntimos, correspondência pessoal etc. –, dossiês, artigos de jornais e periódicos, além de publicações científicas.

Ao longo dos oito anos de existência, muito foi registrado pela Associação e sobre ela. São inúmeras reportagens impressas e gravadas, artigos científicos, livros, relatórios institucionais, projetos e material audiovisual. O conjunto guarda a memória institucional do ponto de vista individual – com registros de depoimentos – e coletiva.

Os documentos que compõem o acervo foram importantes para compreender as bases históricas e metodológicas de criação do projeto de formação e da Associação, assim como a percepção das Coralinas, proporcionando um entendimento mais apurado dos seus objetivos, fundamentos e alcance.

A pesquisa de campo foi composta por duas estratégias que, a meu ver, se complementaram e contribuíram para a compreensão da realidade estudada, a partir do contato direto com pessoas que a compõem, ou seja, de suas vozes. As informações coletadas na etapa documental, sobretudo o que emergiu dos trabalhos acadêmicos, reportagens e artigos jornalísticos, foram o ponto de partida para o campo. Os documentos trouxeram, em sua maioria, percepções das próprias Coralinas e o ponto de vista de outras pesquisadoras e jornalistas que interagiram com as associadas ou acompanharam as ações da Associação.

O formulário (Apêndice I), utilizado previamente às entrevistas, permitiu conhecer a realidade socioeconômica e traçar o perfil das entrevistadas. Ele foi composto por vinte questões, sendo onze de múltipla escolha e nove abertas, e abordou temas como família, trabalho, renda, e a relação com a Associação.

As respostas auxiliaram na seleção das entrevistadas, considerando a idade, o ano de ingresso e a área de atuação na ASCORALINAS. O esforço foi compor um grupo diverso com representatividade etária, ano de ingresso e áreas de atuação na Associação: gastronomia, bordado, cerâmica e vocalização.

Maria Cecília de Souza Minayo (2008) considera a entrevista como uma técnica privilegiada de comunicação verbal, que permite a coleta de informações diretamente dos integrantes da realidade que se pretende estudar. As entrevistas podem ser do tipo sondagem de opinião (formulário estruturado, fechado), semiestruturadas (formulário com perguntas abertas e fechadas) ou abertas (livre narrativa do entrevistado); e são focalizadas (destinadas a um problema específico), ou projetivas (mediadas por dispositivos visuais e comumente utilizada para tratar de assuntos delicados).

Para o alcance dos objetivos propostos, a entrevista semiestruturada (Apêndice II) focalizada se apresentou como o recurso mais adequado, a partir da junção de questões direcionadas com questões abertas, o que permitiu o desenvolvimento de uma narrativa mais autônoma. As entrevistas visaram investigar as impressões individuais das participantes sobre os projetos de formação e a leitura literária mediada, também determinar como a participação nas formações e a leitura ressoam na vida cotidiana delas, em suas visões de mundo, perspectivas de vida e atuação cidadã.

Além das entrevistas, conforme já assinalado, foi possível alcançar a perspectiva individual das associadas nas publicações organizadas pela própria Associação, com livre

narrativas das Mulheres Coralinas, e em depoimentos feitos a jornalistas, consignados em artigos publicados em jornais físicos e sítios eletrônicos, catalogados na etapa da pesquisa documental. A escuta qualificada e a consciência crítica mediaram a reflexão na análise dos depoimentos, tendo em vista ser comum a entrevistada dizer o que pensa que a entrevistadora deseja ouvir ou que, às vezes, informações são omitidas pelo receio do impacto do compartilhamento.

Para interpretação dos dados coletados nas duas etapas da pesquisa, usei como referência as cinco fases do ciclo interpretativo proposto por Robert K. Yin (2017): 1) compilar; 2) decompor; 3) recompor; 4) interpretar; 5) concluir. O autor propõe três perguntas que deverão guiar o trabalho hermenêutico de uma pesquisadora, e que foram referência na construção da tese:

- ✓ Quais são as características distintivas de seu estudo?
 - ✓ Como os dados coletados podem ser relacionados às questões de pesquisa originais?
 - ✓ Surgiram conhecimentos potencialmente novos?
- (YIN, 2017, p. 163)

Roberto K. Yin (2017) explica que os dados podem ser analisados de forma manual ou com uso de *software* de análise de dados qualitativos assistido por computador. Ele esclarece que existem programas especializados, como *ATLAS-ti*, *NVivo* e *MAXqda* e os menos sofisticados, como *Word*, *Excel* e *Acess*. Para o tratamento dos dados, escolhi os programas *Word* e *Excel*, disponíveis gratuitamente pela plataforma *Google*, o que permitiu a construção de uma base de dados com acesso compartilhado, ao final da pesquisa, com a Associação e suas associadas.

A seguir, apresento, de forma pormenorizada, as duas etapas realizadas, e seus principais achados empíricos.

2.2 A pesquisa documental

Você tem que ter uma história. A pessoa em si, ela não tem história, ela é uma pessoa oculta mesmo, não é conhecida, não sabem quem é essa pessoa.

Coralina-Flor Para-Tudo

Como afirma Flor Para-Tudo, conhecer e documentar a história de uma mulher ou Associação é fundamental para que outras pessoas tomem conhecimento de suas

vivências e experiências. Acrescento que documentar uma história é oferecer aprendizado e inspiração. A pesquisa documental possibilitou construir a história das Mulheres Coralinas e aprender com elas. Para tanto, foi preciso inventariar, sistematizar, digitalizar e analisar: 1. reportagens, notícias e artigos jornalísticos; 2. trabalhos e publicações de natureza acadêmica – como livros, artigos, monografias, dissertações de mestrado – sobre as Mulheres Coralinas; 3. documentos institucionais arquivados pela Associação.

Foram localizadas 26 notícias de jornais sobre as Mulheres Coralinas, suas inspirações e ações, publicadas entre 2016 e 2023, de forma impressa ou veiculadas em *sites* oficiais do poder público ou veículos de comunicação. Em relação aos trabalhos acadêmicos – dissertações, monografias –, foram identificados 13 estudos, sendo sete dissertações e oito monografias. Ainda sobre publicações acadêmicas, foram listados artigos científicos, trabalhos apresentados em congressos e livros organizados pelas Mulheres Coralinas, totalizando sete publicações diversas.

No acervo documental da Associação, foi possível estudar termos de referência, relatórios, atas de assembleias, estatuto registrado em cartório, atas de eleições, registros de atas em cartório, material impresso de divulgação das ações e reportagem jornalísticas impressas. Ao todo, 14 conjuntos de documentos foram organizados e analisados.

As matérias e artigos de imprensa, e publicações de natureza acadêmica identificadas foram devidamente catalogadas e arquivadas digitalmente. Os documentos institucionais utilizados na pesquisa foram digitalizados e guardados no formato digital. Juntos, esses dois grupos de documentos formaram um banco de dados, cujo conteúdo foi devidamente inventariado em um arquivo *Googledoc*.

Quadro 1 Documentos da ASCORALINAS de 2014 a 2023

	TIPO DE PUBLICAÇÃO	ANO	QUANTIDADE
1	Artigos, matérias e notícias jornalísticas	2016 a 2023	26
2	Trabalhos acadêmicos	2018 a 2023	13
3	Publicações acadêmicas	2016 a 2021	07

4	Documentos internos	2014 a 2023	14
	Total de documentos analisados		60

Fonte: autoria própria (2024)

2.2.1 A Associação na imprensa escrita e falada

A busca por reportagens e artigos jornalísticos foi feita usando a ferramenta de busca *Google*, a partir da palavra-chave “Mulheres Coralinas”. Como visto, foram localizados 26 documentos, publicados entre os anos de 2016 e 2023.

O ano de 2016 marcou o fim do primeiro projeto de capacitação, com notícias relacionadas à formatura das participantes, os eventos de conclusão do curso e a fundação da Associação ASCORALINAS. Também, foi nesse ano que ocorreram a inauguração da loja e o início da comercialização de produtos. Além de artigos jornalísticos, localizei também entrevistas disponíveis na plataforma digital *Youtube*.

O Quadro 2, a seguir, resume esse conjunto de documentos jornalísticos, organizados de acordo com o ano de publicação, em ordem decrescente.

Quadro 2 Documentos jornalísticos da ASCORALINAS de 2016 a 2023

	TÍTULO	AUTORIA	FONTE	DESCRIÇÃO	ANO
1	Obras Vandalizadas	Luiza Guimarães	Jornal O Popular – GO	Imagens de Leodegária e Cora que ficavam no mercado municipal foram vandalizadas, as imagens pertenciam a uma iniciativa da Associação e da livraria junto ao ceramista Carlos Antônio Silva. Na matéria, explicam que provavelmente não tem como restaurar as obras.	2023
2	Mulheres Coralinas: a poética do empoderamento feminino no Cerrado	Elizabeth Oliveira	Site Projeto Colabora - Jornalismo sustentável	É uma reportagem bem completa sobre como a Associação está investindo nas atividades	2023

				depois da construção da casa.	
3	Associação de mulheres prepara livro com histórias de bordadeiras	Welliton Carlos	Diário da Manhã – GO	Reportagem que conta a história da trajetória dos livros e a pretensão da publicação do terceiro livro.	2023
4	Coletivo Mulheres Coralinas desfila coleção 'O Quintal da Poeta' em Goiânia	Redação	Jornal O Popular – GO	Matéria sobre o desfile da coleção de Ana Christina Rocha.	2023
5	Projeto fortalece vínculos entre gerações na Cidade de Goiás	Redação	Diário da manhã – GO	Reportagem sobre o projeto é de menina que se torna coralina.	2023
6	<i>Campus</i> Goiás recebe o embaixador de Portugal no Brasil	Secom UFG	Site oficial UFG	Embaixador de Portugal no Brasil almoça na Casa da Associação das Mulheres Coralinas, com um <i>menu</i> típico goiano composto por plantas alimentícias não convencionais (PANCs), elaborado pelas mulheres da Associação sob a coordenação do chefe Humberto Barros e da professora Ebe Maria de Lima Siqueira.	2022
7	Mulheres Coralinas-Pasquim Feminista	Publicação do COLETIVO FEMINISTA GSEX	Impresso PASQUIM FEMINISTA	Esta matéria é um resumo sobre a trajetória da Associação e da obra na Casa das Coralinas, contém fotos e depoimentos da Ebe Maria de Lima Siqueira falando sobre o futuro da casa e da parceria de 3 anos com a OIT.	2021
8	Associação Mulheres Coralinas ganha sede própria na cidade de Goiás	Renato Queiroz	Jornal O Popular – GO	Reportagem sobre a construção da casa.	2021

9	Conheça a história dos famosos e deliciosos doces cristalizados de Goiás	Lígia Saba Fernandes	Site Curta Mais	A história dos doces cristalizados e como as Mulheres Coralinas mantêm a tradição.	2021
10	Mulheres Coralinas, por Ebe Maria	Programa EntreMentes e Prazeres	Rádio Olhos D'água	O vídeo é uma entrevista do que tem sido feito pelas Mulheres Coralinas no meio do contexto pandêmico.	2020
11	ConfrontArt - Arte e Direito	Silvana Beline, Daniele Ayres e Lilian Enrique	UFSC; UFRJ; UFG	Entrevista com as coralinas Bianka, Beatriz e Ebe sobre as iniciativas da Associação durante a pandemia.	2020
12	Homenagem a Cora, filha Vicência visita a cidade e estátua da mãe	Thalys Alcântara	Jornal O Popular – GO	Filha de Cora Coralina conta como foi a época em que viveu com a mãe e fala sobre a cidade de Goiás.	2019
13	Homenagens a Leodegária	Rogério Borges	Jornal O Popular – GO	A matéria fala sobre a relevância de Leodegária e das homenagens que Ebe, Goiandira Ortiz de Camargo e Edna fizeram para a autora ao criar a Livraria e colocar as imagens de Leodegária e Cora no mercado municipal, resgatando a poesia das duas, em especial de Leodegária, considerada pelo autor da matéria uma autora que estava no esquecimento.	2019
14	Com poemas inéditos, Cora Coralina completaria 130 anos	Roberta Pinheiro, Renato Alves	Jornal Correio Braziliense – DF	Reportagem sobre Cora e que menciona as Coralinas como herança.	2019

15	Cora Coralina é inspiração para Associação de mulheres na cidade de Goiás	Vanessa Martins e Vitor Santana	Site G1 - Grupo Globo	Entrevista com as Coralinas Madalena, Solange e Francisca sobre o trabalho delas na Associação.	2019
16	Fonte inspiradora para conterrâneas	Redação Correio Braziliense	Jornal Correio Braziliense – DF	A reportagem fala sobre a Associação e menciona dona Cecília e dona Sebastiana.	2019
17	Poesia e empreendedorismo resgatam tradições de Goiás	Cidades Sustentáveis	Site Cidades sustentáveis	Análise sobre o projeto, cumprindo os objetivos de desenvolvimento da ONU.	2019
18	Cora Coralina é inspiração para artesãs e doceiras na Cidade de Goiás	Andreia Verdélio/Agência Brasil	Jornal Empresas & Negócios – SP	Oficina de gastronomia oferecida pelo 20º Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica). Além dessa atividade, durante o Fica, a Associação promoveu oficinas de artesanato e de literatura e uma apresentação cultural de poesia.	2018
19	CNM celebra o Dia Nacional da Cultura com a divulgação de boas práticas municipais	ASCOM Confederação Nacional de Municípios	Site oficial CNM	Para celebrar o dia da cultura, o CNM divulgou a Associação Mulheres Coralinas como Boa Prática Municipal.	2018
20	Festival fartura em São Paulo	Ana Cláudia Rocha	Jornal O popular – GO	Entrevista de Ebe Maria de Lima Siqueira sobre a experiência no Festival Fartura em São Paulo onde as Coralinas palestraram sobre a flor de coco. O conteúdo varia entre a importância do evento, a inspiração de Cora Coralina, a possibilidade de vender para outras cidades e o	2017

				envelhecimento saudável das Coralinas mais idosas.	
21	Poemas comestíveis	Carla Guimarães	Jornal Folha de S. Paulo – SP	A matéria explica que a Associação estará presente no Festival Fartura e apresenta a Associação, mostrando as outras comidas que as Mulheres Coralinas também fazem, dando destaque para os doces e quitandas.	2017
22	Prefeita Prof. ^a . Selma Bastos participa do lançamento do Livro “Mulheres Coralinas	ASCOM Prefeitura de Goiás	Prefeitura de Goiás	Registros fotográficos do lançamento do livro “Mulheres Coralinas”.	2017
23	Lançamento do vídeo Mulheres Coralinas e Tertúlia Vilaboense	ASCOM Prefeitura de Goiás	Prefeitura de Goiás	Registro do lançamento do vídeo das Mulheres Coralinas.	2017
24	Museu das Bandeiras recebe mostra “Memória das Mulheres Coralinas”	Instituto Brasileiro de Museus	Site oficial do IBRAM	Matéria da exposição do que foi o projeto Mulheres Coralinas.	2016
25	Projeto Mulheres Coralinas se encerra com grande evento de certificação e posse de sua Associação – Ascoralinas	ASCOM - Prefeitura de Goiás	Site Prefeitura de Goiás	Registro da cerimônia Tertúlia, Lançamento de placa, Certificação e Posse da Diretoria da Associação Mulheres Coralinas.	2016
26	Inauguração da sala “Mulheres Coralinas” no Mercado Municipal	ASCOM - Prefeitura de Goiás	Site Prefeitura de Goiás	Registros da inauguração da sala Mulheres Coralinas.	2016

Fonte: autoria própria (2024)

Essas reportagens e entrevistas guardam a história da Associação, com notícias sobre o primeiro curso de formação, realizado em 2014, a fundação da ASCORALINAS

em 2016, a participação das Mulheres Coralinas em eventos locais, regionais e nacionais. E, principalmente, trazem a intrínseca relação entre saberes das mãos, direitos humanos, literatura e cidadania ao destacarem o resgate histórico-cultural da poeta goiana Leodegária de Jesus, a valorização da obra de Cora Coralina e o incentivo à cultura goiana e às diversas expressões artísticas regionais.

Entre os veículos de grande circulação, destacam-se o Portal G1 (SP/RJ), Jornal Folha de São Paulo (SP), Correio Braziliense (DF), e Jornal O Popular (GO). Dos *sites* oficiais, constam publicações da Prefeitura de Goiás, Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Confederação Nacional de Municípios (CNM) e Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Esses meios de comunicação e sítios eletrônicos de órgãos públicos demonstram o alcance nacional que o coletivo de mulheres, reunidas em uma Associação comunitária localizada no interior do estado de Goiás, conquistou em seus oito anos de existência.

Esses textos destacam um aspecto importante das ações da Associação: o fomento à cidadania cultural e ao exercício do direito à cultura, tal qual definido por Marilena Chaui (2022). É o que se observa dos trechos de reportagens jornalísticas a seguir transcritos:

Utilizando incentivos da política nacional de combate à violência contra a mulher, entre 2014 e 2016 a gestão municipal promoveu a capacitação de 150 mulheres da comunidade em gastronomia, artesanato e leitura, estimulando o associativismo e um empreendedorismo que visasse a autonomia das mulheres, tanto no aspecto econômico quanto no empoderamento social. A capacitação em artesanato – cerâmica, palha, bordado manual – gastronomia, leitura e educação foi feita por meio de oficinas, palestras, viagens técnicas e outras atividades de formação e de socialização do saber. (Poesia e empreendedorismo resgatam tradições de Goiás. Cidades Sustentáveis, 2019)

Entre 2014 e 2016, a gestão municipal promoveu o projeto, que foi um marco na vida de mulheres que vivem nessa comunidade. A iniciativa foi estruturada em módulos; e em atividades teóricas e práticas, independentes e transversais. Ela viabilizou capacitações em gastronomia, artesanato e leitura – permeadas pela cultura local e pela obra e experiência de vida da grande poeta e contista goiana Cora Coralina. O projeto estimulou o associativismo, o cooperativismo e o empreendedorismo, visando a promover a autonomia econômica das mulheres. (CNM celebra o Dia Nacional da Cultura com a divulgação de boas práticas municipais. Site Confederação Nacional de Municípios, 2018)

Essas reportagens ressaltam o incentivo aos saberes das mãos, a preservação da

cultura local e ancestral e a relação estreita entre as formações profissionalizantes e a leitura literária presentes nas atividades promovidas pela Associação.

As entrevistas concedidas pelas associadas, aos veículos de comunicação, atestam os reflexos positivos da Associação e suas ações na vida das associadas. É, por exemplo, o que se observa em duas reportagens publicadas em 2019, pelo *site* G1 e Jornal Correio Braziliense.

A reportagem *Cora Coralina é inspiração para Associação de mulheres na cidade de Goiás*, publicada em 21/08/2019, no *site* G1 e assinada por Vanessa Martins e Vitor Santana, apresentou depoimentos de associadas que demonstram a importância da Associação em suas vidas.

Eu, particularmente, sou muito grata a esse projeto. Constrói mesmo a nossa autoestima. Eu mesma, só de vestir essa camiseta laranja já me sinto mais forte, mais independente. Ela [Cora Coralina] é uma inspiração pra gente. Era uma mulher batalhadora, forte e dinâmica. Então, o nome dela veio também para nos empoderar, e é uma honra podermos levar o nome dela. Acho que todas as pessoas deveriam conhecer mais sobre ela, estudar mais. (Martins; Santana, 2019)

A coralina Maria Madalena da Silva Oliveira, em seu relato, expressou sua gratidão ao projeto por construir a autoestima das participantes. Ela ressaltou a inspiração que Cora Coralina representa, enfatizando a importância de se estudar mais a vida e a obra da escritora.

Eu tive uma depressão muito forte e o grupo foi muito importante, me ajudou muito. [...] Ajuda a sair daquele mundinho, de achar que não era nada. Com o artesanato, por exemplo. A gente começa achando que nunca vai dar conta de fazer e, quando menos espera, vê o resultado. Você sabe que as mulheres, em muitas situações, não têm voz nem vez. A Cora veio para trazer esse sentido, essa voz. (Martins; Santana, 2019)

A coralina Solange Francisca Monteiro, por sua vez, enfatizou como sua participação na Associação foi fundamental para superar uma depressão, salientando o impacto positivo da capacitação em artesanato na melhoria da autoestima e na importância do empoderamento feminino, com o resgate da própria voz.

O Jornal Correio Braziliense na reportagem *Com poemas inéditos Cora Coralina completaria 130 anos*, publicada em 11/08/2019 e assinada por Roberta Pinheiro e Renato Alves, abordou as histórias individuais de três fundadoras da Associação: Maria Sebastiana da Silva Santa, Cecília Souza Santos e Janice do Carmo Almeida Beltrão. A matéria destacou a importância da formação em direitos humanos e para cidadania

associada à capacitação nos saberes das mãos, modelo implantado já na primeira formação de Mulheres Coralinas, posto que o projeto foi uma oportunidade para mulheres ganharem voz, compartilhando suas histórias pessoais enquanto participavam de oficinas de artesanato.

Antes de fundarem uma Associação, as primeiras Coralinas passaram por um treinamento, de 2014 a 2016. Nos dois anos, as 150 mulheres formadas pelo projeto receberam orientação e, acima de tudo, ganharam voz. Elas tiveram a oportunidade de contar as suas histórias e aprender em oficinas de artesanato. Ao fim da experiência, 70 decidiram se manter unidas e criar a Associação. Deram o maior passo em 2017, ao ocupar uma loja no antigo Mercado Central da cidade. No pequeno, mas charmoso e aconchegante espaço, elas expõem doces e artesanatos de diversos tipos, tudo aliado aos versos de Cora. (Pinheiro; Alves, 2019)

A coralina Maria Sebastiana da Silva Santana, com 61 anos em 2019, compartilhou com os jornalistas as dificuldades que sempre encontrou sendo uma mulher bordadeira, doceira e ceramista em uma cidade de pequeno porte do estado de Goiás, e afirmou que a convivência com as Mulheres Coralinas transformou sua maneira de pensar e agir.

Sempre trabalhei muito. Com as minhas habilidades, criei a minha família e construí a minha casinha. Com as Mulheres Coralinas, mudei o meu jeito de pensar. Eu era uma mulher muito retraída, não tinha opinião. Hoje, só faço o que quero. Aqui, aprendo e ensino. (Pinheiro; Alves, 2019)

Esse depoimento guarda os ensinamentos presentes nas obras de Paulo Freire e bell hooks que defendem ensinar como a necessária prática de aprendizagem. Também traduz, em poucas palavras, a descoberta do lugar de fala (Ribeiro, 2019; Collins, 2019) e do exercício da cidadania (Sousa Jr., 2002), ou seja, a possibilidade de se posicionar e expressar suas percepções, desejos, necessidades e vontades, a partir do lugar social que ocupa.

A coralina Janice do Carmo Almeida Beltrão, com 56 anos em 2019, compartilhou que começou a trabalhar muito cedo, vendendo bordado, crochê e salgados, atividade que garantiu o sustento dos três filhos. Ela enfatizou a importância de conhecer novas técnicas e o orgulho que adquiriu ao vender suas peças na loja das Coralinas.

Janice do Carmo Almeida Beltrão, 56 anos, também começou a trabalhar cedo. Fazendo bordado, crochê e salgados, criou os três filhos ao lado do marido relojoeiro. Com as Coralinas, aprendeu outras técnicas e a valorizar os seus produtos. “Tenho orgulho quando vendo uma peça!”. (Pinheiro; Alves, 2019)

A coralina Cecília Souza Santos, com 74 anos em 2019, compartilhou com a reportagem a sua afeição pela poesia, a inspiração que encontra em Cora Coralina e a experiência com a violência doméstica.

Cecília Souza Santos da Costa, 74 anos, também é uma das mais ativas Coralinas. Doceira de mão cheia, ela adora declamar os poemas da mulher que a inspirou. E faz questão de deixar claro que nem todas ali foram vítimas de violência. “Eu me casei aos 72 anos com um homem carinhoso. Ele me trata como se eu fosse uma princesa” relata a contabilista aposentada, que faz doce duas ou três vezes por semana. (Pinheiro; Alves, 2019)

Esses depoimentos demonstram a força das ações de capacitação nos saberes das mãos, formação de leitoras literárias e formação em direitos humanos e para cidadania. A valorização da mulher, a autoestima conquistada, a independência emocional e financeira e a conquista do espaço público, seja no comércio de doces, seja na proclamação de poemas, além da referência Cora Coralina, são temas recorrentes nos depoimentos. E apontam para a conquista da cidadania, ao autorreconhecimento enquanto sujeitas de direito (Sousa Jr., 2002, 2008), ou seja, a possibilidade e capacidade de intervenção no espaço público, de criar, reconhecer, exigir e exercer direitos.

No artigo *Conheça a história dos famosos e deliciosos doces cristalizados de Goiás*, publicado no sítio eletrônico Curta Mais, em 21/05/2021, a jornalista Lígia Saba Fernandes destacou a presença da Associação Mulheres Coralinas na preservação da tradição de fabricar doces cristalizados em Goiás, destacando a importância das doceiras da Cidade de Goiás e a presença significativa da Associação Mulheres Coralinas nesse contexto.

É impossível visitar a Cidade de Goiás e não se deliciar com seus tradicionais e irresistíveis doces, imortalizados pela vilaboense Cora Coralina, que se dizia mais doceira do que escritora, e que escondia seus poemas em caixinhas de doces, tanto por receio do marido quanto para presentear amigos. Hoje, em homenagem à poeta, a Associação das Coralinas deu continuidade ao seu legado, realizando a capacitação de mulheres, a partir de oficinas ministradas por mestras detentoras dos conhecimentos tradicionais de produção de doces. Ao todo, mais de 150 cozinheiras e artesãs já passaram pela Associação. (Fernandes, 2021).

A poeta Cora Coralina é mencionada como uma figura emblemática que eternizou a tradição em seus versos. O artigo abordou a preservação das técnicas ancestrais de preparo de guloseimas, a capacitação de mulheres pela Associação, eventos como o

Festival Doçuras de Goiás e a transmissão da tradição ao longo das gerações. Além disso, explorou a história e a técnica de fabricação de doces cristalizados, ressaltando a relevância cultural e a delícia desses produtos em Goiás.

No eixo de formação, unindo a poesia à tradição, as doceiras dão às sobremesas um sabor autoral, que além de deliciosos, contam a história da cidade, de Cora, e não permitem que as técnicas se percam com o passar dos anos e com a industrialização do setor alimentício. A tradição doceira é tão forte na cozinha goiana, que os doces na Cidade de Goiás constituem um Patrimônio Cultural Imaterial. (Fernandes, 2021)

Em relato publicado em edição especial, julho 2018, da revista Empresas e Negócios, a associada Ivana dos Passos Sousa destacou a relevância da Associação como empreendimento feminino e o papel de Cora na vida das associadas.

Acabamos vivendo um pouco do que ela viveu. Cora foi uma mulher muito forte e conseguiu transmitir isso para o papel. Quando alguém está com algum problema, as mulheres conversam e buscamos a força de Cora, ela poderia ter desistido, mas continuou. (Verdêlio, 2018)

O depoimento acima reflete uma admiração por Cora Coralina, e o proveito de sua história de vida como inspiração para o enfrentamento das adversidades. Essa conexão entre as experiências das Mulheres Coralinas e a narrativa de Cora demonstra como a ASCORALINAS transcende a condição de simples empreendimento, tornando-se um espaço de fortalecimento e superação dos desafios pessoais, individuais e subjetivos. Nesse contexto, as histórias se entrelaçam, transformando-se em fontes de inspiração mútua, visível nas atividades realizadas.

Os depoimentos demonstraram o compromisso político da Associação com as lutas feministas como definido por bell hooks, ou seja, não se trata apenas do incentivo ao “tornar-se feminista”, mas sim de apoiar, estimular, promover e fomentar mudanças objetivas e subjetivas na vida de todas e de cada mulher. Ainda, trata-se de uma experiência de solidariedade entre mulheres, que, de acordo com a autora, “requer uma comunhão de interesses, crenças e objetivos em torno do qual se possa formar uma aliança, uma irmandade” (hooks, 2019, p. 108).

Por fim, duas reportagens destacaram a relação intrínseca da Associação com o município Cidade de Goiás, a compreensão da cidade como um bem comum (Rocha, 2019) e a reflexão crítica sobre o direito à cidade, cujo pleno exercício pressupõe, como

ensina Nelson Saule Jr. (2007), justiça e equidade social, solidariedade e meio ambiente saudável e sustentável.

Quanto maior for o estágio de igualdade, de justiça social, de paz, de democracia, de harmonia com o meio ambiente, de solidariedade entre os habitantes das cidades, maior será o grau de proteção e implementação do Direito à Cidade. (Saule Júnior, 2007, P. 64)

O artigo intitulado *CNM celebra o Dia Nacional da Cultura*, publicado em 05/11/2018, no portal da Confederação Nacional de Municípios (CNM), em razão das celebrações pelo Dia Nacional da Cultura, divulgou boas práticas municipais implementadas em municípios goianos. A reportagem evidenciou o percurso da Associação Mulheres Coralinas e sua contribuição para implementação de boas práticas na Cidade de Goiás e o seu poder transformador na construção de uma comunidade mais sustentável e inclusiva.

De acordo com o artigo, o projeto de formação Mulheres Coralinas demonstra uma consonância com nove das 17 metas globais para o desenvolvimento sustentável – Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS) –, estabelecidas pelas Nações Unidas. Isso porque a Associação atua conectada com a realidade das suas associadas e essa conexão se reflete no alinhamento da missão da ASCORALINAS com as metas globais da ONU: Redução da Pobreza (ODS 1); Educação de Qualidade (ODS 4); Igualdade de Gênero (ODS 5); Emprego digno e crescimento econômico (ODS 8); Redução das desigualdades (ODS 10); Cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11); Consumo e produção responsáveis (ODS 12); Paz justiça e instituições responsáveis (ODS 16) e Parcerias e meios de implementação (ODS 17).

Em termos práticos, isso significa contribuir para uma transformação educacional inclusiva e equitativa; proporcionar oportunidades econômicas mais justas e inclusivas; promover o empoderamento político e a autonomia financeira; incentivar a consciência ambiental, uso sustentável dos recursos e diminuição do desperdício de alimentos.

Ainda de acordo com o artigo, o alinhamento da missão institucional da Associação com as metas globais da ONU demonstra o impacto positivo do projeto na promoção de oportunidades econômicas justas, acesso à educação de qualidade, igualdade de gênero, crescimento econômico sustentável, mitigação de desigualdades, ambiente urbano inclusivo e seguro, além de padrões de produção e consumo

sustentáveis. Assim, a Associação Mulheres Coralinas se insere como um modelo de desenvolvimento sustentável e atua como catalisador para a construção de comunidades mais inclusivas e equitativas, contribuindo para o fortalecimento do direito à cidade.

O artigo publicado, em 2019, no *site* Cidades Sustentáveis, com o título *Poesia e empreendedorismo resgatam tradições de Goiás*, ressaltou a importância de se colocar a cultura no centro das políticas de desenvolvimento, e destacou a importância da Associação para o cumprimento das metas globais definidas pelas Nações Unidas. Além das metas da ODS mencionadas no artigo anterior, o texto evidenciou, particularmente, a meta 11.4, que visa proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural, impactando positivamente outros Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, como os ODS 5 e 10.

De acordo com o artigo, a formalização do coletivo de artesãs em uma Associação – ASCORALINAS –, representa uma contribuição duradoura para a geração de renda e preservação do patrimônio histórico-cultural local. Essa boa prática está inserida no Eixo Cultura para a Sustentabilidade, valorizando a identidade regional e fomentando a produção local por meio das tradições culturais, com ênfase na gestão integrada entre os setores da administração municipal para promover a cultura da sustentabilidade.

A análise reforçou ainda que em três anos, à época da publicação do artigo, como Associação formalizada, ASCORALINAS se consolidou como um pilar pelo impacto financeiro que gera em suas associadas e como potencial fomentador de uma comunidade de apoio e solidariedade.

2.2.2 A Associação na Academia

*Espero que o trabalho seu chegue pra gente, deixe nossas
marcas, chegue aos seus alunos.*

Coralina-Flor Flamboyant

Trabalhos acadêmicos são o meio propício para que estudos e pesquisas alcancem estudantes e profissionais de distintas áreas, como deseja a coralina Flor Flamboyant. Por isso, considere importante buscar trabalhos acadêmicos que abordam as ações da Associação como objeto de pesquisa ou a mencionam como parte significativa do estudo. Nesse intuito de compartilhar saberes, localizei 12 publicações entre 2018 e 2023, apresentadas, a seguir, no Quadro 3 e organizadas por ordem cronológica.

Quadro 3 Produção acadêmica sobre ASCORALINAS, produzida entre de 2018 e 2023

	TÍTULO	AUTOR AUTORA	TIPO	ANO	IES/Curso
1	A produção artística das Mulheres Coralinas: uma identidade em cerâmica	Sônia Helena Batista de Souza Soares	Monografia	2018	IFG/ <i>Campus</i> Cidade de Goiás, Curso de Licenciatura em Artes Visuais
2	Patrimônio imaterial, história oral e <i>stop-motion</i> : animação de “Maria Grampinho”	Flávio Gomes de Oliveira	Monografia	2018	UnB, Curso de especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico
3	Palavras palatáveis: a poesia e a gastronomia como ingredientes na obra de Cora Coralina	Estela Máris Medeiros Jardim	Dissertação de mestrado	2018	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/MG, curso de Letras
4	O direito feminino à dignidade em Mulheres Coralinas: autonomia e emancipação	Saulo Nunes dos Santos	Dissertação de mestrado	2019	UEG/ <i>Campus</i> Cidade de Goiás, Programa em Língua, Literatura e Interculturalidade
5	A lenda da carioca e o mito de origem da mulher vilaboense	Brasineide Clemente Ferreira Pimenta	Dissertação de mestrado	2019	UEG/ <i>Campus</i> Cidade de Goiás, Programa em Língua, Literatura e Interculturalidade
6	De Maria à boneca de pano	Marcelene Divina de Souza Camargo Cardoso	Monografia	2021	IFG/ <i>Campus</i> Cidade de Goiás, curso de Licenciatura em Artes Visuais
7	Recria tua vida, sempre: associativismo das Mulheres Coralinas da Cidade de Goiás (2017-2021)	Rafael Ferreira Rodrigues	Dissertação de mestrado	2022	UEG/ <i>Campus</i> Cidade de Goiás, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia (PPGEO)
8	A escuta do colonismo feminino de Clarice Lispector em mulheres hoje: uma perspectiva da Psicologia Analítica	Antonieta Campos Serra Teixeira dos Santos	Dissertação de mestrado	2022	PUC/SP, Mestrado em Psicologia Clínica

9	O uso de fantoches em educação patrimonial: confeccionando memórias no ensino fundamental em Goiás	Elisângela da Silva Beltrão Camargo	Dissertação de mestrado profissional	2022	UEG, Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio
10	ASCORALINAS: mulheres em movimentos	Joana de Oliveira Ferreira Paiva	Dissertação de mestrado	2023	UFG, Programa de Pós-Graduação em Educação
11	Removendo pedras e plantando flores: patrimônio afetivo, economia solidária e oficina do objeto na Associação Mulheres Coralinas, Cidade de Goiás-GO	Atenea Garcia Gómez	Monografia	2023	UnB, Curso de Graduação em Museologia
12	Turismo de base comunitária: rede de mulheres empreendedoras na Associação Mulheres Coralinas	Dinaira Francisca da Costa Silva	Monografia	2023	UEG/ <i>Campus</i> Cidade de Goiás, Curso de Graduação em Turismo e Patrimônio

Fonte: autoria própria (2024)

São dissertações de mestrado e monografias de final de curso de graduação e pós-graduação *stricto sensu* que desempenham um importante papel na preservação, documentação e promoção do impacto da Associação. Conferem, ainda, visibilidade e reconhecimento, além de contribuírem para a construção de uma base teórica, influenciarem políticas públicas, fomentarem a colaboração interdisciplinar e poderem inspirar iniciativas similares em outras cidades.

Percebe-se que os trabalhos foram produzidos em cursos ofertados por seis instituições de educação superior, sendo quatro públicas e duas privadas, localizadas nos estados de São Paulo, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais. As instituições de ensino são: Pontifícia Universidade de São Paulo, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Universidade de Brasília, Universidade Federal de Goiás, Universidade Estadual de Goiás, Instituto Federal de Goiás. Mais uma vez, é possível verificar a dimensão do alcance nacional da Associação, que extrapola as fronteiras do estado e região do país em que se situa, e os limites dos cursos de graduação e pós-graduação ofertados na Cidade

de Goiás.

Em relação às autoras dos trabalhos, encontram-se três homens e 13 mulheres. O maior número de pesquisadoras demonstra uma possível preferência das mulheres por objetos de pesquisa que envolvam temáticas relacionadas a gênero. Entre as 13 pesquisadoras, localizei três Mulheres Coralinas, sendo que duas são autoras de trabalhos de conclusão de curso de graduação e uma de dissertação de mestrado, dado que reflete a busca pela escolarização, incentivado, possivelmente, pelo convívio com novas temáticas proporcionado pelas rodas de conversa e palestras organizadas pela Associação.

Sobre o conteúdo de suas pesquisas, centraram suas análises na importância do trabalho, da renda, do associativismo para o fortalecimento da autonomia, emancipação, independência financeira, empoderamento feminino, consciência cidadã, e valorização da cultura. Os títulos dos trabalhos apontam a escolha do enfoque confirmado com a leitura de cada obra. É possível extrair deles a conclusão de que as Mulheres Coralinas, com a missão de valorização e preservação cultural de práticas artesanais e sua profunda relação com a literatura, em especial a goiana, contribuem para difusão do patrimônio histórico e cultural, a promoção do empoderamento de mulheres e a construção de uma comunidade mais solidária e consciente politicamente de sua responsabilidade social.

Para ilustrar as assertivas, destaco a pesquisa realizada por Joana de Oliveira Paiva, por ser uma mulher coralina, fundadora e presidente da Associação na gestão 2021/2023, e, por essa razão, apresenta reflexões com a legitimidade de quem convive com as associadas e vivenciou cada etapa percorrida pela Associação. Paiva (2023) caracteriza, em sua dissertação de mestrado, a Associação como um coletivo político, ou seja, um grupo que atua em prol da igualdade de gênero e contra todo tipo de discriminação.

A ASCORALINAS configura-se como um coletivo político que tem, entre seus objetivos, abrir espaços para as vozes femininas que têm sido historicamente silenciadas em Vila Boa de Goiás. Sua força funda-se na preservação dos saberes das mãos que contemplam a experiência dos mais velhos, narrativas da tradição, saberes e fazeres passados de mãe para filha. Sobretudo, como oportunidade de rompimento com traços históricos que reduzem a capacidade intelectual e de trabalho das mulheres. Alguns desses traços estão relacionados à educação dos filhos, ao cuidado com a família e à vida doméstica. (Paiva, 2023, p. 50)

A autora aponta para heterogeneidade de mulheres que compõem o coletivo e que

mesmo com diferenças mantêm uma coesão e o foco no bem comum.

Como podemos notar, a Associação ASCORALINAS é composta por mulheres de diferentes faixas etárias, cor e etnia. Elas vêm de esferas culturais e sociais distintas, com conhecimentos formais e informais que se inter cruzam neste grupo. Trata-se de uma Associação que tem demonstrado coesão quando o assunto é a formação social com bases culturais, econômicas e políticas, pois compreendem que o conhecimento é necessário para a busca concreta dos direitos humanos. Nesse sentido, cada Coralina tem trazido para o coletivo suas subjetividades e se permitido transformar através do produto de seu trabalho e da ocupação dos espaços sociais. (Paiva, 2023, p. 55)

Por fim, a autora destacou os avanços alcançados de modo individual e coletivo e afirmou que, apesar das contradições internas, inerentes a todo coletivo, os ganhos são concretos.

No contexto da ASCORALINAS, é possível perceber que muitas das associadas já têm rompido com esse espaço patriarcal de suas origens, esse rompimento tem se dado a partir do momento em que tomaram conhecimento dos seus direitos e começaram a compreender a emancipação feminina, como igualdade de gênero, no que diz respeito, especialmente, a independência financeira e a social. Tudo isso tem sido viável justamente pelo fato das Mulheres que compõem a Associação ASCORALINAS terem, no espaço de produção de conhecimento e formação, disciplinas que encaminham para uma formação humana e cultural, para além da mera técnica de aprender ou aprimorar um ofício. (Paiva, 2023, p. 65)

bell hooks afirma que “as mulheres não precisam eliminar suas diferenças para construir vínculos de solidariedade” (2019, p.109), pois grande e variada são as experiências e conhecimentos que podem partilhar entre si. “Podemos ser irmãs unidas pelo compartilhamento de interesses e crenças, unidas em nosso apreço pela diversidade, unidas em nossa luta para acabar com a opressão sexista, unidas na solidariedade política” (2019, p. 109). Essa parece-me ser a mensagem que Joana Paiva, e as demais autoras e autores pretenderam transmitir com suas pesquisas.

2.2.3 As Coralinas em outras publicações

Eu mesma não acredito que eu estou naquele livro e eu estou nesse livro, não sei como, mas eu estou.

Coralina-Flor Para-Tudo

Além dos listados anteriormente, localizei dez trabalhos acadêmicos sobre as Mulheres Coralinas, apresentados, em ordem cronológica de publicação, no Quadro 4, a seguir. São artigos que apresentam conclusão de pesquisas ou livros organizados pelas Mulheres Coralinas, contendo as narrativas das associadas, como se refere a coralina Flor Para-Tudo na frase em epígrafe.

Quadro 4 Publicações acadêmicas sobre ASCORALINAS de 2016 a 2024

	TÍTULO	AUTOR	TIPO	ANO	EDITORIA
1	Mulheres que são Coralinas	Ebe Maria de Lima Siqueira, Goiandira Ortiz de Camargo	Livro	2016	Cânone Editorial
2	Projeto Mulheres Coralinas por todas as Marias	Elenizia da Mata de Jesus (Org.)	Encarte	2016	Prefeitura Municipal de Goiás
3	Mulheres Coralinas: uma experiência de emancipação	Elenizia da Mata de Jesus	Artigo	2016	In: ROCHA, Alessandro; PEREIRA, Valéria Cristina Ribeiro. (Orgs). Leitura e Educação. Rio de Janeiro: Reflexão, 2018.
4	A condição feminina em Cora Coralina e sua interface com o projeto Mulheres Coralinas: estudo léxico-cultural	Saulo Nunes dos Santos	Artigo	2019	Revista Humanidades e Inovação v.6, n.8
5	Saberes das mãos e narrativas do afeto: gastronomia	Ebe Maria de Lima Siqueira	Livro	2020	Leodegária Publicações
6	Cora Coralina: poesía y coeducación en el centro de Brasil	Keides Batista Vicente, Ana Raquel Costa Dias	Artigo	2021	Anuario Mexicano de Historia de la Educación, Vol. 2, n. 2
7	Saberes das mãos e narrativas do afeto: cerâmica	Ebe Maria de Lima Siqueira	Livro	2022	Leodegária Publicações
8	Conviver para Viver: formação e atuação das Mulheres Coralinas no	Adriana Andrade Miranda, Ebe Maria de Lima	Artigo	2022	Livro Direitos Humanos e Covid-19, v.2

	enfrentamento aos efeitos perversos da pandemia do coronavírus	Siqueira, Nair Heloísa Bicalho de Sousa			
9	Literatura e direitos humanos: contribuições para cidadania e emancipação	Adriana Andrade Miranda	Artigo	2023	Epeed Anais
10	Democracia, direitos humanos e literatura: notas conceituais a partir da experiência da Associação ASCORALINAS	Adriana Andrade Miranda	Artigo	2024	Conpedi Anais

Fonte: autoria própria (2024)

São publicações que cumprem a função de inspirar experiências similares, incentivar o associativismo, difundir o papel da literatura para os direitos humanos e guardar a memória da Associação. São também importantes referências teóricas para novos estudos e pesquisas e expressão de valorização das Mulheres Coralinas como demonstra Flor Para-Tudo em sua reflexão.

São três livros organizados e publicados pela própria Associação - a série Saberes das Mãos vol. I e II e o livro Mulheres Coralinas, quatro artigos acadêmicos e um encarte de autoras diversas. Neles também é possível verificar a emancipação financeira como centro de análises, registros das histórias da Associação e da vida das associadas, a importância do associativismo e do fomento à cultura vilaboense e goiana.

O local de publicação dos artigos demonstra a projeção internacional das Mulheres Coralinas, com um artigo publicado no Anuário Mexicano de História da Educação. O alcance nacional da Associação se materializa, mais uma vez, com publicações de artigos em revistas acadêmicas do Tocantins e Rio de Janeiro e em um livro publicado por uma editora sediada em São Paulo.

Destacam-se, ainda, na organização dessas variadas publicações, a Universidade de Brasília e a Universidade Estadual do Tocantins. Entre as diversas autoras dos trabalhos, encontram-se três Mulheres Coralinas.

2.2.4 O acervo documental da Associação

A consulta ao acervo documental da Associação conduziu a seleção de documentos que datam de 2014 a 2023, que, como dito, foram digitalizados, organizados em 14 grupos e catalogados. Os documentos referem-se: i) ao primeiro projeto de formação, ii) a fundação da Associação; iii) ao Projeto Saberes das Mãos 1; e iv) ao Projeto Saberes das Mãos 2.

O Quadro 5, a seguir, lista os 14 grupos de documentos digitalizados, os quais são apresentados cronologicamente.

Quadro 5 Documentos internos da ASCORALINAS de 2014 a 2023

	TÍTULO	AUTOR/AUTORA	DESCRIÇÃO	ANO
1	Planilha curricular do Projeto Mulheres Coralinas	Mulheres Coralinas	Documento Base para entender quais as oficinas que foram ofertadas durante o Projeto e qual a Proposta do 1º Projeto.	2014
2	Decreto nº 48 de 06 junho de 2015 membros para Comissão do Processo destinado à contratação de profissionais para o Projeto Mulheres Coralinas	Gabinete da Prefeita de Goiás	Documento que autoriza a realização de processo seletivo para convênios com o projeto Mulheres Coralinas.	2015
3	Resultado do edital 01/2015	Gabinete da Prefeita de Goiás	Resultado edital 01/2015	2015
4	Documentos da Assembleia Geral extraordinária Ascoralinas 1º dezembro de 2016	Cartório 2º Ofício De Goiás	Nesta digitalização são encontrados os documentos referentes à assembleia geral extraordinária do dia 1º de dezembro de 2016 quando foi feita a mudança de presidente e vice-presidente da Associação em virtude da vacância dos cargos. Além disso, temos os recibos, a ata, a lista de presença, edital de convocação e termo de posse. Documentos notariais.	2016
5	Estatuto da Associação ASCORALINAS	Interno		2016

6	Lista de fundadoras da Associação	Cartório 2º Ofício de Goiás	Documento notariado	2016
7	Relatórios do Projeto Saberes Das Mãos entre 2019-2020	OIT	Referente a março, abril e maio de 2019, segundo semestre de 2019, segundo semestre de 2020, termo de referência e contrato do projeto dos saberes das mãos.	2019
8	Lista de participantes e carta da Segunda Edição Saberes Das Mãos 2020	Interno	Aqui estão as participantes de cada uma das áreas do projeto, além da carta de convite enviada para as Coralinas.	2020
9	Relatório parcial saberes das mãos 02	OIT/MPT	Relatório referente ao período de 16/07 a 25/11/2020	2020
10	Termo aditivo I Projeto Saberes das Mãos	OIT/MPT		2019
11	Terceiro termo aditivo destinação de recursos para a finalidade de construção	Diário Oficial da União	Processo: PGEA MPT n. 20.02.1800.0001043/2020-56. Partícipes: Ministério Público do trabalho/procuradoria regional do trabalho da 18ª região e a Associação ASCORALINAS. Objeto: destinação de recursos para a finalidade de construção da sede da Associação Mulheres Coralinas. Assinatura: 07/08/2020. Vigência: prazo necessário para a execução do seu objeto. Signatários: Tiago Ranieri de Oliveira, procurador-chefe da prt-18ª região e Ebe Maria de Lima Siqueira presidenta da Associação.	2020
12	Autorização do curso técnico em gastronomia usa cozinha da Associação	Secretária-geral de Governo Conselho Estadual de Educação; Coordenação da Câmara de Educação Profissional	Autorização do curso técnico em gastronomia para usar a cozinha da Associação.	2023
13	Lista de integrantes da Associação 2022			2022

Fonte: autoria própria (2024)

Esses documentos auxiliaram na compreensão sobre a fundação da Associação, seus objetivos e princípios; permitiram conhecer os projetos, a relação com o poder

público e com organismos internacionais, e foram base para reconstrução da história da ASCORALINAS. Consultando os documentos institucionais, foi possível listar as principais parcerias que a Associação celebrou ao longo dos seus oito anos de existência: Prefeitura Municipal de Goiás, Ministério das Mulheres/Governo Federal, Organização Internacional do Trabalho/Escritório Brasil, Ministério Público do Trabalho em Goiás, Tribunal de Justiça de Goiás/Seccional Cidade de Goiás, Ministério Público de Goiás/Comarca Cidade de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Universidade Estadual de Goiás e Instituto Federal de Goiás.

Outra informação que merece nota diz respeito ao número de mulheres que participaram da fundação da Associação: 71 mulheres egressas do 1º Curso de Formação Mulheres Coralinas, ou seja, 48% das cursistas, pois o curso contou com a participação de 150 mulheres no total. Para Joana de Oliveira Ferreira Paiva (2023), esse percentual é pequeno e demonstra a insegurança das mulheres em se reconhecerem como sujeitas de direito e protagonistas de suas próprias histórias. Essa conclusão reforça a importância das ações de formação em direitos humanos e cidadania e justifica a escolha das autoras e obras estudadas nos projetos.

O estatuto de fundação, datado de 19/05/2019, no momento da análise ainda não havia sofrido alteração, o que veio a ocorrer ao longo do ano de 2024. Assim, durante a pesquisa era o documento que melhor indicava as finalidades da Associação. Destaco, especialmente, os objetivos, consignados no art. 2º, a seguir transcrito na íntegra:

Estatuto da Associação ASCORALINAS

Art. 2º: A ASCORALINAS tem por finalidades institucionais:

- I – Congregar as egressas do Projeto Mulheres Coralinas, bem como novas associadas, prestando-lhes apoio assistencial, operacional e orientação técnica nas atividades que desenvolverem com a mediação da entidade;
- II – Promover a cultura popular, as artes e ofícios nas suas várias formas de manifestações;
- III – Valorizar, incentivar, divulgar e promover a produção artística, artesanal e gastronômica das associadas, inclusive, oportunizando participações em feiras, exposições ou outros eventos locais, regionais, nacionais ou internacionais;
- IV – Apoiar a comercialização da produção artística, artesanal e gastronômica das associadas, viabilizando espaços para exposição e venda de seus produtos;
- V – Desenvolver ações, programas ou projetos de desenvolvimentos econômico, social, cultural, ambiental e educativo que visem ao

exercício da cidadania, ao fortalecimento de práticas de economia solidária e à promoção da qualidade de vida de suas associadas, das comunidades onde estão inseridas e da população de baixa renda;

VI – Promover eventos de capacitação e qualificação, como cursos, oficinas, seminários, palestras, concursos culturais, festivais ou outras iniciativas que afirmem e fortaleçam as artes, o artesanato e a cultura;

VII – Propiciar, às associadas, cursos de qualificação, atualização ou aperfeiçoamento profissional, nas áreas de sua atuação, bem como promover a inclusão digital;

VIII – Montar e apoiar oficinas de formação, escolas, espetáculos na área artística, bem como produzir ou apoiar a produção de vídeos, filmes ou programas informativos para veiculação nos meios de comunicação social;

IX – Atuar na área ambiental, podendo realizar a coleta seletiva de resíduos sólidos, como também ações de reciclagem e de educação ambiental;

X – Colaborar na definição, aprovação e na realização de políticas públicas para as Mulheres;

XI – Incentivar o intercâmbio e a cooperação educativa e cultural entre pessoas ou instituições públicas ou privadas, nacionais, estrangeiras ou internacionais;

XII – Organizar, promover ou participar de encontros, fóruns, seminários, congressos ou outros eventos de interesse da entidade, com foco em temas de interesse das Mulheres;

XIII – Promover e apoiar estudos e pesquisas relativos à geração de renda em arte e cultura, que valorizem os saberes tradicionais nas diversas áreas do conhecimento, podendo captar recursos para o patrocínio de iniciativas nessa área;

XVI – Prestar serviços de capacitação e de qualificação, em áreas de artes, artesanato, gastronomia, leitura e contação de histórias;

XV – Representar os interesses e direitos difusos e coletivos relacionados às finalidades da Associação junto a órgãos ou entidade, públicos ou privados, nacionais, estrangeiros ou internacionais, inclusive, judicialmente.

Da leitura do artigo 2º, é possível compreender a importância dos saberes das mãos, da cultura, dos direitos humanos e da cidadania para Associação, pois são quatro eixos que perpassam todos os objetivos listados. Da missão institucional, emanam oito categorias de análise, alinhadas com os objetivos da pesquisa: conhecimento, cidadania, direitos, empoderamento, cultura, solidariedade e acolhimento.

Quadro 6 Categorias que emergem do estatuto da Associação

	CATEGORIAS	INCISOS DO ART. 2º CORRESPONDENTES
1	Conhecimento	V, VI, VI, VII, VIII, XI, XII, XIII, XVI

2	Cidadania	II, III, V, VII, IX, X, XI
3	Direitos	V, IX, X, XV
4	Independência	IV, V, VI
5	Empoderamento	VI, V, XI
6	Cultura	II, III, VIII
7	Solidariedade	I, XI,
8	Acolhimento	I

Fonte: autoria própria (2024)

Essas categorias também apareceram nas reportagens jornalísticas, trabalhos e publicações acadêmicas, relatórios e projetos. E, por isso, direcionaram o olhar na realização da pesquisa de campo e na interpretação dos dados. Elas foram base para construção do formulário socioeconômico, e tópico específico do roteiro de entrevista, em que procurei compreender o significado de algumas dessas palavras para cada associada, como veremos no terceiro capítulo.

2.3 A pesquisa de campo

A gente vem para cá e conversa...conta sobre a vida da gente e elas escutam.

Coralina-Flor Algodão do Cerrado

Na frase em epígrafe, a Coralina-Flor Algodão do Cerrado demonstra uma carência: conviver com pessoas que tenham disponibilidade e interesse para escutar o que ela tem a dizer. Além disso, demonstra a satisfação em dialogar, em compartilhar sua narrativa. Para Maria Cecília de Souza Minayo (2008), a pesquisa de campo tem importância singular, pois é o momento privilegiado de aproximação da pesquisadora com a realidade a ser estudada, criando espaços de diálogo almejados por Flor Algodão do Cerrado:

O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelece uma interação com os atores que conformam a realidade e, assim, constroi um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social. (Minayo, 2008, p. 61)

Essa etapa foi realizada em dois momentos, com utilização de um instrumento específico em cada fase: uso do formulário socioeconômico no período de agosto/2023 a janeiro/2024 e realização de entrevistas nos meses de janeiro e fevereiro/2024. Os formulários (Apêndice I) permitiram traçar um retrato das associadas, com respostas objetivas sobre local e ano de nascimento, estado civil, escolaridade, família, renda e trabalho. Também conhecer a história de vida de cada associada, e a importância da Associação para suas vidas.

As entrevistas (Apêndice II) permitiram aprofundar a relação da associada com a leitura, os saberes das mãos, os direitos humanos e a cidadania. Conhecer a história de vida de cada uma delas, os desafios enfrentados, as superações e as transformações possibilitaram compreender os reflexos das ações em suas experiências pessoais.

As Mulheres Coralinas, no tocante à organização de suas atividades e considerando suas habilidades, aptidões, identificação com o ofício e afetos, se organizam em quatro grupos: 1. Bordadeiras; 2. Ceramistas; 3. Cozinheiras; e 4. Vocalizadoras. Esse é o modo como elas se dividem em grupos de *Whatssap* para dinamizar a comunicação e organização de atividades que ocorrem, muitas vezes, de forma setORIZADA.

A partir da análise inicial dos projetos apresentados a financiadores, dos relatórios parciais e finais, e da observação de algumas oficinas de saberes das mãos ofertadas nos últimos dez anos, escolhi usar essa categorização no formulário. Contudo, essa divisão mostrou-se insuficiente para assegurar a representatividade de todos os saberes das mãos. Uma associada, que se dedica ao ofício de bonequeira, não se sentiu contemplada e, por isso, se recusou a responder o formulário socioeconômico.

Já outra associada, que se dedica ao mesmo ofício, declarou no formulário socioeconômico pertencer ao grupo de bordadeira e durante a entrevista justificou sua escolha:

[...] aí cheguei lá, tinha as oficinas... então tinha oficina da palha, do bordado, da gastronomia, das bonecas, né? Eu falei “não, acho que eu quero fazer boneca!”, porque eu sempre achei bonito boneca de pano, né. “Eu quero fazer boneca”. Entrei, fiz a inscrição e tal e comecei. Só que de lá pra cá eu já aprendi a bordar um pouquinho, aprendi a fazer a palha, um pouquinho... De tudo. A gastronomia, a gente acaba fazendo e ajudando a Edina, não que eu faça algum prato especial, mas ajudo. O barro que eu ainda não me aventurei não, sabe? [risada] [...]. (Flor da Barriguda)

Importante frisar que, no primeiro curso de formação, realizado entre 2014 e 2016, foram oferecidas, separadamente, oficinas de confecção de bonecas e cursos de bordado, e, na loja, é possível encontrar uma variedade de bonecas de pano sendo comercializadas.

Figura 1 Bonecas de pano



Fonte: Acervo digital da Associação ASCORALINAS

Descrição da imagem: duas fotos, lado a lado, com bonecas produzidas pelas Coralinas. A foto à esquerda contém um boneco de pano do personagem menino verde, criado por Cora Coralina. O boneco tem corpo e cabelos verdes, orelhas pontudas, veste macacão azul e branco e está sentado. A foto à direita apresenta três bonecas de pano enfileiradas, sendo a mais ao fundo uma mulher negra de vestido bege, ao meio uma mulher branca que veste roupa branca e avental preto. À frente, uma mulher negra de blusa marrom e calça preta.

As entrevistas foram conduzidas por mim, autora deste trabalho, com auxílio da assistente de pesquisa Atenea Gómez, em duas etapas presenciais. A primeira etapa foi realizada em janeiro/2024 e a segunda em fevereiro/2024. Todas as entrevistadas assinaram Termo de Consentimento (Anexo) e autorizaram a gravação.

Os depoimentos foram transcritos com auxílio do *software Adobe Premiere Beta*, e as transcrições revisadas pela assistente de pesquisa, cujo nome constou no termo de consentimento, para garantir a ética e transparência no tratamento dos dados.

O roteiro de entrevistas semiestruturadas foi composto por cinco blocos de perguntas, articulados aos objetivos da pesquisa: 1) dados pessoais da entrevistada; 2) relação com a leitura; 3) relação com a Cidade de Goiás; 4) Significado de Cora Coralina e Leodegária de Jesus; 5) relação com a Associação.

Busquei investigar os aprendizados conquistados com o estudo da vida e obra de Cora Coralina e Leodegária de Jesus, principais referências literárias para as Mulheres Coralinas, bem como a relação da associada com a leitura, com a Cidade de Goiás e com a Associação. Neste texto, as entrevistadas foram identificadas com nomes de flores do

cerrado, pela relação próxima das Mulheres Coralinas com a natureza, principalmente a flora. Prova disso são as flores bordadas em objetos de pano e pintadas ou aplicadas em objetos de cerâmicas e o muro-jardim, morada de inúmeras espécies de plantas, construído com recursos arrecadados em homenagem a Jorge Luiz Ribeiro de Medeiros.

Figura 2 Fotos com referências a flores



Descrição da imagem: primeira foto, a esquerda, em um fundo laranja, uma mão segura uma xícara feita de barro marrom com flores pintadas em barro branco; na segunda foto aparece o muro feito de pedra com flores plantadas em cima e em sua frente um banco de madeira com pés de ferro; a terceira foto mostra a placa marrom com borda branca, afixada em um muro de pedra, com os dizeres em branco “muro da amizade Jorge Medeiros presente!”; na quarta foto à direita aparece uma bolsa cinza com flores e dizeres bordados em branco e verde.

Os nomes das flores são: flor de ipê, flor da barriguda, flor de flamboyant, flor de pequi, flor para-tudo, flor canela-de-ema, flor algodão do cerrado, flor orquídea colestênia, flor caliandra, flor de pau-da-terra. Os nomes das flores foram atribuídos por mim a cada entrevistada, de forma livre.

Quem são as Coralinas-Flor que compõem o jardim da tese? Primeiramente, são coralinas que responderam ao formulário. O segundo critério observado foi a disponibilidade da associada para participar da entrevista no período escolhido para sua realização. Em terceiro lugar, fez-se um esforço para garantir a representatividade das diversas faixas etárias, eixos de atuação, participação nos diferentes projetos, privilegiando-se as associadas fundadoras.

Se, como nos ensina Patricia Hills Collins (2019, 2022), a experiência das mulheres negras tem sido, historicamente, desconsiderada ou excluída dos processos de produção dos saberes, uma vez que os processos de validação do conhecimento são, comumente, definidos e controlados por homens brancos pertencentes às elites econômicas; e porque o conhecimento produzido por mulheres, em especial por mulheres

negras, tem sido subjugado exatamente por ser um conhecimento produzido por grupos subalternizados num cenário em que ainda são as relações de poder intrínsecas às relações sociais que determinam “[...] quem é considerado confiável e porque o é [...]” (2019, p. 140). Como podemos alcançar o conhecimento de como viver no mundo para além das teorias, como almeja bell hooks (2017)?

É justamente no pensamento de Patricia Hills Collins (2019, 2022) que encontramos a resposta para essa pergunta, pois, de acordo com ela, o enfrentamento ao processo de subjugação pressupõe a criação de formas alternativas de produção e de validação do conhecimento. Epistemologias, paradigmas e metodologias são conceitos-chave no processo de produção do conhecimento, sendo que os paradigmas abrangem “[...] abordagens interpretativas, como a interseccionalidade, que são utilizadas para explicar fenômenos sociais [...]” (Collins, 2019, p. 141). A metodologia refere-se “[...] aos princípios amplos de como conduzir uma pesquisa e como aplicar os paradigmas interpretativos [...]” (Collins, 2019, p. 141) e a epistemologia “[...] determina quais questões são dignas de serem investigadas, quais abordagens interpretativas serão utilizadas para analisar evidências e qual será a finalidade do conhecimento daí derivado” (Collins, 2019, p. 141).

As teorias e epistemologias clássicas ou tradicionais foram formuladas a partir da perspectiva de gênero, raça e classe a que pertencem seus formuladores. Logo, apresentam padrões de validade intrinsecamente relacionados a esses elementos, que definem o lugar social e hierárquico do indivíduo na sociedade e nas culturas. Conforme Patricia Hills Collins, as escolhas epistemológicas não são neutras, ao contrário, expressam as questionáveis formas de se determinar o que é verdade ou não (2019, p. 142). Aqui, reside a importância da criação de uma epistemologia feminista e feminista negra, que seja capaz de criar padrões de produção e de validação do conhecimento que valorizem a perspectiva de grupos subalternizados, em especial das mulheres negras. Dito de outro modo, o que a autora defende é a construção de um conhecimento que seja situado historicamente, geograficamente, social e racialmente.

Collins (2019, 2022) destaca a importância do conhecimento sobre as dinâmicas de opressões que se intersectam na vida da mulher negra, para buscar sua sobrevivência, e que não é considerado como *conhecimento válido* para o processo de produção de conhecimento científico, criado a partir de padrões hegemônicos. É, aqui, portanto, e

conforme a autora, princípio epistemológico fundamental “[...] a valorização da experiência, combinada com o emprego de imagens práticas como veículos simbólicos” (2019, p. 150). Em síntese, ganha espaço a experiência como critério de validação da produção do conhecimento, pois trata-se de um conhecimento necessariamente situado.

A autora também considera que as mulheres são mais propensas a acessar suas experiências no processo de formulação do conhecimento. O conhecimento, nessa perspectiva, seria derivado da experiência; e é justamente o compartilhamento de experiências o melhor modo de se compreender as ideias formuladas por uma pessoa. Aqui, a empatia gerada pelo compartilhamento da experiência será determinante para a compreensão das ideias formuladas.

Se para a gastronomia, as técnicas são utilizadas seguindo uma ordem lógica tendo em vista o objetivo, e os ingredientes são misturados em quantidades e proporções considerando o resultado almejado, na pesquisa temos técnicas e instrumentos que também são usados seguindo um raciocínio conduzido pelos objetivos.

Neste capítulo, foi possível conhecer um pouco do perfil das associadas, suas percepções sobre a Associação, os cursos, e as ações realizadas. As escolhas teóricas que guiaram as reflexões emergiram dos achados empíricos, assim como categorias de análise que auxiliaram na compreensão da relação entre literatura, direitos humanos e cidadania, comprovando a adequação das escolhas.

Na gastronomia praticada pelas Mulheres Coralinas, as receitas familiares e tradicionais, passadas de uma geração a outra, são revisitadas e atualizadas com ingredientes e técnicas novas, em busca de um resultado mais prático e contemporâneo. Do mesmo modo, os estudos realizados anteriormente, seus resultados e reflexões também foram referência para a busca de informações e novas conexões entre a realidade e a teoria.

3 MODELANDO O BARRO: ASSOCIAÇÃO ASCORALINAS

Meu desejo

Não quero o brilho, as sedas, a harmonia
Da sociedade, dos salões pomposos,
Nem a falaz ventura fugidia
Desses festins do mundo, tão ruidoso!

Prefiro a calma solidão sombria,
Em que passo meus dias nebulosos;
Sinto-me bem, aqui, à sombra fria
Da saudade de tempos mais ditosos.

Eu quero mesmo, assim, viver de lado,
Das multidões passar desconhecida,
Me alimentando de algum sonho amado.

Nada mais quero, e nada mais aspiro:
Teu casto afeto que me doira a vida,
Meus livros, minha mãe e meu retiro.

Leodegária de Jesus, em Orchídeas

Introdução

A formação em cerâmica ofertada pela Associação ASCORALINAS envolve a prática de manusear o barro atrelada a três etapas conceituais: a compreensão da geografia física, ou seja, os diferentes tipos de barro disponíveis na região e seus diferentes usos; o conhecimento da história – o uso tradicional do barro pelos diferentes povos que ocuparam a região onde se situa a Cidade de Goiás; e a busca por referências – inspiração no trabalho de outras artesãs, artistas plásticas, arquitetura e literatura.

Do mesmo modo, a narrativa aqui apresentada, no intuito de demonstrar as interfaces entre patrimônio histórico-cultural e emancipação cidadã das Mulheres Coralinas, seguirá as mesmas etapas da formação em cerâmica.

O capítulo está organizado em quatro seções que abordam: 1. Cidade de Goiás, sua geografia, história e cultura; 2. história da Associação, da primeira formação realizada em 2014 até o projeto finalizado em 2023; 3. principais obras literárias e a história de vida das autoras utilizadas como referência nos projetos; por fim, 4) notas conceituais sobre a leitura literária.

3.1 Territorialidade: notas sobre a Cidade de Goiás

E depois, quando você vê, olha para a cidade, olha para aquelas casas com outros olhos, é que você vê a beleza que é, não é?

Coralina-Flor Caliandra

Flor Caliandra, na frase em epígrafe, ao afirmar a beleza da Cidade de Goiás, refere-se à natureza que cerca a cidade e a arquitetura tombada, patrimônio cultural da humanidade. O estado de Goiás, situado na região Centro-Oeste do país, pode ser considerado, por sua posição geográfica, por seu bioma – o Cerrado –, e por sua hidrografia, o coração do Brasil. Isso porque, de acordo com o Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da Universidade de Brasília, as nascentes que formam nove bacias hidrográficas brasileiras, de um total de 12 bacias, estão localizadas nas terras altas do estado.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a arquitetura original da cidade, estilo barroco colonial, que retrata o período colonial, em especial o Ciclo do Ouro, está conservada em mais de 90% do seu território, sendo considerada patrimônio arquitetônico do século XVIII, o que ensejou o reconhecimento, em 14 de dezembro de 2001, como Cidade Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Se o desenho arquitetônico foi marcado pela influência estética europeia e construído por mãos negras e escravizadas, a cultura popular se desenvolveu com a essência dos saberes e sabores dos povos que habitaram a região – indígenas e africanos escravizados, e sem acesso ao conjunto urbanístico da cidade em formação.

A culinária, na qual se destacam os doces e as quitandas, envolve um fazer que passa de geração em geração, e é a economia de muitas famílias, sobretudo as chefiadas por mulheres. As doceiras e quitandeiras de Goiás desempenham uma função na economia produtiva do município e no imaginário dos habitantes e turistas, pois o doce se une aos versos de Cora Coralina, uma mulher que reconhecia no ato de cozinhar uma arte. A própria escritora registrou tal afirmação no poema *Quem é você?*, publicado no livro intitulado *Meu livro de cordel: meias confissões de Aninha*, cujo trecho transcreve-se a seguir.

Sou mais doceira e cozinheira do que escritora, sendo a culinária a mais nobre das artes: objetiva, concreta, jamais abstrata, a que está ligada à vida e à saúde humana. (Coralina, 2012, p. 12)

O empadão goiano, por sua vez, provoca a imaginação do paladar e atrai muitos visitantes à procura do seu sabor originário. Esse imaginário dos sabores, associado à arte poética de Cora Coralina, compõe a culinária vilaboense e os saberes e sabores locais. A culinária é um símbolo na vida de Cora Coralina, que, ao retornar à Goiás, em 1956, percebeu que o turismo poderia ser fonte de renda e começou a comercializar doces, garantindo o seu próprio sustento e sobrevivência. Assim, a vida e obra de Cora Coralina, acompanhada de Leodegária de Jesus, tornou-se referência para as Mulheres Coralinas.

De acordo com os dados da prefeitura, a Cidade de Goiás é formada por cinco distritos e 25 assentamentos, abrange uma área de 3 108,423 km², com uma população de 24.071 habitantes, sendo 12.471 mulheres. Possui 7.287 agricultores familiares e 1.080 famílias assentadas. Os dados disponíveis no *site* do IBGE, consultado em 20 de setembro de 2024 e baseados no Censo de 2022, indicam que 98,2% das crianças na faixa etária de 6 a 14 anos frequentam a escola, 15,98% da população (3.733 pessoas) encontram-se na faixa de 50 a 59 anos, 16,02% (3.857 pessoas) possuem algum tipo de trabalho e 34,7% da população (8.353 pessoas) possuem rendimento mensal per capita de até meio salário-mínimo, sendo o salário médio mensal dos trabalhadores formais de dois salários-mínimos. Esses dados indicam o seu envelhecimento e empobrecimento das moradoras de Vilaboa de Goiás.

Ainda de acordo com informações disponíveis no *website* da prefeitura, o município faz parte do território (ou microrregião) Vale do Rio Vermelho, que é composto por 17 municípios, incluindo Goiás, ocupa uma extensão territorial de 20.206,75 km² e possui uma população de 156.393 habitantes, dos quais 33.059 vivem na área rural, o que corresponde a 21,14% do total. Localizada entre as serras do Santa Galo, São Francisco e Serra Dourada, a Cidade de Goiás se destaca como destino turístico no coração do Brasil e tem sido, há mais de dois séculos, inspiração e tema constante de artistas dedicadas à música (sons), à poesia (palavras) e à artesanaria (mãos), produção essa que tornou a cidade nacionalmente conhecida. Entre artistas que tiveram a cidade como tema constante em sua obra, Cora Coralina, nascida Ana Lins do Guimarães Peixoto Bretas, se destaca como o maior expoente.

A Cidade de Goiás possui potencial para o turismo cultural em razão de sua história impressa nas edificações, o que permite uma experiência de imersão histórica a quem a visita. É um mostruário do Brasil oitocentista, situado dentro de um cenário topográfico singularmente bonito, dentro de um vale envolvido por morros verdes e ao sopé da Serra Dourada.

O município tem tradição na educação superior, com três *campi* universitários – Universidade Federal de Goiás, Universidade Estadual de Goiás e Instituto Federal de Goiás. O primeiro curso de Direito do estado de Goiás foi criado em 1898 e implantado em 1903, na Cidade de Goiás, então capital do estado.

Entre os equipamentos e órgãos públicos de promoção e defesa dos direitos humanos, em especial o direito das mulheres, destacam-se a o Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM) Brás Ramos Caiado, o Conselho Municipal das Mulheres, o Conselho Municipal de Cultura, as Secretarias Municipais da Mulher e da Cultura, a Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher e os órgãos do sistema de justiça – promotoria, defensoria pública e juizados.

A Casa Coralinas soma-se a esse coletivo de equipamentos sociais como mais um espaço de acolhimento e desenvolvimento de ações voltadas para o resgate e promoção da cultura e em defesa dos direitos humanos.

Como é comum nas cidades brasileiras, Goiás guarda contradições. A riqueza cultural e a exuberância da natureza contrastam com a desigualdade social, com a naturalização da violência contra mulher, crianças e adolescentes e com a discriminação racial, de gênero e classe. Algumas Mulheres Coralinas entrevistadas relataram a dificuldade de usufruir o que a cidade oferece e o sentimento de não pertencimento.

Você vê: eu nunca tinha entrado no Museu. Nunca tinha entrado no museu da cidade. Aí no projeto foi que nós visitamos o museu. (Flor Caliandra)

Aí, depois do projeto que eu passei a conhecer todos os patrimônios que a cidade tinha e hoje eu já me sinto como um patrimônio da cidade também. (Flor Orquídea Colestênia)

Essas falas me fazem refletir sobre o quanto ações de educação em direitos humanos, em que os temas desigualdade social, racismo, patriarcado, e instrumentos disponíveis para reivindicação de direitos, são oportunas no enfrentamento às contradições que marcam as cidades brasileiras.

3.2 História: formação de Mulheres Coralinas de 2014 a 2023

E aí eu entrei pra esse projeto e, quando acabou o projeto, as pessoas, todo mundo “e agora, o que é que nós vamos fazer com que nós aprendemos?” e aí montamos a Associação.

Coralina-Flor Barriguda

Na frase em epígrafe, Flor Barriguda apresentou o questionamento que marcou as participantes do primeiro curso de formação: o que fazer após uma intensa jornada de aprendizados? Dessa indagação, nasceu a Associação ASCORALINAS.

Entre 2014 e 2016, o Projeto Mulheres Coralinas moldou um caminho de fortalecimento para as 150 mulheres que participaram do primeiro curso de formação, deixando um legado que ressoa até os dias de hoje. Esse primeiro projeto de formação dedicou seus esforços na valorização e preservação da cultura local, promovendo cursos na área de artesanato e gastronomia, com enfoque nas tradições da cidade. Além disso, estendeu suas mãos para mulheres envolvidas em setores-chave da sociedade, como garis e professoras, reconhecendo a diversidade de papéis desempenhados por mulheres na cidade e valorizando essas ocupações (Siqueira; Camargo, 2016).

O Projeto Mulheres Coralinas iniciou-se em 2014, financiado pela Secretaria Especial da Mulher da Presidência da República (Presidenta Dilma Rousseff), que, à época, era vinculada ao gabinete da Presidência da República, por iniciativa conjunta do CEAM Brasilete Ramos Caiado e Secretaria de Cultura da Cidade de Goiás. O objetivo do grupo era salientar a importância de se dar uma atenção especial ao enfrentamento à violência doméstica e à necessidade de associar atividades profissionalizantes e de fortalecimento da participação social das mulheres à apropriação histórico-cultural do município Cidade de Goiás (Siqueira; Camargo, 2016).

Eleonora Menicucci, quando ocupava a direção da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, ressaltou a singularidade do projeto Mulheres Coralinas ao destacar a integração entre o fazer produtivo e a cultura identitária da histórica Cidade de Goiás.

O Projeto Mulheres Coralinas ousou imaginar, e colocar na prática, laços entre áreas específicas de trabalho como cultura, artesanato e gastronomia, articulando cadeias produtivas e oportunidades de trabalho e renda, com o conhecimento produzido pelas mulheres de Goiás. Mas não ficou aí: buscou integrar a produção das mulheres com a cultura de uma cidade centenária, que tem sua identidade marcada pela imagem inesgotável de Cora Coralina. (Siqueira; Camargo, 2016, p. 16)

Menicucci (2016) destacou, ainda, a importância de projetos como esse na busca pela autonomia econômica, social e política de mulheres em condições de vulnerabilidade. Trata-se, nas palavras da autora, de condição estruturante para o enfrentamento das desigualdades:

A garantia da autonomia econômica e social das mulheres é condição estruturante para a transformação das condições de vida e das desigualdades vividas por elas. É essencial que possam prover seu próprio sustento e decidir por sua própria vida. Ao mesmo tempo, a autonomia econômica das mulheres está relacionada ao tempo utilizado para a realização de diversas tarefas domésticas e de cuidados, o que torna indispensável o debate sobre a divisão sexual do trabalho. (Siqueira; Camargo, 2016, p. 16)

Os cursos profissionalizantes foram realizados nas áreas de artesanato e gastronomia, reconhecendo, historicamente, os saberes e sabores ancestrais da cultura e da culinária da Cidade de Goiás. A prática artesanal e sua valorização são atributos essenciais à produção das Coralinas, sendo denominada por elas de “saberes das mãos”.

A poesia de Cora Coralina foi utilizada como fio condutor para aprendizagens e trocas de experiências sobre os bens culturais que permearam o projeto. Ebe Maria Lima Siqueira e Goiandira Ortiz de Camargo afirmaram tratar-se de uma convocação ao pertencimento e à identidade, tendo em vista a cultura local, sua história e sua gênese. Destacaram, ainda, a beleza e a grandeza da experiência de acesso aos bens culturais:

[...] as narrativas a que as mulheres deram voz; a leitura da poesia, da vida e da mulher que foi Cora Coralina; as ruas; os casarios e os museus da cidade [...] tudo sendo visto pela primeira vez por muitas delas, porque apesar de serem moradoras da Cidade de Goiás, o olhar ainda não tinha sido convocado, pela beleza e vontade, ao pertencimento, à identidade do lugar e da sua gente. (Siqueira; Camargo, 2016, p. 16)

Além disso, foram realizadas rodas de conversas sobre temas de interesse do grupo: sexualidade, equidade de gênero, interseccionalidade, economia solidária, direitos humanos, direito à literatura, direito reprodutivo, associativismo, cooperativismo, saúde da mulher, identidade de gênero, leis de proteção à mulher, entre outros.

Verifica-se, assim, que o projeto de formação e capacitação das Mulheres Coralinas foi estruturado em três eixos, que podem ser denominados de: 1. formação nos saberes das mãos; 2. formação de leitoras literárias; 3. formação política e em direitos humanos. Essa estrutura manteve-se nos projetos realizados posteriormente e tornou-se a estrutura fundante e marca da formação e da atuação das Mulheres Coralinas.

O livro *Mulheres Coralinas* (Siqueira; Camargo, 2016) traz, ao final, o perfil

socioeconômico das participantes da 1ª edição do Projeto de Formação Mulheres Coralinas. Essas informações apresentam um retrato das primeiras Coralinas e, posteriormente, fundadoras da Associação. Os gráficos constantes no livro apresentam apenas o percentual, reproduzidos nas tabelas a seguir.

Tabela 1 Mulheres Coralinas segunda a faixa etária em 2014

Faixa Etária	%
Até 30 anos	2
Entre 31 e 40 anos	12
Entre 41 e 50 anos	15
Entre 51 e 60 anos	39
Entre 61 e 70 anos	19
Entre 71 e 80 anos	9
Resposta em branco	4
Total	100

Fonte: (Siqueira; Camargo, 2016)

De acordo com a Tabela 1, a maioria das cursistas encontrava-se na faixa etária entre 40 e 70 anos, indicando um maior interesse de mulheres na fase da maturidade por capacitações.

Tabela 2 Mulheres Coralinas segunda a raça em 2014

Cor da pele	%
Branca	22
Parda	58
Preta	18
Indígena	0
Resposta em branco	2
Total	100

Fonte: (Siqueira; Camargo, 2016)

A Tabela 2 demonstra a predominância de mulheres negras, 76% se somadas as autodeclaradas pretas e pardas. As brancas representavam 22% do coletivo.

Tabela 3 Mulheres Coralinas segundo o estado civil em 2014

Estado civil	%
Solteira	20
Casada no cartório	42
Casada morando junto (união estável)	9
Separada/Divorciada	17
Viúva	10
Resposta em branco	2
Total	100

Fonte: (Siqueira; Camargo, 2016)

Percebe-se, pela Tabela 3, um número significativo de mulheres que possuíam companheiros. Somadas as casadas e as em união estável, tem-se o percentual de 51%, ou seja, a maioria. As mulheres sem companheiros, representadas nas categorias solteira, separada/divorciada e viúva alcançam o percentual de 47%.

Tabela 4 Mulheres Coralinas segundo a escolaridade em 2014

Escolaridade	%
Não estudou	1
Estudo incompleto	4
Ensino fundamental I	9
Ensino fundamental II	18
Ensino médio	27
Ensino superior	25
Especialização	15
Resposta em branco	1
Total	100

Fonte: (Siqueira; Camargo, 2016)

Em relação aos estudos, tem-se um bom nível de escolaridade, com 67% das participantes com 2º grau completo (somadas as categorias ensino médio, superior e

especialização) e 85% com ensino fundamental completo (somadas as categorias ensino fundamental II, médio, superior e especialização). Apesar do curso não exigir escolarização formal, despertou o interesse de mulheres com bom grau de escolarização.

Tabela 5 Mulheres Coralinas segundo a renda em 2014

Renda	%
Inferior a 01 SM	13
01 SM	33
Entre 01 e 02 SM	26
Mais de 02 SM	23
Resposta em branco	5
Total	100

Fonte: (Siqueira; Camargo, 2016)

A Tabela 5 demonstra que 13% das participantes possuíam renda inferior a um salário mínimo e 82% possuíam renda igual ou superior ao salário mínimo. O livro não trouxe informações sobre a composição ou origem da renda, o que auxiliaria a identificar o quantitativo de mulheres com trabalho formal, informal, aposentadas, pensionistas e, especialmente, as que já trabalhavam com os saberes das mãos como fonte principal ou única de renda, ou como complementação.

Descrevendo a imagem construída a partir dos dados quantitativos coletados em 2014, à época da 1ª edição, observa-se que as participantes da primeira formação eram majoritariamente pardas, com idade entre 50 e 60 anos, ou seja, nascidas na década de 1950, casadas, com ensino médio completo e com renda mensal de um salário-mínimo.

Entre as integrantes dos primeiros ciclos de capacitação, como já dito, destaca-se a participação das mulheres garis, responsáveis pela limpeza e coleta urbana, pertencentes a uma categoria profissional estigmatizada, e desvalorizada, a despeito do serviço essencial que prestam à sociedade. À natureza do trabalho, somam-se os marcadores de raça, classe, gênero e escolaridade. A interseccionalidade entre esses marcadores agudiza a condição de vulnerabilidade social, subalternização e inferiorização a que estão sujeitas essas mulheres.

O projeto enfatizou a importância do trabalho das participantes para a preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural local, para o fortalecimento da economia municipal lastreada no turismo e, como consequência, valorizando a ocupação de mulheres pobres e invisibilizadas. E foi dividido em seis módulos de formação, contando com um eixo transversal, conforme o Quadro 7 a seguir:

Quadro 7 Cronograma do 1º Curso de Formação de Mulheres Coralinas Ano 2014

Módulo I	Gastronomia: confecção de doces e quitandas
Módulo II	Artesanato: confecção de bordado
Módulo III	Artesanato: confecção de bonecas
Módulo IV	Artesanato de fibras naturais
Módulo V	Artesanato em Cerâmica
Módulo VI	Leitura e escrita criativa para educadoras e garís
Eixo Transversal	Leitura, cultura popular, direito e cidadania
Evento	Missão técnica em Diamantina
Exposição	Memória das Mulheres Coralinas: fotos e objetos

Fonte: autoria própria (2024). Quadro elaborado com base no livro *Mulheres Coralinas* de Ebe Maria de Lima Siqueira e Goiandira Ortiz de Camargo, publicado em 2016.

No âmbito da gastronomia, as participantes aprenderam técnicas da culinária vilaboense, como a produção de doces e quitandas, a exemplo dos famosos pastelinhos e empadão goiano. As áreas de artesanato incluíram o bordado, a cerâmica, a confecção de bonecas e a confecção de joias em fibras naturais – biojoias.

A formação literária, o acesso aos bens culturais da Cidade de Goiás e a formação em direitos humanos e cidadania foram eixo chave e transversal que possibilitou a ampliação do horizonte dessas mulheres por meio da leitura compartilhada e vocalização de poesias, visitas a museus e sítios históricos da cidade. A literatura proporcionou sessões de leitura mediada e vocalização de poesias. Dessa experiência, nasceu o grupo de vocalizadoras de poesia, chamado *Vozes Coralinas*, cuja atuação extrapola os limites da Cidade de Goiás, com apresentações em diferentes eventos em Goiânia.

A formação em direitos humanos e cidadania propiciou a realização de rodas de conversas e palestras sobre temas variados, como associativismo, cooperativismo, empreendedorismo, e encontros sobre segurança e saúde no trabalho. Foram também realizados passeios educativos pelos principais pontos turísticos da cidade.

Durante dois anos, 150 mulheres receberam capacitação nas áreas de artesanato – cerâmica, palha, bordado manual, confecção de bonecas, gastronomia, leitura e educação ampliando horizontes com a participação de mulheres garis, que especialmente receberam e compartilharam leituras da poesia de Cora Coralina, orientações sobre saúde e segurança no trabalho, cuidados básicos necessários para se protegerem e guardar com zelo o nosso patrimônio material. (Siqueira; Camargo, 2016, p.13)

O projeto conectou as participantes à herança cultural de Cora Coralina, utilizando sua literatura como base para as atividades. A conexão com a obra da poeta enriqueceu as criações artísticas das participantes e fortaleceu o sentido de identidade e pertencimento, proporcionando uma base cultural sólida (Gómez, 2023).

Após o ciclo de formação, que durou aproximadamente dois anos, com caráter de política pública vinculada à prefeitura da Cidade de Goiás, veio o desafio de comercialização dos produtos, da formação continuada e da inserção de novas mulheres ao coletivo Mulheres Coralinas. Esses desafios foram enfrentados com a criação da Associação Mulheres Coralinas (ASCORALINAS) e com a inauguração de uma loja no Mercado Municipal de Goiás, em 2016, com os Projetos Saberes das Mãos, em 2019 e 2020, com a abertura da sede Casa Coralinas, em 2021, e com o Projeto Mais um Sem Dor, em 2023.

O encerramento do projeto em 2016 marcou o início de um legado de formação de Coralinas com a fundação da ASCORALINAS. O Quadro, a seguir, apresenta as principais realizações das Mulheres Coralinas, desde o primeiro projeto de formação até o final do ano de 2023.

Quadro 8 Linha temporal das ações da Associação ASCORALINAS

2014	Projeto Mulheres Coralinas
2016	Criação da Associação e inauguração da loja
2019	Projeto Saberes das Mãos 1
2020	Projeto Saberes das Mãos 2

2021	Inauguração da Casa Coralinas
2023	Projeto Mais um Sem Dor

Fonte: autoria própria (2023).

O encerramento oficial do 1º projeto, com certificação das participantes, ocorreu no dia 20 de maio de 2016 em uma cerimônia realizada no auditório da Universidade Estadual de Goiás, *Campus* Cora Coralina. Oportunidade em que também ocorreu a posse da diretoria da Associação Mulheres Coralinas, marcando oficialmente o início de suas atividades.

A presença de autoridades, como a prefeita do município, a coordenadora do CEAM, secretarias municipais, representantes do Poder Judiciário local e integrantes do Poder Legislativo municipal, evidencia o reconhecimento institucional e a relevância do projeto para as mulheres vilaboenses. O evento demonstrou uma celebração vibrante das conquistas alcançadas por essas mulheres que ousaram sonhar e enriquecer a sua força a partir do associativismo (Projeto Mulheres Coralinas se encerra com grande evento de certificação e posse de sua Associação, 2016).

Como parte das celebrações de conclusão do projeto, foi realizada uma exposição artística no Museu das Bandeiras intitulada *Memória das Mulheres Coralinas: fotografias e peças*, com objetos confeccionados pelas Mulheres Coralinas e 27 fotografias que registraram o processo formativo delas. Esses elementos revelaram de maneira tangível e visual o processo de criação ao longo dos dois anos de formação, oferecendo uma perspectiva palpável das realizações das mulheres envolvidas no Projeto Mulheres Coralinas. O evento foi destaque no *site* oficial do IBRAM, com a reportagem intitulada *Museu das Bandeiras recebe mostra Memória das Mulheres Coralinas* (2016).

Como indicado no Quadro 8, ainda em 2016, ocorreu a inauguração da sala "Mulheres Coralinas" durante a programação do 1º Festival de Sabores no dia 20 de dezembro. A sala, em verdade uma loja, representa a concretização da Associação como proposta de empreendimento solidário, uma vez que é nesse espaço de acesso privilegiado, no bloco A do Mercado Municipal, que elas passaram a comercializar seus produtos. Novamente, as Coralinas foram destaque no *site* da prefeitura municipal. (Inauguração da sala "Mulheres Coralinas" no Mercado Municipal, 2016).

A loja está em pleno funcionamento desde então, com gestão compartilhada pelas integrantes da Associação, e, além de um ponto de venda de produtos artesanais, é um espaço de encontros, trocas de saberes e informações entre as Mulheres Coralinas, que comumente são vistas ali conversando, lendo e bordando.

Em maio de 2017, acompanhando a proposta de registrar a memória do projeto, foi lançado o livro *Mulheres Coralinas*. Essa iniciativa foi realizada pela Prefeitura Municipal de Goiás, por meio do CEAM e da Secretaria Municipal de Cultura. A prefeitura noticiou a publicação em seu *website*, com a notícia *Prefeita Profa. Selma Bastos participa do lançamento do livro Mulheres Coralinas (2016)*. *A análise do sumário da publicação já indica a riqueza do registro histórico*. O livro é dividido em nove seções, acompanhados de registros fotográficos das diversas etapas do projeto, das peças produzidas e eventos realizados. Paralelamente ao seu lançamento, em junho de 2017, a prefeitura de Goiás promoveu, em frente à loja da Associação, a estreia da produção audiovisual *Mulheres Coralinas e Tertúlia Vilaboense*. Na ocasião, a cidade testemunhou a apresentação do vídeo, acompanhada das declamações de poesia das Mulheres Coralinas, especialmente das integrantes do grupo de vocalizadoras (Lançamento do vídeo *Mulheres Coralinas e Tertúlia Vilaboense*, 2017).

Em julho do mesmo ano, a participação das Coralinas no Festival Fatura foi uma oportunidade de expandir sua presença para além do Centro-Oeste. O evento foi organizado pela Fatura Brasil, plataforma digital brasileira de produção de conteúdos e experiências culinárias, que realiza expedições de pesquisas gastronômicas por todo país. As expedições são intituladas de Expedição Fatura e o Festival Fatura é o evento em que se apresenta o resultado das pesquisas que ocorrem em determinado ano.

Em 2017, o Festival Fatura ocorreu no Jockey Club de São Paulo e se destacou por exibir a riqueza e diversidade da culinária brasileira. Com participação de profissionais da gastronomia de todos os estados brasileiros, o festival ofereceu mais de oitenta atrações culinárias e espaços destinados a apresentações artísticas e as Coralinas foram as únicas representantes do estado de Goiás.

Durante o evento, as Mulheres Coralinas, representadas pelas Coralinas e Ebe Maria de Lima Siqueira e Edina Maria Alvez Ázara, tiveram a oportunidade de compartilhar a receita do doce de coco em formato de flor e de apresentar, por meio de degustação, alguns produtos da culinária tradicional goiana, como o doce de mamão, de

figo e de laranja da terra, de acordo com reportagem do Jornal Folha de São Paulo, edição de domingo, 9 de julho de 2017, Especial Folha Fartura. Encontra-se arquivado no acervo documental.

Esses doces, produzidos e comercializados por Cora Coralina em vida, servem como inspiração para as Mulheres Coralinas. A atuação delas no Festival Fartura e no Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA) evidencia a relação estreita entre formação profissionalizante e a apropriação simbólica das tradições goianas.

Figura 3 Doce Flor de Coco



Fonte: Acervo digital da Associação

Descrição da imagem: Foto de uma cesta de palha com rosas ao centro nas cores branca e rosa, feitas de tiras de coco e açúcar, com folhas verdes ao redor para decorar.

Para dar continuidade ao ciclo de formações e possibilitar o ingresso de novas mulheres na Associação, firmou-se uma parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e com Ministério Público do Trabalho de Goiás (MPT/GO). Essa articulação possibilitou aportes financeiros para o financiamento dos dois projetos intitulados Saberes das Mãos, beneficiando não apenas as associadas, mas também outras cinquenta mulheres da Cidade de Goiás e municípios próximos.

O Projeto Saberes das Mãos, aprovado pela OIT em parceria com o MPT/GO, em 2019, objetivou oferecer oportunidades de aprendizado e capacitação para as associadas e para mulheres da região de diferentes idades, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades nas áreas de artesanato e gastronomia e proporcionando geração de renda para as participantes (Siqueira, 2021).

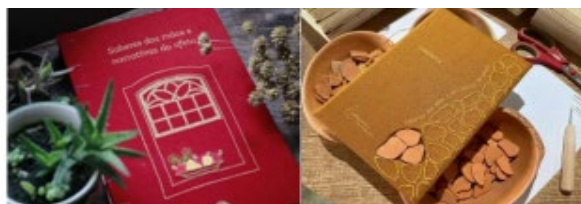
Entre os produtos da ação, destacou-se a coleção de livros *Saberes das Mãos, Narrativas de Afeto*, documentando receitas tradicionais goianas, relatos autobiográficos das mestras Coralinas e fotos, demonstrando a riqueza cultural e as experiências das Mulheres Coralinas. A coleção foi noticiada pelo jornal Diário da Manhã em 28 de

novembro de 2023, em reportagem assinada pelo jornalista Wellinton Carlos, ressaltando sua importância para o resgate cultural das tradições vilaboenses e para a visibilidade das Mulheres Coralinas.

A coralina Flor Para-Tudo, em seu depoimento, ressaltou o sentimento de ver sua história publicada em um livro:

Olhei assim e falei assim: “será que é eu que estou ali?” [risada]. Porque é muito bonito, muito bonito de se imaginar que você começa uma história. Você tem que ter uma história. A pessoa em si, ele não tem história, ele é uma pessoa oculta mesmo, não é conhecido, não sabe nem quem é essa pessoa. Então, eu, na hora que abro o livro e eu olho assim, porque eu tenho em minha casa também, que eu ganhei, e vou lá na sala mesmo uma das outras vezes que eu já mostrei, e eu não lembro, mas a pessoa me procurou “cadê você?” Ai falei, “tô no meio dessas aqui, vamos procurar? Aqui, eu aqui”. Assim, então até eu mesmo não me acredito que eu estou naquele livro e eu estou nesse livro não sei como, mas eu estou. (Flor Para-Tudo)

Figura 4 Fotos dos livros 1 e 2 da Coleção Saberes das Mãos



Fonte: Acervo digital da Associação

Descrição da imagem: na imagem à esquerda, um vaso branco com uma planta suculenta de cor verde, ao lado, um vaso menor preto também com uma planta suculenta verde, próximos de um livro de capa vermelha com ilustração em dourado de uma janela com uma cesta de frutas no peitoral; na imagem à direita, em uma mesa de madeira clara, encontra-se uma folha de papel branco, com duas pequenas tigelas de barro em cima; dentro das tigelas estão pequenas peças arredondadas de barro; um livro de capa marrom, com linhas bordadas e pequenas peças arredondadas de barros aplicadas está apoiado em cima das duas tigelas.

De acordo com o jornalista, o primeiro livro da coleção foi publicado em 2019 e reuniu narrativas de mestras culinárias, destacando receitas tradicionais da Cidade de Goiás, fotos e relatos das mestras.

O primeiro livro da coleção reuniu 22 das mestras, as de ontem e as de agora, mulheres que são poemas encarnados, paisagens anônimas incrustadas no coração do Brasil. “Agora minha história está guardada para outras pessoas saberem como eu criei meus filhos fazendo bolo de arroz e empadas, e isso me dá muito orgulho”, relata dona Juraci, uma das mestras cuja receita está no livro. Dona Adelaide, doceira cuja

receita abre o livro, chorou quando ouviu alguém ler para ela sua história, registrada em letra de forma, num livro de capa vermelha. Dona Maria Sebastiana, também partícipe do livro, fez questão de encaminhar a publicação para os parentes que moram em outros estados – o que revela o poder simbólico que guardam os livros, como nos lembra Pierre Bourdieu. (Wellinton, 2023)

Em relação ao segundo volume, Wellinton Carlos afirma que o livro abordou histórias de vida das mestras ceramistas, com relato autobiográfico e fotos, sendo confeccionado durante a pandemia do coronavírus e publicado em 2022.

No segundo livro da trilogia foram reunidas histórias de 17 ceramistas que, juntas, encarnam a história dessa arte centenária da Cidade de Goiás. Prejudicado pelo período da pandemia de covid-19, o segundo volume pôde ser publicado somente em dezembro de 2022. Uma espécie de árvore genealógica foi desenhada, comprovando ser do povo negro a maior influência no que ainda hoje se produz nos quintais das chamadas paneleiras de Vila Boa. O mapa afetivo construído, ouvindo as 17 entrevistadas, revela ser a cerâmica um ofício gregário, com forte viés feminino”, esclarece Ebe. (Wellinton, 2023)

Sobre o terceiro volume, o jornalista esclarece que abordará as histórias das mestras bordadeiras e, como as edições que o antecedem, será produzido artesanalmente.

A Associação Mulheres Coralinas (Ascoralinas), da Cidade de Goiás, está envolvida em um processo que envolve criatividade e ternura: a gestação do terceiro livro da entidade. “Neste momento, estão sendo recolhidas, de forma afetiva, as narrativas das bordadeiras, num exercício de paciência para que nenhum fio fique solto e uma bonita trama nos dê conta da beleza desse ofício feito de delicadezas”, explica a organizadora da trilogia, a professora Ebe Siqueira, que também exerce a função de secretária-executiva de Ascoralinas. (Wellinton, 2023)

Ao registrar por meio da literatura seus saberes e suas histórias, a Associação continua a destacar elementos culturais e sociais que transcendem as práticas artesanais, consolidando uma narrativa coletiva, incluindo relatos que destacam a importância cultural e social das práticas tradicionais. A trilogia é uma extensão do compromisso da ASCORALINAS em valorizar a memória, desempenhando um papel essencial na preservação das tradições tanto de outrora, como as do cotidiano das associadas e da própria Cidade de Goiás.

Este livro apresentava um diferencial, a montagem das páginas e da capa, aliando o bordado e a costura, foram realizadas pelas Mulheres Coralinas. Ou seja, ele foi feito artesanalmente com a mentoria, em todas as etapas, da professora Keila Alves. Desse modo, foi um trabalho de muitas mãos, em que cada integrante da Associação pode se sentir

responsável por uma parte do produto que guarda não somente receitas, mas histórias de vidas que se entrelaçam. (Paiva, 2023, p. 77)

O primeiro projeto “Saberes das Mãos – Cidadania cultural e formação para as Mulheres Coralinas –, realizado em 2019, objetivou capacitar 150 mulheres, de forma direta, e suas famílias, de modo indireto, sobre práticas de artesanato, bordado, cerâmica, gastronomia, construção de bonecas e encadernação manual, contribuindo para o alcance da autonomia financeira de mulheres trabalhadoras de baixa renda, bem como para a igualdade de gêneros e inclusão de mulheres no mercado de trabalho.

O coletivo Mulheres Coralinas promoveu também a afirmação da memória dos saberes e fazeres que compõem a identidade vilaboense e, em maior escala, a identidade do povo goiano e possibilitou o acesso das participantes à cidadania cultural, por meio da preservação do patrimônio imaterial da Cidade de Goiás, com o resgate de receitas antigas e a produção de peças de argila inspiradas nas obras do artista plástico Veiga Valle. Veiga Valle foi um artista goiano que esculpia imagens usando o cedro, sua espécie preferida de madeira para a escultura. Parte de sua obra está hoje no Museu da Boa Morte, na Cidade de Goiás. Informações sobre sua vida e obra podem ser encontradas no *site* Guia das Artes.

O conceito de cidadania cultural é desenvolvido por Marilena Chaui (2021) e se refere ao pleno exercício dos direitos culturais previstos na Constituição Federal em seu artigo 215, e a fruição de bens culturais em suas múltiplas dimensões.

Constituição Federal - Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

Tomando a leitura como um ato político, a primeira edição do *Saberes das Mãos* viabilizou a distribuição do livro *Lavra dos Goiasés II* – Leodegária de Jesus (2019), coleção de poemas da poeta goiana citada no título, organizada por Darcy França Denófrio. Neste movimento, foram realizadas rodas de conversa em que a vida e a obra da poeta foram lidas, coletivamente, e, depois, incorporadas às peças artesanais produzidas pela Associação.

A escolha de Leodegária de Jesus como inspiração se deu por ser ela a primeira mulher a publicar um livro no estado de Goiás, o que ocorreu no ano de 1906. E, por ser

também uma mulher negra, o intuito foi de reforçar o pioneirismo de uma goiana que enfrentou preconceitos de gênero e raça, proposta esta que faz parte das estratégias de empoderamento buscadas pela Associação.

Com a publicação do livro *Saberes das mãos e narrativas do afeto*, com relatos das Coralinas do módulo do bordado, o projeto permitiu a superação dos horizontes de origem de mulheres simples, do povo, que passaram da condição de leitoras para a de autoras de suas próprias histórias. Além da formação profissionalizante e das ações de fortalecimento da cidadania cultural, as participantes receberam formação em temas importantes para a emancipação feminina, como gênero, raça e suas interseccionalidades, direitos humanos, decolonialidade, economia solidária e criativa, sustentabilidade, associativismo, entre outros.

Inicialmente, as atividades do projeto eram presenciais. Entretanto, em 2020, os protocolos de saúde demandaram uma adaptação e foi necessário adequar as atividades presenciais para um formato remoto. Essa flexibilidade possibilitou que as mulheres continuassem a desenvolver suas habilidades mesmo durante o isolamento social, evidenciando a resiliência do projeto diante de adversidades (Siqueira, 2021).

A formação abordou técnicas manuais e aprofundou temas relacionados à cidadania cultural, visando o empoderamento das mulheres não apenas em suas habilidades artesanais, mas também no entendimento de seus direitos e participação na vida pública (Paiva, 2023).

A segunda edição do projeto *Saberes das Mãos – Leitura, Pontes Digitais e Cidadania* foi realizada, em 2020, à distância, em decorrência da pandemia do coronavírus. A inserção de mulheres, nessa nova fase, se deu por meio de busca ativa por interessadas em participar das formações.

A parceria com o Centro de Atendimento Especializado à Mulher (CEAM), que assiste mulheres vítimas de violência, dos serviços socioassistenciais responsáveis pela atenção a mulheres em situação de vulnerabilidade, e da Pastoral da Saúde, que desenvolve atividades com mulheres do campo, foi fundamental na inscrição das mulheres assistidas por seus programas de acolhimento e pela atuação direta das integrantes da ASCORALINAS na divulgação da ação e na indicação de novas participantes.

Foram inscritas cento e quarenta mulheres residentes da área urbana e rural da Cidade de Goiás, e de outros municípios da região, como Mozarlândia, Itauçu, Itaberaí, Itapirapuã, Nerópolis, Aparecida de Goiânia, Faina, Anápolis e Formosa. Além disso, a perspectiva virtual possibilitou a inscrição de uma mulher residente em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul.

Desse conjunto, cento e trinta e cinco mulheres permaneceram no projeto de formação após o início das atividades. Ou seja, apesar dos inúmeros desafios que a pandemia impôs e das dificuldades de acesso e adesão ao formato virtual, verificou-se uma evasão muito baixa.

O perfil socioeconômico das participantes da segunda edição do projeto Saberes das Mãos foi descrito no relatório parcial entregue aos financiadores. Apresento os dados nas tabelas a seguir:

Tabela 6 Mulheres Coralinas segundo a raça em 2020

Raça	F	%
Pardas	62	46
Pretas	27	20
Branças	38	28
Amarelas	8	6
Total	135	100

Fonte: Acervo documental da Associação

A leitura da Tabela 6 demonstra que as participantes eram, em sua maioria, mulheres pardas e, se somadas às autodeclaradas pretas, as mulheres negras alcançaram 66% das integrantes do curso de formação, enquanto as mulheres brancas ficaram no patamar de 28%, seguidas pelas amarelas com 6%.

Tabela 7 Mulheres Coralinas segundo a escolaridade em 2020

Escolaridade	F	%
Ensino fundamental	29	21
Ensino médio	41	30
Graduação	65	49
Total	135	100

Fonte: Acervo documental da Associação

A Tabela 7 registra a expressiva escolaridade de mulheres com graduação (48%), seguidas por aquelas com ensino médio (30%) e, por fim, as que declararam possuir ensino fundamental (22%). Importante destacar que não ficou registrado tratar-se de ciclo educacional iniciado ou concluído. Ainda, o bom nível de escolaridade não exclui as vulnerabilidades a que estão sujeitas.

Tabela 8 Mulheres Coralinas segundo a empregabilidade em 2020

Empregabilidade	F	%
Desempregadas	54	40
Empregadas	81	60
Total	135	100

Fonte: Acervo documental da Associação

Interessante observar na Tabela 8 que apesar de 60% estarem empregadas, um número significativo de mulheres (40%) estava desempregado. Esse cenário revela a dificuldade de inserção de mulheres no mercado de trabalho local.

De acordo com os documentos do projeto, não se fez distinção entre emprego formal e informal, de modo que as entrevistadas, possivelmente, consideraram como “empregadas” a realização de qualquer atividade remunerada, seja com vínculo, seja sem vínculo empregatício.

Importante destacar que a maioria das mulheres graduadas do coletivo ou estavam desempregadas ou não trabalhavam na sua área de formação. Em relação à empregabilidade, a grande maioria era autônoma, isto é, sem vínculo empregatício, e atuava com artesanato, como diarista ou comercializando doces e quitandas. Dentre as mulheres que trabalhavam, 54 eram autônomas, e apenas 27 possuíam vínculo empregatício (Siqueira; Camargo, 2016).

Apesar da importância da informação acima e do impacto dela na vida das mulheres cadastradas no projeto, elas apresentaram vulnerabilidades que vão além dos critérios de renda e escolaridade, e que se expressam pela violência doméstica, depressão, solidão, entre outros. Constatou também no levantamento uma pergunta sobre deficiências, ou seja, se a interessada possuía algum tipo de deficiência, como demonstra a Tabela 9.

Tabela 9 Mulheres Coralinas e a condição de pessoa com deficiência em 2020

Deficiências	F	%
Pessoas com deficiência (PCD)	4	3
Pessoas sem deficiência (PSD)	131	97
Total	135	100

Fonte: Acervo documental da Associação

Percebe-se a presença de 4 mulheres com deficiência, sem especificação de suas deficiências. Essa informação seria importante para se pensar em acessibilidade e adaptações das atividades pedagógicas. Além disso, possibilitou refletir sobre o interesse de pessoas com deficiências em capacitações e garantir o acesso delas aos cursos.

Ao indagar a condição de pessoa com deficiência, é necessário questionar o tipo de acessibilidade e necessidades específicas para que as adaptações sejam feitas de forma personalizada, garantindo o acesso e o aproveitamento da pessoa ao curso que se oferece. Cada pessoa com deficiência é única e demanda especificidades particulares em suas adaptações. Por isso, determinar o tipo de acessibilidade necessária para favorecer a eficiência e o aprendizado é tão importante.

O Módulo do Bordado Manual permitiu a geração de renda de modo direto para as 62 mulheres que integraram esse eixo de formação profissionalizante. Elas receberam, em suas casas, o material a ser bordado, evitando os deslocamentos e garantindo o cumprimento dos protocolos sanitários. Entre as peças que foram bordadas, consta a confecção de máscaras de proteção com fragmentos de poesia, por encomenda do Ministério Público do Trabalho em Goiás.

Figura 5 Máscaras de proteção confeccionadas durante a pandemia



Fonte: Acervo digital da Associação, montagem de autoria própria (2024)

Descrição da imagem: duas imagens, lado a lado, ambas com máscaras de proteção bordadas no período da pandemia do coronavírus. À esquerda, está a foto de fundo bege, com duas máscaras de proteção sobrepostas, com dizeres bordados em azul e flores bordadas de cores variadas. Na foto à direita, consta um fundo bege, com 5 máscaras de proteção sobrepostas; ao fundo, uma máscara branca, seguida de uma preta, duas brancas e, por último, uma preta com dizeres bordados em azul e flores bordadas em vermelho e branco.

No Módulo de Cerâmica, um grupo de Mulheres Coralinas foi capacitado na produção de objetos de barro, entre eles, biojoias. O grupo produziu uma linha de bijuterias e deram o nome de Coleção Vila Boa, uma vez que as peças foram inspiradas no casario colonial da Cidade de Goiás.

Figura 6 Biojoias e itens de cozinha de cerâmica



Fonte: Acervo digital da Associação, montagem de autoria própria (2024)

Descrição da imagem: Montagem com quatro fotos de objetos de cerâmica, descritos da esquerda para direita: um pingente de casario acomodado sobre uma pedra; em seguida, uma foto com 2 colares de fio de aço com pingentes quadrados de cores variadas; na sequência, uma mesa com forro branco e flores coloridas bordadas, com um prato de barro em cima, pintado meio a meio de vermelho e branco e com detalhes de flores pintadas, e por cima do prato uma pequena tigela no mesmo padrão de cores e desenhos; por fim, na ponta direita, uma foto de fundo verde com uma tigela pequena à esquerda e uma tigela grande à direita, ambas feitas com barro amarelo, no formato oval e com aplique de flor modelada em barro.

As mulheres inscritas no Módulo da Encadernação ajudaram na montagem dos dois primeiros títulos da Coleção Saberes das Mãos e Narrativas de Afeto, com relatos do grupo da gastronomia e da cerâmica. As Coralinas receberam formação em formato remoto, com aulas do Ateliê Velho Livreiro da cidade de São Paulo. Os títulos foram feitos de forma artesanal, garantindo a participação das mulheres que se especializaram em encadernação artesanal de livros e cadernos (ver figura 4).

No Módulo da Gastronomia, as Mulheres Coralinas receberam a formação virtual, revisitando receitas da gastronomia tradicional goiana. Vale ressaltar que as integrantes desse módulo participaram de um festival gastronômico, realizado pela Universidade

Federal do Tocantins (UFT), alcançando o terceiro lugar na competição de iguarias, concorrendo com o empadão goiano.

Figura 7 Foto do empadão e do pastelinho



Fonte: Acervo digital da Associação

Descrição da imagem: à esquerda, tem-se duas travessas, uma ao fundo e uma à frente, ambas com vários empadões goianos de tamanho pequeno; à direita, tem-se a foto de uma mesa com forro branco, sobre ela uma travessa de barro vermelho, com sete pastelinhos em cima.

No campo de formação da leitura literária, o livro escolhido e entregue a cada integrante foi a obra *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo, cuja leitura coletiva foi realizada nos momentos de formação de cada módulo profissionalizante e em encontros virtuais específicos, momento em que as impressões sobre o livro foram compartilhadas. No eixo formação em direitos humanos, foram realizados encontros virtuais sobre temas diversos, com profissionais de diferentes áreas do conhecimento, contribuindo com a produção intelectual das participantes.

O Quadro 09, elaborado a partir de publicações realizadas nos perfis da Associação nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*, perfil @coralinasgoyaz, demonstra a diversidade de temas e das parcerias firmadas para a realização dos debates teóricos desde a fundação da ASCORALINAS.

Quadro 9 Rodas de conversas realizadas entre 2017 e 2022

	RODA DE CONVERSA	TEMÁTICA	MEDIADORA	DATA
1	Economia solidária	Economia solidária	Odilia Rogado (Instituto Rede Solidária das Águas)	06/05/2022
2	O filme <i>Xica</i> (2019), de Viviane Goulart	Arte e cultura	Silvana Beline (UFG) Josilene Campos (IFG) Viviane Goulart (cineasta)	06/11/2020
3	O bordado como resistência	Saberes das mãos	Theka Galvão	16/10/2020

4	Economia solidária em tempo de pandemia	Economia solidária	Iolanda Aquino (vereadora na Cidade de Goiás) Ebe de Lima (UEG)	20/07/2020
5	Relacionamentos amorosos na vida da mulher moderna	Direito das Mulheres	Valéria Ruiz	29/01/2020
6	A margem do amor: roda de conversa com mães, pais e familiares de pessoas alvo de violência sexual	Direito das Mulheres	Avelino Mendes – Associação Mães pela Diversidade	27/06/2019
7	Economia solidária	Economia solidária	Rodrigo Bombonati (UFG)	25/06/2019
8	De todas as violências em tempos sombrios: roda de conversa	Direito das Mulheres	Eguimar Felício (IESA – UFG) Paulo Otoni (MP-GO) Andreia Costa (UFG) Yuri Gontijo (UEG)	22/05/2019
9	Feminismo e direito das mulheres	Direito das Mulheres	Gláucia Teodoro Reis (ex-secretária estadual de políticas para mulheres e igualdade racial GO)	29/03/2019
10	A importância do saber fazer doces cristalizados da Cidade de Goiás	Saberes das mãos	Lorena Dorneles (UEG) e Estela Dias (UEG)	08/11/2018
11	Feminicídio – em memória de Marielle Franco	Direito das Mulheres	Adriana Accorsi (deputada estadual por GO)	21/03/2018
12	Em briga de marido e mulher devemos meter a colher	Direito das Mulheres	Adriana Accorsi (deputada estadual por GO)	19/12/2017
13	O quintal da poeta: boninas perfumadas e outras plebeinhas flores	Arte e cultura	Ebe de Lima (UEG) Goiandira Ortiz (UFG)	26/10/2017
14	A participação da mulher na política como via de transformação	Direito das Mulheres	Marina Sant’Anna (ex-deputada federal GO)	25/08/2017

15	Gênero, violência e garantia de direitos	Direito das Mulheres	Maria Meire de Carvalho (UFG)	24/08/2017
16	A justiça pela paz em casa, garantias e acesso à justiça	Direito das Mulheres	Edivar da Costa Muniz (MP-GO)	23/08/2017
17	Experiências emancipatórias de mulheres na América Latina	Direito das Mulheres	Adriana Andrade Miranda (UFG)	28/07/2017
18	O filme Flor do Moinho de Érica Bauer	Arte e cultura	Goiandira Ortiz (UFG)	14/07/2017
19	Uma breve história do feminismo	Direito das Mulheres	Eliesse Scaramal (doutor pela UnB)	23/06/2017

Fonte: autoria própria, dados recolhidos em redes sociais da Associação (2023).

A primeira postagem da Associação ocorreu 11/11/2016, data de seu ingresso na rede social. Aqui se tem uma amostra das rodas de conversa realizadas nos anos de 2017 a 2022. Para o levantamento, foram priorizados os cartazes e convites que traziam a expressão “roda de conversa”. Identifiquei quatro grandes temas abordados nas atividades listadas: 1. direito das mulheres; 2. economia solidária; 3. arte e cultura; e 4. saberes das mãos, sendo que as atividades sobre direitos das mulheres predominaram nesses encontros. Assim, houve um enfoque para a formação em direitos humanos e cidadania.

A temática racial não aparece nos títulos. A ausência direta da temática racial entre os conteúdos tratados parece indicar uma fragilidade da abordagem. Ainda que o tema tenha sido tratado de forma transversal, penso ser importante politicamente que a questão racial seja discutida de forma direta e explícita, sobretudo em uma cidade que guarda a herança do povo negro e em uma Associação fundada e constituída majoritariamente por mulheres negras.

Além das atividades nos eixos específicos do projeto Saberes das Mãos, vale destacar também o trabalho feito por um grupo de quinze associadas vocalizadoras de poemas. São mulheres trabalhadoras que não haviam experimentado a fruição literária como atividade possível, mas foram movidas pelo desejo de ampliar sua experiência com

a leitura literária. Essa atividade é, até o momento presente, desenvolvida como projeto de extensão, vinculado ao curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás.

O grupo de vocalizadoras se reuniu, e ainda o faz, semanalmente, para o exercício de voz e compreensão do texto poético. A atividade ganhou notoriedade e as vocalizadoras foram convidadas a abrirem eventos culturais nos modos presenciais e virtuais, nacionais e internacionais.

No ano de 2021, a sede da Associação, denominada Casa Coralinas foi inaugurada, representando um avanço significativo e proporcionando um espaço físico adequado para a produção coletiva e o desenvolvimento das atividades propostas pela Associação (Siqueira, 2021).

O terreno foi doado pela jornalista Arcelina Helena Públio Dias, e os recursos para construção da sede foram provenientes do MPT/GO, resultantes de penalizações a empresas por desrespeito à legislação trabalhista e está situado no setor Rio Vermelho, bairro de residência de muitas Coralinas. Pode-se dizer tratar-se de um bairro urbano e periférico, distante do Centro Histórico, caracterizado pela construção de pequenas casas e não alcançado pelo tombamento e distante dos equipamentos sociais dedicados ao atendimento de mulheres.

A construção foi realizada por meio de um mutirão envolvendo Coralinas de diversas idades, que trabalharam juntas durante o processo, utilizando o mesmo barro vermelho empregado na produção de utensílios. Esse barro simbolizou a matéria-prima local tornando-se a base física da nova casa (Queiroz, 2021). A participação ativa das associadas fortaleceu os laços com a Associação, conferindo uma dimensão simbólica e emocional à construção da Casa Coralinas.

Figura 8 Fotos da construção da sede da Associação



Fonte: Acervo digital da Associação, montagem de autoria própria (2024)

Descrição da imagem: foto à esquerda, apresenta fundo marrom, com uma camiseta branca, tendo ao seu lado esquerdo um par de botina preta e, na parte superior, um capacete azul encostado em um livro de Cora Coralina; na foto ao centro, a imagem de uma mulher de blusa laranja recebendo um tijolo de

adobe de uma pessoa com blusa de manga longa roxa; na foto à direita, um fundo de cimento e, em cima, vários pares de mãos organizados em círculo.

A Casa Coralinas tem se destacado no município Cidade de Goiás como espaço de formação continuada e de acolhida de mulheres. As ações realizadas semanalmente, como oficinas práticas, rodas de conversa, rodas de leitura, visam à emancipação intelectual e melhorias para garantir a competitividade das peças e iguarias produzidas pelas mulheres da região do Vale do Rio Vermelho.

A sede se propõe a ser um espaço de acolhida e de fortalecimento de meninas e mulheres de todas as idades e faixas de renda, pois a violência de gênero não se restringe apenas às mulheres de baixa renda. Conforme está posto no estatuto da Associação, uma das condições para passar a ser uma associada é frequentar uma capacitação oferecida pela Casa, estar de acordo com as normas estabelecidas no estatuto e ter a aprovação de seu nome em assembleia.

No artigo jornalístico *Mulheres Coralinas: a poética do empoderamento feminino no Cerrado*, de autoria da jornalista Elizabeth Oliveira, publicado em 18/08/2023, no sítio eletrônico do Projeto Colabora: jornalismo sustentável, a jornalista ressalta a importância da sede para a Associação e suas associadas. Na referida reportagem, a Casa Coralinas é descrita como um espaço de diferentes dimensões simbólicas, além de sua função prática, tornando-se um ambiente poético e acolhedor. Essa estética poética é ressaltada como um elemento importante para criar ambientes acolhedores que possibilitam a realização de cursos, oficinas e outras atividades voltadas à capacitação de mulheres em situação de vulnerabilidade social.

A casa onde funciona a sede do projeto começou a ser erguida em 2019. Lá, os espaços de convivência são atravessados por uma poética visível tanto nos tecidos bordados como sentida no mobiliário, nas peças decorativas, nos utensílios da cozinha ou no entorno da construção sombreada por árvores nativas do Cerrado. Esses ambientes acolhedores possibilitam a realização de cursos, oficinas e outras atividades voltadas à capacitação de mulheres em situação de vulnerabilidade social, com objetivo de gerar renda e autonomia financeira pelas perspectivas da economia solidária e da igualdade de gênero. Valores indissociáveis do respeito à dignidade humana, como liberdade, fraternidade e cooperação estão nos pilares dessas experiências desde as primeiras sementes plantadas. (Oliveira, 2023)

A sede é um local para a realização de atividades práticas que incorporam os valores da Associação, como liberdade, fraternidade e cooperação. A reportagem

menção os planos futuros para a sede, como a possibilidade de montar um café na área externa da casa, conectado à cozinha-escola. Essa expansão sugere que a sede pode se tornar um local de encontro e interação social, promovendo a troca de experiências entre as participantes e público externo.

“A cozinha é o espaço mais utilizado da casa”, relata Dinaira Francisco, secretária da Associação AsCoralinas. Ela destaca que a construção vem sendo finalizada aos poucos, à medida que os recursos financeiros de editais e parcerias vão sendo assegurados. Um dos sonhos para o futuro é montar um café na área externa da casa, onde esse espaço se conectaria à cozinha-escola. A realização de cursos de capacitação por lá tem sido frequente e conta com parceiros locais importantes como o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), a Universidade Estadual de Goiás (UEG) e o Ministério Público do Trabalho, dentre outras instituições. (Oliveira, 2023)

A Casa Coralinas e o Projeto Saberes das Mãos sustentaram a esperança do coletivo de mulheres durante a pandemia, oferecendo um ambiente propício para atividades de produção, especialmente para aquelas associadas que não possuíam um espaço adequado em casa.

No ano de 2023, a Casa se abriu para acolher mulheres de outros municípios do estado de Goiás, em parceria com o Projeto Mais um Sem Dor, coordenado pelo MPT/GO. A ação consiste na formação de grupos de mulheres que estão em situação de extrema vulnerabilidade e são acolhidas para uma formação prática, que possibilite a entrada no mundo do trabalho, mas também a formação cultural, para o estímulo do senso estético, do sentimento de pertencimento e de construções identitárias, necessárias para o reposicionamento dessas mulheres no lugar em que estão inseridas.

3.3 Inspiração: as escritoras e suas obras literárias

*A leitura para mim é a forma de conhecer o mundo. Eu acho
que eu me encantei exatamente por isso ...*

Coralina-Flor Flamboyant

Como afirma Flor Flamboyant na frase em epígrafe, a leitura é uma forma de conhecer outros tempos históricos, modos de vida, lugares e vivências de outras pessoas. Nesse sentido, a literatura tornou-se o fio que une os saberes das mãos com as noções de direitos humanos e cidadania. A leitura literária possibilitou que as Mulheres Coralinas

vocalizassem seus anseios, compreendessem a realidade em que estão inseridas, se apropriassem das possibilidades de transformação e encontrassem o incentivo necessário para a mudança desejada.

Na Associação, a obra não é dissociada da vida da autora, pois para cada obra selecionada tem-se um propósito no qual conhecer a vida da escritora é parte essencial da concretização dos objetivos. A reportagem *Cora Coralina é inspiração para Associação de mulheres na Cidade de Goiás*, publicado em 21/08/2019 no site G1, aborda a inspiração que a Associação e suas associadas encontram na vida e obra de Cora Coralina:

O legado de Cora Coralina se estende muito além da literatura. Prova disso é o grupo de mulheres que se uniu para se fortalecer de todas as formas: algumas para conquistar independência financeira, outras para se capacitar de alguma forma, ou até para desenvolver a autoestima, mas todas para ressignificar as suas vidas. (Martins; Santana, 2019)

Ainda em 2019, o Jornal Correio Braziliense publicou reportagem em 11 de agosto, assinada por Roberta Pinheiro e Renato Alves, intitulada *Com poemas inéditos Cora Coralina completaria 130 anos*. A matéria destaca a importância da formação política associada à capacitação nos saberes das mãos, posto que o projeto foi uma oportunidade para mulheres ganharem voz, compartilhando suas histórias pessoais enquanto participavam de oficinas de artesanato.

O costume de escrever poesia, declamar e fazer doces cristalizados é mantido por mulheres de idades e classes sociais variadas na Goiás de Cora Coralina. Todas trabalham de forma independente. Muitas fazem e vendem seus produtos em casa. São extrativistas de cajuzinho, murici, cagaita, cajazinho. Mas um grupo decidiu se unir em uma Associação para trocar experiências, expandir a mente e os negócios. (Pinheiro; Alves, 2019)

As duas reportagens destacaram o papel de Cora Coralina como inspiração multifacetada, fortalecendo a identidade, promovendo valores positivos e oferecendo ferramentas para superação da adversidade a partir do seu legado na gastronomia, na literatura e como mulher, contribuindo significativamente para o empoderamento e a transformação das vidas das Mulheres Coralinas.

A vida e a obra de outras três escritoras, mulheres negras brasileiras, foram estudadas pelas Coralinas e, tal como Cora Coralina, são inspiração para a Associação:

Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Leodegária de Jesus. Essas escritoras promoveram a reflexão sobre racismo, ampliando o repertório político e a consciência cidadã. É o que se observa dos trechos das entrevistas realizadas na pesquisa de campo.

Isso é verdade. Ela é esse lado aí, pela mudança do reconhecimento. Por exemplo, ela era uma amiga da Cora, mas ela era mais oculta, né? A sociedade em si, ela ainda quebra esse tabu aí ainda, porque a pessoa não é regenerada assim, não é reconhecida e é uma luta então. Tem muita discriminação, muitas têm coisas que até eu fico achando estranho. Eu como sou parda, eu não sou branca, mas não sou morena, sou parda, mas entrando nessa linha também né, não tanto igual os negros, mas acho muito bonito, muito mesmo. Os trabalhos que eles estão fazendo nessa luta aí, de reconhecimento da sociedade em si. (Flor Para-Tudo)

Eu aprendi a respeitar mais ainda as mulheres negras, pela vivência delas também, né? E por tudo que a sociedade impõe e como é que fala? Às vezes, pelo racismo mesmo. Muitas vezes [a sociedade] acha que [a mulher negra] tem que ser só empregada doméstica, não pode ter um cargo e fala assim “ah não, você é só uma mulher e ainda é preta ainda” tem muito isso... Eu não entendo o porquê que a cor da pele influencia se a pessoa é inteligente, se a pessoa é capaz, se a pessoa pode ou não fazer uma coisa, se a pessoa pode ou não estar num lugar. Aqui [na Associação] a gente, a gente respeita muito, a gente escuta muito. Tem um lugar de fala que acho que é muito importante para elas falarem. (Flor Canela-de-Ema)

Leodegária de Jesus contribuiu com a Associação por meio do legado deixado por sua poesia, explorada ao longo do projeto Saberes das Mãos, em sua primeira edição. Ela foi a primeira mulher a publicar um livro de poesias no estado de Goiás, no ano de 1906, intitulado Coroa de Lírios. A única livraria da cidade, até o momento, foi nomeada em homenagem à autora e está localizada adjacente à sala da Associação, no mercado municipal e em parceria com a ASCORALINAS publicou uma nova edição dos livros da escritora.

Figura 9 Novas edições dos livros de Leodegária de Jesus



Fonte: Acervo digital da Associação, montagem de autoria própria (2024)

Descrição da imagem: apresenta duas fotos, com as novas edições dos livros de Leodegária de Jesus. A foto à esquerda retrata o livro *Coroa de Lírios*, tem capa branca, com letras e gravuras em vermelho. A foto à direita tem fundo vermelho e um livro de capa branca, com desenhos de flores e letras em vermelho. Trata-se do livro *Orchideas*.

A reportagem *Leodegária de Jesus, poeta de Goiás recebe homenagens*, publicada no jornal O Popular em 24/08/2019 e assinada por Rogério Borges, marca a celebração dos 130 anos de Leodegária de Jesus, evidenciando como as iniciativas engendradas na Cidade de Goiás, em especial pela ASCORALINAS, preservam e discutem a relevância da poeta e resgatam a memória da escritora que, por conta do racismo, foi relegada ao esquecimento.

No Mercado Municipal de Goiás, as duas estão sentadas lado a lado. São estátuas instaladas para lembrar duas poetisas que orgulham a antiga capital goiana. Mais de um século atrás, esta cena poderia ser vista na antiga Vila Boa. Talvez conversassem sobre vidas e projetos; talvez confidenciassem segredos; possivelmente debatiam poesia. Cora Coralina e Leodegária de Jesus, nascidas num intervalo de apenas 12 dias em 1889 – Cora em 20 de agosto, Leodegária no dia 08 – foram poetisas com destinos bem diferentes. Nos 130 anos de Cora também são lembrados os 130 anos de Leodegária. Pelo menos é o que vem ocorrendo nos últimos anos, após décadas de esquecimento em relação a essa poeta que publicou apenas dois livros e cuja obra foi eclipsada pela vizinha famosa da Casa da Ponte. Leodegária foi uma poeta mais precoce que Cora, entretanto para a história como a primeira mulher a publicar um livro em Goiás. Esse vanguardismo, porém, foi soterrado por tragédias, preconceitos e ignorância sobre sua poesia. O que está mudando. (Borges, 2019)

As estátuas, referidas pelo jornalista, foram feitas pelas Coralinas e instaladas próximas à loja da Associação e à livraria, celebrando a amizade entre as escritoras e inspirando as Mulheres Coralinas e comerciantes locais a seguirem unidos no

enfrentamento às opressões. Um lembrete diário de que mesmo diante das adversidades, é possível prosperar.

Figura 10 Estátuas de barro de Cora Coralina e Leodegária de Jesus (2016)



Fonte: Acervo digital da Associação

Descrição da imagem: à esquerda, Cora, uma mulher branca, idosa, de cabelos grisalhos, veste xale verde e vestido escuro, com estampa de flores, está sentada em um banco com um livro nas mãos. Ao seu lado, também sentada no banco, está Leodegária de Jesus, uma mulher negra, de meia idade, cabelos presos, usa óculos, e veste xale branco e vestido liso marrom, aos seus pés encontra-se um gato branco, bem acomodado.

O Quadro 10, a seguir, resume as principais inspirações literárias presentes nas ações realizadas de 2014 a 2023, evidenciando as autoras e as obras estudadas em cada período.

Quadro 10 Autoras e livros de referência da Associação 2014 a 2023

ANO	PROJETO	AUTORA	LIVROS
2014	Formação Mulheres Coralinas	Cora Coralina	1) Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais; 2) Meu livro de Cordel; e 3) Vintém de cobre: meias confissões de Aninha
2019	Saberes das Mãos 1	Leodegária de Jesus	1) Coroa de Lírios; e 2) Orchideas
2020	Saberes das Mãos 2	Conceição Evaristo	1) Becos da Memória
2021	Construção da Casa Coralinas	Maria Carolina de Jesus	1) Quarto de despejo: diário de uma favelada

Fonte: autoria própria (2023)

Outras escritoras e escritores da literatura nacional, especialmente poetas, compuseram o repertório literário das Coralinas ao longo dos anos. Podem ser citados

Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Hilda Hilst, Adélia Prado, Ferreira Gullar, Manoel de Barros. Essas referências, e muitas outras, se revelam pelo bordado de trechos de poesias em produtos confeccionados e comercializados pelas Coralinas – máscaras de proteção, aventais culinários, panos de pratos, toalhas de mesa, bolsas, etc. (Ver Figura 3).

As autoras e obras aqui apontadas foram as que integraram os projetos com financiamento de órgãos públicos e internacionais e, por isso, constam de forma destacada em termos de referência e relatórios parciais e finais pesquisados no acervo da Associação.

Se nas rodas de conversa a temática racial não foi abordada de forma direta, aqui percebe-se que o tema ganha centralidade. A escolha de três autoras negras com trajetórias atravessadas por violências raciais, e de duas obras que tratam especificamente da desigualdade social e do racismo, pode demonstrar o esforço da Associação em fomentar o debate sobre esses temas entre as associadas.

Aí entra a história da mulher negra sempre tentando ocupar um espaço, ocupar o lugar dela. (Flor Canela-de-Ema)

A pobreza e a riqueza pesam na balança. E você vai ver que os negros até hoje são ainda, sabe? Eu penso assim, ainda não tá ainda totalmente liberto daquela escravidão... (Flor de Pequi)

São quatro escritoras, que, cada uma a seu tempo e de modo particular, enfrentaram as injúrias do racismo, sexismo e de classe em nossa sociedade, quebraram barreiras, e, com seus textos, são inspiração para outras mulheres.

3.3.1 Cora Coralina

Porque é igual os poemas de Cora, ele fala com a gente, não é... parece que é a gente que tá, né?

Coralina-Flor Caliandra

Flor Caliandra, na frase em epígrafe, revela os motivos que a fazem gostar da poesia de Cora, mas quem foi a escritora e por que Flor Caliandra se sente próxima de seus poemas?

Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nasceu em 20 de agosto de 1889, no município Cidade de Goiás, à época, capital do estado de

Goiás. Apesar de ser uma autora associada ao início tardio na escrita, a paixão de Cora pelas letras existia desde a infância. Ela começou a escrever aos 14 anos, mas só publicou seu primeiro livro de poemas em 1965, intitulado *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (Britto; Seda, 2009).

Seu ingresso na alfabetização ocorreu sob a orientação da mestra Silvina, sua única professora ao longo de toda a vida. Aposentada, a mestra Silvina lecionava para complementar a renda e continuar sua vocação, e foi a responsável por apresentar Cora ao mundo da literatura (Gómez, 2023). Como gesto de reconhecimento, Cora dedicou-lhe o livro *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha* (Coralina, 2012a).

Cora frequentou regularmente o Gabinete Literário Goiano, e ali conheceu o advogado Cantídio Tolentino Bretas, com quem se casou em 1926, após 15 anos de convivência. Em 1911, Cora mudou-se para São Paulo com seu companheiro, onde criou seus seis filhos. Após o falecimento do esposo em 1934, Cora passou a desempenhar várias funções, desde vendedora, de porta em porta, de livros da Editora José Olympio até agricultora e vendedora de banha de porco (Britto; Seda, 2009).

O retorno a Goiás, em 1956, marcou um novo capítulo em sua vida. Em 1964, Cora Coralina dedicou-se ao ofício de doceira, destacando-se como uma das primeiras mulheres na cidade a comercializar doces feitos com as frutas regionais. Em 1965, lançou seu primeiro livro, pela editora José Olympio (Britto; Seda, 2009).

Cora enfrentou desafios no cenário editorial local, pois muitas pessoas hesitavam em reconhecer a legitimidade da escrita de uma mulher idosa (Gómez, 2023). A consagração de sua obra veio em 1979 com a validação de Carlos Drummond de Andrade, em uma carta aberta elogiando o trabalho de Cora, o que facilitou novas publicações (Almeida, 2022).

Carta à Cora Coralina

Cora Coralina. Não tenho o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. Todo o carinho, toda a admiração. (Carlos Drummond de Andrade)

Em 1976, lançou *Meu Livro de Cordel* e, em 1983, publicou *Vintém de Cobre* -

Meias Confissões de Aninha. Suas obras transmitem emoções por meio de registros de pequenas alegrias e tristezas, explorando o cotidiano de maneira íntima e pessoal. Sua poesia destaca-se também pela incorporação de elementos de memória e história, criando uma ponte entre o passado e o presente (Almeida, 2022).

Como a própria escritora afirmou em diversas entrevistas, Cora Coralina é a velha musa goiana, *Cora Coralina é a cigarra cantadeira de um longo estilo que se chama vida* (Inspiração Literária, 2021). Dessa forma, não somente seus livros, mas ela própria, como mulher, se torna um legado para a cultura goiana e brasileira, celebrando a simplicidade da vida, a cultura popular e a força das palavras.

Livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais

Beco, os Becos de Goiás, Cora Coralina, é muito bom...

Coralina-Flor de Pequi

Neste livro de sua estreia literária, publicado em 1965, a autora explora as raízes culturais e a identitária de Goiás, revelando a riqueza dos costumes, da natureza, das pessoas e das tradições da região centro-oeste do Brasil, tudo isso atrelado às memórias e experiências pessoais explanadas por meio da poesia (Britto; Seda, 2009).

Ao percorrer os becos de sua própria infância, a autora teceu uma narrativa que transcende o tempo, conectando gerações e proporcionando uma entrada afetiva à obra. Apesar da aparente simplicidade de sua poesia, Cora Coralina abordou questões sociais, especialmente relacionadas ao papel das mulheres na sociedade, explicitando a capacidade de resistir e superar desafios (Almeida, 2022). Para Ebe Maria de Lima Siqueira e Sanderson Peixoto (2019), Cora utilizou-se da poesia para refletir sobre temas sociais e contemporâneos, relacionados a sua vivência na Cidade de Goiás.

A profundidade de sua poesia se evidencia em alguns poemas do livro, como *Todas as Vidas*, *Ressalva*, *Minha Cidade*, *Prato Azul Pombinho* e *O Cântico da Terra*. Nesses versos, a autora destaca a importância do ambiente natural em suas experiências, revelando uma conexão com sua terra natal. Rios, sobrados, pessoas

e lembranças são descritas tornando-se testemunhas das vivências experimentadas (Brito; Seda, 2009; Almeida, 2022; Lima; Peixoto, 2019).

Ressalva

Este livro foi escrito
por uma mulher
que no tarde da Vida
recria e poetiza sua própria
Vida.

Este livro
foi escrito por uma mulher
que fez a escalada da
Montanha da Vida
removendo pedras
e plantando flores.

Este livro:
Versos... Não.
Poesia... Não.
Um modo diferente de contar velhas histórias.

(Cora Coralina)

Livro Meu Livro de cordel

*Eu aprendi que a mulher pode ser oprimida, mas que ela
também sabe se libertar. Que eu acho que Cora, ela se libertou
da opressão, da opressão que ela tinha.*

Coralina-Flor Canela-de-Ema

O segundo livro de Cora Coralina, publicado em 1976, consiste em uma homenagem à sua origem nordestina por parte de pai. São 43 poemas que marcam a sua conexão com os elementos de sua trajetória, como o rio e as pedras, que se tornaram símbolos da sua narrativa metafórica. Esses elementos naturais se entrelaçam proporcionando uma atmosfera que reflete a sua identidade a partir da natureza (Britto; Seda, 2009).

Dentre os poemas, destaca-se *Epitáfio* em que a autora explora a ideia da imortalidade, sugerindo que a permanência na terra está intrinsecamente ligada à obra artística produzida em vida. A melodia do cântico e a musicalidade dos versos

transcendem a mortalidade física da autora, tornando-se uma herança que perdura e ressoa na vida daqueles que permitem se envolver com suas palavras (Almeida, 2022).

Epitáfio

Morta... serei árvore
Serei tronco, serei fronde
E minhas raízes
Enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.

Enfeitei de folhas verdes
A pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.

(Cora Coralina)

Livro Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha

Eu sou suspeita porque eu sou apaixonada na Cora, na história da vida dela. Então, para mim, é a Cora.

Coralina-Flor Barriguda

Neste último livro publicado em vida, no ano de 1983, a autora compartilha o seu retrato autobiográfico e oferece uma perspectiva das repressões da sociedade em Goiás no início do século XX, através das lembranças de seu primeiro ano de vida. A escritora aprofunda sua relação com os adultos que, durante sua infância, nunca a compreenderam e a fizeram sentir-se desvalorizada quanto um vintém de cobre, a moeda de menor valor na época do mil-réis – tema que inspira o título do livro. A obra se destaca ao reconstruir poeticamente o passado (Britto; Seda, 2009).

Em um dos poemas iniciais, intitulado *Este livro, minhas confissões de Aninha*, a poeta explana sobre a motivação para escrever e publicar suas poesias: "Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam e precisavam sair". Essa declaração

demonstra a escrita como um meio de libertar pensamentos, sentimentos e experiências acumuladas, proporcionando uma catarse. Ao mesmo tempo, como a própria autora escreve, é uma mensagem para outras mulheres que também enfrentam diferentes desafios na vida.

Este livro, Meias Confissões de Aninha,

é um livro tumultuado, aberrante, da rotina de se fazer e ordenar um livro.

Tumultuado, como foi a vida daquela que o escreveu. Consequentemente. Vai à publicidade sem nenhuma pretensão. Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam e precisavam sair.

É um livro das consequências.

De consequências.

De uma estou certa, muitas dirão: estas coisas também se passaram comigo.

Este livro foi escrito no tarde da vida,

Procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos de uma dura caminhada.

Nos reinos da Cidade de Goiás, onde todos somos amigos do Rei.

(parodiando M. Bandeira)

(Cora Coralina)

A coletânea de poemas destaca a diversidade de temas abordados por Cora Coralina. Ao longo das páginas, é possível encontrar exaltações à universidade, rememorações de sua vivência na Fazenda Paraíso e apelos em prol dos mais vulneráveis, incluindo mulheres, crianças, lavradores e nordestinos. Os versos revelam a sensibilidade da autora para as questões sociais, demonstrando sua preocupação em dar voz aos excluídos e refletindo sobre a condição humana, revelando as consequências dessas experiências em sua trajetória de vida que revisitam a complexidade de suas relações interpessoais e o impacto das rejeições que enfrentou (Britto; Seda, 2009).

Aninha e suas pedras

Não te deixes destruir...

Ajuntando novas pedras

e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.

Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha

um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.

Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.

(Cora Coralina)

3.3.2 Leodegária Brasilina de Jesus

*Ela ensina, ela foi a primeira escritora negra aqui em Goiás a
lançar um livro de poesia, certo?*

Coralina-Flor de Pequi

Flor de Pequi expressa, na frase em epígrafe, o legado que Leodegária de Jesus deixou para outras mulheres: lutar contra os obstáculos impostos pela sociedade na busca de realizar seus sonhos, mas quem foi essa escritora que desafiou o racismo e o machismo e tornou-se a primeira mulher negra a publicar um livro em Goiás?

A escritora nasceu em Arraial de Caldas Novas, em 1889, e faleceu em Belo Horizonte, em 1978. Foi uma escritora negra que, ao lançar a coletânea de poemas *Coroa de Lírios*, aos 17 anos de idade, quebrou as barreiras da época, ostentando até hoje o título de primeira mulher a publicar um livro de poemas no estado de Goiás. Lançou um segundo e último livro em 1928, com o título *Orchideas* (Berardo, 2018).

A escritora era filha de um casal de professores: José Antônio de Jesus e Ana Isolina Furtado Lima de Jesus. Foi alfabetizada em casa por sua mãe e, em razão da profissão de seus pais, foi incentivada desde cedo à leitura (Berardo, 2018).

Na escola Sant'Anna, no município de Goiás, participou ativamente de tertúlias e saraus, onde discutia ideias e compartilhava sua poesia. Nessa época, aos 14 anos, conheceu Djalma Guimarães, o único amor romântico de sua vida e que inspirou os poemas de seu livro *Coroa de Lírios*, publicado, em 1906, pela Editora Livro Azul (Berardo, 2018).

Mulher negra, professora e intelectual, participou ativamente do movimento cultural na Cidade de Goiás, nas duas primeiras décadas do século XX. Ao lado de

outras mulheres, como Cora Coralina – de quem foi amiga por toda vida – e Rosa Godinho, contribuiu para o jornal *A Rosa* (Denófrio, 2019).

Além de escritora, sonhava em estudar direito. Em 1904, pleiteou uma vaga no Lyceu Goiano, primeiro estágio formativo para o ingresso futuro na Faculdade de Direito, recém-criada na Cidade de Goiás. No entanto, o resultado de seus exames, em que foi aprovada com distinção, só chegou às suas mãos em 1910, seis anos após a sua realização, sem justificativa alguma para a demora. Naquele momento, Leodegária já tinha se formado na escola normal e desistido do curso de Direito (Denófrio, 2019).

O motivo por tamanha demora na apresentação de um resultado positivo permanece uma incógnita, sendo para alguns de seus biógrafos atribuída a perseguições políticas a que sofreu seu pai (Denófrio, 2019). Porém, ao olhar os privilégios sociais da época, mormente direcionado aos homens brancos, é de se intuir que o gênero e a raça da candidata foram fatores determinantes para o impedimento de seu ingresso no Lyceu Goiano. Se êxito houvesse logrado, Leodegária de Jesus ostentaria o título de primeira mulher a frequentar o curso de Direito no Estado de Goiás.

Em 8 de agosto de 2023, durante as comemorações pelos 125 anos da Faculdade de Direito no Estado de Goiás, e no dia em que a escritora completaria 134 anos, a Universidade Federal de Goiás concedeu o título de Doutora Honoris Causa *in memoriam*, em uma cerimônia marcada pelo sentimento e desejo de reparação histórica (Fernandes, 2023).

Após a morte do pai, Leodegária tornou-se arrimo de família. Mudou-se para cidade de Uberlândia, município de Minas Gerais, antiga Uberabinha. Ali, dedicou-se à educação, fundando uma escola e seguindo os passos de sua família. Complementava a renda familiar com o ofício de costureira, ao qual se dedicava no turno noturno, após as aulas (Stréglio, 2021).

Leodegária optou por não se casar e, apesar das adversidades, tornou-se mãe de uma filha adotiva, Doralice de Oliveira, conhecida como Dorinha (Stréglio, 2021).

Em 1928, aos 39 anos, Leodegária publicou seu segundo livro de poesias, *Orchideas*, abordando temas sobre o desassossego, relações familiares e a solidão. A obra de Leodegária de Jesus é marcada pela fala de si mesma, de sua família, do amor

perdido, da natureza e da religião (Stréglio, 2021). Sua vida, definida por provações, foi transformada em arte, expressando seus sentimentos por meio da poesia.

Leodegária de Jesus faleceu aos 89 anos, deixando um legado de resistência, superação e contribuições valiosas para a cultura e a literatura goianas. Sua história é um testemunho da força da mulher negra no Brasil.

Livro Coroa de Lírios

*Esse [referindo-se ao livro Coroa de Lírios], da Leodegária.
Porque ele retrata um pouco assim da minha vida né também,
da luta, das batalhas, né?*

Coralina-Flor Orquídea Colestênia

Na frase em epígrafe, Flor Orquídea Colestênia reforça o sentimento de identificação já relatado por Flor-Coralina Caliandra (ver epígrafe, p. 96) em relação aos escritos de Cora Coralina. Relacionar a vida da escritora com sua obra fortalece o vínculo de quem lê com o livro.

Coroa de Lírios é um livro com 30 poesias românticas que mostram o olhar da adolescente Leodegária para os personagens do cotidiano de sua vida. A coletânea inicia-se com a exploração dos laços familiares, revelando a importância da mãe, da irmã e do pai na sua vida.

Os versos iniciais estabelecem uma base emocional que serve como alicerce para a evolução da obra. A escolha do nome *Coroa de Lírios* explica Darcy França Denófrio (2019) possivelmente representa uma camuflagem para as dores do primeiro amor, ou seja, a natureza em contraste com sua alma solitária. No mesmo sentido, Ebe Siqueira (2020) relaciona a escolha do nome com a marca poética da desilusão amorosa e acrescenta também o desprezo dos poetas de sua época, que a rejeitavam por ser mulher e por ser negra.

Símile

Quando vivemos, a sonhar amores,
Quando não temos a ilusão perdida
Quando noss'alma não padece dores,
Morres é triste! Como é linda a vida!

Mas se nos fere o espinho da tristeza,
Se maltratados somos pela sorte,

Se nos é dado o cálix da incerteza,
Viver é triste! Como é doce a morte!

(Leodegária de Jesus)

Em 2020, no conjunto de ações engendradas pela ASCORALINAS, publicou-se uma nova edição dessa obra, com uma tiragem de 300 exemplares (ver figura 9). A edição apresentada na orelha do livro traz vários comentários feitos à obra ao longo dos anos por jornais e pesquisadores da poeta. Destaca-se o olhar do Jornal do Comércio de Manaus, em 1907, apenas um ano após a publicação da 1ª edição, que demonstra a destreza e, ao mesmo tempo, a simplicidade da autora em sua poesia:

[...]

São versos singelos, sem arrebiques, sem pretensões, cheios de fragrância virgem, e parecendo feitos em uma dessas moradas do sul, debruçadas sobre o sertão encantador. E do princípio ao fim do livro enche os seus versos de doce música e de sentimentos, com umas leves reminiscências de Casimiro de Abreu.

Jornal do Comércio – Manaus, 17/11/1907

Em celebração aos 132 anos do nascimento da autora, e em meio às ações de resgate de sua memória, a Associação Mulheres Coralinas em parceria com a Leodegária Publicações, selo editorial da Livraria Leodegária, que publicou, em 2020, uma nova edição desse livro, trazendo ilustrações e desenhos da capa da artista visual Patrícia Ferreira.

Livro Orchideas

Mas ela é um pouquinho forte, não sei se forte é a forma de expressar, né? [começa a ler] “Doce amar: doce amar. Trago o tempo comigo em quantidade ao contar tudo que embora e tanto tão somente minha assim levanta ninguém é o mundo conhecer enquanto e pela estrada da vida salpicar”.

Coralina-Flor Para-Tudo

Flor Para-Tudo, durante a entrevista, recordou de uma poesia que integra o livro *Orchidea*, como mostra a frase em epígrafe. Essa é uma obra composta por 70 poemas que apresentam rigor formal na construção do texto poético e exploram o sentimentalismo, a religiosidade e a natureza em suas temáticas. A autora destaca

o profundo amor pela família, demonstrando sua dedicação a ela, assim como a reflexão sobre o amor romântico perdido, que também estava presente em seu primeiro livro, mas de uma forma mais madura e profunda (Rezende, 2021).

O cenário de Belo Horizonte, para onde a autora se mudou após deixar Goiás, torna-se um ponto de partida para a retomada de sua expressão artística. Mesmo distante, Leodegária mantém uma conexão com sua terra natal, expressando afeto e saudade que intensificam a ligação emocional por meio de seus poemas, mostrando devoção aos elementos que a lembram não apenas do Centro-Oeste, mas também de sua infância (Borges, 2024).

Orchideas é o testemunho da jornada de 22 anos que separa a vivência de uma adolescente das experiências pessoais da mulher adulta, entrelaçando suas histórias ao longo do tempo (Rezende, 2021).

Goyaz

Goyaz querida! Pérola mimosa
Destes sertões soberbos do Brasil¹
Terra que amo, que minh'alma adora,
Ao ver-te longe, tão distante, agora,
Quero-te mais ainda
Minha terra gentil.
[...]

(LEODEGÁRIA DE JESUS)

Para Tânia Rezende (2021), a flor que nomeia o livro representa a própria escritora pois enquanto a primeira simboliza dignidade, espiritualidade e elevação de alma, a segunda carrega essas qualidades.

3.3.3 Conceição Evaristo

*E aí da Conceição Evaristo, a gente leu ele todo nas reuniões
que a gente fazia, a leitura que a gente fazia, a gente lia ele.
Foi um livro muito bom pra gente.*

Coralina-Flor Orquídea Colestênia

Na frase em epígrafe, Flor Orquídea Colestênia expressa a satisfação em conhecer a obra de Maria da Conceição Evaristo de Brito, conhecida como Conceição Evaristo.

Ela nasceu, em 1946, na favela do Pindura Saia, na Zona Sul de Belo Horizonte (Itaú Cultural, 2015). Além de escritora, destaca-se como educadora e pesquisadora brasileira, direcionando seu mestrado e doutorado à literatura afro-brasileira. Sua trajetória profissional é marcada pelo exercício da docência na rede pública do estado do Rio de Janeiro.

Em 1995, a autora introduziu o termo *escrevivência*, uma abordagem literária que visa amalgamar a escrita com as experiências de vida, ficcionalizando as vivências da comunidade negra, evitando estereótipos e abordando temas como raça, amor e memória ancestral (Duarte; Nunes, 2020). A *escrevivência* caracteriza-se pelo uso de uma linguagem próxima à oralidade, exploração do tempo cíclico e uma narrativa que abrange tanto experiências individuais quanto coletivas (Amaro; Samyn, 2023).

Apesar de ter crescido em uma família de baixa renda e com pouco acesso aos livros, Conceição Evaristo permaneceu atenta às palavras e histórias ao seu redor desde a infância. A leitura a seduzia desde os primeiros anos escolares, e sua conexão com os livros foi fortalecida pela tia, que se tornou funcionária da biblioteca pública do Rio de Janeiro, proporcionando maior acesso aos livros.

Em entrevista ao canal Leituras Brasileiras, em 2020, Conceição Evaristo compartilhou sua perspectiva sobre a escrita: “A literatura para mim é essa criação, a possibilidade de sair de mim mesma, de indagar o mundo, de inventar um outro mundo, de apresentar minha discordância com esse mundo”. Ela enfatiza que o movimento da escrita reflete o próprio movimento da vida, destacando a literatura como uma oportunidade de se agarrar à vida, registrá-la, inventá-la e até discordar dela. Em suas palavras, “escrever é uma forma de sangrar, e a vida é uma sangria desatada” (Leituras Brasileiras, 2020).

Comprometida com os movimentos de valorização da cultura negra, iniciou sua carreira literária em 1990, contribuindo com contos e poemas na série Cadernos Negros (Letras UFMG, 2024). Essa série literária independente, criada na década de 1970 como resposta à exclusão racial no cenário literário brasileiro, ofereceu um espaço de expressão para a população negra, abordando temas relativos à cultura afro-brasileira contemporânea. Foi nesse contexto que a autora encontrou um espaço

que até hoje é utilizado por escritoras e escritores negros como mecanismo de promoção da literatura afro-brasileira.

Ao longo dos anos, Conceição Evaristo lançou diversas obras que abordam questões sociais e culturais, variando entre ensaios, poemas e romances. Em 2003, publicou seu primeiro romance individual, *Ponciá Vicêncio*, explorando temas como pobreza e discriminação, com destaque para o protagonismo feminino. Suas outras contribuições para a literatura incluem *Becos da Memória* (2006), *Poemas de Recordação e Outros Movimentos* (2008) e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), esse último investigando relações de gênero em contextos marcados por racismo e sexismo.

Em 2015, recebeu o Prêmio Jabuti, pela obra *Olhos D'água*, evidenciando o reconhecimento por sua relevante contribuição. Essa aclamação foi posteriormente destacada, em 2017, pelo Itaú Cultural de São Paulo, que prestou homenagem à autora com uma exposição intitulada *Ocupação Conceição Evaristo*. Em 2023, a escritora recebeu o Troféu do Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, consolidando seu papel como figura proeminente na literatura e na promoção da cultura afro-brasileira.

Maria Carolina de Jesus foi inspiração para Conceição Evaristo, que via na Carolina retratada no livro *Quarto de Despejo*, muito de sua mãe, que após a leitura do livro se viu estimulada a fazer o próprio diário, alimentando em Conceição Evaristo o desejo da escrita (Amaro; Samyn, 2023).

Livro Becos da Memória

Com Carolina e com a Conceição, eu vejo que elas retratam a história de muitas das nossas mulheres que são dos becos. Vou falar aqui em becos porque em Goiás estão nos nossos becos, que estão invisíveis.

Coralina Flor Flamboyant

Flor Flamboyant ressalta, na frase em epígrafe, a relação entre a vida de muitas mulheres vilaboenses com o conteúdo dos livros de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, demonstrando a aproximação de suas narrativas literárias com a realidade em que estão inseridas muitas mulheres vilaboenses e Coralinas.

Becos da Memória é o segundo romance de Conceição Evaristo, escrito na década de 1980 e publicado em 2006. O elo narrativo da história é o processo de desfavelização de uma comunidade visto pelo olhar das memórias de Maria-Nova, uma menina de 13 anos, e os relatos dos personagens do seu cotidiano.

No prefácio, escrito pela própria autora, Conceição Evaristo adverte que “Nada do que está narrado em *Becos de memória* é verdade, e nada que está narrado em *Becos de memória* é mentira”, revelando assim um livro de narrativas fictícias inspiradas em eventos reais, sendo, dessa forma, um exemplo de *escrevivência* da população negra a partir de memórias e histórias da periferia.

A primeira história a ser apresentada é a do tio Totó, idoso, filho da lei do ventre livre, que trabalhou muitos anos em uma fazenda e, após perder duas mulheres e vários filhos, vê na favela a sua oportunidade de criar raízes. Ele constituiu família com Maria-Velha, irmã da mãe de Maria-Nova.

Maria-Nova coleciona memórias daqueles que compartilham seu espaço, por acreditar que as vidas dessas pessoas merecem ser contadas. Entre as personagens femininas, destaca-se Vó Rita, matriarca e parteira, que cuida de todas, e é vítima de discriminações por acolher uma mulher portadora de hanseníase; a mãe de Maria-Nova, uma mulher muito bela e misteriosa com um olhar perpetuamente triste; e Ditinha, empregada doméstica, cuja vida contrasta significativamente com a da patroa, uma mulher branca com boas condições financeiras.

As personagens femininas trazem à tona as desigualdades de gênero e racismo, a partir do relato de situações cotidianas e as emoções das mulheres diante dos acontecimentos.

O personagem Negro Alírio tem um importante papel na reflexão sobre o enfrentamento a desigualdades. Ele acredita que a leitura é fundamental para a libertação. É um homem respeitado pela comunidade e incentiva o letramento de todas que ali vivem, alertando sobre a importância de se compreender a realidade de opressão e desigualdades em que vivem. Ele busca incansavelmente instigar as pessoas a refletirem sobre a alienação que os submete a uma vida miserável.

A incansável luta de Negro Atílio pela educação da comunidade se relaciona com a mensagem que Paulo Freire transmitiu no conjunto de sua obra, qual seja, a importância de se ler o mundo antes de se ler a palavra!

O livro se constrói a partir de fragmentos que abordam problemas sociais da comunidade em que vive Maria-Nova. A personagem se mostra sensibilizada tanto pela dor do seu povo e da sua família como pela dor dos seus ancestrais, convidando a leitora a ampliar o olhar sobre a história do povo preto no Brasil.

Os relatos ressaltam a falta de infraestrutura, os desafios enfrentados por descendentes de trabalhadoras escravizadas, a precarização do trabalho doméstico e a violência doméstica. A personagem Maria-Nova reflete sobre a relação entre sua situação atual e a da senzala, lançando luz sobre a continuidade das injustiças históricas enfrentadas pela população negra.

O livro apresenta um mosaico que captura a complexidade da vida nas comunidades periféricas, ressaltando as lutas persistentes por dignidade, igualdade e liberdade. E convoca a leitora e o leitor a refletir sobre a sua própria realidade, trajetória e violências a que está submetida.

3.3.4 Carolina Maria de Jesus

Parece-me que a cada vez que eu leio um poema da Cora, da Carolina ou da Leodegária, junto com elas eu descubro uma forma nova, uma nova forma de viver, uma nova forma de buscar as coisas, de nunca desistir...

Coralina-Flor Flamboyant

Na frase em epígrafe, Flor Flamboyant nos oferece um relato da importância da leitura e da literatura, principalmente, quando se reflete sobre a vida das escritoras. Ela afirma o elo entre as diferentes autoras e o que fundamenta a escolha da Associação em trabalhar especificamente com elas.

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, interior rural de Minas Gerais. Filha de Dona Cota, Carolina Maria de Jesus não conheceu seu pai. Apelidada carinhosamente de Bitita, a autora cresceu em um ambiente desprovido de livros, mas essa falta não a impediu de sonhar em se tornar uma poeta. Desde cedo, ela demonstrava uma curiosidade pela literatura, sendo seu primeiro contato com o livro *Escrava Isaura*, por empréstimo de uma vizinha (Farias, 2018).

Sua escrita, marcada pelo encontro da *eu-narradora* com a *eu-personagem*, permitiu sua consolidação como escritora (Germana, 2023) e é ponto de intersecção com

a obra de Conceição Evaristo. Não se trata de abordar memórias, e sim refletir sobre temas relevantes atrelados a sua experiência no mundo, ou seja, usar sua vivência como substrato para reflexão crítica e denunciativa.

Em 1947, Carolina Maria de Jesus se mudou para a favela do Canindé, em São Paulo, e se tornou catadora de papel para sustentar sua família. Ela mantinha diários com suas histórias e a da sua comunidade, encontrando na escrita uma forma de escapar da invisibilidade social. Além de catadora, trabalhou como doméstica, cozinheira, babá, lavadeira e sofreu com os infortúnios do racismo e da aporofobia (Farias, 2018).

O ponto de virada em sua vida aconteceu quando Audálio Dantas, ao fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé, deparou-se com o diário de Carolina. Ele ficou fascinado com a história e editou o livro *Quarto de Despejo*, que em uma semana vendeu dez mil exemplares, levando Carolina Maria de Jesus ao reconhecimento internacional (Dantas, 2024). Carolina recebeu tributos ao redor do mundo, sendo traduzida para diversas línguas.

A relação entre Audálio Dantas e Carolina Maria de Jesus foi permeada por críticas e questionamentos, que vão desde a atribuição do sucesso à edição de Audálio e, conseqüentemente, desconfiças em relação à autoria de Carolina, até a exclusão de trechos dos escritos originais, considerados hoje relevantes para a compreensão do contexto da época. O espaço restrito, quase inexistente, do jornalismo editorial às mulheres também é um fator considerável quando se atribui a Audálio o título de “descobridor” de uma autora feminina (Brum, 2021).

Em 1960, mudou-se para Osasco e, posteriormente, para o elitizado bairro Alto da Santana. Ao se mudar para esse novo espaço, enfrentou o preconceito racial e social, destacando as barreiras que persistem na sociedade (Farias, 2018).

Em 1961, a autora lançou seu segundo livro, *Casa de Alvenaria*, obra que abordou sua vivência no Bairro Alto de Santana e criticou a fama e reconhecimento que havia alcançado. No entanto, esse trabalho não obteve a mesma notoriedade que o primeiro, já que o público elitizado rejeitou o tema (Farias, 2018).

Em 1963, mudou-se para área rural e passou a viver em um sítio em Parelheiros, onde permaneceu até 1967, convivendo com o ostracismo. Carolina manteve sua paixão pela escrita e continuou a produzir obras, embora não tenham

alcançado a mesma visibilidade que o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*.

Sua vida também foi permeada por seu trabalho como catadora de papel – profissão que lhe permitiu caminhar pelos bairros nobres da cidade de São Paulo e compará-los com a Favela do Canindé (Germana, 2023). Germana Henriques Pereira (2023) acrescenta que a escolarização da escrita, alcançada com muito esforço, deve-se em parte aos livros, cadernos e lápis encontrados no lixo.

A vida de catadora de papel e escritora é retratada no curta *O Papel e o Mar* (2012) que narra o encontro imaginário entre João Cândido, líder da Revolta da Chibata, e a catadora de papel no centro do Rio de Janeiro. Esse curta destaca a importância simbólica do papel na vida de Carolina seja de maneira literal, referindo-se a sua atividade de catar papel, mas também de maneira simbólica, sugerindo que sua vida e sua obra foram construídas a partir das palavras e experiências que ela expressou em seus escritos.

Carolina Maria de Jesus morreu em 13 de fevereiro de 1977, aos 62 anos, em São Paulo. Mesmo sendo relegada ao esquecimento por muitas décadas, em virtude do racismo existente no mundo editorial, com auxílio do trabalho de sua filha Vera Eunice de Jesus Lima, sua obra renovou o seu legado, influenciando gerações de escritoras e ativistas, consolidando sua importância duradoura na literatura brasileira (Farias, 2018).

Um exemplo disso é o Prêmio Carolina Maria de Jesus de Literatura Produzida por Mulheres, instituído pelo Ministério da Cultura no ano de 2023, que teve como objetivo:

promover a literatura brasileira produzida por mulheres, valorizar autoras nacionais e incentivar a qualidade literária por meio de concurso, atendendo aos princípios e diretrizes do Plano Nacional do Livro e Leitura e da Política Nacional de Leitura e Escrita (MINC, 2023).

A vida e obra de Maria Carolina de Jesus desconstrói o mito de que pessoas pobres não leem. O seu legado transcende as páginas de seus diários e ganha reconhecimento como representação das lutas enfrentadas por mulheres negras no Brasil, servindo de inspiração para outras mulheres.

Livro Quarto de Despejo, diários de uma favelada

Aí entra a história da mulher negra sempre tentando ocupar

um espaço, ocupar o lugar dela.

Coralina-Flor Canela-de-Ema

A obra, como o próprio título indica, é o diário que Carolina Maria de Jesus manteve entre 1955 e 1960, no qual ela registra sua vida cotidiana, suas lutas, suas observações sobre a pobreza e a violência na favela, além de seus sonhos e esperanças. Esse livro é um relato pessoal da autora, e seu conteúdo se encontra com sua própria biografia. Como afirma Flor Canela-de-Ema na epígrafe, o livro registrou a busca da mulher negra por *seu lugar ao sol*.

A autora retrata a favela como um *quarto de despejo da sociedade* (Jesus, 2014), lançando um olhar crítico sobre a marginalização e abandono dos residentes em favelas. Ela descreve os habitantes das favelas como *objetos fora de uso*, sugerindo uma sociedade que descarta e abandona uma parte significativa de sua população.

A comparação da cidade como uma *sala de visita* indica a superficialidade das relações sociais, onde as áreas empobrecidas são colocadas em um lugar de invisibilidade. A metáfora da favela como o *quintal do mundo* destaca a marginalização global das comunidades pobres, sugerindo que a sociedade trata esses espaços como indesejados. Esse retrato simbólico enfatiza o menosprezo da sociedade e do poder público às condições de vida nas favelas (Germana, 2023).

A luta diária da autora por alimento reflete a luta constante contra a fome, uma presença opressiva que domina sua vida. Suas palavras também revelam a exaustão de ser mulher em uma comunidade submetida a tantas adversidades. Nas disputas entre as mulheres da favela, ela expressa o desejo de ter nascido homem, evidenciando a percepção de que a vida poderia ter sido menos difícil em uma sociedade que discrimina, desvaloriza e oprime as mulheres.

Mesmo com sua baixa escolaridade, a autora consegue ler a realidade de forma profunda. Suas reflexões remetem ao pensamento de Antônio Candido que, em uma passagem do texto intitulado *O direito à literatura*, alerta para a força criadora e destruidora da criatividade humana.

Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluimos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em

certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria. (Candido, 2023, p.183)

O diário *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus funciona como um manifesto social ao expor cruamente as injustiças e desigualdades enfrentadas por ela na comunidade. Carolina não apenas descreve suas próprias lutas diárias, como a fome e a precariedade de sua moradia, mas também lança uma crítica direta à sociedade, transcendendo a narrativa pessoal.

3.4. A leitura literária e os direitos humanos

Antônio Candido (2023), tendo como referência o pensamento de Louis-Joseph Lebreton no campo da Economia e Humanismo, utiliza uma diferenciação entre os direitos humanos, separando-os em compressíveis e incompressíveis. Para teoria dos direitos humanos, os bens incompressíveis são chamados de direitos fundamentais, sem os quais uma pessoa não tem a sua dignidade assegurada. Segundo Candido (2023), os bens incompressíveis são aqueles que não podem ser negados a ninguém e que garantem a integridade física e espiritual: as artes, a cultura, especialmente a literatura.

São bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e o direito à crença, à opinião, ao lazer, e, por que não à arte e à literatura.

O autor traz o conceito de integridade espiritual como componente para concretização da dignidade humana. O sentido, à primeira vista, remete à religião, religiosidade, espiritualidade, no entanto, trata-se da integridade do ser, em um nível mais profundo de consciência e sensibilidade. E as artes são o campo cujo acesso é fundamental para a formação e integralidade do ser.

Candido (2023) alerta para dificuldade em definir quais seriam os direitos fundamentais imprescindíveis para a satisfação da integridade espiritual, pois em relação à integridade física e intelectual existem consensos mínimos. O autor adverte que, mesmo quem não compreende a saúde, alimentação, educação e moradia como direito de todos,

não se atreve, nos tempos atuais, a se posicionar publicamente em contrário, ainda que atue politicamente para não os realizar.

Assim, se no campo dos bens incompressíveis existem consensos quanto aos conceitos, e o esforço dos que lutam por direitos humanos reside na sua efetivação, o mesmo não ocorre com os necessários para integridade espiritual. Talvez isso ocorra porque pouco se reflete sobre o tema, e tímidos são os estudos dedicados às artes como um direito humano. Ou seja, tem-se um campo teórico, pouco explorado, mas com grandes e necessárias possibilidades de expansão.

Acompanhando Antônio Candido, considero as artes um direito humano, um bem incompressível, porque são essenciais para a construção da identidade, para o desenvolvimento da sensibilidade, para conhecer o mundo e outras culturas, outras formas de sentir, vivenciar e resolver problemas. São alimento para a razão e a sensibilidade humana, para aquilo que nos define como humanos, para o que nos diferencia de outros animais.

[...] talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Desse modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade. Inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (Candido, 2023, p. 190)

Dentre as mais diversas expressões artísticas, nos interessa aqui refletir sobre a literatura. E ela é conceituada, por Antônio Candido, de forma ampla, sem distinção entre clássico, erudito ou popular, e sem diferenciar as diversas expressões da escrita criativa.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (Candido, 2023, p. 189)

O escritor apresenta um conceito amplo de literatura, que engloba as criações poéticas, ficcionais ou dramáticas, nos diferentes níveis de uma sociedade e nas diversas culturas, incluindo a produção oral, como o folclore e as lendas, e as complexas produções escritas das sociedades modernas. E, a partir desse conceito, ele situa a literatura como um direito humano, por se tratar de uma necessidade universal.

Vista dessa forma a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação [...] a literatura constitui um direito e consequentemente um direito humano, pois trata-se de uma

necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (Candido, 2023, p. 190)

Para ele, seja pela identificação entre a leitora e o conteúdo da obra literária, seja pela discussão sobre as questões interseccionais, a matéria literária contribui para a compreensão de si mesmas, nas leitoras (e ouvintes), como seres humanas autorizadas a viver e existir. No mesmo sentido, Michèle Petit (2009) afirma que as diversas expressões artísticas, incluindo a literatura, são essenciais para o desenvolvimento do que nos torna humanas, e não um suplemento ou alegoria.

[...] a literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para alma, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo de que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências. (Petit, 2009, p. 289)

C.S. Lewis diferencia os dedicados apreciadores da cultura, em especial da leitura literária, dos que dela usufruem por ambição social. Aqueles que dela desfrutam por sincera devoção, o fazem para “[...] melhorar a si próprio, desenvolver suas potencialidades, enfim, tornar-se um ser humano mais completo” (2000, p. 19).

Em complementação, Michèle Petit identifica na apreciação da cultura, de que trata C.S. Lewis (2000), uma função reparadora, pois a leitura literária, neste contexto, permite a reconstrução do ser até mesmo após experiências extremas, trágicas ou traumáticas (2009, p. 17). Para Petit, as artes nos permitem o reconhecimento do nosso lugar social, a *(re)invenção* e a *(re)definição* do nosso ser e estar no mundo.

Ao discorrer sobre o poder da literatura, Tzvetan Todorov (2021) argumenta que ela é fundamental para as transformações do ser – razão e sensibilidade humana. É a partir dela que refletimos sobre nós mesmos e sobre as outras pessoas.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (Todorov, 2021, p. 76)

Aprofundando a reflexão sobre o poder da literatura, Antônio Candido (2023) esclarece que ela pode denunciar injustiças e desigualdades, propor soluções e formas de superação, apoiar ou combater os poderes instituídos, resumindo “fornece a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (2023, p. 190). E adverte ainda que a literatura “tem o papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada da própria realidade” (Candido, 2023, p. 191).

Diferente do que se pode pensar, para Candido, a literatura não é edificante e não tem o poder de corromper o ser. Ao contrário, pois “trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (2023, p. 191).

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para natureza, a sociedade, o semelhante. (Candido, 2023, p. 196)

Mas como a literatura opera na humanização do ser? Antônio Candido (2023) responde que ela é um objeto construído, com estrutura e significado, que expressa emoções e visões de mundo e transmite conhecimento, ainda que difusa e inconscientemente.

Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (Candido, 2023, p. 192)

Tempos difíceis, como são os atuais, com graves violações dos direitos humanos, violências e privações extremas, como fome, epidemias e desastres ambientais, revelam inúmeras situações atreladas aos contextos de degradação humana – sendo essa permeada pelo racismo, sexismo, patriarcalismo, entre outros mecanismos geradores de desigualdades – e essas convergem para danos irreparáveis ao ser e estar no mundo de muitos indivíduos. Contudo, a leitura e o acesso à literatura possibilitam o *(re)encontro* da pessoa leitora consigo mesma, com o coletivo e com a realidade em que está inserida. Desenvolve e aprimora a empatia com o outro, a resiliência diante das adversidades e

alimenta a criatividade na busca por soluções de problemas que parecem, à primeira vista, insolúveis.

Michèle Petit (2009), ao tratar da contribuição da leitura literária em tempos de crise, como são os atuais, destaca a sua importância para que a pessoa crie uma autocompreensão da realidade, e possa, diante dela, se posicionar.

Tudo começa, como veremos, com situações gratificantes de intersubjetividade, encontros personalizados, uma recepção, uma hospitalidade. A partir daí, as leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito. Mas o que a leitura também torna possível é uma narrativa: ler permite iniciar uma atividade de narração e que se estabeleçam vínculos entre os fragmentos de uma história, entre os que participam de um grupo e, às vezes, entre universos culturais. Ainda mais quando essa leitura não provoca um decalque da experiência, mas uma metáfora. (Petit, 2021, p. 32)

Para Candido (2023), a literatura pode ser concebida como um direito, a partir de dois ângulos. Primeiro, a literatura corresponde a uma necessidade universal, que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, já que, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de, muitas vezes, focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão ou a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro, a literatura tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos.

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (Candido, 2023, p. 208)

Paulo Freire (2022a) defende que toda pessoa é capaz, em diálogo com outra, de compreender criticamente o mundo e que, para tanto, é necessária a oferta de ferramentas capazes de auxiliar na percepção gradual da realidade social (e individual) e de suas

contradições. Cyana Leahy-Dios (2004) destaca, em concordância com Freire, que não importa o quão submerso uma pessoa esteja em uma sociedade que não incentiva a participação social. Com as ferramentas adequadas – sendo o acesso à literatura uma delas –, ela será capaz de compreender o mundo ao seu redor e de refletir sobre sua inserção e atuação nesse mundo.

Petit, ao compartilhar sua experiência com grupos de leituras em campos de refugiados, afirma o poder que a literatura tem de proporcionar reflexões sobre o mundo e sobre o curso da vida.

Os livros lidos algumas vezes ajudam a manter a dor ou o medo à distância, transformar a agonia em ideia e a reencontrar a alegria: nesses contextos difíceis, encontrei leitores felizes. Viviam, em um ambiente pouco habituado à felicidade. Seus olhares eram às vezes bastante sofridos. E, no entanto, souberam fazer uso de textos e fragmentos de textos, ou ainda de imagens, para desviar sensivelmente o curso de suas vidas e pensar as suas relações com o mundo. (Petit, 2009, p. 34)

A partir da compreensão da literatura como um direito humano, Ebe Maria de Lima Siqueira (2013) afirma que a leitura literária corresponde a um processo elaborado de formação e permite uma aproximação da reflexão literária com as narrativas de vida das pessoas envolvidas, possibilitando a humanização do eu e da outra, viabilizando uma consciência do ser e das formas de estar no mundo.

O resgate da humanidade daquelas que são sistematicamente desumanizadas é necessário para se pensar criticamente os direitos humanos, para proporcionar o engajamento na valorização e efetivação dos valores democráticos, para consolidação do Estado democrático de direito e para atuação cidadã, tão necessária para a criação de novas teorias, novas epistemologias, novos parâmetros de construção do conhecimento.

É aí que situa a literatura social, na qual pensamos exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades. (Candido, 2023, p. 196)

Como o próprio Antônio Candido (2023) e as demais autoras e autores citados ressaltaram, a literatura tem o poder de organizar os sentimentos e impressões da pessoa que lê, que não é, de forma alguma, uma página em branco. A humanização se opera justamente no encontro do texto – enquanto objeto organizado – com o que já existe na mente, ou alma, ou espírito de quem acessa o texto, pela leitura oral ou escrita.

É aí que situa a literatura social, na qual pensamos exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades. (Candido, 2023, p. 196)

As artes, assim, são importantes fontes de pesquisa e fortes ferramentas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem pelo seu caráter tanto denunciativo como humanizante. O acesso à literatura – ou seja, a compreensão da literatura como um direito humano, garantido conjuntamente com a reflexão política e crítica da realidade social – permitirá a consolidação da percepção individual e coletiva, possibilitará enxergar o que se manteve escondido, e promoverá o reencontro com a própria voz, contribuindo assim para uma atuação cidadã mais consciente de si e do mundo, e, finalmente, rompendo com a cultura do silêncio.

A linguagem, a voz, que nos dá o poder de dizermos quem somos a nós mesmos, nos humaniza: ser dono da própria voz é o mais humano que podemos alcançar em nossa partilha de vida com os outros. Implica que tenhamos *com*-promisso com a palavra que soa através das máscaras e que reconhecemos como nossa e a firmamos, não em um papel ou fita magnética, mas – ao poder dizer eu, sabendo-se o que se diz – voltar a uma razão sensível. (Yunes, 2003, p. 50)

Uma vez identificado que o direito à literatura sempre dificultado às mulheres, aproximá-las do universo da leitura é ponto fundamental buscado pela Associação. Assim, parece-me que todas as estratégias utilizadas pela Associação ASCORALINAS são intencionalmente planejadas para que a leitura literária possa fazer parte do cotidiano das Mulheres Coralinas, de seus familiares e amigos.

Por exemplo, todos os projetos financiados previram a distribuição de um livro para as participantes; um livro integrou o *kit* de equipamento de proteção individual distribuído para os trabalhadores envolvidos na construção da sede (ver figura 8); eco bolsas, máscaras aventais e toucas entregues às cursistas trazem trechos de poemas; utensílios da Casa Coralinas, como relógios de parede, regador, vasos de plantas, pratos, etc. são pintados ou bordados com trechos de poemas.

Ao oferecer um livro em cada projeto, a Associação fortalece a compreensão da literatura como necessária para a construção de saberes e para constituição da subjetividade das mulheres que buscam a convivência no espaço da Associação.

3.4.1 A leitura literária mediada

A mediadora da leitura pode ser definida como a pessoa que proporciona a aproximação do livro com a leitora, quem cria as condições para leitura ou incentiva o ato de ler. É comum a mediação da leitura ser definida com a leitura em voz alta realizada pela professora em sala de aula, de forma fiel ao texto, em contraposição à contação de histórias, em que a contadora se apropria do conteúdo do livro e reproduz de forma lúdica. A mediação, portanto, seria aquela realizada no ambiente escolar, enquanto a contação de histórias ocorre em espaços públicos ou privados variados, como livrarias, praças, parques, bibliotecas e escolas.

Na presente tese, o interesse residiu em compreender como ocorre a mediação da leitura nas ações da ASCORALINAS, que não é um ambiente escolar e não possui um professor, no sentido formal do termo. São muitas as experiências no Brasil e no exterior que usam a mediação da leitura em perspectiva similar às Mulheres Coralinas. Esse tipo de mediação não é muito diferente da mediação feita em ambiente escolar, a distinção reside na relação entre a escritora e a obra e no objetivo a ser alcançado com a leitura, para além do desejo de aproximar a leitora do livro.

Michèle Petit (2009) estudou experiências de leitura mediada realizadas em contextos críticos de várias partes do mundo. Seu interesse é estudar a função da leitura na construção e reconstrução da identidade e da importância dos espaços de leitura. É na obra de Petit que encontro os fundamentos da leitura mediada praticada pelas Coralinas.

Para Petit (2009), a capacidade de construir sentidos é inerente ao exercício da leitura, essa conclusão é fruto de estudos e diálogos constantes com leitoras, mediadoras de leituras, animadoras culturais e com outros profissionais, que compartilharam com a autora suas experiências de leitura compartilhada e mediação da leitura em ambientes de conflitos armados, desequilíbrio social, migrações populacionais forçadas ou deterioração das condições de vida, como nas experiências desenvolvidas no Brasil, em comunidades periféricas.

É preciso de partida diferenciar leitura compartilhada e mediação da leitura. A leitura compartilhada é aquela realizada em grupos, com apoio ou não de uma mediadora ou animadora. Os clubes de leitura ou clubes do livro são um exemplo da leitura

compartilhada, em que trechos de livros são lidos coletivamente e as impressões das leitoras compartilhadas livremente.

Os espaços que promovem a leitura compartilhada possuem importante função no encorajamento da leitura, no despertar do apreço pelo livro, e na construção de novos sentidos e novos olhares sobre o mundo e sobre si mesmo.

A mediação da leitura por sua vez, ou leitura mediada como prefiro nomear, diz respeito ao processo que precede a leitura em si, e se estende ao momento posterior à apreciação do livro. À mediadora cabe escolher a obra a partir de um olhar sensível ao contexto em que a leitura será realizada e às leitoras em si, buscando conduzir a cura – como nomeia Petit, das dores vivenciadas no corpo e na alma, ou simplesmente, estimular a reflexão crítica sobre as conjunturas que geram o sofrimento e desigualdade.

Ainda, será a mediadora da leitura que irá, junto com as leitoras, conduzir o compartilhamento das impressões da obra lida, guiando as pessoas a partir dos objetivos que motivaram a escolha do texto.

No caso específico das Mulheres Coralinas, essa condução ressalta, além da obra, a vida da própria escritora, e o ambiente que propiciou ou dificultou a construção da obra, como já assinalado em relação às quatro autoras de referência dos projetos da Associação.

Petit não classifica, positiva ou negativamente, as duas modalidades de leitura e do mesmo modo não diferencia, em importância, a leitura compartilhada da individual. A leitura por si é bastante para operar transformações no ser ou, como prefere Cândido, (2023) humaniza em sentido profundo. Para a autora, ambos os tipos de leitura “desenham espaços de liberdade e, algumas vezes, de resistência, contribuindo para o desenvolvimento de outras formas de vínculos sociais, de espaço público” (2009, p. 170).

Ao refletir sobre a leitura compartilhada, essa praticada em clubes do livro, Petit afirma que “os espaços coletivos de leitura tiram cada um de sua solidão, fazem-no compreender que esses tormentos são compartilhados pelos que estão a seu lado, mas também por aqueles que encontram nas páginas lidas ou por quem as escreveu” (2009, p. 165).

Em relação à leitura individual, Petit relata que ela é também uma conquista e um espaço de liberdade, pois é nela que a leitora encontra e vivencia suas próprias preferências.

Ao final de minhas pesquisas encontrei muitos leitores que, de diferentes meios sociais, entusiasmados por ler sozinhos, que estavam

felizes nessa solidão tão povoada desses espaços seus que foram conquistados às vezes em grande luta contra seus próximos, onde não teriam de prestar contas a ninguém. (Petit, 2009, p. 170)

A leitura mediada não implica leitura compartilhada. Seja compartilhada, seja individual, ambos os modos se constituem como espaços de liberdade, resistência, autoconhecimento e fruição (Petit, 2009). A literatura não é despreziosa e, muitas vezes, ao apresentar determinadas temáticas, situações ou conflitos, evoca na pessoa que lê memórias traumáticas e perturbadoras. Daí a importância de uma mediação sensível, atenta e pautada na escuta das leitoras. A leitura mediada permite a criação de leitores propícios ao aprendizado, às descobertas, à escuta do outro, à mudança de atitude, ao respeito, à justiça e à igualdade (Yunes, 2003).

Para Ebe, a experiência do letramento literário, tendo como referencial a literatura feita por mulheres, é uma poderosa ferramenta de reflexão. “Elas se percebem como sujeito de sua própria história e de direitos, como o direito ao trabalho, do respeito do outro, à arte, à literatura e a viver com dignidade”. (Longo, 2024)

Na ASCORALINAS, a mediação tem a função de relacionar a obra, a escritora e a realidade em que vive a leitora. É a mediadora quem escolhe as obras e autoras, considerando os valores e princípios da Associação e objetivos das ações.

Para que a leitura literária alcance sua potência humanizante, é necessária uma mediação, indispensável, quando se trata de formar leitoras, seja em contexto escolar por profissionais da educação, na primeira infância por familiares, seja em grupos terapêuticos pelas profissionais de saúde. Porque é a atuação da mediadora, a pessoa que proporciona a aproximação da leitora com o livro, que irá demonstrar a importância da leitura para o processo de humanização. É a mediadora que irá destacar que a leitura de um texto literário conduz à leitura da vida, ou, como ressalta Ebe Maria de Lima Siqueira (2012), “o texto não é o limite da leitura”.

Qualquer discussão que se pretenda fazer sobre a formação de leitores, principalmente quando se idealiza um leitor literário, deve partir da ideia de que o texto não é o limite da leitura. A voz, o corpo, o cheiro, a cor, o sabor e outros tantos fatores cinestésicos acompanham e prolongam as experiências com a leitura de um livro literário, quando aquele que se oferece para o papel de mediador, seja uma pessoa da família, um professor, um bibliotecário, um amigo, se mostra sensível a estes aspectos, seja por conhecimento teórico ou por intuição. Só dessa forma, aprendida como necessidade vital, ou como uma outra natureza do ser, a leitura literária poderá reconduzir o homem em sua vida mundana.” (Siqueira, 2012, p. 54)

4 BORDANDO CONHECIMENTO: NARRATIVAS E APRENDIZADOS

Da calma e do silêncio (trecho)

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas

Conceição Evaristo, em Poemas e Recordações

Introdução

Sim, porque a gente borda muito poema, né?

Coralina-Flor Colestênia

A arte de bordar envolve paciência, dedicação, cuidado e inspiração. O ponto pode ser refeito várias vezes até alcançar a perfeição aos olhos da bordadeira.

Então, eu bordo o patrimônio é um patrimônio e aí eu o bordo o casario, frase de Cora, fragmento de Cora. (Flor Orquídea Colestênia)

[...] a gente usa aquelas fachadas, né, para fazer, para desenhar em algumas peças, tem as casinhas que eu faço nos pratos, nos copos, aquelas casinhas todas juntinhas né... (Flor de Caliandra)

Para as Coralinas, a inspiração vem da observação do mundo, da natureza, da arquitetura da cidade e da poesia. Os aprendizados e as reflexões, resultados de uma pesquisa, também requerem as mesmas qualidades que o bordado: a observação e escuta atenta no momento da coleta de dados (Yin, 2016).

A interação com outras pessoas que auxiliam na realização da pesquisa de campo cria o meio propício para manifestação das ideias. Apresento aqui, portanto, algumas reflexões do diálogo estabelecido com as Coralinas por meio da pesquisa de campo. Esclareço que os depoimentos foram transcritos e utilizados na tese de forma fidedigna, sem edição de conteúdo ou linguagem.

4.1 Perfil socioeconômico das Mulheres Coralinas em 2023

Para ser um trabalho que é invisível, ser mãe por exemplo, muitas vezes ela abdica das suas coisas para ser, para ser mãe, para cuidar dos seus filhos. É um trabalho duro e muito bonito ser mãe sem dúvida nenhuma, mas ele é muito invisível. Não, não é reconhecido mesmo.

Coralina-Flor Flamboyant

Com os formulários, foi possível conhecer um pouco da realidade das Mulheres Coralinas. As associadas mais atuantes na governança da Associação e nos grupos de comunicação interna atenderam ao convite para responder o formulário. O instrumento apresentou 20 quesitos relacionados aos temas: família, trabalho, renda, escolaridade, atuação na Associação e, por fim, o sentimento sobre a Associação. A seguir, apresento as respostas.

O total de 43 mulheres, como já explicado no primeiro capítulo, não corresponde à integralidade das mulheres que compõem o quadro associativo. Indicam, apenas, o número de associadas que responderam ao formulário.

Início com a análise da idade. A pergunta permitia que a coralina indicasse sua idade exata no momento da resposta. Na tabulação, criei faixas de idade por décadas, seguindo levantamentos realizados pelas organizadoras do 1º Curso de Formação de Mulheres Coralinas em 2013 (Siqueira; Camargo, 2016) e pela própria Associação em 2020 (Acervo documental da Associação: Relatório Saberes das Mãos, 2019-2020).

Tabela 10 Mulheres Coralinas segundo a faixa etária: Ano 2023

Faixa Etária	F	%
Até 30 anos	4	9
Entre 31 e 40 anos	3	7
Entre 41 e 50 anos	6	14
Entre 51 e 60 anos	12	28
Entre 61 e 70 anos	15	35
Entre 71 e 80 anos	3	7
Total	43	100

Fonte: autoria própria (2024)

Na Tabela 10, considerando as idades exatas, a maior concentração ficou entre 56 e 68 anos e, por faixa etária, entre 61 e 70 anos. A mais jovem declarou ter 23 anos e a

mais idosa 80 anos. Observa-se 77% (33 mulheres) entre 41 e 70 anos, o que demonstra a maturidade das associadas.

Em relação aos filhos e filhas, questionou-se o número de filhos que possuem, as respostas variaram entre as opções de zero filhos até 4 filhos.

Tabela 11 Número de filhos e filhas da Mulher Coralina: Ano 2023

Número de filhos e filhas	F	%
Sem filhos	6	14
Um filho/a	8	19
Dois filhos/as	18	42
Três filhos/as	7	16
Quatro filhos/as	3	7
Sem resposta	1	2
Total	43	100

Fonte: autoria própria (2024)

Do total, 36 mulheres (84%) declararam que possuem filhas/filhos – somadas as respostas de “um filho” até “quatro filhos” –, 6 mulheres (14%) responderam que não possuem filhos/filhas e uma pessoa deixou a resposta em branco.

Entre as mulheres que declararam possuir filhos, a maioria (42%) afirmou possuir dois filhos. Uma associada declarou que possui um filho já falecido. Afinal, o luto materno não retira da subjetividade feminina a sua condição de mãe.

Tabela 12 Mulheres Coralinas e filhos que residem consigo: Ano 2023

Número de filhas e filhos que residem consigo	F	%
Sim	19	44
Não	18	42
Resposta em branco	6	14
Total	43	100

Fonte: autoria própria (2024)

Questionadas se possuem filhas/filhos que moram consigo, 19 mulheres (44%) responderam que sim, 18 mulheres (42%) responderam que não e seis mulheres (14%) não responderam. Não questionei a idade das filhas/os, mas a observação do campo

indicou a presença expressiva de crianças e adolescentes que acompanham as atividades realizadas pelas Coralinas.

Observa-se que 36 mulheres responderam que possuem filhos (Tabela 11) e 37 mulheres responderam sim ou não ao quesito se os filhos residem consigo (Tabela 12). Essa variação refere-se à associada que respondeu possuir um filho falecido. Nota-se um número expressivo de Coralinas que ainda são responsáveis pelo cuidado das filhas, o que nos leva a refletir sobre: diferentes atribuições com o trabalho do cuidado que elas possuem; e a necessidade de ações voltadas para o acolhimento de crianças e adolescentes durante as atividades.

O cuidado ainda é um trabalho exercido impositiva e majoritariamente por mulheres, no ambiente privado da casa. Invisibilizado, obstaculiza o avanço das mulheres na ocupação do espaço público – ingresso nas universidades, no exercício profissional e na participação política.

Tabela 13 Local de nascimento das Mulheres Coralinas: Ano 2023

Local de nascimento	F	%
Cidade de Goiás	14	33
Outros municípios	27	63
Sem resposta	2	4
Total	43	100

Fonte: autoria própria (2024)

Em relação ao local de nascimento, 14 associadas (32%) nasceram na Cidade de Goiás, 27 associadas (63%) nasceram em outras localidades e duas associadas não responderam. É interessante registrar que a Tabela 13 revela que o número de mulheres nascidas em outros municípios é praticamente o dobro daquelas nascidas na Cidade de Goiás. Esse dado mostra a presença de uma migração expressiva de mulheres habitantes de outras localidades para a Cidade de Goiás. Isso levanta duas hipóteses: 1. Goiás seria um município atrativo do ponto de vista econômico e cultural; 2. a precariedade da vida no campo conduz a busca por melhores condições de vida no espaço urbano.

Tabela 14 Idade com que a mulher coralina se mudou para Cidade de Goiás: Ano 2023

Idade com que chegaram à Cidade de Goiás	F	%
Até os 10 anos	6	22
Entre 11 e 20 anos	12	44
Entre 21 e 30 anos	4	15
Entre 31 e 40 anos	1	4
Sem resposta	4	15
Total	27	100

Fonte: autoria própria (2024)

Para as associadas que não nasceram na Cidade de Goiás, foi perguntado sobre a idade em que se mudaram para o município e as idades variaram entre três dias de vida e 40 anos. Observa-se que 22% fizeram a mudança na primeira infância e 44% na pré-adolescência e adolescência. Duas associadas não especificaram a idade exata e se referiram a um período da vida: “toda minha vida moro na roça” e “[moro em Goiás] desde que não moro na roça”.

A pergunta foi formulada em configuração aberta de modo a permitir que a entrevistada incluísse a idade exata, o que possibilitou essa diferença nas respostas. Na tabulação, para melhor visualização, organizei por faixas de idade.

Observa-se que, na pergunta sobre local de nascimento (Tabela 13), duas associadas deixaram o campo em branco e, enquanto na pergunta sobre a idade em que se mudou para Goiás (Tabela 14), quatro associadas deixaram o campo em branco. Essa variação decorre do fato de que duas associadas responderam ao quesito sobre a idade em que se mudaram para Goiás, com afirmações sobre um período da vida.

Complementando esses dados com as respostas nas entrevistas, percebi que algumas mulheres que indicaram a data de chegada à Goiás, em verdade, residiam na zona rural do município. A Cidade de Goiás, como muitas outras do interior goiano, é composta tanto por uma zona urbana como por uma zona rural. Percebe-se aqui uma distinção no imaginário social entre o ambiente urbano e rural, como se residir na Cidade de Goiás se referisse exclusivamente ao ambiente urbano. Isso indica um sentimento de exclusão e de não pertencimento à cidade.

Tabela 15 Mulheres Coralinas segundo raça: Ano 2023

Cor da pele	F	%
Branca	15	35
Parda	22	51
Preta	4	9
Indígena	0	0
Sem resposta	2	5
Total	43	100

Fonte: autoria própria (2024)

Em relação à raça, separei preta e parda, seguindo o exemplo do IBGE. Restou demonstrado que, do total, 26 mulheres (60%) são autodeclaradas negras, que de acordo com a definição do IBGE inclui pretas e pardas, 15 mulheres (35%) são autodeclaradas brancas e nenhuma indígena. Duas associadas não responderam à pergunta.

Na entrevista, uma coralina afirmou: sou parda, não sou branca, não sou morena igual aos negros, evidenciando uma possível diferenciação entre pretos e pardos no seu imaginário. Os estudos sobre colorismo podem auxiliar na compreensão desse fenômeno que não será aprofundado no espaço desta investigação.

Tabela 16 Mulheres Coralinas segundo estado civil: Ano 2023

Estado civil	F	%
Solteira	9	21
Casada no cartório	14	33
Casada morando junto (união estável)	6	14
Separada/Divorciada	6	14
Viúva	7	16
Sem resposta	1	2
Total	43	100

Fonte: autoria própria (2024)

Sobre o estado civil, 14 (33%) mulheres são casadas civilmente, o que demonstra a valorização da legalização da união. Somadas as respostas das mulheres que declararam

serem casadas ou conviventes (união estável), conclui-se que 20, ou seja, 47% das associadas que responderam ao formulário possuem um companheiro.

O quesito foi formulado com as expressões *casada no cartório* e *casada morando junto* por serem expressões comumente usadas pela população. Os termos *separada* e *divorciada* foram usados juntos, porque a distinção jurídica já não tem efeito prático e qualquer repercussão para o presente estudo. Contudo, destaco que as perguntas sobre o estado civil não alcançaram as mulheres que são separadas de fato, mas permanecem legalmente casadas e, em alguns casos, dividindo a mesma casa com o homem com quem se casou, o que justificaria o uso do termo *separada* no formulário.

Analisando as entrevistas, percebi que, nesses casos, as Coralinas responderam que são *casadas*, evidenciando a força que a legalidade tem no imaginário social. Reflito que incluir um campo para *separadas de fato* seria útil para análise e, possivelmente, provocaria a reflexão sobre a qualificação do estado civil.

Uma dúvida se destacou na análise que, pela ausência de dados e recorte da tese, não foi possível aprofundar: sabemos os significados previsto em lei para determinação do estado civil, mas como as Mulheres Coralinas entendem a terminologia legal? Penso que essa reflexão é necessária para que elas possam entender seus direitos e deveres em relação ao casamento, união estável, divórcio e separação de fato.

Tabela 17 Mulheres Coralinas segundo escolaridade: Ano 2023

Escolaridade	F	%
Ensino fundamental incompleto	6	14
Ensino fundamental completo	1	2
Ensino médio incompleto	2	5
Ensino médio completo	11	26
Ensino superior incompleto	4	9
Ensino superior completo	9	21
Pós-graduação iniciada ou completa	9	21
Sem resposta	1	2
Total	43	100%

Fonte: autoria própria (2024)

Em relação à escolaridade, percebe-se que 33 mulheres (77%) concluíram o ensino médio, se consideradas as respostas de *ensino médio completo* até a *pós-graduação*

iniciada ou completa. Esse dado demonstra bom nível de escolaridade entre as Mulheres Coralinas, mas não deve ser analisado isoladamente.

Com as entrevistas e convivência com as Mulheres Coralinas, observei que algumas mulheres que concluíram o ensino médio, o fizeram já na idade adulta com o Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ainda, muitas delas ingressaram tardiamente na escola, após saírem da zona rural, onde não havia escolas ou eram precárias, para a área urbana.

A integralização da formação básica não significa que ela foi realizada sem obstáculos e dificuldades. Reflito, ainda, sobre a importância de políticas públicas para educação para todas as idades. O número de Coralinas que não concluíram o ensino fundamental, 6 mulheres (14%) também deve ser observado com atenção. Nas entrevistas foi possível entender as razões que dificultaram o processo de escolarização, como casamento, maternidade e trabalho precoce.

Ainda em relação à escolaridade, 22 mulheres (49%) declararam possuir ensino superior completo ou em curso ou pós-graduação iniciada ou completa. Na convivência com as Coralinas, fui informada que uma delas ingressou na universidade após se tornar Coralina! Questionadas sobre os cursos de graduação que fizeram, indicaram os seguintes: Letra com Inglês; Gênero e Diversidade; Matemática; Letras; Turismo; Direito; Pedagogia; Artes Visuais; Geografia; Administração. Interessante observar que, com exceção do curso de Matemática, os demais cursos podem ser classificados nas áreas do conhecimento das ciências humanas, ciências sociais aplicadas, artes, letras e turismo.

Tabela 18 Mulheres Coralinas e as IES de graduação: Ano de 2023

Instituição de Educação Superior	F	%
Universidade Estadual de Goiás	11	50
Universidade Federal de Goiás	4	18
Instituto Federal de Goiás	3	17
Universidade Estadual do Rio de Janeiro	1	5
Pontifícia Universidade Católica de Goiás	1	5
Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI	1	5
Universidade de Brasília	1	5
Total	22	100

Fonte: autoria própria (2024)

Em relação às instituições de ensino superior (IES), 20 associadas estudaram em instituições públicas, duas associadas em faculdades privadas. Entre as instituições públicas, estão duas estaduais (UEG e UERJ) e duas federais (UFG, IFG) em Goiás, uma federal no Distrito Federal (UnB). E, em relação às instituições privadas, há uma situada em Goiás (PUC) e uma no Espírito Santo (FAVENI).

Observa-se que 18 Coralinas (84,81%) cursam ou cursaram graduação em instituições situadas na cidade. A presença de três instituições públicas de educação superior no município Cidade de Goiás pode explicar o bom número de Mulheres Coralinas na educação superior. São IES que oferecem cursos de graduação e pós-graduação *latu/stricto sensu* variados, oportunizando o amplo acesso à educação às moradoras de cidades que compõem o Vale do Rio Vermelho.

Para entender a renda das Coralinas, perguntou-se, primeiramente, sobre sua composição. A pergunta aceitou mais de uma resposta de forma a verificar as várias possibilidades de remuneração, e o percentual foi calculado com base no total de formulários, ou seja, 43.

Tabela 19 Mulheres Coralinas segundo a fonte de renda: Ano 2023

Fontes de Renda	F	%
Trabalho assalariado formal	4	9
Trabalho informal	11	26
Microempreendedor individual	1	2
Benefícios sociais	3	7
Desempregada	1	2
Comércio de produtos artesanais	20	47
Sem resposta	3	8
Pensão/Aposentadoria	19	44
Servidora pública estadual	1	2

Fonte: autoria própria (2024)

A renda das Coralinas é muito diversa, no entanto, três apresentaram maior destaque: o comércio de produtos artesanais, os benefícios previdenciários (pensão/aposentadoria) e o trabalho informal.

A venda de produtos artesanais é importante para o orçamento doméstico da maioria das associadas. Ele apareceu em conjunto com outras fontes de renda, o que indica ser, para algumas, uma atividade de complementação.

Tabela 20 Mulheres Coralinas segundo a renda: Ano 2023

Faixa de renda (salário-mínimo)	F	%
Inferior a 1 SM	5	12
1 SM	16	37
Entre 1 e 2 SM	7	16
Mais de 2 SM	13	30
Sem resposta	2	5
Total	43	100

Fonte: autoria própria (2024)

Perguntadas sobre a faixa de renda, verificou-se que 16 mulheres (37%) recebem um salário-mínimo mensal, sete mulheres (16%) recebem entre um e dois salários e 13 mulheres (30%) mais de dois salários-mínimos. Contudo, o índice de mulheres que vivem com menos do mínimo não deve ser ignorado: cinco mulheres (17%). Essas mulheres demandam uma atenção especial por parte da Associação, uma vez que o empoderamento econômico consta como um dos seus objetivos. Entender as razões e auxiliá-las na superação de dificuldades.

Ao relacionar as informações sobre fonte de renda (Tabela 19) e renda (Tabela 20), verificou-se, no que se refere às associadas que possuem renda inferior a um salário-mínimo, que: uma declarou exercer atividade informal, ou seja, sem carteira assinada, como, por exemplo, diarista em serviços gerais, juntamente com a venda de produtos artesanais; três declararam como fonte de renda exclusivamente a venda de produtos artesanais; uma declarou exclusivamente o desemprego.

Observou-se, ainda, que outras associadas, com renda mensal igual a um salário-mínimo, também declararam como fonte de renda apenas a venda de produtos artesanais. As associadas que possuem renda superior a um salário-mínimo declararam possuir fonte de renda formal – salário, proventos, pensão, aposentadoria e benefícios sociais –

conjugada, na maioria dos casos, com a venda de produtos artesanais.

Essas informações indicam que a atividade comercial das Coralinas, calcada nos saberes das mãos, tem sido uma importante fonte de renda, mas insuficiente para garantir uma renda acima do mínimo estabelecido por lei. É preciso ressaltar que, de acordo com o estatuto (art. 2º, I, II, IV, VI, VII), a Associação se propõe a promover a qualificação e nos saberes das mãos e oferecer um espaço para comercialização. A produção das peças a serem comercializadas são de responsabilidade da própria associada e que as dinâmicas da vida individual de cada uma, marcada por responsabilidades com o cuidado dos filhos e netos, e trabalho doméstico interfere na produção de cada uma.

Sobre a relação com a Associação, era importante saber, inicialmente, a qual eixo de atividade artesanal a associada está vinculada. A pergunta aceitou mais de uma resposta, considerando que elas podem vincular-se a mais de um eixo, conforme demonstra a Tabela 21.

Tabela 21 Mulheres Coralinas e os eixos de atuação na Associação: Ano 2023

Eixo de atuação na Associação	F
Gastronomia	13
Bordado	29
Cerâmica	10
Vocalização	8
Sem resposta	2
Total	62

Fonte: autoria própria (2024)

Buscando aprofundar a compreensão sobre os saberes das mãos, e usando como referência as respostas ao quesito anterior, verificou-se a quantos eixos cada associada se vincula.

Tabela 22 Mulheres Coralinas e atuação em múltiplos eixos: Ano 2023

Atuação em múltiplos eixos	F	%
Apenas um eixo	26	60
Dois eixos de atuação	10	23

Três eixos de atuação	4	10
Sem resposta	3	7
Total	43	100

Fonte: autoria própria (2024)

A Tabela 22 confirma que a maioria das Coralinas, 26 mulheres (60%), está vinculada a apenas um eixo dos saberes das mãos, enquanto 10 participam de dois eixos, quatro participam de três eixos, ou seja, a maioria das mulheres que responderam se dedica a apenas um eixo. Nas entrevistas, contudo, pude observar que existe uma interação entre os diversos eixos de atuação. Por exemplo, quem respondeu atuar em apenas um eixo, na entrevista declarou colaborar com outros.

Diante disso, faço duas problematizações. Primeiro, a pergunta alcançou apenas o eixo de atuação profissional, ou seja, o eixo em que a Coralina se vincula formalmente junto à Associação e que comercializa os produtos; em segundo lugar, a pergunta não alcançou as diversas interações entre as integrantes dos eixos que incluem, por exemplo, auxiliar nas oficinas, acompanhar oficinas, ajudar na finalização dos produtos. Na convivência e nas entrevistas, pude observar essas interações.

Esclareço que é a participação em oficinas nos saberes das mãos que define qual o seu eixo de atuação. E as associadas são organizadas em grupos de *whatsapp* separados.

De todo modo, a reflexão que alcanço é a do expressivo envolvimento das associadas com os diferentes saberes das mãos.

Tabela 23 Coralinas e atuação exclusiva em um eixo dos saberes das mãos: Ano 2023

Eixo de atuação exclusivo	F	%
Bordado	15	58
Cerâmica	5	19
Gastronomia	6	23
Vocalização	0	0
Total	26	100

Fonte: autoria própria (2024)

Para compreender em quais atividades as associadas buscam especialização, ou seja, dedicam-se com exclusividade dentro da Associação, encontrou-se o bordado como a atividade de maior interesse (57%), seguida da gastronomia (23%) e da cerâmica (20%). A vocalização não aparece como atividade de dedicação exclusiva.

Em relação às combinações de eixos de atuação em saberes das mãos, observou-se o que consta a seguir, na Tabela 24:

Tabela 24 Coralinas e atuação em eixos combinados dos saberes das mãos: Ano 2023

Combinações de eixos de atuação	F	%
Gastronomia e Vocalização	2	13
Gastronomia e Bordado	3	20
Gastronomia e Cerâmica	4	27
Bordado e Vocalização	2	13
Gastronomia, Bordado e Cerâmica	2	13
Gastronomia, Bordado e Vocalização	2	13
Total	15	100

Fonte: autoria própria (2024)

Segundo a Tabela 24, a vocalização é um eixo transversal e complementar, composto por integrantes dos demais grupos dos saberes das mãos. Por ser o eixo com maior relação com a leitura e literatura e que não se relaciona, diretamente, com os saberes das mãos, mas sim com o pilar da formação de leitoras literárias, que nos gera renda, é compreensível que não existam, no momento, associadas dedicadas exclusivamente a ele. O que não impede que, no futuro, esse Quadro se modifique, principalmente ao se considerar o avançar da idade das associadas.

Além disso, a exposição pública que a vocalização demanda, com apresentações em eventos locais, regionais e nacionais não encoraja a participação das mulheres (Paiva, 2023), que encontram dificuldades em se reconhecer como sujeitas de direitos (Sousa Jr., 2002, 2008) e resistem a ocupar seu lugar de fala (Ribeiro, 2019; Spivak, 2003).

Sobre os projetos da Associação em que participaram, identificou-se que a maioria participa desde a sua fundação. A pergunta aceitou mais de uma resposta, pois considera-

se que as associadas podem participar de vários projetos.

Tabela 25 Coralinas de acordo com a participação em projetos: Ano 2023

Participação em projetos	F
1ª Formação – 2014	26
Saberes das Mãos I – 2019	25
Saberes das Mãos II – 2020	23
Mais um sem dor – 2023	17
Sem resposta	2
Total	96

Fonte: autoria própria (2024)

A Tabela 25 demonstra que a maioria das associadas participou dos projetos de formação em 2014, 2019 e 2020, enquanto um número menor participou em 2023. Ressalto que a participação ocorre de diferentes maneiras: como oficinas, cursistas, no apoio administrativo ou pedagógico. A pergunta não diferenciou os modos de participação. Relembro que 43 associadas responderam ao formulário, sendo que, na Tabela 25, apresentei a frequência total das respostas.

Decompondo as respostas ao quesito anterior para entender o engajamento das associadas, encontramos as seguintes combinações de projetos, conforme registra a Tabela 26:

Tabela 26 Coralinas de acordo com a participação em múltiplos projetos em 2023

Participação em múltiplos projetos	F	%
Apenas um projeto	14	33
Dois projetos	9	21
Três projetos	7	16
Quatro projetos	11	26
Sem resposta	2	5
Total	43	100

Fonte: autoria própria (2024)

Observa-se que a maioria, 67% das associadas, já participou de mais de um projeto, o que demonstra um grande engajamento por parte das mulheres. A participação ocorre de várias maneiras, seja como cursistas, mestras,icineiras, seja no apoio administrativo. As integrantes do grupo de vocalizadoras costumam oferecer apoio na leitura e vocalização de poemas durante as oficinas ou nos intervalos.

O último quesito do formulário foi elaborado em formato aberto para registro de impressões pessoais sobre a Associação. A seguir, transcrevo as respostas, sem qualquer intervenção na linguagem.

Quadro 11 Resposta aberta perfil socioeconômico Ano 2023

1	Gosto muito de participar desta Associação, pois ela surgiu em um momento da vida, que foi a minha separação conjugal. A Associação nos permite crescer, ter independência e empoderamento. É um coletivo de mulheres que na sua maioria de componentes estão unidas para não só para aprendizagem, mas para nós fortalecer umas com as outras.
2	Um projeto que veio pra mudar a vida de muitas mulheres, inclusive a minha. A Associação é uma família onde as companheiras se apoiam sentem amparadas.
3	Gosto muito da Associação, tem feito parte da minha vida, uma motivação para ser mais útil e parceiras de mulheres.
4	Ajuda muito no desenvolvimento de quem participa
5	A Associação para mim foi um presente, pois através dela me senti muito bem acolhida. Antes de conhecer a Associação das Mulheres Coralinas eu me sentia muito inferior. Com a chegada na Associação me senti útil e valorizada, pois foi onde eu me senti bem recebida pelas companheiras. Além de ter me ajudado no complemento da minha renda financeira através dos bordados. Mesmo quando estou cansada, quando pego um bordado ou outra coisa relacionada a Associação para fazer me sinto revigorada, pois faço tudo com amor é carinho.
6	Foi muito bom pra mim, e criei um vínculo de amizade. Conheci muitas pessoas. Por estar passando por problemas pessoais, estou um pouquinho afastada das atividades rotineiras da Associação.
7	A Associação pra mim está sendo muito gratificante. Apreendi mta coisa Boa, fiz muitas amizades. É tudo de bom.
8	Maravilhosa....me ensina a cada dia mais..
9	A Associação Coralinas exerce um papel extremamente importante dentro da cidade de Goiás onde recebe mulheres de todos os lugares, além de unir forças para reivindicar direitos, são capacitadas com diversos cursos, que ajudam na renda familiar. Sou mulher, sou preta, sou Coralina!

10	Me trouxe bastante conhecimento de como viver em um coletivo. Quando ela iniciou não imaginei que ela chegaria na proporção que chegou hoje. E com o tempo meu Trabalho começou a ser reconhecido. Muitas pessoas não acreditavam nesse projeto e eu ficava muito triste com isso. Mas eu não desisti e hoje a Associação me proporciona várias oportunidades.
11	A Associação traz um espaço aconchegante para mulheres, jovens, adolescentes e crianças. Onde sentimos seguras para expor nossas opiniões e sugestões uma troca de saberes, sendo assim aprendemos culinária, bordados, encadernação... Onde pode se tornar uma fonte de renda.
12	A Associação é uma instituição que possibilita e fortalece as mulheres a acreditarem no potencial de cada uma. E o mais importante, que unidas de forma coletiva podem ser mais fortes e respeitadas.
13	A Associação Coralinas é uma segunda família.
14	Ajuda muito as mulheres que precisam de um apoio moral e até mesmo financeiro, fornecendo cursos de artesanato, para que melhorem suas rendas família
15	As Mulheres Coralinas vieram no momento exato para muitas de nós. Nós tínhamos um pouco de conhecimento, mas não sabíamos como transformar em uma fonte de renda e de como fazer divulgação. No começo quando entramos no projeto estamos todas descrentes e desmotivadas, mas com o crescimento do projeto, começamos a nós empoderar. A Associação hoje se tornou atualmente um grande apoio para nós. Hoje sinto muito orgulho de fazer parte da Associação Mulheres Coralinas, pois hoje somos respeitadas e reconhecidas até mundialmente.
16	A Associação Mulheres Coralinas me ajudou muito. Antes me sentia sozinha. As pessoas não davam valor no nosso trabalho. Hoje temos as companheiras, ajudando umas as outras e hoje o nosso trabalho é reconhecido.
17	No início eu não queria participar, mas no começo do projeto da Associação acabou sendo um impulso para poder sair da minha casa, pois tinha acabado de perder meu pai e estava ficando muito dentro de casa. O tempo com a Associação foi passando e eu fui me envolvendo mais com o projeto e amenizando um pouquinho um pouco o sentimento de perda. Não imaginava que a Associação seria tão bom pra mim. Enquanto vamos no psicólogo, e lá falamos da nossa vida, na Associação foi como uma terapia, pois aqui conheci muitas companheiras e cada uma com sua história e foi onde eu vi que tinham pessoas passando por momentos difíceis muito mais do que eu e, isso me fortaleceu.
18	Eu acho ótimo participar da Associação. Aqui aprendemos coisas diferentes, temos novas oportunidades, conhecemos várias pessoas e outros lugares.
19	Foi a melhor coisa que poderia acontecer na cidade de Goiás
20	Um excelente trabalho com as pessoas ajudando ser pessoas melhores a cada dia....
21	É um projeto que contribui muito na vida muitas mulheres tanto financeiramente quanto empoderamento
22	Acredito ser a atividade mais completa e séria de Goiás. Através dos projetos realizados na Associação, você é capaz de sentir que tudo pode ser melhor, começando por você!

23	É uma Associação que resgata a cultura da cidade, trabalha o empoderamento das mulheres, capacitando-as a ter mais sucesso e liberdade.
24	É bom porque ensina a mulheres ser independente e perder o medo de falar suas opiniões e se sentir acolhida aprender muitas coisas boas e lá
25	Um respiro e um alimento para a minha alma
26	A Associação das Mulheres Coralinas foi e continua sendo de extrema importância para minha formação como mulher na sociedade. Estar com elas representa um aprendizado inestimável. Aprendo constantemente com cada uma delas, e para mim, a presença das Mulheres Coralinas é fundamental para a cidade de Goiás.
27	As Mulheres Coralinas me proporcionaram apoio emocional no momento em que mais precisei. É um lugar onde me sinto bem, aprecio estar com as mulheres enquanto produzimos bordados, doces e compartilhamos poesias.
28	Eu acho ótimo. Pra mim é muito bom, me trouxe amizades, conhecimento e troca desse conhecimento, além também de proporcionar diversão.
29	Um espaço acolhedor uma família para mim
30	É de grande incentivo. É de grande ajuda até psicológico. As idades se juntam, adolescentes e nós mais experientes. E eu agradeço por ainda poder fazer parte do projeto das Mulheres Coralinas.
31	Foi um projeto muito bom que aconteceu pra mim, pois eu aprendi e estou aprendendo cada dia mais. Gosto muito de fazer parte deste projeto.
32	Uma Associação que permitiu nosso avanço para o conhecimento e aperfeiçoamento do nosso potencial diante das adversidades da vida cotidiana.
33	É muito maravilhosa excelente
34	Um espaço de formação continuada. Também é uma rede de apoio para as associadas e para outras mulheres da cidade de Goiás e de outros municípios.
35	A Associação Mulheres Coralinas é um espaço para mulheres se fortalecerem coletivamente. Um espaço para se conversar e aprender sobre poesia, direitos humanos e saberes da nossa cultura vilaboense.
36	A Associação é um lugar onde a gente aprende demais, tem o nosso trabalho valorizado, reconhecido pelas pessoas e têm oportunidade de complementar nossa renda, o que ajuda muito. Aqui a gente também conhece muitas pessoas.
37	A Associação é uma coisa muito boa, que tem desenvolvido bastante, tem dado a oportunidade de muitas pessoas aprenderem e crescerem.
38	A Associação das Mulheres Coralinas é maravilhosa, tem projetos muito bons que dão oportunidades para muitas pessoas.
39	É uma Política Pública inovadora e importante para formação de mulheres que buscam alcançar sua emancipação. Por meio da Associação muitas pessoas têm conseguido restabelecer a saúde mental e se fortalecer por meio de uma rede de apoio. A sede da

	Associação está fazendo a diferença para levantar a autoestima das pessoas do setor Rio Vermelho.
40	A Associação é excelente, é essa a busca de tantos tipos de conhecimento. Qualifica mulheres para que tenham sua independência financeira e também independência de si mesma para voar mais alto, alcançar objetivos maiores.
41	A Associação é um espaço onde as mulheres que lá estão encontrar um lugar de pertencimento um lugar de fala
42	A Associação e os projetos desenvolvidos por nós influência de uma forma muito positiva nas vidas de muitas pessoas.

Fonte: autoria própria

As frases demonstram a importância que a Associação tem na vida de suas integrantes. Apoio emocional, motivação, reconhecimento, oportunidade, amizades e complementação da renda são palavras que indicam o que elas afirmaram encontrar na Associação.

Os 42 depoimentos das Mulheres Coralinas são de uma riqueza pautada nas experiências pessoais e naquelas vividas junto a outras companheiras e dos projetos partilhados nos diferentes eixos dos saberes das mãos. A proposta, a seguir, analisa essas respostas em 3 categorias: 1. mulheres; 2. projetos partilhados na Associação e 3. impacto na renda familiar.

Em relação às mulheres, os destaques ficaram vinculados, em primeiro lugar, ao acolhimento, apoio emocional, empoderamento, independência, amizade e liberdade. Esse conjunto de categorias indica que o propósito da formação permitiu que as mulheres em coletivo conseguissem ganhar novas dimensões para suas vidas pessoais, de modo que suas histórias de vida mescladas nos momentos da aprendizagem dos saberes das mãos ganhassem a ideia de serem uma “família”.

Esta sensação de acolhimento amistoso, com apoio moral, respeito, carinho e solidariedade permaneceu como um espaço de reconhecimento e autoestima, que se traduziu como “um alimento para a alma”.

Em relação aos projetos partilhados, as Coralinas enfatizaram a importância dos conhecimentos adquiridos, como oportunidades que se abriram em suas vidas por meio do trabalho valorizado em ambiente que se assemelhava a uma “terapia” para aliviar as violências vividas e enfrentar as adversidades da vida.

Essa percepção se articula também com a oportunidade de ter nesta experiência de trabalho coletivo um complemento de renda importante para tornar suas vidas menos carentes das necessidades humanas.

Na fase documental da pesquisa, identifiquei oito categorias nos objetivos da Associação. Seis delas aparecem nas respostas a esse último quesito, demonstrando o alcance e repercussão da Associação na vida das mulheres, da importância do associativismo, dos direitos humanos e do fortalecimento da cidadania.

Tabela 27 Categorias que emergem do discurso das Mulheres Coralinas: Ano 2023

Categorias de análise	F	%
Empoderamento	12	28
Solidariedade	11	26
Independência	9	21
Conhecimento	4	9
Acolhimento	4	9
Cidadania	3	7
Total	43	100

Fonte: autoria própria (2024)

Elas se articulam com as autoras e obras literárias estudadas pelas Mulheres Coralinas, demonstrando a importância da mediação da literatura e da leitura para a concretização dos direitos humanos e fortalecimento da cidadania.

4.2 Reflexões sobre as entrevistas semiestruturadas

Como dito, realizei 19 entrevistas semiestruturadas, sendo dez utilizadas na análise por apresentarem dados proveitosos para os fins da pesquisa. Na escolha delas, considerei: 1. não houve interrupções de parentes, colegas, vizinhos ou clientes; 2. o áudio estava bom e, conseqüentemente, a transcrição foi completa, sem trechos inaudíveis; e 3. a entrevistada estava aparentemente calma e confortável.

Para compor o grupo de Coralinas a serem entrevistadas, o formulário como recurso. O intuito foi compor um grupo diversificado em relação à idade, ano de ingresso e áreas de atuação. Priorizei as associadas mais atuantes, aquelas que participam com frequência das atividades propostas e auxiliam na administração da sede e loja.

A seguir, apresento as Tabelas que permitem conhecer o perfil das entrevistadas.

Tabela 28 Local de nascimento da mulher coralina entrevistada 2023

Local de nascimento	F
Cidade de Goiás	07
Cidades vizinhas	03
Total	10

Fonte: autoria própria (2024)

Conforme demonstra a Tabela 28, sete Coralinas nasceram em Goiás e três nasceram em cidades vizinhas, ou seja, um grupo com certa homogeneidade em relação ao local de nascimento.

Tabela 29 Estado civil da mulher coralina entrevistada 2023

Estado civil	F
Casada	04
Viúva	03
União estável	01
Divorciada	01
Solteira	01
Total	10

Fonte: autoria própria (2024)

Sobre o estado civil, a distribuição é a seguinte: quatro mulheres casadas, três viúvas, uma solteira, uma divorciada e uma em união estável.

Tabela 30 Raça da mulher coralina entrevistada 2023

Raça	F
Preta	02
Parda	05
Branca	03
Total	10

Fonte: autoria própria (2024)

Em relação à raça (autodeclaração), a Tabela 30 demonstra que foram sete negras

e três brancas. É importante registrar a predominância das mulheres negras.

Tabela 31 Escolaridade da mulher coralina 2023

Escolaridade	F
Ensino superior completo	03
Ensino médio completo	04
Ensino fundamental incompleto	03
Total	10

Fonte: autoria própria (2024)

Como indica a Tabela 31, quanto à escolaridade, foram sete mulheres com ensino médio completo, sendo dessas três com ensino superior completo e três com ensino fundamental incompleto, o que demonstra um perfil qualificado das entrevistadas.

Tabela 32 Faixa etária da mulher coralina entrevistada 2024

Faixa etária	F
80 anos ou mais	01
Entre 60 e 69 anos	05
Entre 50 e 59 anos	03
Entre 40 e 49 anos	01
Total	10

Fonte: autoria própria (2024)

Em relação à faixa etária, percebemos, com a Tabela 32, que a maioria tem idade entre 50 e 70 anos, o que demonstra um perfil etário da maturidade e terceira idade.

Tabela 33 Atuação da mulher coralina entrevistada 2023

Atuação na Associação	F
Administrativo	02
Vocalização	02
Bordado	04
Cerâmica	04

Gastronomia	03
Total	15

Fonte: autoria própria (2024)

Sobre a atuação na Associação, a tabela 33 apresenta a frequência da resposta do item considerado individualmente porque o quesito aceitou múltiplas respostas. Vimos, na análise dos formulários, que uma associada havia respondido não trabalhar com artesanato no momento. Na entrevista, foi possível identificar que sua dedicação é administrativa, indicando que as mulheres podem contribuir com a Associação de diversas maneiras.

Tabela 34 Eixos de atuação da mulher coralina entrevistada 2023

Eixos	F
Atuação em múltiplos eixos	04
Atuação em apenas um eixo	05
Suporte administrativo	01
Total	10

Fonte: autoria própria (2024)

Observa-se, na Tabela 34, que quatro entrevistadas atuam em múltiplos eixos dos saberes das mãos, cinco atuaram em apenas um eixo dos saberes das mãos e uma oferece suporte administrativo à Associação, sem vinculação com os saberes das mãos no momento. Das dez respostas que recebemos, verificou-se o exercício simultâneo das seguintes atividades: duas mulheres trabalham no suporte administrativo; uma com vocalização e bordado; uma com gastronomia e bordado; uma gastronomia e cerâmica; uma com vocalização e gastronomia; três com cerâmica; duas com bordado.

Tabela 35 Renda da mulher coralina entrevistada 2023

Renda	F
Um salário-mínimo	05
Até dois salários-mínimos	03
Superior a dois salários-mínimos	02
Total	10

Fonte: autoria própria (2024)

Sobre a renda, a Tabela 35 registra que cinco associadas recebem um salário-

mínimo, três com renda de até dois salários-mínimos e três com renda superior a dois salários-mínimos. Destaco que as que possuíam renda maior que dois salários-mínimos são aposentadas/pensionistas ou possuíam, à época, trabalho formal.

Tabela 36 Fonte de renda da mulher coralina entrevistada 2023

Fonte de Renda	F
Aposentadas	05
Trabalho formal	01
Trabalho informal	03
Benefício social	01
Total	10

Fonte: autoria própria (2024)

Entre as fontes de renda, a Tabela 36 registra cinco aposentadas, uma com trabalho formal, uma com benefício social, três com trabalho informal. Desse universo de 10 associadas, sete declararam que complementam a renda com a venda de produtos artesanais, uma declarou viver exclusivamente da venda de produtos artesanais e uma declarou que realiza atividade relacionada aos saberes das mãos.

Em resumo, temos como retrato das associadas entrevistadas: mulheres que possuíam idade superior a 40 anos, com renda igual ou superior a um salário-mínimo e, em sua maioria, negras, com ensino médio completo, casadas e com filhos.

Para realização das entrevistas, sugeri quatro locais para escolha da entrevistada: 1. a sua casa; 2. a sede da Associação; 3. a loja da Associação e 4. o local de trabalho da associada.

A Tabela, a seguir, apresenta os locais em que as entrevistas foram realizadas:

Tabela 37 Local de realização da entrevista com a mulher coralina 2023

Locais de coleta	F
Associação	09
Casa da entrevistada	01
Loja da Associação	01

Total	10
--------------	-----------

Fonte: autoria própria (2024)

A leitura da Tabela indica que, das dez entrevistas, oito foram realizadas na sede da Associação Casa das Coralinas. Essa preferência pode se relacionar ao sentimento que nutrem pela sede e pela centralidade que ela ocupa nas vidas das associadas.

4.3 Mulheres Coralinas: subjetividades atravessadas por violências

Antes de entrar na Associação, eu era um bicho do mato. Eu jamais falaria com você igual eu estou falando...

Coralina-Flor Caliandra

A frase em epígrafe expressa os desafios enfrentados por muitas Mulheres Coralinas: acreditar em si mesma, exercer seu lugar de fala e interagir socialmente. Suas vidas são marcadas por acontecimentos precoces e tardios, que possivelmente moldaram suas subjetividades.

Eu comecei a estudar, eu tinha dez anos. Foi quando abriu uma escola lá perto de casa, perto não, né, bem longe, mas a gente ia todos os dias. (Flor Caliandra)

Como se vê, Flor Caliandra iniciou os estudos tardiamente. Moradora da zona rural durante a infância, não teve acesso à escola na idade regular pela ausência de uma instituição de ensino em sua região.

Não, eu estudei até... enquanto eu adolescente, eu fiz até a sétima série. Porque aí eu trabalhava e tinha que estudar à noite, né? E aí era muito cansativo pra mim, sabe? Muito cansativo... (Flor Caliandra)

Estudei até a sexta série. Ah, cabeça ruim demais, né? No passado, começava a estudar não dava certo e eu também não tava com uma cabeça boa, aí peguei e parei, não continuei não. (Flor Algodão do Cerrado)

Ah, os estudos meus... foi muito pouco, muito difícil. O pouquinho que eu adquiri com muita dificuldade, que era na roça, né... tem muito assim, sem planejamento, sem nada, a gente arrumava um caderninho de qualquer maneira, punha lá no saquinho plástico e ia lá nessa escola, lá aprendi alguma coisinha muito simples, com muita dificuldade eu fiz

até a quarta série, não teve jeito mais. (Flor Pau-da-Terra)

Tanto para Flor Caliandra, como para outras Coralinas, a interrupção da formação escolar aconteceu antes da idade prevista, consequentemente, as impedindo de completarem a formação básica. A ausência de estrutura educacional na área rural foi apontada como um dos fatores que impediu ou adiou a escolarização. A carência de políticas públicas prioritárias para educação representa uma grave violação dos direitos da infância, pois, de acordo com os artigos 53 e 54 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), toda criança tem o direito de frequentar a escola até que alcance a idade adulta. E isso deve ser prioridade do Estado.

Além disso, a falta de escolas conduz as crianças ao trabalho e contribui para que mulheres permaneçam dedicadas exclusivamente a uma modalidade de trabalho não remunerada, desvalorizada e invisível: o cuidado da família. A priorização do ambiente urbano em detrimento da zona rural nas políticas educacionais também contribui para a perpetuação da subalternização das mulheres do campo.

Quando eu fui morar com ele, ele tava com 30 anos e eu com 15. (Flor Para-Tudo)

Casamento e maternidade, ainda na adolescência, também foram impeditivos para a conclusão da formação básica.

Logo a gente inventou a casar, achava que casamento era a solução da vida, logo veio filho. Meninos pequenos, minha mais velha era doente, eu tinha que estar sempre no hospital...Não teve nem como eu estudar assim à noite porque eu tinha criança pequena, ainda era doente né, teve jeito não, fiquei só mesmo na quarta série, só. (Flor Pau-da-Terra)

Voltei com 15 anos aqui em Goiás e logo casei e casei nova. Uma criança que tinha que assumir a sua identidade de pessoa adulta e a responsabilidade. Até então, fiquei grávida com 16 anos, né? Aí, com 17, fiquei grávida de novo. (Flor Para-Tudo)

Flor Pau-da-Terra descreveu o casamento como uma imposição social da época, uma saída do contexto de pobreza e exclusão em que vivia. Ela fez uma crítica a essa cultura, afirmando que não se trata de uma solução e sim da manutenção de ciclos de violência. Flor Para-Tudo, que se tornou mãe na adolescência, expressa o que significa a maternidade para uma adolescente: adultização precoce. Complementando o raciocínio,

a formação de uma família precocemente impõe às jovens o dever de cuidado, obstaculizando a aspiração por outros modos de vida.

Importante frisar em relação ao casamento, as entrevistadas relataram situações de abusos e violência doméstica: 1. proibição de sair de casa; 2. proibição de amizades com mulheres e homens; 3. impedimento para frequentar locais públicos; 4. desinteresse do companheiro nas conquistas da mulher; 5. submissão ao marido; 6. violência física.

Esses relatos eram iniciados ou finalizados com expressões que indicavam um passado: antes era assim ou já foi assim. Ainda, foram seguidos de afirmações sobre a mudança após o ingresso na Associação. As falas não foram transcritas a pedido das entrevistadas, pois temiam ser identificadas por seus companheiros ou ex -companheiros, expondo-as a novas violências.

Assim, além de serem impelidas ao casamento precoce, as Mulheres Coralinas também estiveram imersas em ciclos de violência doméstica. Contribuindo com a reflexão de Flor Pau-da-Terra, o casamento longe de ser uma solução para as dificuldades da vida, pode ser ele em si um instrumento de perpetuação da violência.

Eu fiquei aqui [em Goiás] até os sete anos de idade, aí meu pai morreu, me entregou para minha patroa que eu era desde os quatro anos pajem da criança dela, da menina... (Flor de Pequi)

Eu comecei... acho que eu tinha meus nove anos quando comecei a cuidar de criança né. (Flor Algodão do Cerrado)

Comecei a trabalhar no ateliê com 15 anos. (Flor Caliantra)

A necessidade de auxiliar no sustento da família forçou o início, ainda na infância e adolescência, do trabalho remunerado, outro motivo para a interrupção dos estudos. Vê-se que o trabalho a que se referem relaciona-se ao cuidado, que na sociedade patriarcal é atribuído a mulheres. Com a naturalização do trabalho infantil, admite-se que crianças cuidem de crianças, gerando uma grave violação dos direitos humanos relacionados à infância, tanto de quem cuida como daquele que é cuidado.

Até a oitava né, que fala? A oitava não concluí. Então no EJA eu concluí ele. (Flor Para-Tudo)

Aí depois de casada... que meus filhos já estavam bem grandes já, aí eu terminei o ensino médio, eu fiz o EJA. (Flor Caliantra)

Duas Coralinas-Flor retomaram os estudos já na vida adulta: Flor Para-Tudo e

Flor Caliandra. Possivelmente, a compreensão da importância da escolarização para transformações de suas realidades impulsionou que algumas delas, já na vida adulta, buscassem a conclusão da formação básica.

Chama a atenção o fato de que tanto Flor Para-Tudo como Flor Caliandra residiam, no momento de ingresso no Programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA), na área urbana do município. Enquanto estavam na zona rural, foram impossibilitadas de acessar as políticas educacionais.

Trabalho, maternidade e casamento precoces foram apresentados como obstáculos para escolarização formal. Entretanto, são também violências que impedem o exercício da liberdade de definir suas trajetórias e de superar as dificuldades impostas pela pobreza e pela exclusão. São violações dos direitos humanos.

Os direitos humanos compõem a base principiológica necessária para a atuação humana, considerando a perspectiva relacional dos seres humanos entre si e com a natureza. Sem essa base, na sua ausência ou desconsiderando-a, o que se verifica é a barbárie (Carbonari, 2007, 2016; Rubio, 2018, 2022; Sousa Jr., 2002).

Para Adorno (2022), barbárie é um impulso de destruição do meio em que vivemos e dos outros seres humanos.

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas de uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição. (Adorno, 2022, p. 169)

É justamente esse impulso de destruição do ser, cuja humanidade não é reconhecida em razão da classe social, raça, gênero que força meninas ao trabalho, casamento e maternidade. Como acreditar na própria força e capacidade para mudar a rota de sua vida e exigir respeito e valorização, tendo uma existência atravessada por violências? Como exercer o lugar de fala, reconhecê-lo como um direito? Como podem ser sujeitas de direitos tendo, desde o início da vida, direitos negados e violados?

4.4 As Coralinas e a leitura e literatura

Não li nenhum livro antes do projeto.

Antônio Candido (2023) define como pressuposto dos direitos humanos o reconhecimento de que aquilo que uma pessoa considera indispensável para si também será indispensável para todas as outras pessoas. O autor destaca um problema nesse pressuposto: o reconhecimento da dispensabilidade da cultura para as classes populares. É fácil, diz ele, reconhecer a alimentação, moradia, saúde e educação como direitos básicos e essenciais, mas e as artes? Como defender a importância de uma empregada doméstica ler um clássico da literatura, ou uma pessoa em situação de rua ouvir música erudita, frequentar um museu, ir ao cinema? O que se convencionou como bens ou direitos essenciais à dignidade humana das classes populares não inclui a cultura, muito menos a literatura. Para o autor, a base dos direitos humanos reside justamente no esforço de incluir o semelhante no mesmo rol de bens e direitos que se reivindica para si.

Como visto, a necessidade de trocar os estudos pelo trabalho remunerado ainda na infância, a maternidade e o casamento que convocam as jovens ao trabalho do cuidado, ausência de escolas nas zonas rurais e periféricas reforçam o padrão de exclusão a que estão sujeitas muitas mulheres. São também alguns dos fatores que afastam jovens do acesso aos livros e à literatura, como no caso de Flor Algodão do Cerrado que nunca tinha lido um livro antes de ingressar na Associação.

Como incentivar a leitura em mulheres com pouca familiaridade com as letras e responsáveis pelo cuidado e o sustento de suas famílias? E qual a utilidade da literatura para essas mulheres? Michele Petit (2021) explica que situações extremas ou traumáticas embaçam o olhar de pessoas submetidas a elas. A autora define esse fenômeno como olhar adoecido ou, em outras palavras, um olhar que demanda cura.

Para Antônio Candido (2023), criação ficcional/poética, essência da literatura em todos os tempos e expressões, está presente em todos os indivíduos, em seus diferentes níveis de escolaridade, desde os analfabetos até os com alta escolaridade. Isso porque, adverte o autor, esse tipo de criação é a manifestação da mente, do devaneio, dos sentimentos e percepção. E está presente em nós como anedota, causo, moda de viola, samba, memória, e muitas outras expressões. É justamente por ser parte do ser humano que as artes em sentido amplo devem ser consideradas um direito humano, sem o qual não se vive com dignidade.

Ao serem questionadas sobre o apreço pela leitura, três associadas declararam não

gostar de ler.

Não sou muito achegada em ler não. Não tenho muito esse negócio de leitura, nunca gostei. (Flor Algodão do Cerrado)

Não muito. Acho que eu não tinha tanto contato com a leitura, com os livros assim, às vezes pegava um ou outro e lia. (Flor Canela-de-Ema)

É igual eu te falei, eu não sou muito de ler muito não. É que é esse negócio, eu tenho essa dificuldade de memória, eu leio, eu entendo passa aquele minuto já esqueci de novo. (Flor Para-Tudo)

Curiosamente, duas delas recordaram espontaneamente de trechos de poesia durante a entrevista:

Engraçado que ela fala no livro dela, assim, na poesia né: “sou mais doceira e cozinheira do que escritora”, é a poesia dela. (Flor Algodão do Cerrado)

É uma coisa, um trechinho, igual eu falei, sou arranhada, não sou boa de leitura não... [começa a ler] Doce amar: Trago o tempo comigo em quantidade/ ao contar tudo que embora e tanto/ é tão somente minha assim levante/ ninguém é o mundo conhecer enquanto/ e pela estrada da vida salpicar. (Flor Para-Tudo)

Flor Para-Tudo recordou um trecho do poema *Doce mágoa*, de Leodegária de Jesus, que integra o livro *Orchideas*. A coralina Flor Algodão do Cerrado, por sua vez, trouxe referência a uma frase do poema *Quem é você* de Cora Coralina, que integra o livro *Becos de Goiás e Estórias Mais*. Essa lembrança voluntária me instigou a pensar que existem múltiplas formas de acesso à leitura, sendo o uso da visão apenas uma delas. E que as Mulheres Coralinas não reconheceram essas outras formas de leitura.

Se não gostam de ler, por que ou como recordaram? Conhecer o modo da prática de leitura literária na Associação me apresentou algumas pistas. ASCORALINAS não é um ambiente escolar e não possui um professor no sentido formal do termo. A reportagem assinada por Malu Longo, publicada em 19/10/2024, no Jornal O POPULAR, p.18, intitulada *Direitos humanos – as ações do coletivo feminino criado há dez anos na cidade de Goiás, direcionada a um público em vulnerabilidade socioeconômica, foram reconhecidas pela Anamatra*, oferece algumas indicações que auxiliam o entendimento de como a leitura é realizada na Associação.

Nenhuma oficina é aberta sem leitura. E, mesmo que para a maioria a

criação literária não seja objeto de afinidade, as participantes mergulham na trajetória e registros de quem fez história nas letras e nos saberes tradicionais. (Longo, 2024)

O dia que a gente esquece, às vezes de começar o nosso trabalho com a leitura, fala “uai, hoje a gente não leu” ou a gente tem, né? Assim, não é por missão, nem por... Mas é por prazer também, sempre, todos os dias ou começar ou terminar, ou durante o intervalo a gente lê alguma coisa, se a gente não lê o livro inteiro a gente lê um fragmento de alguém ou de algum escritor ou poeta ou romancista. (Flor Flamboyant)

Como visto, Flor Flamboyant também se referiu à leitura em voz alta. Vale ressaltar que foi do exercício de leituras coletivas que algumas mulheres sentiram o desejo de aprender a vocalizar o poema. De acordo com Ebe de Lima (2020) desse desejo surgiu o grupo de vocalização chamado Vozes Coralinas, com reuniões periódicas para performar a leitura da poesia. O grupo tem no livro o seu suporte principal, e não na memória. Portar o livro além de ser uma ajuda para a memória também agrega o poder simbólico que representa o gesto de portar um livro, afinal, em nossa sociedade, o livro é sinônimo de poder.

Assim, a leitura é feita na Associação de forma coletiva, em voz alta por uma participante, com destaque para a vida da escritora, e não apenas da obra a ser lida, e que as autoras, cujos livros serão lidos, são selecionadas a partir de um objetivo a ser alcançado. Para as Mulheres Coralinas, a literatura deve conduzir à leitura da realidade e despertar a consciência crítica. Como preceitua Paulo Freire.

As pesquisas de Michele Petit embasam essa metodologia. Ao estudar grupos culturais ou de apoio em campos de refugiados e em áreas periféricas, como favelas do Rio de Janeiro e Bogotá, a autora concluiu que “em diferentes lugares, os mediadores culturais asseguram que puderam, a partir das leituras, e particularmente da literatura, fazer reviver um discurso nos casos em que os psicólogos haviam falhado” (2009, p. 130).

Para Petit (2009), a capacidade de construir sentidos é inerente ao exercício da leitura, essa conclusão é fruto de estudos e diálogos constantes entre leitores, mediadores de leituras, animadores culturais com outros tantos profissionais, que compartilharam com a autora suas experiências de leitura compartilhada e a mediação da leitura em ambientes de conflitos armados, desequilíbrio social, migrações populacionais forçadas ou deterioração das condições de vida, como nas experiências desenvolvidas no Brasil, em comunidades periféricas.

Nesses contextos, é preciso oferecer novas perspectivas, novas possibilidades de olhar e estar no mundo. É necessário alimentar a imaginação, nutrir-se de palavras, como define Petit, com novas paisagens e experiências sinestésicas, novos sentimentos e formas criativas de superar os medos e as adversidades. E a mediação da leitura, que como dito, envolve a escolha da obra e animação do debate, tanto quanto a literatura em si, são importantes aliados.

A sua maneira, é também um “regime de amor” que desenvolveram esses mediadores trabalhando em contextos difíceis. E vários deles observam que um dia aqueles e aquelas para quem eles leem começam a levantar novamente a cabeça. Se antes desviavam os olhos, esquivavam o olhar, lançavam olhadelas raivosas ou se escondiam atrás de um cachecol, agora se mostram curiosos e questionadores. Mais do que seres reclusos em uma totalidade fechada, eles passaram a ficar atentos aos detalhes, e a se surpreenderem com eles. (Petit, 2009, p. 102)

O texto lido proporciona, ensina Petit, uma trilha ao interior da pessoa que lê, auxiliando o acesso a zonas íntimas e ainda inexploradas da afetividade, emoção e sensibilidade. A tristeza, a dor, a angústia, a alegria e o bem-estar podem, enfim, ser nomeados, identificados, listados. A autora conclui, afirmando: “o que é dividido com o autor, com aquele ou aquela que lhes empresta a voz, com os que participam desses espaços de leitura, abre um espaço íntimo, subjetivo” (2009, p. 109).

[o poema] Ele envolve muita coisa que é dentro de mim mesma, então é... A hora que eu abri, eu li, “gente como que deu certo?” Não sei se você vai entender ou não, porque é eu mesma. (Flor Para-Tudo)

Porque a poesia retrata muita coisa na vida da gente né, então, eu acho que poesia para mim eu gosto mais. (Flor Orquídea Colestênia)

A poesia eu me encanto mais com ela porque eu acho que ela fala de uma forma bonita, né, poética dos problemas. Parece que lá atrás, vamos dizer, não sei se é sabor, um colorido ou alguma coisa assim bonita para falar da vida dura que a gente tem no dia a dia, né? (Flor Flamboyant)

É justamente essa identificação que as mulheres encontram na vida das autoras e em suas narrativas poéticas que permite que uma mulher que possui intimidade com os livros possa recordar de um trecho de poesia. É essa mesma aproximação entre quem lê e o livro que possibilita o crescimento do amor-próprio e o encontro com sua própria voz.

Eu acho que leitura, Adriana, não só na minha vida, mas eu acho que a leitura ela... rompe barreiras, te dá conhecimento. (Flor da Barriguda)

Eu acho que assim, quando eu tô lendo igual, às vezes eu estou lendo os poemas da Cora. Eu acho que o poema dela é muito da vivência dela, eu acho não, é da vivência dela. Então eu fico imaginando, acho que a gente vai viajando no que a gente vai lendo, vai imaginando como é que era, como é que fazia as coisas, pelo que ela vai contando, a gente vai... E assim tem os outros autores também que eles vão relatando a vivência deles, e você vai conhecendo, imaginando como que era quando eles estavam escrevendo ali, que a maioria é a vivência. (Flor Canela-de-Ema)

Para mim, a leitura para mim é a forma de conhecer o mundo. Eu acho que eu me encantei exatamente por isso, porque, a questão da leitura... (Flor de Flamboyant)

Percebe-se, dos depoimentos acima, que as entrevistadas foram enfáticas quanto à importância que a leitura e a literatura possuem. Desde a permitir conhecer outros lugares e culturas a proporcionar maior conhecimento sobre o mundo. Como a Associação estimula a leitura de mulheres inseridas em realidades que obstaculizam o apreço pela leitura?

Muito, porque eu tenho sempre que estar atenta para um livro de poesia, quando eu sou convidada para ir eu já levo os livros que eu tenho uns três ou quatro. (Flor de Pequi)

Sim. Sim. Aqui na Associação eu já conheci vários autores e a gente está sempre pegando livros. A gente ganha muito livro também, então está sempre lendo... diversos livros... aqui que eu conheci a Cora melhor, conheci a Leodegária que eu não conhecia. (Flor Canela-de-Ema)

Incentiva, porque assim é, igual eu falei, a gente vê as meninas lendo, né? Tem a vocalização e acho muito bonito, né? Porque a gente lendo, a gente... sei lá, eu acho que a mente da gente, da fala, fala diferente também, então tem como sobressair, né? (Flor Para-Tudo)

As entrevistadas ressaltaram a importância das leituras realizadas no momento das capacitações e treinamentos, as apresentações de vocalização.

A gente continuava procurando para ler mais sobre aquele autor e entender mais da vida dele, do autor que a gente estava abordando. (Flor Canela-de-Ema)

Sim, porque a gente borda muito poema, né? Então, querendo ou não, a gente lê, né? Porque a gente tá abordando, a gente vai lendo cada um,

a gente vai lendo. (Flor Orquídea Colestênia)

O uso de trechos de poesias em peças de bordado também foi um estímulo para leitura literária.

Acho que eu não tinha tanto contato com a leitura, com os livros assim, às vezes pegava um ou outro e lia. Depois que eu entrei para a Associação, aí eu comecei a conhecer mais e a ler mais. E o meu esposo também gosta muito de leitura, então ele sempre tem livros, sempre tá lendo e aí eu por curiosidade eu vou lendo junto com ele. (Flor Canela-de-Ema)

Flor Canela-de-Ema destacou a mudança em sua relação familiar após o ingresso na Associação: o casal passou a ler junto.

Não lia antes do projeto. Hoje em dia eu leio mais. Nem tanto por causa que eu estou na sede, como que hoje em dia eu sou evangélica eu gosto de ler a bíblia, ler os projetos da minha igreja, né? Aí eu leio muito, e fui para as Coralinas né, que precisa ler também os livros dos projetos, das poesias... aí eu leio muito. (Flor de Ipê)

Para Flor de Ipê, a leitura estimulada pelos projetos da Associação incentivou a leitura de documentos em outros ambientes sociais, demonstrando a repercussão prática do incentivo ao ato de ler e o empoderamento político frente aos espaços sociais que integra. Ao ler os documentos e projetos da Igreja que frequenta, ela se apropria da capacidade de intervir e atuar com mais segurança e propriedade em sua comunidade. Contudo, apesar das formas de incentivo, ainda existem obstáculos para manter o hábito regular de leitura?

Assim, gostar de ler eu gosto, mas não tenho muito tempo para me ler. Aí então não leio não, eu leio muito pouco. A gente trabalha, né? Então a gente nunca tira aquele tempo para a gente ler, então eu não lia não. (Flor Orquídea Colestênia)

Eu gosto... assim, gosto, mas é igual eu falo, o cansaço impede a gente às vezes, não é? E aí o tempo, aí quando chega a noite eu já... não é? Você já tá cansada. (Flor Caliandra)

Eu gosto de ler. Assim, quando a gente está assim quieta, não tem um crochê pra fazer, não tem um bordado pra fazer... (Flor Pau-da-Terra)

A falta de tempo e o cansaço decorrentes das múltiplas funções que exercem em seus cotidianos como mães, esposas, avós, profissionais, artesãs e associadas, aparecem

como óbices.

Eu passei a ler menos. [...] com a ajuda da Associação, a gente acaba tendo menos tempo. (Flor Barriguda)

Parece que eu estou lendo menos livros, tô com menos tempo me parece. (Flor Flamboyant)

A atuação na governança da Associação, que envolve a administração da sede e da loja, ministrar oficinas, organizar atividades, etc. também foram reportadas como obstáculo para o hábito da leitura.

Durante a pandemia do covid-19, a Associação manteve suas ações por meio do projeto Saberes das Mão I e II. No período de isolamento, foi necessária a adaptação para o modelo *on-line*, fato que não foi esquecido por Flor Orquídea Colestênia.

Durante a pandemia a gente fazia leitura *on-line* e a gente lê um bocado de livro, né? E aí da Conceição Evaristo, a gente leu ele todo nas reuniões que a gente fazia, a leitura que a gente fazia, a gente lia ele. Foi um livro muito bom pra gente. (Flor Orquídea Colestênia)

Flor Canela-de-Ema e Flor Algodão do Cerrado também recordaram do período pandêmico.

Na pandemia a gente começou a bordar umas máscaras e então cada máscara tinha um poema. Então não tinha só Cora ou Leodegária, tinha vários outros então... obtive muita informação, muito, muitos autores que a gente achava que era dum jeito. A gente ia procurar biografia, ou então perguntava a Ebe e ela explicava e a gente continuava procurando para ler mais sobre aquele autor e entender mais da vida dele, do autor que a gente estava abordando. (Flor Canela-de-Ema)

Tinha peças que, tinha vez que levava para fora, outra vez o povo encomendava pelo celular, pela *internet* e ia buscar. Acho que era um negócio assim. (Flor Algodão do Cerrado)

Flor Canela-de-Ema e Flor Algodão do Cerrado ressaltaram a importância subjetiva do trabalho de confecção de máscaras, pois, além de gerar renda, proporcionou a ampliação dos conhecimentos sobre poesias e poetas.

Como relatei em outro trabalho, fruto da parceria com Ebe Maria de Lima Siqueira e Nair Heloisa Bicalho de Sousa (Miranda; Siqueira; Bicalho, 2022), na pandemia, o sentimento de desalento e abandono, já familiares às mulheres, tomou contornos mais

incertos frente à inércia e incompetência dos gestores públicos em oferecer respostas eficientes à crise sanitária.

A estratégia da Associação para contornar os efeitos nocivos do isolamento foi tentar manter as Coralinas sintonizadas, ainda que de forma virtual. A leitura dos livros de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus integraram atividades no formato *on-line* (Miranda; Siqueira; Bicalho, 2022).

A pedido do Ministério Público do Trabalho em Goiás a Associação produziu aproximadamente seis mil máscaras de proteção com trechos de poemas bordados (ver Figura 5). Esse trabalho foi uma oportunidade de apresentar às associadas novas escritoras/es ao longo do período pandêmico. Trechos de mais de 22 poetas foram usados nos bordados. Os *kits* de bordados eram entregues de casa em casa, em respeito às medidas sanitárias e, para que o ato de bordar não fosse algo mecânico, uma pequena biografia das autoras e autores acompanhava linhas, agulhas e tecidos. Assim, as bordadeiras puderam conhecer de onde vinha a voz que elas repetiam em cada bordado.

Aqui eu li Leodegária, mais a Cora e Leodegária, as outras não... (Flor de Pequi)

Os dois da Cora, que eram os becos de Goiás? E o outro... E o da Leodegária, que eu não li tudo, porque eu acho muito complicado aquelas palavras lá da Leodegária, eu acho, assim umas coisas que têm umas palavras que... (Flor de Calíandra)

A Associação trabalhou até 2023, de forma sistemática e regular, com quatro autoras principais. Duas autoras se destacaram na memória das entrevistadas: Cora Coralina e Leodegária.

Cada livro que a gente leu... assim a gente se identifica né, porque é uma luta. Cada leitura é um diferencial, mas tem a ver com a gente um pouquinho, cada livro tem um pouquinho a ver com a gente... o livro da Cora também tem luta, que lutou e a gente se identifica como mulher também, o da Leodegária também, Conceição Evaristo... tudo assim eles se identificam um pouquinho com a gente mulher que luta né? (Flor Orquídea Colestênia)

Flor Orquídea Colestênia destacou a importância da diversidade nas obras e autoras escolhidas, afirmando que cada escritora e cada livro trazem uma mensagem diferente.

As razões que conduziram a essa predileção das entrevistadas, possivelmente, relacionam-se ao fato de serem autoras vilaboenses, que escreveram poesias sobre a cidade, gerando maior identificação, e que tiveram destaque nas ações da Associação, com bordados de poemas, confecção de bonecas e esculturas de argila, e o reconhecimento de mulheres que inspiraram as ações da Associação. Percebe-se que ao integrar o incentivo à leitura com a cultura goiana e, em especial, à produção literária vilaboense, valoriza-se o conhecimento e a história local, gera uma aproximação entre leitora e obra, essencial para consolidação do interesse pelas artes literárias.

Leiam! Porque eu me arrependo muito de não ter lido. (Flor Caliandra)

As obras escolhidas pelas mediadoras de leitura guardam em comum quatro aspectos que considero relevantes e de interesse no presente estudo, sem prejuízo de outros elementos que partilhem. São eles: a condição da mulher na sociedade, negritude, trabalho e a consciência sobre ter e exercer direitos. Isso porque o público-alvo das formações são mulheres, em sua maioria negras, e que exercem atividade laboral formal ou informal, que vivem ou viveram em contexto de violência praticada quase sempre por homens – familiares, empregadores ou vizinhos.

Assim, busquei investigar a percepção das entrevistadas sobre esses temas que atravessam suas próprias vidas, e as trajetórias individuais das escritoras que estão refletidas nos livros.

4.4.1 As filhas da Vilaboa de Goiás: Cora e Leodegária

Porque assim ela passou por muita coisa, muita coisa. Ela passou e eu também... ah... difícil.

Coralina-Flor Caliandra

Ebe Siqueira afirma ser difícil separar as autoras de suas obras, no caso específico de Cora Coralina e Leodegária de Jesus, pois são duas vozes femininas “que escrevem poemas, como quem sangra [...] equivaleria a dizer que o sujeito lírico coincide com o sujeito civil” (2020, p. 63). Tratando-se de mulheres cujas vidas foram permeadas por desafios que a fizeram *sangrar*, e considerando a centralidade dessas duas autoras na existência da Associação, busquei compreender a repercussão do estudo dessas duas

mulheres na trajetória individual das Coralinas.

Como visto, as escritoras priorizadas buscam em suas próprias vivências a inspiração para suas obras. Seja na poesia de Cora Coralina e Leodegária de Jesus, seja nas narrativas de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, a realidade foi terreno fértil onde a imaginação germinou. Assim, pode-se afirmar que a escolha não foi aleatória, e sim alinhada com o compromisso com os direitos humanos, com os fundamentos da educação antirracista e feminista, com a cultura e a cidadania.

A literatura na Associação ASCORLINAS é aquela que Antônio Candido (2023) define como literatura empenhada ou social, que possui posições éticas, políticas e humanísticas bem definidas e que se relaciona diretamente com os direitos humanos, que alimenta, incentiva e estimula as reivindicações. Nas palavras do autor, é aquela literatura que “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (2023, p. 190).

Contudo, ainda que essa não seja a situação de algumas autoras, como é factível pensar em relação à obra de Cora Coralina e Leodegária de Jesus, do texto é possível extrair reflexões atuais sobre a condição das mulheres à luz das provocações teóricas de intelectuais comprometidas politicamente, como bell hooks, ou das reivindicações dos movimentos sociais feministas, sobretudo ao cruzar as histórias de vida das escritoras com suas obras. A esse fenômeno propiciado pela mediação, Eliane Yunes (2003) denominou de leitura atualizada, em que um texto escrito em tempos passados, que guardam contextos políticos e sociais distintos da época da leitora, podem fazer emergir questões atuais não pensadas e sentidas no momento de sua produção.

A leitura tem um privilégio que é o de apresentar o mundo desnudado das velhas escritas, das ideologias marcadas na sua produção, desnudado da letra morta, da escrita paralisante, determinada por uma razão exterior e estranha, até que esta possa trazê-la à vida com seu próprio sangue, seu próprio vigor. (Yunes, 2003, p. 48)

Em entrevista ao Jornal O POPULAR, Ebe Maria de Lima Siqueira, responsável pela mediação da leitura na Associação, destaca essa atualização feita quando da leitura da obra de Cora Coralina.

Cora Coralina é a nossa inspiração porque foge do modelo da feminilidade que a sociedade queria impor a ela. E construiu o destino que quis. Seu sonho de ser escritora foi realizado após os 70 anos. Ela escolheu para ser o objeto de sua poesia os párias da cidade, pessoas e

lugares simples. Ou seja, fez da poesia um lugar de denúncia social (Longo, 2024, p.18)

4.4.2 A convivência com Cora Coralina

Uma mulher perguntou a idade para Cora, meu Deus do céu, mas a Cora ficou brava, gente do céu, falou muita coisa para mulher [risadas]. Mas ela era de boa.

Coralina-Flor Algodão do Cerrado

Nas entrevistas, busquei compreender a relação de cada entrevistada com Cora Coralina. A escritora faleceu em Goiânia, em 10 de abril de 1985 e, considerando a idade das entrevistadas, a maioria a viu pessoalmente ou pela televisão. Oito delas declararam que moravam na cidade ao mesmo tempo que Cora.

Conheci. Eu era menina, mas eu conheci, minha irmã ia muito lá conversar com ela, sabe? Ela gostava muito da minha irmã e minha irmã dela, então ela já passou isso para nós. (Flor Barriguda)

Sim, conheci. Tive a alegria de conhecer. Poucas vezes [encontrei], porque ainda era muito jovem quando ela faleceu. Mas assim, conheci também, nós conversamos com ela durante o meu curso. (Flor de Flamboyant)

Sim, eu trabalhei lá em frente à casa dela, nós pegava água lá, ela era viva ainda. Conheci a Maria Grampinho, andando na rua com a trouxinha dela, eu conheci ela. Ela era de boa, eu entrava, tomava água na casa do Sabino que é bem em frente né, aí eu entrava lá para pegar água lá debaixo da bica, lá na bica debaixo do porão, conheci ela muito. (Flor Algodão do Cerrado)

De ver sim, de longe, já tinha visto já, mas nunca conversei. Quando eu estudava lá no Jubé, né? Aí a gente sempre andava por ali e ela tava lá na porta, na janela, ou na ponte... Às vezes ela ficava ali andando na ponte, mas conversar nunca conversei com ela. (Flor Caliandra)

Ao formular a pergunta *você já conhecia Cora*, tive como objetivo saber se a entrevistada havia tido contato com a obra da poeta antes de ingressar na Associação. Contudo, em suas respostas, todas as entrevistadas referiram-se ao ato de conhecer/conviver com a escritora.

Nunca havia lido poemas assim dela, sabe? Não, os poemas dela mesmo eu vim conhecer na Associação. (Flor Barriguda)

Não, não conhecia, conheci dentro da Associação. (Flor Canela-de-

Ema)

Percebe-se que, ainda que tenham vivido no mesmo espaço/tempo que Cora, não tiveram acesso às obras literárias, indicando que a poesia dela ressoava no mundo, menos na pequena Vilaboia de Goiás. Parece-me, entre outros possíveis fatores, que o acesso restrito à literatura por parcelas privilegiadas economicamente, e a falta de incentivo do poder público às artes, gerou esse impedimento.

Ainda, procurei alcançar uma possível identificação com a obra e história de vida da poeta.

Sim, identifico nesse sentido de querer aprender, querer autonomia, porque ela era autônoma. Ela fazia as coisas que ela queria fazer do jeito que ela queria fazer. (Flor Canela-de-Ema)

Assim, dela ter sido uma mulher sofredora e depois foi vencedora. Por isso que eu me identifico muito, que a gente pense assim todos os problemas vêm, a gente sofre, mas a gente vence. A gente lutando com dignidade, a gente vê isso. (Flor de Ipê)

Percebe-se que as entrevistadas relataram o exemplo de perseverança, força, determinação como uma fonte de inspiração para suas próprias vidas, suas próprias trajetórias.

A Cora eu me identifico porque eu tinha 12 anos de idade quando Cora apareceu na TV. Eu estava lá assistindo em Niterói e ela gesticulava e falava e eu apontei pra minha mãe, “aqui mãe, vem ver! Ela é de Goiás, a Cora é de Goiás!”, e quando eu a vi declamando, eu me arrepiei toda. É uma coisa muito estranha e hoje eu declamo as poesias de Cora. Eu faço doce aos 70 e poucos anos...Eu nunca pensei que isso fosse acontecer, mas na Associação tudo isso me preenche, vem me preencher, sabe? (Flor de Pequi)

O relato de Flor de Pequi pareceu-me o que melhor definiu o sentimento que observei na convivência com as Mulheres Coralinas: conhecer uma mulher que viveu no seu tempo, na sua cidade e que inspirou gerações e, aos poucos, se perceber também como um exemplo para outras mulheres. Nota-se aqui uma mudança na narrativa sobre si mesma, e na capacidade de transformar a própria vida, mais significativo se lembrarmos que Flor de Pequi começou a trabalhar com quatro anos de idade (ver depoimento p.150).

4.4.3 A inspiração e os ensinamentos em Leodegária de Jesus

Porque é que ela ficou, o que é que sabe, qual a influência dela hoje para vir para nós, que somos mulheres? O que ela diria? O que ela pode nos ajudar diante disso?

Coralina-Flor Flamboyant

Diferentemente de Cora Coralina, que, por ter morado na Cidade de Goiás até data próxima a sua morte, já fazia parte do imaginário das Coralinas, Leodegária de Jesus era desconhecida até a Associação iniciar os estudos de sua vida e obra.

Conhecia Leodegária, mas a minha... Com a Associação eu pude aprofundar mais o assunto, conhecia mais superficialmente. (Flor de Flamboyant)

Apenas Flor de Flamboyant já conhecia a obra de Leodegária de Jesus quando ingressou na Associação, mas, foi no espaço coletivo, como ela mesma afirmou, que encontrou a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre a vida e obra da poeta.

Sim, eu gosto muito do que ela fala, que ela escreve. Aí entra a história da mulher negra sempre tentando ocupar um espaço, ocupar o lugar dela. (Flor Canela-de-Ema)

Assim, dela ter sido também a primeira escritora que existiu negra, aí eu me identifico por isso, que ela foi uma mulher vencedora também. (Flor de Ipê)

Eu acho que para mim a Leodegária ela deixa uma mensagem muito importante para todas as pessoas, principalmente para as mulheres negras e professoras, não desistir jamais. (Flor Flamboyant)

Percebe-se que, do mesmo modo que ocorreu com Cora Coralina, Leodegária de Jesus se tornou uma fonte de inspiração e sinônimo de luta e superação. É com a obra da escritora que o debate sobre racismo se intensifica e ganha sentido e concretude para muitas das entrevistadas.

Collins (2018) destaca a importância do conhecimento sobre as dinâmicas de opressões que se intersectam na vida da mulher negra para buscar sua sobrevivência, e que não é considerado como “conhecimento válido” para o processo de produção de conhecimento científico criado a partir de padrões hegemônicos. É, aqui, portanto, e conforme a autora, princípio epistemológico fundamental “[...] a valorização da experiência, combinada com o emprego de imagens práticas como veículos simbólicos”

(2018, p. 150). Em síntese, ganha espaço a experiência como critério de validação da produção do conhecimento, pois trata-se de um conhecimento necessariamente situado.

A autora também considera que as mulheres são mais propensas a acessar suas experiências no processo de formulação do conhecimento. O conhecimento, nessa perspectiva, seria derivado da experiência; e é justamente o compartilhamento de experiências o melhor modo de se compreender as ideias formuladas por uma pessoa. A empatia gerada pelo compartilhamento da experiência será determinante para a compreensão das ideias formuladas.

O que para Collins (2018, 2022) é *experiência*, para hooks (2017) é *conhecimento acerca de como viver no mundo*. É no entrecruzamento, ou na intersecção entre a teoria (conhecimentos dos livros) e a prática (experiência do bem viver) que encontramos novos padrões de construções e de validação do conhecimento, livre das amarras do colonialismo, do racismo, do sexismo, do patriarcalismo e do capitalismo.

Para além do entrecruzamento entre teoria e prática, é preciso atentar, como alerta Kimberlé Crenshaw (2012), à interseção entre os marcadores de subalternidade, em especial gênero, raça e classe, nas teorias feministas e pedagógicas.

4.5. Ser mulher na sociedade contemporânea

*[...] não existe uma identidade única,
pois a experiência de ser mulher se dá na forma social
e historicamente determinada.*

Luiza Bairos

A epígrafe acima, de Luiza Bairos (2020, p.211), é ancorada na teoria do ponto de vista feminista, formulada, entre outras autoras, por Patrícia Hills Collins. Diante da afirmação de Bairos, considere necessário refletir sobre como cada entrevistada percebe a condição da mulher, à luz dos livros e das autoras estudadas, articulando-as com suas experiências pessoais.

Não se trata de buscar consensos ou conceitos comuns, mas sim entender como cada associada compreende sua própria condição na sociedade.

É a mudança. O querer mudar, porque a mulher ela... pois é, não tinha esses direitos que tem hoje, não tinha o conhecimento e através dessas mulheres que foram lutando, lutou, foi taxada disso, taxada daquilo, a

outra porque era negra, né? A força, a coragem da gente lutar, porque quantas mulheres né, de antigamente, não sabia nem escrever a perna do “a”? (Flor de Pequi)

Eu aprendi que a gente tem que ser mais unidas e aprendi também que a gente é forte. Por mais que falem que a gente não seja forte, que a gente não consegue, a gente consegue, a gente consegue criar os filhos, a gente consegue trabalhar fora, a gente consegue trabalhar em casa, consegue sair para o lazer também, que a gente não fica só preso dentro de casa, com os filhos, marido, a gente sabe que nós podemos mais do que ser só isso que as pessoas querem que a gente seja. (Flor Canela-de-Ema)

Porque o lado social assim, por exemplo, as pessoas julga muito, acha que mulheres só é para ficar dentro de casa, cuidar de marido, cuidar de filhos... E ficar naquela mesmice sujeita à humilhação e não é nada disso. (Flor Para-Tudo)

As falas, em especial os trechos grifados, trazem experiências de subjugação, desvalorização, carências, e ausência de direitos, e a reflexão de que suas vidas foram pré-determinadas sem que fossem sequer consultadas. São vivências que marcam a vida de mulheres mundo afora.

Por que a sociedade insiste em determinar o papel da mulher? Por que a elas cabe a responsabilidade do cuidado? Por que se criam obstáculos para que a mulher ocupe a *rua*? Por que direitos como voto e igualdade foram reconhecidos tardiamente? Essas são questões que merecem ser (e são) problematizadas e aprofundadas pelas Coralinas em suas ações. Contudo, sabemos que mudanças estruturais levam tempo para mostrar seus reflexos principalmente no nível do discurso.

Pensar, menina, a gente pensa de todo jeito, né? A gente, é igual no meu caso, saí da origem, que como mulher e muitas coisas, né? A gente... Eu passei muita humilhação, sabe assim... Depois disso eu pensei assim, “gente, a gente não tem que escutar nada de humilhação, a gente tem que virar o jogo e ver como é que a gente pode trabalhar nesse sentido”. (Flor Para-Tudo)

Eu aprendi que eu tenho valor. Porque antes... difícil, é difícil. [voz começa a ficar mais baixa] Aprendi a falar não. Hoje o que prevalece é o que eu sinto, você entendeu? Porque antes não era, né? Então eu faço o que eu quero hoje, sou eu que falo “tô saindo, tô saindo”. É isso. (Flor de Caliandra)

A Cora, ela me ensina e me ensinou e com certeza vai ensinar a mim e outras gerações que a gente não tem idade para buscar os nossos objetivos, ainda mais ela que publicou um livro já idosa. Então eu acho que com a Cora eu aprendi isso, sabe, que não tem idade para a gente

buscar conhecimento e levar o conhecimento a outras pessoas. (Flor de Flamboyant)

Os trechos em destaque indicam que o aprendizado consolidado reside no reconhecimento das violências e na capacidade de mudança. As mulheres podem escolher como conduzir suas próprias vidas, têm o direito de viver uma vida livre de violência e direito à autonomia de pensamento.

Essas reflexões alcançadas, me parecem, foram motivadas pela leitura literária, a relação da literatura com a experiência pessoal de cada mulher associada. No caso de Cora Coralina e Leodegária de Jesus, vida e obra se misturam e se intercomunicam com as experiências de cada uma enquanto associada.

4.5.1 Mulheres nas obras de Cora Coralina e Leodegária de Jesus

As pessoas julga muito, acha que mulheres só é para ficar dentro de casa, cuidar de marido, cuidar de filhos... E ficar naquela mesmice sujeita a humilhação e não é nada disso.

Coralina-Flor Para-Tudo

Flor Para-Tudo sintetiza em seu depoimento o imaginário coletivo sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, e afirma que esse pensamento é equivocado. A reflexão que ela traz se alinha com o conteúdo do conjunto das obras estudadas, bem como com a vida das autoras.

Como vimos, a história de vida das autoras é fonte e inspiração para suas obras, e, por isso, conhecer a trajetória de cada, juntamente com o estudo de suas produções, foi importante para a reflexão sobre a condição da mulher porque as poetisas têm na memória pessoal e coletiva o principal motivo de sua produção. Luta, liberdade e direitos foram as três palavras utilizadas por todas as entrevistadas quando provocadas a refletir sobre a condição da mulher na obra de Cora Coralina e Leodegária de Jesus. São três palavras que marcam tanto a poesia como a vida dessas mulheres.

Eu aprendi que a mulher pode ser oprimida, mas que ela também sabe se libertar. Que eu acho que Cora, ela se libertou da opressão, da opressão que ela tinha. (Flor Canela-de-Ema)

Acho que aprendi tanta coisa... [risadas] assim... as batalhas da vida dela também, porque ela batalhou bastante para ser uma pessoa além da senhora negra, uma pessoa negra, lutou bastante, né? E então, assim eu

me vejo também lutadora, igual ela. (Flor Orquídea Colestênia)

Assim, que nós temos mais direito né... antigamente igual a Cora sofreu muito por causa que ela foi julgada, isso aquilo e hoje em dia, nós tem trabalhado muito, que é os direitos da mulher, que são muitos só que a gente não procura, a gente fica quieto, calada no canto. Mas a gente tem muito nossos direitos e têm falado muito sobre isso para nós. (Flor de Ipê)

Michèle Petit (2009, p.113) explica que a palavra lida ou ouvida, quando não é obrigatória, tem o potencial de tornar-se parte do indivíduo. A obra literária ao mesmo tempo que se integra ao ser, por meio da identificação, mantém uma distância segura – no tempo e no espaço – que protege a leitora e permite que ela relembre de fatos e episódios de sua própria vida, que revise os momentos mais difíceis de sua própria história.

Eu me lembro demais quando a gente leu Conceição Evaristo, sabe? Teve uma coisa que me marcou muito, né? Hoje, uma das associadas ela me falou assim: “gente, essa história parece minha. Jamais imaginei que uma pessoa, a minha história um dia poderia estar retratada. Ela está retratada, só que em nome de uma outra pessoa, num outro local”. Então isso, sabe, me chamou muito a atenção. O poder, levar aquilo para outras pessoas, saber que todas as histórias, todas as nossas histórias têm importância. (Flor de Flamboyant)

Esse [o livro *Coroa de Lírios*] da Leodegária. Porque ele retrata um pouco assim da minha vida né também, da luta, das batalhas, né? Então eu vejo um pouquinho assim. (Flor Orquídea Colestênia)

É igual os poemas de Cora. Ele fala com a gente, não é... parece que é a gente que tá, né? Tem uns poemas dela que você parece que é você que tá ali. A Cora conta sua história. É como se falasse de você. Tem algumas poesias, que na hora que você começa a ler, parece assim que parece que ela te conhecia, que está falando com você. (Flor Calíandra)

Interessante perceber que as Coralinas foram além na reflexão sobre a condição da mulher e apresentaram, em suas respostas, a identificação que sentem tanto com as duas escritoras goianas quanto com Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, como demonstram os trechos acima.

Ainda segundo Petit, “precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior” (2009, p. 115). A literatura é a ponte que nos conecta com as nossas emoções, oferecendo imagens, fatos,

acontecimentos e pessoas que auxiliam a leitora na compreensão da sua própria vida, dos seus próprios sentimentos.

As artes, em especial a literatura, possuem uma força criadora que vai além de um mero registro histórico, retrato de uma determinada época. Como ressaltou Cândido (2023), elas possuem um potencial de humanização, na medida em que é a arte, ou a literatura, que organiza e oferece sentido ao nosso caos interior de percepções, sentimentos e emoções, atribuindo concretude ao que sentimos, pensamos e experienciamos.

Além do caráter humanizante da literatura, Candido (2023) destaca o seu potencial denunciativo, capaz de apontar, descrever e desvelar desigualdades e opressões de diferentes contextos.

Desta maneira, ao ouvir os relatos das Mulheres Coralinas percebo que as narrativas das escritoras apontam para feridas históricas, que, de alguma forma, ecoam nas subjetividades das leitoras, desnaturalizando violências.

4.6 Leodegária de Jesus, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e as negritudes expostas

Porque as lutas das mulheres negras foram mais difícil né, a gente vê pelo livro da Conceição Evaristo.

Coralina-Flor Orquídea Colestênia

No trecho em epígrafe, Flor Orquídea Colestênia ressaltava a diferença na experiência social das mulheres negras e mulheres brancas. Luiza Bairos (2020, p. 211) afirma que “a experiência de opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social interceptam em diferentes pontos”.

Por isso, ensina a autora, a mulher negra em comparação à mulher branca de mesma classe social “experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual, racista e sexista”. Por isso, é importante entender como as associadas percebem o tema da negritude e do racismo nas leituras propostas.

Eu aprendi a respeitar mais ainda as mulheres negras, pela vivência delas também, né? E por tudo que a sociedade impõe e como é que fala? Às vezes, pelo racismo mesmo. Muitas vezes acha que tem que ser só

empregada doméstica, não pode ter um cargo e fala assim “ah não, você é só uma mulher e ainda é preta ainda” tem muito isso... (Flor Canela de Ema)

Porque as lutas das mulheres negras foram mais difícil né, a gente vê pelo livro da Conceição Evaristo. Porque as mulheres negras são... as coisas pra ela era muito mais difícil, na favela tinha muito preconceito, então elas sofreram bastante com isso, ainda sofrem e eles lutam bastante, mas... tá difícil né. (Flor Orquídea Colestênia)

Eu acho que ao invés de desistir, resistir como fizeram essas mulheres, eu quero só nessa frase que eu acho que elas resistiram. (Flor de Flamboyant)

As brancas sempre estiveram, não tanto, agora está tendo mais, e aí a gente fica pensando, Adriana, como que a cor faz a diferença? A pobreza e a riqueza pesam na balança. E você vai ver que os negros até hoje são ainda, sabe? Eu penso assim, ainda não tá ainda totalmente liberto daquela escravidão... (Flor de Pequi)

Sofrimento, resistência, discriminação e luta. São as palavras que se encontram no centro das respostas, sobretudo nos trechos sublinhados. Mais uma vez, a experiência pessoal das escritoras e das Coralinas se misturam com as narrativas literárias dando um sentido que converge para as reflexões da literatura estudada. Os termos destacados relacionam-se com a obra (e a vida) de Conceição Evaristo, autora inserida no movimento de escritoras e escritores negros que buscam “alcançar independência frente às estruturas racistas persistentes na sociedade brasileira” (Samyn, 2023, p. 124). Do mesmo modo, são palavras presentes na obra biográfica de Carolina Maria de Jesus que lançam luz sobre as vozes silenciadas pela violência de toda sorte perpetrada contra as mulheres negras (Pereira, 2023, p. 7).

Algumas respostas, contudo, apontaram uma fragilidade na reflexão sobre o tema.

Pra mim é difícil falar sobre mulher negra porque, apesar de ser branca, eu não vejo distinção de pele. Eu não acho que a pele me diferencie de ninguém, sabe? Elas enfrentam coisas piores do que eu enfrentei. Mas, pra mim, minha vida pessoal, eu não tenho como achar que assim “ah porque ela é mulher negra” ... Não, eu acho que a capacidade de todo mundo, ser humano independente de cor de pele, de religião, de etnia... Nada disso pra mim faz diferença. O que eu acredito é no que a pessoa é, o caráter, a bondade, o amor, né? Então isso eu acredito muito na pessoa, independente de cor de pele. (Flor da Barriguda)

Eu não entendo o porquê que a cor da pele influencia se a pessoa é inteligente, se a pessoa é capaz, se a pessoa pode ou não fazer uma coisa, se a pessoa pode ou não estar num lugar. Aqui a gente, a gente

respeita muito, a gente escuta muito. Tem um lugar de fala que acho que é muito importante para elas falarem. (Flor Canela-de-Ema)

Essas afirmações remetem ao senso comum sobre a experiência social das mulheres negras e reforçam padrões discriminatórios. Aprofundar o debate sobre a temática racial, especialmente sobre a realidade das mulheres negras no Brasil, se faz necessário em um coletivo formado majoritariamente por mulheres negras. Se as mulheres negras enfrentam coisas piores, como mostram os trechos sublinhados, do que as mulheres brancas, por que não reconhece a cor da pele como elemento distintivo? Quais os motivos que contribuem para a construção do imaginário social de inferioridade das mulheres negras?

A literatura de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, bem como as interdições na vida de Leodegária de Jesus oferecem respostas para essas e outras tantas questões que perpassam as vivências de mulheres negras. Conforme Crenshaw (2012), os discursos feministas e antirracistas fracassaram individualmente por não considerarem a interseccionalidade, ou seja, o ponto de intersecção entre o racismo e o feminismo.

A experiência social de uma mulher negra é forjada a partir da sua condição de gênero e de raça, simultaneamente. A interpretação dessa experiência social, contudo, é produto de interpretações realizadas em bases sociais, teóricas e epistemológicas construídas a partir de matrizes racistas, sexistas, andro e eurocêntricas. O problema não são as categorias em si, mas como os valores são associados a elas e como esses valores promovem e criam hierarquias sociais (Crenshaw, 2012).

As mulheres negras experimentam formas distintas de racismo e de sexismo se comparadas às experiências de homens negros e de mulheres brancas. Assim, as concepções dominantes sobre antirracismo e feminismo são limitadas, inclusive suas próprias definições. A ausência de discussão racial na luta feminista e a ausência de discussão de gênero na luta antirracista reforçam a subordinação desses grupos combatentes ao poder hegemônico masculino e branco, anteriormente instituído. Cada uma das discussões explica a invalidez da outra ao negar a sua existência. O cruzamento das discussões sobre raça e gênero gera múltiplas dimensões do que seja ser mulher, negra e/ou mulher negra (Crenshaw, 2012).

Ainda de acordo com Crenshaw (2012), a interseccionalidade oferece uma base para reconceituar a raça como uma coalizão entre homens e mulheres negras. A

consciência das intersecções permite encontrar e reconhecer melhor as bases das diferenças existentes entre as pessoas e assim negociar como se expressam (e como deveriam se expressar) essas diferenças quando se constroem teorias ou políticas. A interseccionalidade, portanto, é fundamental para demonstrar que muitos de nossos problemas sociais, como o racismo e o sexismo, frequentemente se sobrepõem, criando múltiplos níveis de injustiça social.

As mulheres negras não encontram formas de conectar suas experiências com outras mulheres. Reflexo da ausência de intersecção entre luta feminista e luta antirracista. A interseccionalidade – perceber os campos de intersecção – oferece uma forma de mediar as tensões que se dão ao se afirmar que há uma identidade múltipla e, conseqüentemente, a necessidade de desenvolver políticas específicas para elas (Crenshaw, 2012).

As políticas e teorias que abordam as questões de raça e gênero, de acordo com Kimberlé Crenshaw (2012), falham porque o conteúdo descritivo das categorias que se constroem socialmente – e as narrativas em que se baseiam – privilegiam algumas experiências e excluem outras. Diante disso, reconhecer que as teorias e políticas são (ou deveriam ser) formuladas a partir de contextos em que as categorias se interseccionam parece ser mais frutífero do que a possibilidade mesma de chegar a falar das categorias em si, individualmente.

O conceito de interseccionalidade nos conduz à reflexão sobre quem, como e por que formular teorias e políticas. As diferentes formas de opressão a que estamos expostas influenciam sobremaneira o lugar que se ocupa nas hierarquias sociais e de poder e, conseqüentemente, influenciarão a formulação de políticas e teorias.

Neste sentido, é por compreender a complexidade que é ser e sentir-se mulher que ler as narrativas de mulheres negras, descrevendo suas experiências frente ao racismo não é suficiente. O que se observa nas práticas vivenciadas pela Associação e nos depoimentos recolhidos para este trabalho é que as estruturas, antes rígidas e desconhecidas, começam a sofrer deslocamentos importantes, a naturalização dos preconceitos começa a sofrer abalos, ainda que timidamente.

4.7 As Coralinas e as percepções sobre o trabalho da mulher

A gente não deve ser só o que a sociedade quer. No trabalho, a

gente pode trabalhar no que a gente quiser e tiver gosto, né?

Coralina-Flor Canela-de-Ema

José Geraldo de Sousa Jr. (2008, p. 25) alerta para necessidade de “reinvenção democrática e solidária dos processos de produção e distribuição equitativa da riqueza social, das instituições que os organizam e da legislação” e afirma que para tal fim o protagonismo social é mandatório e de máxima relevância. bell hooks (2019, p. 161), por sua vez, defende que “ao repensar a natureza do trabalho, as ativistas feministas poderão traçar o destino do movimento de modo a torná-lo relevante para todas as mulheres, atraindo-as para suas fileiras”.

Despertar nas Mulheres Coralinas a atenção sobre o trabalho e a dignidade a ele inerente é uma convocação à ação social transformadora. Como diz Cora Coralina:

A vida é boa. Saber viver é a grande sabedoria. Saber viver é dar maior dignidade ao trabalho. Fazer bem feito tudo que houver de ser feito. Seja bordar um painel em fios de seda ou lavar uma panela coscorenta. Todo trabalho é digno de ser bem feito (Coralina, 2012).

A mulher tem que trabalhar, ela tem que ter o lugar dela ao sol. É fundamental. (Flor Barriguda)

Para mim, a mulher trabalhadora, ela move essa nação. Ela move na sua economia doméstica, mesmo que ela, mesmo que muitas vezes ela tem que desistir dos seus sonhos para cuidar de casa. (Flor Flamboyant)

No trabalho, a gente pode trabalhar no que a gente quiser e tiver gosto, né? Claro que muita das vezes você não pode só fazer o que que você quer por conta do sustento, mas eu posso trabalhar numa casa, fazer uma faxina, mas eu também posso pegar e fazer um doce para eu vender para ter uma renda extra, eu posso pegar na argila e fazer se eu quero montar um jardim do jeito que eu imagino, eu posso pegar um barro e fazer e montar aquele jardim. Eu posso também começar a ganhar dinheiro com isso, então o trabalho é muito importante, seja ele qual for, desde que a gente se sinta bem e tenha prazer em fazer. (Flor Canela-de-Ema)

Como visto, os versos da poeta reverberam nas falas das Coralinas. Autonomia, independência, realização, são categorias que marcam a reflexão das entrevistadas sobre o trabalho feminino, em convergência com as ideias de bell hooks (2019), para quem é urgente e necessário que repensemos a natureza do trabalho no âmbito dos movimentos feministas.

Tradicionalmente, o trabalho não tem sido uma esfera da atividade humana na qual as mulheres participam com o propósito de desenvolver sua personalidade, conceitos a respeito de si, etc. Essa é uma das razões pelas quais as mulheres que adquirem a autossuficiência econômica em geral são tão incapazes de se libertar das interações opressivas com os indivíduos sexistas quanto as mulheres que não possuem trabalho remunerado e dependem de outras pessoas para a sua sobrevivência econômica. As mulheres que trabalham geralmente pensam que as relações interpessoais são a esfera em que elas irão desenvolver sua personalidade, as definições sobre si mesma etc. Elas talvez alimentem a ideia de que um dia irão se libertar da necessidade de trabalhar, quando encontrarem o homem "certo". Esse tipo de pensamento as leva a apoiar e perpetuar a ideologia sexista. Assim como as mulheres da classe trabalhadora, elas poderiam se beneficiar das tentativas feministas e repensar a natureza do trabalho. (hooks, 2019, p.160)

Mas em relação ao próprio trabalho, percebe-se alguma mudança para as Coralinas?

Antes de entrar na Associação, eu trabalhava mais para os outros. Tinha o meu trabalho, eu trabalhava num restaurante, então eu trabalhava durante o dia todo, tinha folga uma vez na semana, né? E aí eu fiquei desempregada e conheci e fiz a inscrição para o projeto para entrar na Associação e dentro da Associação eu aprendi a trabalhar mais, a trabalhar outras coisas que hoje em dia eu não trabalho fora, eu trabalho para mim, eu trabalho com as minhas encomendas, eu trabalho com o meu esposo. Então eu não tenho aquela obrigação de estar no trabalho, eu ganho mais também com isso. Tem os altos e baixos, mas a autonomia é maior. (Flor Canela-de-Ema)

Eu trabalhava de doméstica, então assim, naquele tempo era muito... era muito pouco, desvalorizado, o serviço da pessoa que trabalhava assim era muito desvalorizado, não tinha muito valor, não tinha uma renda boa. Aí depois que entrei na Associação, aí já foi bem mais valorizado, o que a gente faz tem valor, leva lá pra loja, vende. (Flor Pau-da-Terra)

Valorização e autonomia são as mudanças alcançadas em relação ao trabalho que desenvolvem com a Associação. O que se evidenciou, pra mim, mais na observação do que nos depoimentos, é que as mulheres da Associação ASCORALINAS passam a se sentirem valorizadas nos seus afazeres. Ao anexarem, por exemplo, uma etiqueta às suas peças que indica o preço e o tempo de produção, as mulheres são convidadas a refletirem sobre o tempo que levam para confeccionar um produto e a importância de considerá-lo na precificação.

Outro exemplo de valorização do trabalho é o registro em livro de suas histórias

de vida. Quando as cozinheiras e ceramistas veem suas trajetórias contadas em um livro, percebem que o que elas fazem, seu trabalho, tem valor. Ser cozinheira ou ser paneleira deixa de ser visto como uma tarefa sem prestígio e passa a fazer mais sentido para elas próprias e para seus familiares. É o verso de Cora ecoando mais uma vez: “todo trabalho é digno de ser bem feito”.

4.8 O Direito das mulheres: reconhecimento e reivindicação

*Igual eu estou te falando, a gente não pensava que uma mulher
tinha tanto direito.*

Coralina-Flor Pau-da-Terra

A frase em epígrafe sintetiza o sentimento de mulheres que participaram de diferentes cursos de educação jurídica popular em todo Brasil. São tantas as determinações sociais sobre o lugar e o papel da mulher na sociedade e nas relações familiares que o imaginário que se perpetua é da ausência de direitos.

Conhecer os próprios direitos, reconhecer-se como detentoras deles, como sujeitas de direitos (Sousa Jr., 2008), e familiarizar-se com os meios e instrumentos de reivindicação e efetivação dos direitos é fundamental para o fortalecimento da cidadania, ou seja, é expressão da democracia e da participação social.

Na Associação ASCORALINAS, esse conhecimento é provocado e difundido, como visto, por meio de palestras, cursos, seminários e rodas de conversas, sendo complementado pelas obras e autoras escolhidas como guia da reflexão.

Então... porque hoje eu sei que eu tenho direito, eu sei que eu posso, eu sei que eu tenho que fazer o que eu gosto, que eu quero. Eu não sou obrigada né... a fazer as coisas que eu não quero fazer. Eu não sou obrigada a estar aqui se eu não quero estar aqui, né? (Flor Caliandra)

Eu aprendi que eu tenho... aqui a gente fala muito no poder que a gente tem. Então eu tenho direito de estar e fazer do jeito que eu bem entender. Eu sei, eu tenho o direito de usar a roupa que eu quiser usar, porque isso não vai interferir na minha pessoa, no meu caráter... a gente nunca deve desistir, da força que a gente tem e sempre tem que estar correndo atrás dos direitos da gente. (Flor Canela-de-Ema)

Para Crenshaw (2012), a politização do movimento de mulheres trouxe grandes avanços na discussão acerca dos direitos das mulheres. Temas comumente reconhecidos como de natureza *privada* passaram a ser reconhecidos e abordados como parte de um sistema de dominação em grande escala, que afeta as mulheres. A autora defende que reconhecer como problema social e sistêmico algo que era percebido como *ilhado* ou *individual* favoreceu o desenvolvimento de políticas identitárias de grupos, como de mulheres negras, lésbicas, *gays*, etc. As políticas baseadas na identidade são hoje uma realidade e fonte de força, criando sentido de comunidade e gerando desenvolvimento político e intelectual.

Aí é muito importante para mim, conhecer meus direitos, saber o que eu posso, o que eu não posso, o que eu devo aceitar e o que eu não devo aceitar, entende? (Flor Canela-de-Ema)

A gente não pensava que uma mulher tinha tanto direito, igual depois a gente passou para Associação, tantas explicação que tem... tem mais das reuniões, das palestras que eles explicam, aí os direito que a mulher tem, que a gente não sabia que tinha. (Flor Pau-da-Terra)

José Geraldo de Sousa Jr. (2002, p. 87) nos convoca a atuar em prol de “uma sociedade que possa ser a resultante da prática democrática que abre espaço de expressão, contestação e negociação no âmbito da política e do poder” e ainda “que seja capaz de incorporar permanentemente processos sociais novos desenvolvidos na experiência da cidadania”.

Como bem expressou Flor Canela-de-Ema, conhecer os próprios direitos nos permite uma vivência em que podemos nos prevenir de violências. Saber o que devemos aceitar ou não das imposições da sociedade quanto a nossa experiência social nos proporciona mais liberdade para escolhermos nossos próprios caminhos.

Eu aprendi que hoje que eu tenho direito, né? Hoje eu tenho direito a várias coisas. Por exemplo, tenho de ir ao teatro, eu tenho direito de passear, eu tenho o direito de ter uma casa né, eu tenho direito a participar de uma associação, eu tenho direito de ler, né? Dos direitos que a gente tem que a gente sabia e não sabia ao mesmo tempo quem tinha esse direito, né? A gente sempre ficava achando que não tinha direito nesse tipo de coisa e hoje eu aprendi que eu tenho o direito. (Flor Orquídea Colestênia)

De todos os depoimentos, o que mais me chamou atenção como pesquisadora é o

fato de mulheres da classe trabalhadora estarem tomando consciência de que têm o direito de ler, como afirmou Flor Orquídea Colestênia. Como pontuou Antônio Candido, moradia, alimentação, saúde, por exemplo, sempre estiveram, de alguma forma, presentes nos discursos oficiais e no imaginário social como direitos a serem reivindicados e efetivados. Contudo, o direito à literatura é o que me parece mais surpreendente, pois está longe de ser entendido como um direito humano.

4.9 Mulheres Coralinas e a Cidade de Goiás: exclusão ou pertencimento?

*Você vê: eu nunca tinha entrado no Museu.
Nunca tinha entrado no museu da cidade.
Aí no projeto foi que nós visitamos o museu.*

Coralina-Flor Caliandra

A relação com a cidade foi um tema que sobressaiu nas entrevistas. O sentimento de bem querer pelo município que as acolhe há tantos anos, e berço de muitas delas, se mostrou fortalecido, e o olhar sobre a cidade renovado. Onde antes viam simples construções de cimento e tijolo, hoje percebem beleza e poesia.

Do mesmo modo, os relatos de exclusão foram evidentes. Residir em uma cidade relevante para a história do estado de Goiás, patrimônio da humanidade, e nunca ter visitado um museu, ou os prédios históricos? Quais as razões que levam a esse afastamento, que impedem o acesso?

Não. Nunca tinha ido [a museus]. Fui depois que eu estou no projeto, porque é pago as entradas no museu. Aí depois que eu tô no projeto, eu ganhei as entradas. Aí eu participei mais dos museus, sempre que pode ir eu vou nesse museu, então é o lugar que eu mais... Que eu frequentei mais. (Flor de Ipê)

Razões econômicas respondem e motivam as dificuldades individuais. Quando se vive com o mínimo (a renda média de uma coralina é um salário-mínimo), a cultura e o lazer ficam prejudicados.

Porque eu sabia, saía, passeava, mas não prestei atenção muito nisso não. Aí, depois do projeto que eu passei a conhecer todos os patrimônios que a cidade tinha e hoje eu já me sinto como um patrimônio da cidade também. Antes eu não prestava atenção. (Flor Orquídea Colestênia)

Aquele mercado lá foi, foi reformado e eu não tinha ido lá, assim, sabe? É o Mercado Municipal. Eu nem tinha ido lá ver. Antes do projeto, vamos dizer que eu não tinha sentimento, eu não conhecia. Não. Não é que eu não conhecia, eu não participava assim, eu não ia na maioria das coisas, né? (Flor Caliandra)

Mas, e do ponto de vista coletivo, quais seriam os obstáculos? Carência de políticas públicas para transpor obstáculos financeiros? Ausência de incentivo à cultura? Ou a exclusão e estigmatização social que fomentam o sentimento de rejeição e isolamento? O que provocou a falta de interesse pela cidade, como relatam Flor Orquídea Colestênia e Flor Caliandra?

Se a barreira financeira foi transposta com o financiamento de ingressos, como afirmou Flor de Ipê, o que despertou o interesse das Mulheres Coralinas por frequentar esses espaços?

A gente usa aquelas fachadas, né, para fazer, para desenhar em algumas peças, tem as casinhas que eu faço nos pratos, nos copos, aquelas casinhas todas juntinhas né, e que é bem nos colares. Então, mudou demais, né? (Flor Caliandra)

Antigamente eu costurava, só fazia roupa para lojista e agora na Associação, assim mudou porque eu bordo, eu tenho agora uma profissão, eu sou bordadeira, né? Então, eu bordo o patrimônio é um patrimônio e aí eu o bordo o casario, frase de Cora, fragmento de Cora, então mudou bastante. (Flor Orquídea Colestênia)

O uso da arquitetura local como referência artística na produção de peças artesanais apareceu como primeira estratégia de estímulo para conhecer a cidade.

Você vê: eu nunca tinha entrado no Museu. Nunca tinha entrado no museu da cidade. Aí no projeto foi que nós visitamos o Museu. Nós fizemos até... teve até uma pesquisa, sabe? É o da Boa Morte? Que têm aqueles santos... A gente fez uma oficina lá. Então é isso. Eu não tinha acesso assim a essas coisas, sabe? (Flor Caliandra)

Depois do projeto se abriu um leque, né? Na igreja da Boa Morte e lá no Palácio e outras, outras mais. É igual a casa de Cora, porque até então eu não tinha esses acessos e, portanto, igual esse o projeto do Veiga Valle. Justamente tenho pinturas, releituras dele na minha casa do Veiga Valle. Até então eu fiz uma escultura, né, de uma senhora, uma senhora de Nazaré, uma coisa assim. E fiz uma releitura do Octo Marques e o acesso do conhecimento da história daqui de Goiás é muito rico, até então e muito poucas pessoas não conhecem. (Flor Para-Tudo)

Em segundo lugar, estudar os artistas locais e suas produções. Como feito com as

escritoras Cora e Leodegária, os escultores vilaboenses e suas obras foram apresentados às Coralinas. E elas foram convidadas a produzir peças inspiradas nos conhecimentos adquiridos.

Eu vejo mais a cidade que antes eu não via. Eu passei a ir muito em palestras, né? Assim, coisa que eu acho que eu não imaginava que eu ia fazer, que eu ia conhecer, eu não imaginava que eu ia entrar dentro da prefeitura e ter uma palavra com o prefeito, com a vereadora que a gente tem os vereadores, né. (Flor Canela-de-Ema)

Em terceiro lugar, a Associação promoveu a circulação das Coralinas pela cidade, com visitas aos museus, à prefeitura, aos prédios históricos, praças e igrejas. Soma-se a essa experiência de ler a cidade e seus territórios de cultura, antes inalcançáveis, a voz da poeta que afirma “Goiás minha cidade... Eu sou aquela amorosa de tuas ruas estreitas, curtas, indecisas, entrando, saindo uma das outras” (Coralina, 2012).

Foi depois do projeto que eu comecei a ver a cidade como patrimônio, né? E ver os pontos turísticos da cidade, né? Hoje eu me sinto como se fosse também parte do patrimônio na cidade também. (Flor Orquídea Colestênia)

Eu acho que a nossa cidade é linda, não é? Porque às vezes você passa na rua, você não vê a cidade, não é? Você não vê, você anda e você não vê. E depois, quando você vê, olha para a cidade, olha, não é para aquelas casas com outros olhos, é que você vê a beleza que é, não é? Eu acho assim. (Flor Caliandra)

Após o ingresso na Associação, percebe-se, pelos trechos em destaque, que o sentimento de pertencimento se aflora e se torna mais concreto. Elas passam a se perceber como parte da paisagem, como patrimônio do município, o que de fato são.

Dentro da Associação, igual eu falei, você começa a interessar mais pela política, você começa a ver mais coisas que está acontecendo na política dentro da cidade, então você vai ocupando mais espaço. (Flor Canela-de-Ema)

Mudou, eu me senti parte da cidade. Eu faço coisas pela cidade, para a cidade, com a cidade. Eu já não sou uma pessoa estranha, mas eu faço parte do núcleo... então, aí, hoje... Eu sei que eu tenho respaldo, eu não me sinto tão só. (Flor Barriguda)

Esse sentimento de pertencimento é mola propulsora da participação política, da

intervenção no espaço público, na relação com o poder público, na proposição de políticas públicas.

A Associação em si, ela trouxe mais para mim pra eu ver a indignação que eu tenho quando eu olho para esses prédios maravilhosos no centro. Porque eu acho assim, a história não é só a beleza, não está só na arquitetura, aí eu vejo, eu vejo cada coisa linda, falo “gente, mas quem construiu? Cadê a beleza de quem construiu? Quem fez isso aqui? Cadê o nome dessas pessoas que fizeram isso aqui? Cadê as pessoas que levantaram essa cidade?”, não tem nome delas. Isso para mim a Associação me fez compreender melhor o porquê disso. (Flor Flamboyant)

Com o pertencimento vêm também os questionamentos, a visualização das contradições, como bem aponta Flor Flamboyant. Ao se questionar sobre as trabalhadoras, ela retorna ao ponto de partida da análise: por que as Mulheres Coralinas não se sentiam cidadãs?

Ah, com certeza, mudou sim. Porque a gente, a gente passa a conhecer... Eu conheci a cidade, você entendeu? Eu conheci a cidade através do projeto, porque antes eu não conhecia... menina, nem no mercado, eu não ia. E aí depois do projeto, eu passei a participar e ir mais...Então é lógico que mudou. (Flor Caliandra)

Mudou e muito, muito, muito, muito mesmo. Eu me orgulho muito de pertencer ao patrimônio. Me orgulho também muito de falar da Associação do prédio aqui onde fica Associação, da loja, da cidade. Tudo que tem assim eu me orgulho muito, eu me orgulho muito e principalmente da Associação. Não tem noção como eu tenho orgulho de ser associada e de ser uma coralina, né? O resto é isso aí. (Flor Orquídea Colestênia)

Mudou, mudou muita coisa. Mudou bem pra melhor. A casa de Cora mesmo eu não conhecia, o Museu das Bandeiras eu não conhecia, não conhecia. Foi na Associação, foi no projeto que a gente foi. Assim, eu não conhecia, morava aqui, mas não conhecia, não tinha tempo, não tinha oportunidade né... (Flor Pau-da-Terra)

Pode-se ver, pelas respostas, que as três estratégias executadas operaram mudanças na percepção individual sobre a cidade, e na relação que cada uma passou a estabelecer com o município. De párias elas passam a se reconhecer como cidadãs, pois são levadas a sair do espaço privado para ocupar os espaços públicos.

Marcelo Cafrune e Lucas P. Kozen (2019, p. 82) explicam que, entre os diversos

estudos sobre Direito Urbanístico, encontram-se as pesquisas sociojurídicas que “buscam compreender cientificamente as relações entre direito e o espaço urbano na realidade das cidades”. Os autores defendem que a luta pelo direito à cidade “representa a defesa radical do direito a ter acesso aos bens, serviços e oportunidades que o espaço urbano oferece e, em sentido amplo, a luta pelo próprio direito a uma vida livre e digna” (2019, p. 82).

E é justamente a consciência da experimentação plena da dignidade humana no espaço urbano que emerge da reflexão das entrevistadas sobre sua relação com a cidade, resignificando o entendimento sobre direito à cidade.

4.10 Ser Coralina: significados de integrar um coletivo de mulheres

Então, eu me sinto importante, resumindo, eu me sinto muito importante na Associação. Eu me sentia muito mal achando que ninguém me via assim... elas me ver como pessoa, como pessoa que tem valor e eu tenho muito valor e acredito que eu tenho, eu me sinto valorizada.

Coralina-Flor Orquídea Colestênia

Diante das mudanças relatadas, interessou-me conhecer um pouco mais sobre o lugar que a Associação ocupa na vida de cada entrevistada. À pergunta – *o que a Associação representa pra você* – foi respondida por todas com entusiasmo. No Quadro, a seguir, organizei as respostas, associando-as às categorias de análise indicadas anteriormente no Quadro 6.

Quadro 12 Conceitos formulados pelas Mulheres Coralinas

Conhecimento	Flor Flamboyant: Hoje, para mim, representa a minha família né, vamos ser uma família mesmo que eu tenho. Representa... Busca de direitos e resgate também de direitos dentro de um coletivo. Que sozinho a gente pode até ir, mas junto no coletivo eu aprendi que se a gente conquista as coisas, elas são muito mais duradouras, sabe? Atinge um número maior de pessoas e de pessoas que realmente precisam e necessitam daquilo que está colocando. Dificuldade tem todos os dias, mas não pode existir não, de jeito nenhum. Tem dia que a gente não dá certo com a gente mesmo. Imagina num coletivo. Mas eu, para mim, esses desafios é que faz a gente crescer.
Solidariedade	Flor Canela de Ema: A Associação é muito importante na minha vida, porque, depois que eu entrei aqui, foi um momento de muita aprendizagem, de muita parceria, porque somos todas amigas. Claro que

	às vezes tem uma rusga uma com a outra, mas a gente aprende muito umas com as outras. Flor Para-Tudo: A Associação, ela é uma Associação maravilhosa do grupo de mulheres muito fortes. De uma apoia a outra, certo? Teve umas restrições, mas esse não é o caso. Mas é muito bonito que as meninas faz, o que nós fazemos.
Acolhimento	Flor Algodão do Cerrado: Uai, é tudo aqui para mim aqui é muito bom é. Às vezes eu tô lá em casa sozinha né, aí a gente vem para cá e conversa... Conta sobre a vida da gente e elas escutam. E aqui é muito bom, as pessoas é tudo amiga, a gente fala as coisas e escuta. Flor Orquídea Colestênia: Tudo. Assim, para mim é tudo. É como se fosse uma família, porque é as colegas da gente associadas, escuta gente, conversa com a gente, dá conselho para a gente também e é uma forma de eu ter uma renda que eu tiro daqui.
Afeto e Amizade	Flor Pau-da-Terra: Assim, com a ligação da gente com as amiga, são só os encontros da gente com as amigas, igual cheguei agora mesmo, a Ebe já veio falando que tá com muita saudade da gente. Primeiro que a gente não ouvia isso porque passava na rua e “oi, tá boa? Tô boa?”. Hoje não, passa uns dias sem encontrar as amigas, já é recebido com um abraço e fala “tava com saudades de você”, “eu também tava”. Então a gente pegou aquele costume de encontrar sempre, quando passa uns dias que a gente não encontra a gente tem saudade das amiga, aí vai sentar, vai trocar ideia... É isso.
Independência	Flor Pau-da-Terra: em, representa muita coisa, muita coisa mesmo, viu? Porque foi assim, a gente tem a renda da gente que pode ajudar a gente financeiramente, né? Através da Associação, a gente tem o extra da gente, tem um extra através da Associação. Flor de Ipê: Uma grande coisa na minha vida, que eu não fico em casa e é assim mesmo, depois que eu tô lá, sempre tem essa oficina e nos ajuda pôe nós pra trabalhar, mas sempre nos dá, paga nós por dia também. É uma ajuda no nosso salário.
Empoderamento	Flor Caliandra: Nossa... representa tudo assim, né? Através da Associação que eu mudei, mesmo assim, a minha vida, de tudo... a minha autoestima, como eu te falei, eu, antes eu não, não conversava... agora, eu já falo [risadas].

Fonte: autoria própria (2024)

Durante a pesquisa de campo, identifiquei nas respostas ao formulário e no estatuto da Associação algumas categorias que auxiliam na compreensão das ações desenvolvidas: empoderamento, solidariedade, independência, conhecimento, acolhimento e cidadania. A observação do Quadro demonstra que essas mesmas categorias surgiram nas respostas das entrevistadas.

A Associação almeja ser um espaço de segurança e suporte para mulheres. O suporte se materializa no compartilhamento de informações, acolhimento e geração de renda. Percebe-se que as mulheres que integram o coletivo tecem laços de amizade e constroem afetos, antes não experimentados por muitas delas.

O que se apresenta nas falas das associadas é que pertencer a um grupo em que se encontra apoio, solidariedade, valorização e aprendizados é um suporte significativo no enfrentamento às diversas violências a que as mulheres são submetidas cotidianamente, em diferentes dimensões, espaços e intensidades.

Claro que às vezes tem uma rusga uma com a outra, mas a gente aprende muito uma com as outras. (Flor Canela-de-Ema)

As dificuldades de integrar um coletivo também foram abordadas por outras duas entrevistadas, além de Flor Canela-de-Ema. É compreensível que muitas delas não queiram falar das dificuldades, embora saibam que existem. Negar a existência de conflitos seria romantizar um processo complexo de trabalho e convivência.

Penso que a noção de se associar tomada no seu sentido pleno ainda é algo em construção para muitas mulheres, pois, diante de mais de meio século, elas estiveram expostas a relações sociais e culturais que possivelmente estimularam a individualidade e a competição. E, como bem pontuou Flor Canela-de-Ema, aprendizados também emergem das dificuldades.

4.11 As palavras bordadas, as palavras vividas: construindo significados

Você muda a sua vida porque você muda também a maneira de pensar. Você já não é mais aquela que você era antes. Você se valoriza, você tem valor.

Coralina-Flor de Pequi

Flor de Pequi, na frase em epígrafe, afirma a força e poder transformador do conhecimento. Nesse sentido, dois conceitos me pareceram estruturantes para ASCORALINAS e, neste espaço, busco problematizá-los: empoderamento e cidadania. E faço com base nas definições que as Coralinas ofereceram.

As palavras que sintetizam esses conceitos, e os outros abordados nesta tese, não são apenas palavras bordadas em tecidos ou pintadas em cerâmicas. São vivências,

sentimentos, experiências e partilhas. Mais do que aprender um conceito ou palavra nova, as Mulheres Coralinas demonstraram seus depoimentos que, de fato, cada Coralina experienciou. Por isso, são *palavras bordadas, palavras vividas, e vivência que constroem significados*.

4.11.1 Empoderamento

Empoderamento para mim é a gente ter voz, a gente poder falar e correr atrás daquele objetivo, né? Conhecimento, né? Ter um ofício e um conhecimento, reconhecida.

Coralina-Flor Orquídea Colestênia

Na frase em epígrafe, Flor Orquídea Colestênia nos oferece um sentido para o termo *empoderamento*: lugar de fala! É a partir desse sentido que desenvolvo o conceito de empoderamento.

O conceito de *lugar de fala*, formulado a partir da concepção de *conhecimento situado*, de Patricia Hills Collins, e com significativas contribuições de Grada Kilomba e Djamila Ribeiro, nos auxilia a compreender esse fenômeno. E tem sido muito utilizado na última década, sobretudo nos debates virtuais realizados em redes sociais. É comum encontrarmos afirmações como *esse não é seu lugar de fala* ou *este é o meu lugar de fala* como forma de reivindicação do lugar político das pessoas envolvidas nos debates sobre racismo, sexualidade, gênero e classe.

Para Djamila Ribeiro (2019), a origem da expressão *lugar de fala* é imprecisa e sugere que o termo surge a partir das discussões sobre o *feminist standpoint* (ponto de vista feminista) e a *teoria do conhecimento situado*, estudos sobre os quais Patricia Hills Collins é a autora de maior expressão. Daí, ao ser considerado um ponto de vista, uma perspectiva de mundo situada, pode ser entendido/traduzido enquanto posicionalidades, logo também decorrentes de imbricações de raça, gênero, classe, sexualidade, etc. e sujeitas a transformações a depender das intersecções em que se encontra, naquele momento, quem fala.

O conceito de *lugar de fala* permite, assim, pensar a produção do conhecimento a partir de diferentes perspectivas, ao considerar o lugar social de cada autora/autor. A intersecção entre raça, gênero, sexualidade e classe agrega diferentes perspectivas para análise do mesmo fenômeno e com resultados distintos, algumas vezes complementares, algumas vezes contraditórios.

Importante destacar que esse lugar social, de acordo com Djalma Ribeiro (2019), é determinante no processo de subalternização, com consequências nefastas no processo de produção do conhecimento. Para feministas negras, o ato de falar está intrinsecamente relacionado ao ato de existir e, assim, ensina a autora “[...] pensamos lugar de fala como ato de refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (2019, p. 64).

Grada Kilomba (2019) oferece uma importante contribuição ao conceito de lugar de fala ao ressaltar um aspecto essencial quando discutimos esse tema: é necessário que quem sempre foi autorizada a falar, comece a escutar. A autora coloca essa dificuldade de a pessoa branca – historicamente, tida como única autorizada a falar não somente sobre si, mas sobretudo acerca do outro – ouvir por conta de se sentir incomodada quando as vozes silenciadas rompem a interdição e confrontam o silenciamento que lhes tentam impor.

Necessariamente, as narrativas daquelas que foram forçadas ao lugar da Outra serão relatos que trazem conflitos necessários para a mudança. *O não ouvir* é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquela que se intitula poder falar sobre as Outras, enquanto essas Outras permanecem silenciadas.

Ainda segundo Kilomba (2019), o medo branco ao não querer ouvir e ao se negar a escutar o que a sujeita negra pode eventualmente revelar pode ser articulado com a noção freudiana de repressão a memórias, ideias ou fatos que possam causar dissabor. Seguindo essa lógica, ideias e verdades desagradáveis seriam mantidas fora da consciência por conta da extrema ansiedade, culpa e vergonha que elas causam. Contudo, não seria essa a recomendação mais apropriada quando se trata da necessidade de equidade, semente de novas teorias, no processo emancipatório visado pelos direitos humanos.

As *teorias do feminist standpoint e do conhecimento situado*, atreladas às categorias de *interseccionalidade* e de *lugar de fala*, convidam a refletir sobre as relações entre poder e ciência, ou seja, sobre as autorizações discursivas. O esforço, então, de acordo com Djamila Ribeiro (2019), seria romper com esse regime de autorização discursiva, e isso é feito ao confrontar silenciamentos a partir de uma diversidade de vozes e perspectivas.

Para tanto, é preciso construir novos parâmetros pedagógicos que permitam a reflexão crítica e consciente sobre o nosso lugar no mundo, que propiciem a descoberta do nosso lugar de fala e promovam a consciência crítica acerca do conceito de *viver com dignidade*.

Os depoimentos e práticas que pude ter acesso dentro do conjunto de ações vivenciadas na Associação me fazem pensar que para estas mulheres a construção de um conhecimento vinculado ao que se entende por bem viver autoriza um trânsito mais largo por lugares nunca antes imaginados, sem perder de vista que é um processo lento, gradual e dolorido para a maioria.

4.11.2 Cidadania

Cidadania? Eu pertenço a esse lugar.

Coralina-Flor de Barriguda

Flor Barriguda, na frase em epígrafe, define cidadania como pertencimento. A partir dessa perspectiva, pode-se entender a cidadania como participação política, intervenção crítica no debate público e reflexão sobre políticas públicas. É a consciência sobre ter direitos, saber cobrá-los e propor formas para efetivá-los; isso porque partimos do pressuposto de que todo cidadão deve exigir respeito e a garantia de direitos. A cidadania plena implica ter, criar e usufruir dos direitos instituintes e instituídos (Sousa Jr, 2002; Rubio, 2014; Flores, 2011; Freire, 2022a, 2022b, 2022c; Chaui, 1984).

O Direito Achado na Rua permite o reconhecimento de práticas emancipatórias de educação em direitos humanos, lastreadas em novos saberes e práticas pedagógicas inovadoras, comprometidas com a cidadania, a democracia e a realização plena da dignidade humana em seus múltiplos significados, como é o caso das formações realizadas pela ASCORALINAS.

Joaquim Herrera Flores (2009) explica que o principal desafio para humanidade no século XXI são os direitos humanos, e compartilha suas reflexões sobre a complexidade de se construir consensos sobre o tema em uma contemporaneidade plural, diversa e em constante mutação. Para o autor, os direitos humanos podem fortalecer uma pauta jurídica, ética e social que nos auxilie na construção de uma nova racionalidade, livre dos dogmas impostos pelo capitalismo, pelo colonialismo, pelo patriarcado, pelo racismo e pelo sexismo. Para isso, o formalismo e a abstração exacerbada dos enunciados

normativos de direitos humanos, e das normas jurídicas em geral, são os obstáculos a serem superados nessa jornada.

Herrera Flores (2009) ressalta que o direito, seja ele em âmbito nacional, seja internacional, consiste em uma “técnica procedimental” utilizada pela sociedade para garantir o acesso a determinados bens. Essa técnica não é neutra, ao contrário, subjaz às relações de poder em nossa sociedade, e tampouco pode ser considerada como única estratégia de legitimação e transformação das relações desiguais de poder. E, por ser uma técnica procedimental, o direito não se opera por si só, necessita de impulsos hermenêuticos, o que nos possibilita fazer uma utilização estratégica desses impulsos, voltada para a transformação das assimetrias de poder, por meio de uma perspectiva crítica, contextual e emancipadora, e a partir das realidades sociais que as normas jurídicas pretendem regular.

Também é importante destacar que, nessa concepção, assim como já nos advertia Roberto Lyra Filho (1982), o direito não se confunde com a norma, e os direitos humanos não se resumem às normas internacionais. Os direitos humanos são, em verdade, o conteúdo das normas nacionais e internacionais, ou seja, as normas são a forma de materialização dos anseios de emancipação enunciados pelos direitos humanos. Trata-se, pois, de diferenciar os sistemas de garantias de seu conteúdo. E, para o autor, é da dificuldade que temos como sociedade de efetuar essa diferenciação que emerge uma dupla situação: de um lado, o tecnicismo exacerbado, com formulações jurídicas de difícil compreensão e, do outro, o desencanto ou a descrença de grupos sociais com a possibilidade de cumprimento das normas e com a atuação dos sistemas de justiça.

A concepção de direito que “[...] emerge, transformadora, dos espaços públicos [...]”, como ensina José Geraldo de Sousa Júnior (2002), comprometida com a construção de uma cultura democrática e de participação social ancora a tese. É importante delimitar aqui a concepção de direito porque é dela que emerge a própria democracia, os direitos humanos, a cidadania e, por consequência, o que se entende por emancipação.

Hellmut Becker, em diálogo com Theodor Adorno (2022, p. 198) esclarece que o mesmo processo que permite a emancipação é capaz de “colocar em risco os resultados da emancipação a partir da fraqueza do eu ou do risco da fraqueza do eu”. Em resposta, Theodor Adorno (2022, p. 199) adverte que “o problema propriamente dito da

emancipação hoje é se e como a gente – e quem é “a gente”, eis uma grande questão a mais, poder enfrentá-lo.”

As entrevistas demonstraram que as Mulheres Coralinas compreendem os significados e significantes das categorias que perpassam suas ações. O aprendizado vem do cotidiano, da convivência, das leituras, das interações, e das vivências proporcionadas pelos projetos desenvolvidos. Os conceitos, mais do que aprendidos, são vivenciados e sentidos, e de tal forma expressam um projeto pedagógico para autonomia e liberdade.

Os depoimentos apontaram ainda que as ações formativas engendradas pela Associação ASCORALINAS respondem aos desafios apresentados por Becker e Adorno. A literatura se apresenta como uma ferramenta que extrapola os usos e sentidos pedagógicos, permitindo o encontro da mulher coralina com seu eu mais profundo. É instrumento que permite, simultaneamente, o conhecimento do mundo e de si mesma enquanto protagonista de sua própria história. É, nesse sentido, que a literatura é tomada no bojo do trabalho feito pela Associação como um direito humano a ser conquistado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Você muda a sua vida porque você muda também a maneira de pensar. Você já não é mais aquela que você era antes. Você se valoriza, você tem valor.

Coralina-Flor de Pequi

Como afirmou Flor de Pequi em relação à Associação (frase em epígrafe), finalizo esta tese com a certeza de que não sou a mesma de quando comecei. São muitos aprendizados conquistados com a construção do texto, análise das entrevistas, ao traçar o perfil socioeconômico, ao conhecer a trajetória de cada Coralina-Flor e que modificaram a percepção sobre mim mesma, a profissão que escolhi, bem como meus posicionamentos. Finalizo com mais dúvidas do que certezas, acredito que o objetivo maior de uma pesquisa é apontar e problematizar caminhos para novos estudos.

Recordo que, certa vez, em 2018, durante uma oficina de bordado, costurei flores de ipê amarelo com algumas Coralinas. Em certo momento, uma delas afirmou que *bom mesmo é o tempo presente, é o agora, é estar aqui nessa mesa costurando flores*. Essa Coralina-Flor se referia a uma infância atravessada por violências e o desejo de não retornar àquele lugar.

Essa afirmação despertou a vontade de conhecer o passado, o presente e o futuro que se apresentavam para as Mulheres Coralinas. E, assim, nasceu o presente trabalho, de inquietações que surgiram da convivência com as Mulheres Coralinas:

- Quais os significados de ser uma Mulher Coralina?
- Quais as bases teóricas e metodológicas que sustentam a formação para emancipação cidadã?
- Qual a importância da leitura literária para compreensão dos direitos humanos?
- Seria a literatura uma ferramenta pedagógica ou teria ela outro alcance?
- Qual a repercussão, na subjetividade de mulheres em situação de vulnerabilidade econômica, social, política e racial, do estudo de obras literárias que retratam a condição da mulher e da mulher negra no Brasil?
- Qual a importância da literatura para emancipação cidadã?
- Como este tema tem sido trabalhado nas pesquisas acadêmicas?

Essas são algumas das indagações que moldaram os objetivos gerais e específicos apresentados no primeiro capítulo. O desafio da pesquisa residiu em respondê-las de

forma acadêmica, sem perder as referências sociais e políticas que envolvem as narrativas das Mulheres Coralinas.

As problematizações também surgiram da convivência com as Coralinas e da observação das ações pedagógicas realizadas. Observei que vocalizações de poemas e conversas sobre obras literárias realizavam-se ao mesmo tempo em que mãos construíram um fazer próprio e que a literatura e os saberes das mãos se entrelaçavam e construíram significados sobre direitos humanos.

O ponto de partida do estudo foi a ideia de que a leitura literária contribui com a necessária humanização para a autocompreensão daquela que lê enquanto sujeita de direitos, moldando o presente e o futuro. A ação pedagógica da Associação tornou-se o campo privilegiado para buscar respostas.

Dando continuidade aos estudos no campo da Educação em Direitos Humanos e sobre a contribuição dos movimentos sociais para construção do conhecimento, busquei conhecer as atividades realizadas, de 2014 a 2023, pela Associação ASCORALINAS, situada na Cidade de Goiás. Tem-se, então, a delimitação do campo, o recorte temporal e geográfico.

Como referencial teórico, apoiei-me nas autoras/es que formam o arcabouço teórico de *O Direito Achado na Rua*, agregando estudiosas do campo da formação de leitoras literárias. As autoras estudadas dialogam entre si e com a realidade, o que ressalta a sintonia entre a epistemologia e o compromisso político no desenvolvimento de teorias para os direitos humanos.

Como fiz no mestrado, priorizei a *rua* como o local para busca de respostas. Se para José Geraldo de Sousa Jr. (2006), a *rua* é uma metáfora do espaço público, da formação de novas sociabilidades e reconhecimentos recíprocos na ação cidadã, para mim, é espaço onde desejos, sonhos, dores e alegrias se encontram a partir do reconhecimento ou estranhamento das experiências individuais e coletivas de indivíduos e grupos (Miranda, 2007). Ou ainda, lugar onde florescem sínteses criativas que se convertem em novos saberes.

No curso da investigação, meu primeiro encontro se deu com a pesquisa documental. Ela evidenciou o alcance que a Associação conquistou em quase dez anos de existência, para além das fronteiras do estado de Goiás. Os trabalhos acadêmicos e as

reportagens da imprensa publicadas por instituições de ensino superior e veículos de comunicação de diferentes partes do país demonstram a expressão nacional do coletivo.

Com base em documentos internos e oficiais, e em publicações da própria Associação e de Coralinas que finalizaram graduações e pós-graduações, foi possível conhecer os objetivos da Associação e sistematizar sua história: a fundação, principais ações e produtos. Também permitiu construir o perfil das mulheres fundadoras.

O segundo encontro ocorreu no curso da pesquisa de campo. Os formulários e entrevistas permitiram ouvir as vozes que fundamentaram as reflexões e problematização. Histórias de vida, aprendizados, reflexões, impressões e sabedorias foram compartilhadas de forma generosa por Mulheres Coralinas, as Coralinas-Flor. Construímos espaços de afeto que se prolongam por lugares que extrapolam a pesquisa.

Apresentei, no primeiro capítulo, a metodologia e sua fundamentação e antecipei alguns achados da pesquisa documental: o relato da imprensa, os registros acadêmicos, as publicações e produtos das Mulheres Coralinas. No segundo capítulo, contei a história da Associação, suas inspirações, e a cidade em que se insere. Tratou-se de uma contextualização, temporal e geográfica, para, na sequência, ouvir os relatos das Coralinas.

Os dois capítulos são essencialmente descritivos. Eles guardam uma sistematização e reconstrução da trajetória da Associação até então não realizada e que contém elementos para que as Mulheres Coralinas reflitam sobre suas ações e o município sobre as políticas públicas. E poderá auxiliar novas pesquisas. Para o presente estudo, foi importante conhecer essa trajetória e tomá-la como parte essencial do diálogo estabelecido com as Coralinas na pesquisa de campo.

O terceiro capítulo trouxe as informações do formulário e as narrativas das entrevistas. É preciso dizer que cada entrevista revelou singularidades merecedoras de um estudo próprio. E que são muitas as informações que não couberam no espaço desta tese e ficarão guardadas para novos trabalhos acadêmicos.

Como resposta aos objetivos da pesquisa e questionamentos norteadores, gostaria de tecer algumas considerações que, de certa forma, reforçam o já explicitado ao longo da tese.

Ser uma Mulher Coralina é: 1) integrar um grupo formado exclusivamente por mulheres, cuja marca é a solidariedade, acolhimento e afeto; 2) ocupar o espaço público

com poesia e arte; 4) descobrir a própria voz para dizer não e para expressar os próprios desejos; 5) estar com pessoas que escutam e se interessam por suas ideias; 6) sentir-se valorizada; 7) ter uma família forjado no afeto; 8) não sentir solidão; 9) inspirar-se em outras mulheres; 10) ajudar outras mulheres.

Ao se tornarem Mulheres Coralinas, as mulheres aceitam o desafio do trabalho coletivo e conhecem possibilidades de enfrentamento das violências que atravessam suas existências, a força para mudar suas próprias realidades, capacidade e formas de intervenção no espaço público. Inspiradas em Paulo Freire (a educação pressupõe uma prática para liberdade), Antônio Candido (a literatura como um direito humano), e bell hooks (modelos não convencionais de ensino propiciam novas possibilidades de aprendizados e uso dos conhecimentos adquiridos), as Mulheres Coralinas inovam nas práticas de educação em direitos humanos.

Pautadas em *O Direito Achado na Rua*, que não restringe a cidadania a direitos positivados e reconhece a possibilidade de direitos insurgentes, forjados nas experiências coletivas de luta contra desigualdade, a Associação constrói novos significados para categorias jurídicas, como direito à cidade, direito à cultura, direito à literatura, direito ao trabalho e direito a uma vida com dignidade.

A presença da teoria de Patricia Hills Collins é evidente pela valorização do ponto de vista das mulheres na construção de sentidos teóricos. A literatura escolhida é parte dessa compreensão e as entrevistadas relataram o incentivo do coletivo para o compartilhamento de opiniões e ideias.

A literatura como fio condutor destacou-se ao apresentar a vida de quatro mulheres que enfrentaram as desigualdades de gênero, e três delas o racismo, e construíram um legado que inspira gerações. As escritoras e suas obras trouxeram à tona o debate sobre racismo, assimetrias de gênero, desigualdade social e cidadania, e deram o impulso necessário para a percepção das vulnerabilidades e possibilidades de mudança.

O exercício da leitura mediada permitiu que a vida das escritoras e as vivências das participantes fossem exploradas conjuntamente, sem um roteiro prévio, e com uma escuta qualificada, capaz de problematizar o que emergiu das narrativas literárias confrontadas com os relatos das mulheres em formação. A compreensão dos direitos humanos, especialmente dos direitos das mulheres, foi alargada em rodas de conversa, incluindo a oferta de um espaço para fomentar a participação política, o empoderamento

feminino, a prevenção da violência contra mulheres e meninas, o associativismo e a economia solidária.

Penso que a literatura possui potencial para guiar reflexões que pretendem ser alcançadas em ações de educação em direitos humanos. Considerando os princípios e os objetivos da educação em direitos humanos, a necessidade de expansão da autopercepção das mulheres enquanto sujeitas de direito e os fundamentos teóricos que deverão proporcionar um deslocamento epistemológico lastreado em gênero e raça, percebe-se que literatura é muito mais do que ferramenta pedagógica, pois, poderá ser, ela em si, o motivador da autoconsciência.

Assim, buscando responder à inquietação inicial, a leitura literária se apresentou como ação que extrapola a ferramenta pedagógica. A mudança na autopercepção foi possível porque as Mulheres Coralinas foram provocadas pela literatura a refletir sobre temas de suas próprias vidas.

As entrevistadas descreveram as mudanças em suas vidas: começaram a frequentar locais públicos que nunca haviam visitado, descobriram a coragem para compartilhar seus pensamentos, aprenderam a dizer não a seus familiares, reconheceram quando não são valorizadas por familiares e empregadores. Em síntese, aprenderam a identificar violências e abusos e conquistaram a força para enfrentá-los.

O autorreconhecimento das Mulheres Coralinas como sujeitas de direito se desenvolveu concomitante a: 1. descoberta da capacidade de intervenção no espaço público; 2. a apropriação simbólica dos elementos histórico-culturais; 3. a consciência da realidade histórica e conjuntural; 4. o reconhecimento das desigualdades. Essas transformações são fruto da identificação gerada na mulher coralina com a história de vida das escritoras e livros estudados.

Todas as entrevistadas afirmaram que se identificaram com a vida de alguma das escritoras ou com suas obras. Relataram que suas vidas parecem estar estampadas na poesia ou no romance e que, se as autoras conseguiram superar adversidades, elas, Mulheres Coralinas, também poderiam.

Paulo Freire (2022a) indica a importância de usarmos, no campo da educação, em especial a popular, os temas geradores, que devem ser extraídos da realidade dos educandos. A enunciação *tema gerador* é uma expressão linguística que representa um ato, uma imagem, uma poesia, uma ação – como bordar, moldar, cozinhar ou costurar,

permitindo o encadeamento dos temas significativos. E é assim, no curso do fazer, tendo a literatura, a cidade e a experiência das próprias mulheres como tema gerador, que as Mulheres Coralinas debatem temas de relevância para a consciência democrática.

Por fim, compartilho algumas reflexões que não puderam ser exploradas ao longo do texto, por fugirem ao escopo da tese, e que poderão indicar caminhos para novas investigações.

Apresentei três levantamentos de perfil socioeconômico, realizados nos anos de 2014, 2020 e 2023, o último produzido para esta pesquisa. À primeira vista, parece-me que o perfil das mulheres associadas permanece o mesmo: mulheres negras, com renda média de um salário mínimo, casadas e com filhos.

Contudo, os resultados não devem ser analisados comparativamente, pois as verificações foram feitas com instrumentos, objetivos e públicos diferentes. Os estudos de 2014 e 2020 referem-se a mulheres interessadas em participar de cursos de formação, com o objetivo de conhecer suas realidades e adequação aos propósitos dos projetos. Já em 2023, o formulário foi respondido por associadas, e o objetivo residiu em colher informações para elaboração do roteiro de entrevista e selecionar aquelas que seriam entrevistadas.

Diante disso, ressalto a importância de a Associação e suas parceiras realizarem estudos que possibilitem aferir os impactos das ações na vida das associadas, especialmente sobre as fragilidades que se propõem sanar, como as vulnerabilidades de gênero, raça e classe.

Sobre a renda, compreendi a importância da profissionalização e comercialização de produtos artesanais para a maioria das Coralinas-Flor. Flor Canela-de-Ema declarou que ingressou na Associação quando estava desempregada e que hoje trabalha exclusivamente com a venda de seus produtos, ganhando mais inclusive. Flor Caliandra disse que aumentou a renda que auferia com a comercialização de produtos artesanais, após o início da Associação.

Diante disso, questiono: quais os avanços em relação às vulnerabilidades sociais, especialmente a pobreza? As ações profissionalizantes, a estrutura para comercialização, modificaram a condição financeira das associadas? Por que algumas associadas conseguiram melhorar suas condições de vida e outras não? A venda de produtos artesanais para 47% das Coralinas-Flor (ver Tabela 19) é de complementação, essa adição

promove ou não aumento real na renda? São questões que merecem ser investigadas e acompanhadas para que tenhamos uma noção do impacto das ações e também das fragilidades que precisam ser superadas.

A Coralina-Flor Para-Tudo frisou na entrevista *ser parda e não ser negra*, demonstrando uma possível fragilidade na compreensão da negritude. Como afirmei anteriormente, os estudos sobre colorismo podem ajudar na compreensão desse fenômeno. Assim, pergunto: seria oportuno intensificar o debate sobre negritude e racismo? Os estudos sobre colorismo podem realmente auxiliar a Associação no aprofundamento sobre a questão racial?

Ainda que a comparação entre os dados quantitativos aqui apresentados seja frágil estatisticamente, é importante pensarmos sobre as questões apontadas quando se trata de uma ação com mulheres cujas vidas são marcadas por violências de diversas matizes e que se propõe a promover autonomia financeira (Estatuto, art. 2º, incisos I, III, IV, VI, VII) e debater a questão racial por meio da literatura. A realização de levantamentos periódicos e registros detalhados possibilita a identificação de questões que merecem atenção e auxilia no planejamento de novas ações.

Algumas entrevistadas declararam falta de interesse ou motivação para ler. Dificuldades com a leitura, falta de familiaridade com os livros ou mesmo a baixa escolaridade aparecem como justificativas. É necessário lembrar que para a maioria das associadas, como visto nas entrevistas, a leitura foi um ato cultural negado desde a infância, e ainda hoje existem pessoas, como juristas e agentes públicos, que não reconhecem a leitura como um direito humano.

Indago, então, quais outras ações, além das que já são promovidas pela Associação, podem ser implementadas para motivar a leitura? É certo que a leitura não é feita apenas com os próprios olhos e que ouvir alguém que lê integra o repertório da leitura. Seria, então, oportuno fomentar o debate sobre os significados do ato de ler e sobre as múltiplas formas de se ler um livro?

Ainda, considerando a baixa escolaridade e o envelhecimento que traz consigo a diminuição da acuidade visual, seria proveitoso pensar em ferramentas de acessibilidade, como textos ampliados e audiolivros? Essa reflexão poderá beneficiar tanto as associadas como as novas integrantes, e incentivar a participação de pessoas com deficiência visual.

Chego ao fim desta jornada, refletindo que as Mulheres Coralinas, com sua

atuação profundamente ligada à literatura, às práticas artesanais e aos direitos humanos, constroem um caminho para a preservação do patrimônio cultural, promoção do empoderamento feminino e construção de uma comunidade consciente do seu potencial. Dia a dia, tornam-se inspiração para outras mulheres que desejam mudanças em suas vidas e o fim dos ciclos de violência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Edina Faria de. **Leitura de poesia e formação do leitor literário na educação básica: a produção poética de Cora Coralina em sala de aula**. Dissertação de mestrado. Goiânia: UFG, 2022.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Carta à Cora Coralina**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/cora-coralina.htm>. Acesso em: 10 set. 2024.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 4 ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura**. Biblioteca Tempo universitário 36. Trad. Celeste Galeão e Idalina Azevedo Silva. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1991.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Coleção Feminismos Plurais. Coord. Djamilia Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019.

ALCANTARA, Thalys. **Homenagem a Cora, filha Vicência visita e estátua da mãe**. Jornal O Popular. Vida Urbana. Entrevista. Goiânia, 21 de agosto de 2019. Disponível no acervo documental da Associação ASCORALINAS.

AMARO, Vagner; SAMYN, Henrique Marques. **Quando eu morder a palavra: entrevistas com Conceição Evaristo e guia de leitura de suas obras**. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Pensamento Feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 206-215.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999.

BECKER, Howard. **Truques da escrita**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2015.

BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2009.

BITTAR, Carlos. Educação e metodologia para os direitos humanos: cultura democrática, autonomia e ensino jurídico. In: GODOY SILVEIRA, Rosa M. *et al.* (org.). **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: UFPB, 2007. p. 313-333. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wpcontent/uploads/2014/07/merged.compressed.pdf>. Acesso em: 1º out. 2022.

BORGES, Rodrigo. **Homenagens a Leodegária**. Jornal O Popular, 2019. Disponível em: <https://opopular.com.br/magazine/leodegaria-de-jesus-poeta-de-goias-recebe-homenagens>. Acesso em: 1º fev. 2024.

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora34, 2015.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina**: raízes de Aninha. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

BRUM, Eliane. O que Audálio Dantas fez com Carolina Maria de Jesus. Publicado em 29 de nov. 2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-11-30/o-que-audalio-dantas-fez-com-carolina-maria-de-jesus.html>. Acesso em: 02 de fev. 2025.

CAFRUNE, Marcelo; KOZEN, Lucas P. Direito e espaço urbano: uma perspectiva crítica e progressiva. In: SOUSA JR., José Geraldo de et al. (org.). **O direito achado na rua**: introdução crítica ao Direito Urbanístico. v.9. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019. p. 82-85.

CAMARGO, Elisângela da Silva Beltrão. **O uso de fantoches em educação patrimonial**: confeccionando memórias no ensino fundamental de Goiás. Dissertação de mestrado profissional em Estudos Culturais, memória e patrimônio. Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2022.

CAMARGO, Goiandira Ortiz. Leitura vocalizada de poesia. In: SILVA, Débora Cristina Santos e; CAMARGO, Goiandira ORTIZ; GUIMARÃES, Maria Severina Batista. **Olhar o poema**: teoria e prática do letramento poético. Goiânia: Cânone Editorial, 2012.

CAMPUS Goiás recebe o embaixador de Portugal no Brasil. ASCOM Universidade Federal de Goiás, 2022. Disponível em: <https://ufg.br/n/161546-campus-goias-recebe-o-embaixador-de-portugal-no-brasil>. Acesso em: 8 fev. 2024.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; SACAVINO, Suzana Beatriz. Educação em Direitos humanos e formação de educadores. **Revista Educação**. v. 36. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/55629/Downloads/12319-Texto%20artigo-49826-1-10-20130215.pdf>. Acesso em: 1º out. 2022.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. São Paulo: Todavia, 2023.

CARBONARI, Paulo César. Sujeito de direitos humanos: questões abertas e em construção. In: GODOY SILVEIRA, Rosa M. *et al.* (org.). **Educação em Direitos Humanos**: fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa: UFPB, 2007. p. 169-186. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wp-content/uploads/2014/07/merged.compressed.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2023.

CARBONARI, Paulo César. Porque educação em direitos humanos bases para a ação político-pedagógica. In: RODINO, Ana Maria; [et al.]. **Cultura e educação em direitos humanos na América Latina**. Brasil: trajetórias, desafios e perspectivas. João Pessoa: CCTA, 2016. p. 251-275. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wp-content/uploads/2016/07/EBOOK-Cultura-eEDH-Am%C3%A9rica-Latina_Miolo_02-05-16.pdf. Acesso em: 23 fev. 2023.

CARDOSO, Marcilene Divina de Souza Camargo. **De Maria à boneca de pano.** Monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Cidade de Goiás: Instituto Federal de Goiás, 2018.

CARNEIRO, Suely. **Escritos de uma vida.** Rio de Janeiro: Jandaíra, 2019.

CARNEIRO, Suely. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

Chaui. Marilena. **Cidadania cultural:** o direito à cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. Disponível em: https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/08/Chaui_web_compressed-1.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

Chaui. Marilena. **Cultura e democracia.** São Paulo: Editora Moderna, 1984.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** São Paulo: Editora Cortez, 2018.

CNM celebra o Dia Nacional da Cultura com a divulgação de boas práticas municipais. Site Confederação Nacional de Municípios, 2018. Disponível em: <https://www..org.br/comunicacao/noticias/cnm-celebra-o-dia-nacional-da-cultura-com-a-divulgacao-de-boas-praticas-municipais>. Acesso em: 5 fev. 2024.

COLETIVO Mulheres Coralinas desfila coleção ‘O quintal da Poeta em Goiânia. Jornal O Popular, 2023. Disponível em: <https://opopular.com.br/magazine/coletivo-mulheres-coralinas-desfila-colec-o-o-quintal-da-poeta-em-goiania-1.3086716>. Acesso em: 1º de fev. 2024.

COLLINS, Patricia Hills. **Pensamento Feminista Negro.** São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hills. **Bem mais que ideias.** A interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** São Paulo: Editora Global, 2012.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre:** meias confissões de Aninha. São Paulo: Editora Global, 2012.

CORALINA, Coralina. **Meu livro de cordel.** São Paulo: Global Editora, 2012.

CORALINA, Cora. **Casa velha da ponte.** São Paulo: Editora Global, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA-BERNARDINO, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Rio de Janeiro/São Paulo: Autêntica, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. **On Intersectionality**: Essential writings. New York: The New Press Publisher, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Cartografiando los márgenes: interseccionalidad, políticas identitárias y violência contra las mujeres de color. In: MÉNDEZ, Raquel Lucas Platero Orga). **Intersecciones**: cuerpos y sexualidades em la encrucijada. Barcelona: Bellaterra, 2016 p. 87-121. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=562663>. Acesso em: 30 set. 2022.

DANTAS, Audálio. Prefácio: A atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, 2014.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DECRETO N°48 de 06/06/2015, Gabinete da Prefeita, Cidade de Goiás. A integra do decreto está disponível no endereço eletrônico <https://goias.go.gov.br/publicacoes/decretos/decreto05406112014.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

DEMO, Pedro. **Praticar ciência**: metodologias do conhecimento científico. São Paulo: Saraiva, 2011.

DENÓFRIO, Darcy França (org). **Lavra dos Goiasés III – Leodegária de Jesus**. Goiânia: Câne Editorial; Livraria Leodegária, 2019.

DICIONÁRIO Oxford Languages. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 10 maio 2023.

DIONE, Huges. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (orgs.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

DUSSEL, Enrique. **A ética da libertação**: na idade da globalização e exclusão. Petrópolis: Vozes, 2012.

ESCRIVÃO FILHO, Antônio; SOUSA Jr, José Geraldo de. **Para um debate teórico-conceitual e político sobre os Direitos Humanos**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

FERNANDES, Lígia Saba. **Conheça a história dos famosos e deliciosos doces cristalizados de Goiás**. Site Curta Mais Goiânia, 2021. Disponível em:

<https://curtamais.com.br/goiania/conheca-a-historia-dos-famosos-e-deliciosos-doces-cristalizados-de-goias/>_ Acesso em: 5 fev. 2024.

FERNANDES, Mariza. **UFG concede título de Doutora honoris Causa a Leodogária de Jesus**. Goiânia: UFG, 2023. Disponível em: <https://ufg.br/n/172948-ufg-concede-titulo-de-doutora-honoris-causa-a-leodegaria-de-jesus>. Acesso em: 5 fev. 2024

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. São Paulo: Penso, 2013.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bokkman, 2004.

FONTE inspiradora para conterrâneas. Jornal Correio Brasiliense, 2019. Disponível em: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/08/11/interna_cidadesdf,776606/fonte-inspiradora-para-conterraneas.shtml_ Acesso em: 1º fev. 2024.

FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022d.

FROTA, Henrique Botelho. O direito à cidade: desafios para a construção da utopia por uma vida transformada. In: SOUSA JR., José Geraldo de et al. (org.). **O direito achado na rua: introdução crítica ao Direito Urbanístico**. v. 9. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019. p. 162-170.

GALLARDO, Helio. **Teoria Crítica: matriz e possibilidade de direitos humanos**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

GALLARDO, Helio. **Direitos Humanos como movimento social: para uma compreensão popular da luta por direitos humanos**. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Direito, 2019.

GOMEZ, Atenea Garcia. **Removendo pedras e plantando flores: patrimônio afetivo, economia solidária e oficina do objeto na Associação Mulheres Coralinas, Cidade de Goiás-GO**, 2023. Monografia de Conclusão do Curso Bacharelado em Museologia. Universidade de Brasília: Brasília, 2023.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2022.

GUIA DAS ARTES. **Veiga Vale**. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/jose-joaquim-da-veiga-valle/biografia>. Acesso em: 22 ago. 2024.

GUIMARÃES, Carla. **Poemas comestíveis**. Folhafartura Especial. Jornal Folha de São Paulo, 09 de julho de 2017. Impresso disponível no acervo documental da Associação ASCAROLINAS.

GUIMARÃES, Luiza. **Obras Vandalizadas**. Jornal O Popular. Goiânia, 09 de maio de 2023, p.17. Impresso disponível no acervo documental da Associação ASCAROLINAS.

HERRERA Flores, Joaquín. **La reinvenición de los derechos humanos**. Andaluzia: Atrapasueños, 2008. Versão em português: A reinvenção dos direitos humanos. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

HERRERA Flores, Joaquín. Os direitos humanos no contexto da globalização: três precisões conceituais. **Revista Lugar Comum**, 25-26. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. p.39-71

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goias/panorama. Acesso em: 20 set. 2024.

INAUGURAÇÃO da sala “Mulheres Coralinas” no Mercado Municipal. ASCOM Prefeitura Municipal de Goiás, 2016. Disponível em: <http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/versao1/2016/12/20/inauguracao-da-sala-mulheres-coralinas-no-mercado-municipal/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

INSPIRAÇÃO LITERARIA. **CORA CORALINA** | Entrevista com a Poeta. *Youtube*, 16 de mai. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4kILDg6qFgA_. Acesso em: 04 fev. 2023.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/362/. Acesso em 20 set. 2024.

JARDIM, Estela Máris Medeiros. **Palavras palatáveis**: a poesia e a gastronomia como ingredientes na obra de Cora Coralina. Dissertação de Mestrado em Letras. Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Leodegária de. **Coroa de Lírios**. Coleção Gleba/Poesia. Cidade de Goiás: Leodegária Publicações/Trilhas Urbanas, 2020.

JESUS, Leodegária de. **Orchideas**. Cidade de Goiás: Leodegária Publicações, 2021.

JESUS, Elenízia da Mata de. **Projeto Mulheres Coralinas por todas as Marias**. Cidade de Goiás: Prefeitura Municipal, 2016. Impresso. Disponível no acervo documental da Associação ASCORALINAS.

JESUS, Elenízia da Mata de. Mulheres Coralinas: uma experiência de emancipação. In: ROCHA, Alessandro; PEREIRA, Valéria Cristina (orgs.). *Leitura e Educação*. Rio de Janeiro: Reflexão, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó Edições de Livros, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

LANÇAMENTO do vídeo Mulheres Coralinas e Tertúlia Vilaboense. ASCOM Prefeitura Municipal de Goiás, 2017. Disponível em: <http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/versao1/2017/06/23/lancamento-do-video-mulheres-c-orcalinas-e-tertulua-vilaboense/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

LAVILLE, Cristian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEAHY-DIOS, Cynara. **Educação literária como metáfora social**: desvios e rumos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEWIS, Clive Staples. **A experiência de ler**. Porto: Elementos Sudoeste, 2000.

LYRA FILHO, Roberto. **Para um direito sem dogmas**. Porto Alegre: Fabris, 1980.

LYRA FILHO, Roberto. **O que é Direito**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

LONGO, Malu. **Direitos humanos** – as ações do coletivo feminino criado há dez anos na cidade de Goiás, direcionada a um público em vulnerabilidade socioeconômica, foram reconhecidas pela Anamatra. *Jornal OPOPULAR*, p. 18, Goiânia, 19 e 29 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://opopular.com.br/cidades/mulheres-coralinas-ganham-premio-nacional-de-direitos-humanos-1.3188851>. Acesso em: 21 de out. de 2024.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

MARTINS, Vanessa; SANTANA, Vitor. **Cora Coralina é inspiração para Associação de mulheres na cidade de Goiás**. *Site G1*, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/08/21/cora-coralina-e-inspiracao-para-associacao-de-mulheres-na-cidade-de-goias.ghtml>. Acesso em: 1º fev. 2024.

MENICUCCI, Eleonora. Mulheres que são Coralinas. In: SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. (orgs.). **Mulheres Coralinas**. Goiânia: Cânone Editorial, 2016. p. 13.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Coleção Criança Mulher e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MINISTÉRIO DA CULTURA. MinC divulga lista de habilitadas no Prêmio Carolina Maria de Jesus. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/minc-divulga-lista-de-habilitadas-no-premio-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 03 fev. de 2024.

MIRANDA, Adriana Andrade; SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; SOUSA, Nair Heloisa Bicalho. Conviver para Viver: formação e atuação das Mulheres Coralinas no enfrentamento aos efeitos perversos da pandemia do coronavírus. In: SOUSA Jr., José Geraldo de et al (org.). **Direitos humanos e Covid-19**, v. 2. São Paulo: Placido, 2022.

MIRANDA, Adriana Andrade. **Movimentos sociais, AIDS e cidadania: o direito à saúde no Brasil a partir das lutas sociais**. 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3330>. Acesso em: 7 de mar. 2025.

MIRANDA, Adriana Andrade. **Literatura e direitos humanos: contribuições para cidadania e emancipação**. Apresentação oral no XII Encontro Nacional da Rede de Pesquisa Empírica em Direito. Goiânia, 2023. Arquivo digital.

MIRANDA, Adriana Andrade. Democracia, Direitos Humanos e Literatura: notas conceituais a partir da experiência da Associação Mulheres Coralinas. **Revista de Direito, Arte e Literatura**, Florianópolis, Brasil, v. 10, n. 2, 2025. Disponível em: <https://indexlaw.org/index.php/revistadireitoarteliteratura/article/view/10928>. Acesso em: 7 mar. 2025.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Mulheres Coralinas. Pasquim Feminista - informativo libertário Rosa Gomes. Publicação do Coletivo GSEX Ano I – v.5, dezembro de 2021. Cidade de Goiás: Universidade Federal de Goiás, 2021. Disponível em acervo da Associação MIRANDA, Adriana Andrade Instituto Brasileiro de Museu, 2016. Disponível em: <https://antigo.museus.gov.br/museu-das-bandeiras-recebe-mostra-memoria-das-mulheres-coralinas>. Acesso em: 1º jan. 2024.

Museu Virtual da Ciência e Tecnologia. **Exposição CERRADO: Patrimônio dos Brasileiros**. Disponível em: <http://cerrado.museuvirtual.unb.br/>. Acesso em: 22 fev. 2025

OLIVEIRA, Elizabeth. **Mulheres Coralinas: a poética do empoderamento feminino no Cerrado**. Projeto Colabora: jornalismo sustentável, 2023. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods5/mulheres-coralinhas-a-poetica-do-empoderamento-feminino-no-cerrado/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

OLIVEIRA, Flávio Gomes de. **Patrimônio imaterial, história-oral e stop-motion: animação de maria grampinho**. Monografia do Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural Artístico. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

O velho livreiro. Disponível em: <https://www.ovelholivreiro.com/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PAIVA, Joana de Oliveira Ferreira. **ASCORALINAS: mulheres em movimentos**. fls.103. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2023.

PEREIRA, Germana Henriques. **Carolina Maria de Jesus: uma questão autoral**. Campinas: Ponte Editora, 2023.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PIERRI, Ana Maria Rodino. **Educación en derechos humanos: por una ciudadanía democrática**. Montes de Oca: EUNED, 2018.

PIERRI, Ana Maria Rodino. **La institucionalización de la educación em derechos humanos em América Latina: avances, desafios y una propuesta de prioridades**. In: Revista Sociedade e Cultura, v. 16, n. 2. Goiânia: Editora da UFG, 2013. pp. 257-264. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/32183>. Acesso em: 30 set. 2022.

PIMENTA, Brasineide Clemente Ferreira. **A lenda carioca e o mito da origem da mulher vilaboense**. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Intercultural. Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2019.

PINHEIRO, Roberta; ALVES, Renato. **Com poemas inéditos, Cora Coralina completaria 130 anos**. Jornal Correio Brasiliense, 2019. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/08/11/interna_cidadesdf,776553/com-poemas-ineditos-cora-coralina-completaria-130-anos.shtml. Acesso em: 1º fev. 2024.

POESIA e empreendedorismo resgatam tradições de Goiás. Cidades Sustentáveis, 2019. Disponível em: <https://www.cidadessustentaveis.org.br/boas-praticas/229>. Acesso em: 1º fev. 2024.

PREFEITA Profa. Selma Bastos participa do lançamento do Livro “Mulheres Coralinas”. ASCOM Prefeitura Municipal de Goiás, 2017. Disponível em:

<http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/versao1/2017/04/13/prefeita-profa-selma-bastos-parti-cipa-do-lancamento-do-livro-mulheres-coralinas/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

PREFEITURA DE GOIÁS. Disponível em: goias.go.gov.br/portal/. Acesso em: 19 jan. 2024.

PROJETO Mulheres Coralinas se encerra com grande evento de certificação e posse de sua Associação – ASCORALINAS. ASCOM Prefeitura Municipal de Goiás, 2016. Disponível em: <http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/versao1/2016/05/23/projeto-mulheres-coralinas-se-encerra-com-grande-evento-de-certificacao-e-posse-de-sua-associacao-ascoralinas/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PROJETO fortalece vínculos entre gerações na Cidade de Goiás. Jornal Diário da manhã, 2023. Disponível em: <https://www.dm.com.br/goias/projeto-fortalece-vinculos-entre-geracoes-na-cidade-de-goias-131333>. Acesso em: 21 jan. 2024.

QUEIROZ, Renato. **Associação Mulheres Coralinas ganha sede própria na cidade de Goiás.** Jornal O Popular, 2021. Disponível em: <https://opopular.com.br/magazine/associac-o-mulheres-coralinas-ganha-sede-propria-na-cida-de-de-goias-1.2323246>. Acesso em: 21 jan. 2024.

REZENDE, Tânia Ferreira. Orquídeas: um buque de poesias insurgentes. In: JESUS, Leodegária de. **Orchideas.** Cidade de Goiás-Go: Leodegária publicações; Trilhas urbanas, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala.** Coleção Feminismos Plurais. Coord. Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das letras, 2019.

RIFIOTIS, Theophilos. Direitos humanos: sujeitos de direitos e direitos sujeitos. In: GODOY SILVEIRA, Rosa M. (org.) [*et al.*]. **Educação em Direitos Humanos:** fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa: UFPB, 2007. p. 231-244. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wp-content/uploads/2014/07/merged.compressed.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2023.

RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). **Lélia Gonzalez:** por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2021.

ROCHA, Ana Claudia. **Inspiração em Cora.** Spot&Tops, Jornal O Popular, 2017. Disponível no acervo documental da Associação ASCORALINAS.

RODRIGUES, Rafael. **Recria tua vida, sempre:** associativismo das Mulheres Coralinas da Cidade de Goiás (2017-2021). 2022. Dissertação de Mestrado em Geografia. Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2022.

RUBIO, David Sanchez. **Derechos humanos instituyentes, pesamiento crítico y práxis de liberación**. Ciudad de México: Edicionasekal, 2018.

RUBIO, David Sanchez. **Direitos Humanos instituintes**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2022.

RUBIO, David Sanchez. **Encantos e Desencantos dos Direitos Humanos: de emancipações, libertações e dominações**. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2014.

SANTOS, Antonieta Campos Serra Texeira dos Santos. **A escuta do colonismo feminino de Clarice Lispector em mulheres hoje: uma perspectiva da psicologia analítica**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da Razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, (org.). **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O coronavírus, nosso contemporâneo. In: SOUSA JR., José Geraldo; RAMPIN, Talita Dias; AMARAL, Alberto Carvalho (org.). **Direitos Humanos e Covid-19: grupos sociais vulnerabilizados e o contexto da pandemia**. Belo Horizonte: D'Plácido, 2021. p. 13-19.

SANTOS, Saulo Nunes dos. **O direito feminino à dignidade em Mulheres Coralinas: autonomia e emancipação**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Goiás, 2019.

SANTOS, Saulo Nunes dos. **A condição feminina em Cora coralina e sua interface com o projeto Mulheres Coralinas: estudo léxico-cultural**. In: Revista Humanidade e Inovação V. 6, n. 8. Universidade Federal do Tocantins, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/51>. Acesso em 1º fev. 2024.

SILVA, Dinaira Francisca da Costa. **Turismo de base comunitária: rede de mulheres empreendedoras na Associação Mulheres Coralinas**. Monografia de conclusão de Curso de Graduação em Turismo e Patrimônio. Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2023.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Mulheres Coralinas**. Goiânia: Câne Editorial, 2016.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. **Literatura sem fronteira**. Por uma educação literária. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira v. 1 e 2. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. **Literatura sem fronteira**. Uma leitura da obra de Bartolomeu Campos Queirós. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Goiás, 1997.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. No cálix perfumado das violetas. In: JESUS, Leodegária de. **Coroa de lírios**: versos. Cidade de Goiás-Go: Leodegária publicações; Trilhas urbanas, 2020.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. Estudos sobre Cora Coralina: vida, obra e fortuna crítica. In: LUZ, Regina Maria Emos da; SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima (orgs.). **Escola, Comunidade e Universidade**: construindo caminhos. Goiânia: Cânone Editorial, 2016

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima (org.). **Saberes das mãos e narrativas do afeto**: gastronomia. Cidade de Goiás: Leodegária Publicações, 2020a.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima (org.). **Saberes das mãos e narrativas do afeto**: cerâmica. Cidade de Goiás: Leodegária Publicações, 2022.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. Estratégias de mediação: em busca do leitor literário. In: SILVA, Débora Cristina Santos; CAMARGO, Goiandra Ortiz de; GUIMARÃES, Maria Severina Batista. **Olhar o poema**: teoria e prática do letramento poético. Goiânia: Cânone Editorial, 2012.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; PEIXOTO, Sanderson Mendanha. Becos de Goiás: uma análise literária e intercultural do poema de Cora Coralina. **Revel Revista de Estudos Literários** da UEMS, p. 48-59, 2019. Disponível em Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3405>. Acesso em: 22 fev. 2025.

SOUSA JR, José Geraldo de. **Sociologia Jurídica**: condições sociais e possibilidade teóricas. Porto Alegre: FABRIS, 2002.

SOUSA JR, José Geraldo de. Na rua a construção da cultura e cidadania. **Revista do Sindjus** – Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário e do Ministério público da União no DF. Ano XV – N. 35 – novembro de 2006.

SOUSA JR, José Geraldo de. Direito como liberdade: o Direito achado na rua: experiências populares emancipatórias de criação do Direito. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SOUSA JR, José Geraldo de. **O direito achado na rua**: concepção e prática. Rio de Janeiro: Lumens Juris, 2015.

SOUSA JR, José Geraldo de. O Direito Achado na Rua: concepção e prática. Plataforma para um Direito Emancipatório. In: SOUSA Jr., José Geraldo de (org). **O Direito Achado na Rua**: concepção e prática. Coleção Direito Vivo. v. 2. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

SOUSA JR, José Geraldo de. **O Direito Achado na Rua Volume X**: O Direito como liberdade. Brasília: Editora OBA, Editora UnB, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. ¿Puede hablar el subalterno? In: **Revista Colombiana de Antropologia**. v. 39. Bogotá: Instituto Colombiano de antropologia e História, 2003. p.297-364.

STRÉGLIO, Cosme Juares Moreira. **A lírica de Leodegária de Jesus: devaneios poéticos e imagem**. Belo Horizonte: Dialética, 2021.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora, 2021.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 13ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2021.

UWE, Flick. **Uma introdução à metodologia da pesquisa: um guia para iniciantes**. São Paulo: Penso, 2012.

UWE, Flick. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

VERDELIO, Andrea. **Cora Coralina é inspiração para artesãs e doceiras na Cidade de Goiás**. Jornal Empresas e Negócios, 2018. Disponível em https://jornalempresasenegocios.com.br/PDFs/3644/pagina_06_ed_3644.pdf. Acesso em: 1º fev. 2024.

WELLINTON, Carlos. **Associação de mulheres prepara livro com histórias de bordadeiras**. Jornal Diário da Manhã, 2023. Disponível em: <https://www.dm.com.br/goias/associacao-de-ulheres-prepara-livro-com-historias-de-bordadeiras-132042>. Acesso em: 1º fev. 2024.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

YUNES, Eliana. Leituras, experiência e cidadania. In: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (org.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. A educação em direitos humanos. In: TOSI, Giuseppe (org). **Direitos Humanos: história, teoria e prática**. João Pessoa: Editora Universitaria UFPB, 2005. p. 356-373 Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wp-content/uploads/2015/11/2005.DH_-historiateoria-pr%C3%A1tica.pdf. Acesso em: 08 jan. 2023.

APÊNDICE

Perfil socioeconômico das Mulheres Coralinas

Olá! Queremos conhecer melhor **VOCÊ, Mulher Coralina**, para aperfeiçoar as ações da Associação. Por isso pedimos que preencha o questionário a seguir. Apenas **4 minutos** são necessário para responder todas as **20 perguntas**. Contamos com sua colaboração para sermos uma Associação cada vez mais forte!

Esse questionário integra a pesquisa de doutorado da **Adriana Andrade Miranda**, colaboradora e parceira da Associação Mulheres Coralinas, e conta com a colaboração da associada **Josy e Vitória**.

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. 1. Nome completo. *

2. 2. Telefone de contato.

3. 3. Qual a sua idade?

4. 4. Você tem filhos?

Marcar apenas uma resposta.

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

☐ Prefiro não responder

5. 5. Caso tenha filhos, quantos são:

6. 6. Tem filhos que moram com você?

Marcar apenas uma resposta.

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

7. 7. Você nasceu em Goiás velho?

Marcar apenas uma resposta.

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

8. 8. Caso não tenha nascido na cidade, com qual idade foi morar na cidade?

9. 9. Qual sua cor de pele?

Marcar apenas uma resposta.

Marcar apenas uma oval.

☐ Branca

☐ Preta

☐ Parda

☐ Indígena

10. 10. Qual seu estado civil?

Marcar apenas uma resposta.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Solteira
- ☐ Casada no cartório
- ☐ Casada morando junto
- ☐ Separada
- ☐ Viúva

11. 11. Na escola, você estudou até que série?

Marcar apenas uma resposta.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não completei a ensino fundamental
- ☐ Completei o ensino fundamental
- ☐ Não completei o ensino médio
- ☐ Completei o ensino médio
- ☐ Comecei a faculdade mas não terminei
- ☐ Terminei a faculdade
- ☐ Já fiz ou estou fazendo uma pós-graduação

12. 12. Caso tenha feito graduação, qual foi o curso e em qual instituição de ensino?

13. 13. Quais das opções abaixo correspondem a sua fonte de renda?

Marque todas as respostas que se aplicam à sua fonte de renda.

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Trabalho de carteira assinada
- ☐ Trabalho informal (sem carteira assinada)
- ☐ Aposentadoria ou pensão
- ☐ Bolsa família ou outros benefícios sociais
- ☐ Venda de produtos artesanais
- ☐ Outro: _____

14. 14. Qual a sua faixa de renda?

Marque apenas uma resposta.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Menos de um salário mínimo
- ☐ Um salário mínimo
- ☐ Entre um e dois salários mínimos
- ☐ mais de 2 salários mínimos

15. 15. Na sua casa quantas pessoas dependem financeiramente de você?

16. 16. Você faz parte da Associação Mulheres Coralinas?

Marque apenas uma resposta.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

17. 17. Caso seja associada, há quanto tempo está filiada?

18. 18. Em quais eixos você é vinculada na associação?

Marque todas as respostas que se aplicam À sua vinculação à associação.

Marque todas que se aplicam.

☐ Gastronomia

☐ Bordado

☐ Cerâmica

☐ Vocalização

19. 19. De quais projetos abaixo você participou?

Marque todas as opções que se aplicam aos projetos que participou.

Marque todas que se aplicam.

☐ Primeiro Projeto de Formação Mulheres Coralinas - 2014

☐ Primeiro Projeto Saberes das Mãos - 2019

☐ Segundo Projeto Saberes das Mãos - 2020

☐ Projeto Mais um Sem Dor - 2023

20. 20. Qual a sua opinião sobre a Associação Mulheres Coralinas?

Muito obrigada pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM INTEGRANTES DA ASSOCIAÇÃO AS CORALINAS

Roteiro de entrevista semiestruturada a ser realizada com **10 mulheres** que compõem o quadro associativo, escolhidas após aplicação do questionário socioeconômico.

BLOCO 1 – DADOS PESSOAIS DA ENTREVISTADA

1. Qual seu nome?
2. Onde você nasceu?
3. (Se não nasceu na Cidade de Goiás) – Quando veio para a Cidade de Goiás?
4. Qual o seu estado civil?
5. Você estudou até qual nível de ensino? (fundamental, médio ou superior)

BLOCO 2 – RELAÇÃO COM A LEITURA

6. Você gosta de ler?
7. Antes de participar dos projetos, você já tinha lido livros de literatura ou poesia?
8. Lembra de algum?
9. Gosta mais de prosa/romance ou poesia?
10. Por que?
11. Você lia com frequência?
12. Se não, por que?
13. Os projetos da associação incentivam a leitura. Qual ou quais livros você leu nos projetos?
14. Qual livro você gostou mais?
15. Por que?
16. Você acha que passou a ler mais depois que ingressou na associação?
17. Por que?
18. Qual a importância da leitura na sua vida?
19. O que você aprendeu como mulher com os livros que teve acesso na associação?
19. O que você aprendeu a respeito da mulher negra com os livros que teve acesso na associação?
20. O que você aprendeu como trabalhadora com os livros que teve acesso na associação?

21. 20. O que você aprendeu sobre seus direitos com os livros que teve acesso na associação?
22. Qual a lição que fica para você desses livros?
23. Se você pudesse deixar um recado para as gerações mais jovens sobre a leitura, o que você diria?

BLOCO 3 – RELAÇÃO COM A CIDADE DE GOIÁS

24. Como era sua relação com a Cidade de Goiás, antes do projeto?
25. Quais lugares você frequentava?
26. O projeto mudou sua relação com a Cidade?
27. Por que? O que ficou diferente?
28. A sua formação profissional realizada no projeto da associação, mudou o modo como você se sente em relação à cidade?
29. Por que?

BLOCO 4 – CORA CORALINA E LEODEGÁRIA

30. Você já conhecia a Cora Coralina antes de ingressar na associação?
31. O que as obras de Cora Coralina ensinaram para a sua condição de mulher?
32. Você se identifica com a Cora Coralina?
33. Como?
34. Você já conhecia a Leodegária antes de ingressar na associação?
31. O que as obras de Leodegária ensinaram para a sua condição de mulher?
32. Você se identifica com a Leodegária?
33. Como?
34. O que a obra das duas autoras indicam para se tornar uma mulher com direitos?

BLOCO 5 – RELAÇÃO COM A ASSOCIAÇÃO “AS CORALINAS”

35. Como era sua vida antes de ingressar na associação?
36. Como se deu o seu ingresso na associação?
37. Participou de algum projeto da associação?
38. Qual (is)?
39. Quais atividades você desenvolve hoje?
40. Você acha que sua vida mudou depois que entrou na associação?
41. Por que?
42. O que a associação representa para você?

43. As atividades desenvolvidas na associação contribuíram para você conhecer seus direitos?

44. Por que?

45. Você se considera sujeita de direitos?

46. Por que?

47. Na sua experiência vivida na associação, o que vc considera

47.1 Empoderamento – 12

47.2 Solidariedade – 11

47.3 Independência – 9

47.4 Conhecimento – 3

47.5 Acolhimento - 3

47.7 Cidadania - 2

47.8 Família - 2

PERGUNTA FINAL

48. Você gostaria de dizer algo mais sobre a sua experiência no(s) projeto(s) que desenvolve na Associação “As Coralinas”?

Obs: A associação seria um espaço de solidariedade, empoderamento e independência.

Anexos

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E
CIDADANIA

CARTA DE CESSÃO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

Eu, _____, CPF
_____ após conhecer e entender os objetivos e
procedimentos da entrevista, bem como de estar ciente do uso de minhas imagens e
depoimentos, autorizo Adriana Andrade Miranda, Matrícula nº 1901223015 e CPF nº
974785694572, doutoranda na Universidade de Brasília, a utilizar as informações por
mim prestadas, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes, para a elaboração
da sua tese de doutorado, que tem como título “Literatura e Direitos Humanos: o projeto
de formação das Mulheres Coralinas na Cidade de Goiás, de 2014 a 2023” orientada
pela Prof. Dr. Nair Heloísa Bicalho de Sousa. Autorizo, igualmente, que as informações
prestadas por mim no âmbito da entrevista, poderão ser divulgadas como produtos
acadêmicos sob a forma de artigos científicos, livros e/ou comunicações orais em
congressos científicos.

Goiás, ____ de Janeiro de 2024.

Assinatura da(o) entrevistada(o)







Ilhas mBarcelã ☺